



RESERVADO
247
B. N. L.

22

W

6

Res. 247

15



Rev. 247

12^a de 1777

CINCO LIVROS

DA DECADA DOZE

DA HISTORIA DA INDIA

P O R

DIOGO DO COVTO

Chronista & Guarda mór da Torre do
Tombo do Estado da India.

*Tirados a luz, pello Capitão M^o Frz de Villa Real Cavalleiro
fidalgo da casa do serenissimo Dom JOAO IV. Rey de
Portugal nosso senhor, Residente na Corte de Pariz,
e Consul da Nação Portugueza nos
Reynos de França.*



Com licença e Privilegio

EM PARIZ.

Anno M. DC. XLV.

Livraria d'Alcobaça.

ms 620558

GINCO LIVROS

DA DECADE DONS

DA HISTORIA DA INDIA

FOR

DILOGO DO GOVTO

de Lisboa e de vinda para o Brasil

de João de Castro de Lisboa

Escrito por João de Castro e
publicado em Lisboa em 1601.
Com a approvaçao do
Conselho de Indias e
do Conselho de Lisboa.



Com privilegio e Prohibiçao

EM PARIS.

Anno M. DC. XLV.



EXELENTESSIMO

SENHOR

DOM VASCO LUIS

DA GAMA

CONDE DA VIDIGVEIRA.

ALMIRANTE DA INDIA.

DO CONSELHO DE SUA Magestade

ALCAYDE MOR DE NIZA

SENHOR DE VILLA DE FRADES

E FICALHO.

EMBAIXADOR EXTRAORDINARIO

AELREY CHRISTIANISSIMO.

E

ELEITO EMBAIXADOR EXTRAORDINARIO

de obediencia a sua Santidade.



E tam admiravel a historia da India, pellas gloriosas acções que em seu descubrimento, conquista e continuação fizeram os Portuguezes; pellos novos e destemperados climas que passarão; e pellas incognitas e dilatadas Trouincias que descubrirão; cheas de nações varias em costumes, leys e linguas; que todos a celebrão por hũm dos mayores feitos que em as passadas Monarchias, não

á ij

só se conseguirão mas intentarão. Porque se consideramos as grandísimas difficuldades, que inda os mais doctos antigos conhecião, e que tantas vezes experimentarão os que lhe quizerão dar principio; a distante e dilatada navegação que era necessario fazer; acharemos, que se foi temeridade grande o intentala, não foi menor constancia o conseguila. Representavão se a huís os immensos perigos e incomodidades de atraueffar esse grande Oceano, a outros a incerteza de sua navegação, e finalmente a todos, não só opassar-se a linha Equinocial, mas inda opoder-se chegar a ella: Tudo erão rios de fogo. Tudo horrores invenciveis e temerosos. Porem os Portugueses, assistidos de superior auxilio, não menos a companhados de hũ inaudito valor, que de huã experiencia docta, surmontando a os mesmos elementos dobrarão a quelle Tormentorio cabo, oje de boa esperança, e passando mais a lem da Trapobana, plantarão na quellas vastísimas Regiões a Feé Catholica, e as Quinas Reais de Portugal. Establecendo hum novo e glorioso imperio, que tantos tempos antes, lhes estava prometido pelo mesmo Deos. E como os serenísimos Reys de Portugal fazem pouca estimação da gloria do Mundo, nem de estender sua felice Monarchia, se não se a companha da dilatação da Feé, da qual com razão lhe podemos chamar verdadeiros Apostolos, souberão de tal maneira juntar huã e outra, que quasi lhe são inseparaveis: Pois ao passo que a crecentarão Reynos e Imperio a sua antiga coroa, ampliarão o nome christão, em todas as quatro partes em que o Mundo esta dividido: Bautisando por mão de seus Ministros Euangelicos, mais Almas dos infieis Pagaõs e idolatras (digasse sem encarecimento) do que oje vivem em toda a christandade, sogeitas a o Romano Pontifice. E adquirindo com seu sangue e de seus vassallos, em quasi sinco mil leguas de costa de que são senhores, mais dilatada e permanente Monar-

chia que os Alexandros e Cesares. Não pareça afeiçoada
exageração, o que he demonstração evidente, porque he noto-
ria esta verdade aos que com conhecimento docto fizerem com-
paração de hũ e outro imperio; mais glorioso, quanto são mais
remotos os principios, dos limitados termos de Portugal. Con-
heceraõ esta grandeza os sagrados Pontifices, pois com aplau-
zos e admiracoes construirão eternos monumentos, dentro da
Cidade de Roma, ao nome Portuguez, e celebraraõ seus se-
renissimos Reys com repetidas e elegantes Orações. Publicando
hũis e outras que a gloria do nome Christaõ se dilata com mais
vantagens pelas armas Portuguezas, do que por todas as
mais dos Principes da Europa. Porque como seu intento não
he levado de ambicioso desejo de adquirir riquezas, só pre-
tendem reduzir ao gremio de igreja, que procurão dilatar, os
Povos que sogetaõ, e que conquistaõ. Não extinguindo com
barbaras tiranias os que aviaõ de converter e regenerar pelo
Bautismo.

Avendo pois, Exelentissimo senhor, considerado, quan-
to este glorioso descobrimento, e nelle toda a igreja Catholica
deve a V. Ex^a, como Terceiro neto, Herdeiro, e imitador do
nome da grandeza, e do zelo do illustrissimo e Valerosissimo
Capitaõ, Visorrey e Almirante da India, o admiravel em
todas as Idades, Dom VASCO da GAMA Conde da Vi-
digueira e primeiro descobridor della; procurey dar a luz estes
cinco livros da Decada doze da Historia da India, e dedicalos
a V. Ex^a. Não podia eu fazer eleição mais acertada; Porque
como Historia da India pede arezaõ e a justiça, que se offereça
aquem he Herdeiro e decendente de seu primeiro descobridor;
E como Historia do primeiro governo que nella teve sendo Vi-
sorrey o Exelentissimo Conde Dom Francisco da gama.
Pay de V. Ex^a, pede a mesma justiça e rezaõ que lhe não busque

outro amparo, que õ de seu dignissimo filho. Fora couza impropia buscarlhe outro Protector, pois por hũa e outra cauza está V. Ex^a obrigado à amparala, e por tocar tanto a gloria da Patria, que V. Ex^a conserva, deve V. Ex^a deffendella. E parece que a Providencia divina elegeo a familia de V. Ex^a para dilatar seu glorioso nome, ja na conquista de tam remotos Reynos, ja na conservação delles. Porque se hũ os descubrio, outros os conservarãõ. E V. Ex^a com sua admiravel diligencia e negociaçaõ lhe adquirio agora o sossego, na confirmaçaõ das treguas entre a quella Monarchia, e os Estados das Provincias unidas, com que naõ só lhe restaura o commercio, mas dilatá a fee, e assegura seus habitantes.

Nesta Decada vemos que o exelentissimo Dom Francisco da Gama Pay de V. Ex^a, foi electo Vizorrey da Jndia, a primeira vez, sendo de idade de 30. annos, e em V. Ex^a experimentamos que de igual idade foi escolhido para dignissimo Embaixador extraordinario do serenissimo, Dom Ioaõ IV. Rey de Portugal, a El Rey Christianissimo. E se forão tantas as mostras de sua sufficiencia que segunda vez foy buscado para Vizorrey do mesmo estado, que governou mais seis annos, sustentando em tempos tam calamitosos a gloria de Portugal que quazy se extinguia na quelle dilatado Imperio do Oriente, do qual podemos chamar restaurador, saõ tambem em V. Ex^a tam conhecidas as partes de Prudencia, Vigilancia e capacidade, que está de novo electo Embaixador extraordinario de obediencia a sua sanctidade, em nome de seu Serenissimo Rey. Para que Portugal deva a V. Ex^a a congratulaçaõ com a Curia Romana, como ella deve aos accedentes de V. Ex^a o ser conhecida e respeitada em todo o Oriente. E pois o soberano Pontifice como Pay comum e agradecido, tem obrigaçaõ de reconhecer como reconhece, hũ Rey e hũ Reyno obediente,
e tam

e tam Catholico, que parece se lhe tem vuzurpado este titulo, naõ duvido que tenha ozejado effeito esta acertada embaixada; E mais sendolhe representada por V. Ex.^a, que naõ só he Terceiro neto de quem lhe a grangeado tantos subditos, mas tambem he segundo Neto do exemplo de Embaixadores, o Excellentissimo Lourenço Pires de Tavora, a quem o Pontifice Pio IV. estimou tanto, que lhe deo quarto em Palacio, para communicallo com mais comodidade, e gozar de sua Prudencia e conselho. E lhe encarregou negocios de muita importancia, para que os tratasse em Castella, sendo que nella tinha seu Nuncio. E a quem o Senado e Povo Romano, para credito de sua antiga grandeza, concedeo a dignidade de Cidadão para todos seus decendentes, de que V. Ex.^a goza, como filho da Illustrissima senhora Dona Lianor coutinho sua Net a. Considero a V. Ex.^a na quella Romana Curia, (Cabeca do Mundo) querido de huís, envejado de outros, e admirado de todos: os primeiros por diuida, os segundos por emulaçaõ, e os demais por a plauso, (por que o merecimento he estimado a inda dos mayores enemigos.) Grangeando vontades, para credito da Patria, satisfacaõ del Rey, e aumento da grandeza de V. Ex.^a. E creceirão mais as estimacoes, quanto forem conhecendo as partes de que V. Ex.^a está dotado, pois o Amor se aumenta com o conhecimẽto. E como estas sejaõ tam notorias nesta Corte, que muito se produzãõ tambem na quella? Da sufficiencia e capacidade de V. Ex.^a podem dar Verdadeira prova, os que merecem comunicar a V. Ex.^a de perto, e os Ministros com quem V. Ex.^a trata, saõ os mais dezinteressados Pregoeiros dellas. A grandeza e magnificencia de sua Casa e sequito, publicaõ os grandes gastos e empenhos que faz, para ostentar com Luzimento, o credito dos Reys a quem serve e assiste, e sua propria reputaçãõ, de que sempre fez magnifica ostentaçãõ. A Virtude

emodestia de sua pessoa e acções de V. Ex.^a são bastantemente admiradas e conhecidas em hũ e outro Reyno, pois ate oje á causado o menor escandalo, antes cubrindo os alheos, acreditou oque pudera de authorizar a outros, e encubrio oque comessava a offender. A continua assistencia dos negoceos, ja na incansavel especulaçãõ delles, ja nas repetidas correspondencias, tem formado em V. Ex.^a hũ perfeito Ministro pois não a interesse de Principe, ou estado, que não conheça, nem acção de Corte, e que não preveja o fim, e descubra o designio. A noticia das linguas fazem a V. Ex.^a familiar com as nações civilizadas, vendo a todos, ja com a erudiçãõ, ja com a affabilidade e cortezia. Sua casa de V. Ex.^a he hũ Religioso Convento, assi nos exercicios como nos discursos, sem permitir que a multidaõ dos Criados produza confuzoens, nem a liberdade, de que puderaõ gozar, occasione dez ordens. Não he atrevimento não, ou superfluidade, dar a V. Ex.^a semelhantes louvores, porque inda que ninguem os contradiga he justo, e inda necessario, publicarem se, ou para a imitaçãõ ou para o aplauzo. Pouco importara que os valerosos Herões deraõ mostras de seu invensivel animo, se não ouvera quem publicando seu feitos, dera com elles exemplo a huñs para siguilos, e servira de estimulo a outros para imitalos. Não temo que a ignorancia, ou a inveja, me contradiga ou condene, porque se cometo delicto he antes no muito que deixo de dizer, que no pouco que digo. Aceite V. Ex.^a este pi-
queno obsequio de hũ animo igual mente agradecido, que affei-
çoado a successos tam dignos de serem publicos a todo o Mundo,
entre tanto que meu cuidado grangea outras occasiões de maior
reconhecimento. Guarde nosso senhor a pessoa e estado de V. Ex.^a
Pariz, a 26. de Abril 1645.

Criado de V. Ex.^a

* * * * *

LECTOR



Estes cinco primeiros Livros da Decada doze da Historia da India, foraõ os vltimos que escreveu Diogo do Couto Chronista e guarda mór da Torre do Tombo da quelle estado. E posto que faltão por imprimir as Decadas 8^a 9^a 10^a & 11^a que o mesmo Author deixou escritas, a lemdas 4^a 5^a 6^a & 7^a que ja andaõ impressas, não me foi possivel darêse juntamête aluz, ou por falta de copias ou por outros inconvenientes. Em brevê satisfarey aos curiosos e affeçoados este dezejo, paraque seja publica huã Historia tam digna de toda admiração, e que tantos aplausos tem adquirido. O Author della, ou queixoso do pouco fructo de seu longo trabalho, ou oprimido de sua muita idade, não quiz passar mais avante, parecendolhe que só em tempo de hũ Visorrey, Bisneto da quelle Valeroso *Capitaõ Dom Vasco da Gama*, podia dar fim a seus escritos: E que pois o eloquente *João de Barros*, avia comessado em hum, elle acabasse em outro. Se ja não foi temor dos danos que receava á quelle dilatado Imperio, vendo que a generosidade e valor que se admirava nos passados, se hia extinguindo nos presentes, pois ouve algum que dezia publica mente, não queria andar em Chronicas, fazendo pouco caso que nellas se tratasse delle com elogios, ou vituperios. Porem agora que vemos resucitado Portugal na felice restituição do serenissimo *Dom João IV.* que Deos guarde, pode mos espe-

rar que renacendo o Nome Portuguez se obrem
ações que não sejam inferiores das passadas. E se Dru-
so germanico quando intentava alguã guerra , tinha
por costume Visitar os sepulchros dos mais famo-
sos Heroes , para que sua vista e consideração lhe
acrecentasse a ouzadia , e inda lhe causasse emula-
ção e enveja , com quanta mais razão , continuân-
do-se esta Historia, se devem mover os animos dos
que a lerem, vendo as gloriosas acções de seus acen-
dentes, não sepultadas ou mortas, mas eternizadas
e descriptas com particularidades e encomios; ser-
vindolhes de eficaz estimulo não só para imitalas
mas para exedelas. Não faltará opremio e a recom-
pensa, que he o alento das letras, edas Armas, para-
que os engenhos satisfeitos, escrevão com mais cui-
dado, e os animos valerosos se exponhão com igual
rezolução. E que a hũ tempo se veja, que nem falta
que escrever, nem quem escreva.

Licenças.

AO Padre Doctór Iorge Cabral da companhia de Iesus, que
Veja este livro, e informe com seu parecer Lisboa 15. de Fevereiro
1628.

GASPAR PEREIRA.

FRANCISCO BARRETO.

Aprovação.

VI estes cinco livros da Decada 12. da Asia, dos feitos que os
Portuguezes fizeram no descobrimento dos Mares e conquistas
das terras do Oriente, no tempo do Visorrey Dom Francisco da
Gama Conde da Vidigueira Almirante do Mar Indico, e não tem
couza que encontre nossa santa feé ou bons costumes, antes contem
muy illustres feitos que honrão e acreditão a Patria, cuja noticia sera
de grande vtilidade. Nesta casa de S. Roque da Companhia de Iesus
a 5. de Março 1628.

O Doctór IORGE CABRAL.

Licença da Inquisição.

VIsta a informação podem se imprimir estes cinco livros da do-
zena Decada da Asia, e despois de impressos tornarão a este
conselho para se conferirem com os Originaes e se dar licença para
poderem correr, e sem ella não correrão. Lisboa 8. de Março 1628.

GASPAR PEREIRA.

FRANCISCO BARRETO.

Licença do Ordinário.

DOu licença para se imprimirem estes cinco livros da dozena
Decada da Asia. Lisboa a 8. de Março 1628.

GASPAR do Rego da Fonseca.

Preuilegio d' El Rey noſſo Senhor,

EV Elrey faço Saber aos que eſte Alvara virem, que avendo ref-
peito ao que na petição a tras eſcrita diz Diogo do Couto mo-
rador em Goa, Chroniſta e guarda mor da torre do tombo do eſta-
do da India, e viſtas as cauſas que a lega: ei por bem e me praz que
por tempo de vinte annos imprimidor, nem outro livreiro algum,
ou peſſoa de qual quer calidade que ſeia não poſſa imprimir em to-
dos eſtes reinos e Senhorios, nem trazer de fora delles o livro em que
ſe contaó os feitos que meus vaſſalos Portugueſes fizeraó nas partes
do Oriente de que na dita petição faz menſaó: Salvo aquelles livreiri-
ros, e peſſoas que pera iſſo tiverem ſeu poder e licença. E qual quer
imprimidor, livreiro, ou peſſoa que (durando o dito tempo de vinte
annos que começaraó de correr do tempo em diante em que ſe co-
meçar cada livro da dita iſtoria a imprimir, Sendo primeiro viſto
pellos inquiſidores, e ordinario) vender, ou imprimir os ditos livros
nos ditos meus reinos e Senhorios, ou trazer de fora delles, perdera
pera elle dito Diogo do Couto todos os volumes que aſſi imprimir,
vender, ou trazer de fora delles. E alem diſto encorrera em pena
de çem cruſados: ametade pera o dito Diogo de Couto, e a outra
ametade pera quem o acular. E mando as iuſtiças, offiçiaes, e peſſoas
a que o conhecimento diſto pertencer, cumpraó e guardem eſte al-
vara como ſe nelle contem. O qual Sera treſladado no prinçipio de
cada livro. E eſte quero que valha, tenha força, e vigor: poſto que
o effeito delle aia de durar mais de hum anno. Sem embargo da orde-
nação do Segundo livro, titulo vinte, que diſpoem o contrario.
Franciſco Ferreira o fez em Liſboa a 22. de Março de 1602. Peroda
Coſta o fez eſcrever.

R E Y.

*Carta d'Elrey nosso Senhor, pera Diogo do Couto Chronista,
e guarda mor da torre do tombo do estado da Jndia.*

D logo do Couto, Eu Elrey vos invio muito Saudar. Vi vossa carta de Goa de quinze de Novembro de noventa e tres, e tive contentamento de me dizerdes que vos dispunheis a escrever os feitos que nessas partes, se fizerao des do dia que tomei posse destes meus reinos em diante e que tinheis acabada a istoria desde entao a te o tempo do Governador Manoel de Sousa. E vos encomendo me invieis este volume pera o mandar ver e imprimir: e que vos animeis pera continuardes esta obra dos feitos dessas partes des do dia que os acabou de escrever Ioaõ de Barros: pera que assi possaõ vir a luz os Servicos que os meus vassalos Portugueses tem feitos aos Reys meus predecessores e a mim. E para o melhor poderdes fazer, mandei passar a provisao que me pedis: em que mando que vos Seiaõ dadas as provisoes, cartas, e mais papeis que vos forem necessarios; e de vos encarregar de guarda mor da casa do tombo, que mando ordenar em Goa pera nella se recolherem todos os contratos, provisoes, registos da Chancelaria, e todos os mais papeis de importancia, que eltiverem em poder do Secretario dessas partes, e d'outras pessoas, como Sabereis do Visorrey Mathias d'Albuquerque. E vos encomendo muito que nisto me Sirvais como de vos confio. Escrita em Lisboa a vinte e oito de Fevereiro de 1595.

REY!

*Carta d' Elrey nosso Senhor , pera Diogo do Couto Chronista e
guarda mór da Torre do Tombo do estado da India.*

D logo do Couto, Eu Elrey vos invio muito Saudar: Vi vossa Carta, e apontamentos que com ella me inviastes, e as cousas de que me dais conta tocantes a casa do Tombo, que ei por meu Serviço que aia nesse estado, que todas me parecraõ bem. E conforme ao que se contem em vossos apontamentos, mandei passar provisões, que irão nestas vias que mando ao Visorrey Aires de Saldanha, que faça comprir inteiramente. E vos encomendo muito que de vossa parte procureis a execução dellas, e me aviseis de todas as mais cousas que vos parecer que deuo ter informação, pera nellas mandar prover como ouver por bem.

Vi as decadas da istorya da India que me mandastes, em que me ei por muito bem Servido de vos, e do bom modo em que nisto procedeis, que vos encomendo vades continuando, e inviandome tudo o que fordes fazendo pera o mandar imprimir: por que de vossos Serviços terei Lembrança para vos fazer a merçẽ que ouver por bem. Escrita em Lisboa a dez de Fevereiro de 1602.

REY.

O Capitão
MIGUEL BOTELHO DE CARVALHO
SECRETARIO DO EXELENTESSIMO CONDE
ALMIRANTE EMBAIXADOR.

A Diogo do Couto na Decada 12. que escreveo,
do primeiro governo do Conde Almirante
D. Francisco da Gama sendo
Visorrey.

S O N E T O.

Livio Español, de aquel Virrey florido,
por quien el coraçon suspira en Vano;
de aquel Bisnieto del Jafon Christiano,
en ambos universos aplaudido.

Del cielo, en el papel, esclarecido;
firmado avemos, docto lusitano;
de sus progressos, tu, lo soberano,
de mis suspiros, yo, lo enternecido.

Yo las saudades del exelço Gama
y tu el gobierno, con destreça suma;
en quien la erudicion nect ar derrama;

Yo ronco, tu apazible, siendo en suma,
obstentacion tu Pluma, de su fama,
testigo de mis lagrimas, mi Pluma.

MICHEL ROYER DE CARVALHO

SEU ESTADO DE EXCELLENTISSIMO CONDE

DE VISEU E BARRALDO

A Vossa Magestade Real e Catholica

de Portugal e Algarves e do Reino da Guayana

de Guayana e Guayana

Vizeu

1710

Com a Real Cedula de 1710

de 1710 e de 1711

de 1712 e de 1713

de 1714 e de 1715

Deo volente, in Christi nomine

et in honore sanctae Mariae

et sancti Iosephi eiusdem

sanctae Trinitatis

To the Honorable the Council

of the Kingdom of Portugal

and the Algarves

As Vossa Magestade Real e Catholica

de Portugal e Algarves e do Reino da Guayana

de Guayana e Guayana

DECADA DOZE

DA HISTORIA DA INDIA.

LIVRO PRIMEIRO.

CAPITULO I.

De como o Conde Almirante dom Francisco da Gama foi eleito pera Visorrey da India. E da armada com que partio a dez d' Abril do anno 1596. E do que lhe aconteceu a te chegar a Mombaça.

NO principio do anno de noventa e cinco tratou El Rey de mandar Sucessor a Matias d'Albuquerque, q̄ avia seis annos governava a India; pera isto nomeou em segredo ao Conde de Linhares dom Fernando de Noronha, fazendolhe muitas e muy aventajadas merces, que por adocer se não declarou a sua eleição, nem o tempo deu lugar pera se tratar d'outra pessoa, por ser junto á partida das Naos, e por sua magestade atalhar a outro semelhante inconveniente.

Passada a pascoa mandou El Rey aos Governadores do reino que logo lhe fizessem consulta

de pessoas pera este cargo, que por ventura despacharia em Outubro. Em resposta desta consulta nomeou em segredo no principio de julho o Conde da Vidigueira (cousa ate oje nunca vista neste caso) Mas esteve a eleição em segredo ate o fim d'Agosto, em que se publicou coa vinda das Naos, que por trazerem boas novas do estado da India escusou El Rey mandar em Setembro. Mas mandou aos Governadores que o Cõde Almirante assistisse coelles no governo, quando se tratassem materias da India assi do estado, como de despachos, ate se o Conde embarcar em dez d' Abril do anno de noventa e seis, & assi se fez por cócorrerem nelle as partes que el Rey queria tivesse quem avia de governar aquelle estado q̄ seu bisavo tinha descoberto, que por tal trabalharia o Conde pollo dilatar, sustentar, e governar com diferentes & aventajadas obrigaçoens d'outros.

E asse de considerar aqui huá cousa, que deste apelido dos Gamas, e desta casa de Vidigueira

A por



2 DECADA DOZE DA HISTORIA DA INDIA,
por linha direita foi este o terceiro que governou a India, cousa q̄ em nenhum outro apelido do reino aconteceu. Por que o primeiro foi seu bisavò que o descobrio: o Segundo seu filho segundo dom Estevão da Gama: & o terceiro este Conde Visorrey, que temos entre mãos, herdeiro da casa, do apelido, e a inda do titulo. E não fora muito fora de rezaó que este governo não saira d'esta geração, pois a ella (e ao grãde Alfonso d'Albuquerque) podemos dizer que se deve esta conquista, pellos muitos e bons capitaens que sēpre nella ouve. Mas por que era tambem necessario partir com todos os q̄ ajudaraó a conquistar, se interpolou isto: porem concedeo selhe logo ao que descobrio este estado, e a todos os seus soccessores o titulo de Conde, que foi o primeiro, e a te gora o derradeiro, que se alcançou pellos serviços da India. Por que se se concedeo a dom Luis d'Ataide Conde d'Atouguia, e a dom Francisco Mascarenhas Conde de Santa Cruz, foi por que aquellè era Senhor da casa da Atouguia, e herdeiro della, e vinha segūda vez á India a servir: E o outro com declaração que não vsaria do titulo de Conde senão depois que El Rey fosse jurado por Rey nella.

Em fim foi eleito o Conde Almirante pera Visorrey da India

de idade de trinta e hum annos, avendo pouco q̄ viuvara de huã filha de dom Duarte de Menezes Senhor da casa de Tarouca de quem lhe ficarão hum filho e huã filha, que deixou entregues á Condessa sua mãy, que estava recolhida no mosteiro das freiras da Castanheira. Pera esta jornada se lhe aprestarão Cinco Naos: e tanto que foi nomeado, logo assistio a todos os conselhos, por que sabia El Rey que tinha o Conde talento pera dar nelles muito bom parecer. E como teve o tépo largo, foi fazendo seus negocios muito á sua vontade: e das cousas q̄ apontou, todas ou quasi todas se lhe concederão. E posto que se deu muita pressa a armada, não se pode fazer á vela se não coarta feira de trevas, que foi a dez d'Abril deste anno de 1596. com que continuamos. O Conde Almirante se embarcou na Nao nossa Senhora de Guadalupe de que veyo por capitão seu irmão dom Luis da Gama despachado com a capitania de Ormuz pellos serviços que ja na India tinha feitos. As mais Naos erão a Conceição em que vinha Ioão Gomez da Sylva capitão mor das Naos. Da Nao nossa Senhora do vencimento era capitão Pero Tavares provido com a capitania de Dyu. E da Nao São Francisco era capitão Vasco d'Afonseca Coutinho.

Com

Com o Conde, e por toda a sua armada, vinhão embarcados muitos fildalgos, assi despachados, como outros que yão a merecer: e os que nos lembrão são os seguintes. Lourenço de Brito que ya despachado com a capitania de Sofala e Mossambique, que ja seruió por algum tempo, e foi desapossado e mandado pera o reino por algúas culpas, onde se livrou: e El Rey o despachou com tres annos da mesma fortaleza por encheyo. Diogo Monis Barreto, filho de Antonio Monis Barreto, que foi governador da India, despachado coa fortaleza de Ormuz, que seu pay tinha. Goterre de Monroy de Beja, e dom Luis Lobo providos ambos da fortaleza de Dyu. Dom Paulo de Portugal, filho de dom Francisco de Portugal Estribeiro mór d'El Rey dom Sebastião. Dom Fernão, e dom Christovão de Noronha, filhos de dom Pedro de Noronha senhor de Villaverde, primos com irmãos do Conde Almirante. Dom Antonio de Castro, filho de dom Pedro de Castro. Dom Bernardo de Noronha, filho de dom Tomas de Noronha. Dom Alvaro da Costa, filho de dom Ioam da Costa capitão que foi da fortaleza de Malaca. Dom Pedro de Noronha, filho de dom Afonso de Noronha. Dom Ioão de Meneses, filho de dom Duar-

te de Meneses. Dom Ieronimo de Noronha, filho de dom Antonio de Meneses. Dom Ioão Tello de Meneses, filho do Alferes mor dom Iorge de Meneses. Dom Lopo, e dom Duarte Anriquez, filhos de dom Garcia Anriquez. Lourenço Guedez, filho de Pero Guedez veador da fazenda. Diogo Botelho, filho de Manoel Botelho. Ieronimo Tellez Barreto, filho de Manoel Tellez Barreto, que foi Governador do Brasil. Mem Rodriguez de Vasconcellos d'Elvas. Ioão da Gama de Vasconcellos d'Elvas. Dom Lopo d'Almeida, filho de dom Antonio, veador que foi da Rainha dona Caterina. O doutor Pero da Sylva que vinha por Chanceler da relação de Goa. Ioão d'Abreu por Secretario. Iulio Simoens por engenheiro mor. E outros muitos caualleiros honrados.

E seguindo esta arniada sua viagem, foi em conserua ate a costa de Guiné onde acharão tão grandes calmarias, que a detiverão muitos dias: e com algúas trovoadas que lhe derão se apartarão. E por que das coatto de sua companhia demos ja rezão no fim da onzena decada, não trataremos dellas, por que alli se vera. So continuaremos coa do Conde Almirante que deixamos na costa de Guiné as voltas com as calmarias, e com as trovoadas. E

tanto que lhe entrou o tempo, foi seguindo sua viagem com os geracs e passou o cabo de boa Esperança aos dous dias do mes d'Agosto : e teve tão bom tempo, que aos vinte e sete chegou as ilhas de Angoxa, e por ellas andou ate sete de Setembro, que chegou a Mossambique, onde se deteve fós vinte e quatro horas em quanto se via com o capitão, que era Nuno da Cunha, com quem assentou proseguisse na obra q̄ faltava á fortaleza. E dali se fez á vela ao outro dia; e foi seguindo sua viagem a te dez graos e meyo da parte do Norte sendo ja vinte e nove de Setembro levando ainda o vento ponente tão rijo, que pareceo ao piloto q̄ andara aquelle dia trinta legoas, mas enganouse : por que as correntes das agoas crão naquella paragem contra a Nao tamanhas, que desandou perto de coarenta. Por q̄ ao outro dia tomando o Sol se achou o piloto em sete graos. E com estas agoagens andou ora acreçentando, ora diminuindo ate vinte de Outubro que tiverão vista da ilha Sacotorá, que trabalharão por tomar, mas não pode ser pello vento ser Noroeste, q̄ os obrigou a arribarem & irem pella costa a baixo.

Com aquelle vento governarão quatro dias, e aos cinco se tournou ao Sudueste, q̄ tambem durou pouco e ficou calma : &

logo começou a ventar o Ponente. Mas era tão grande a força das agoas, que tiravão ao Sul, que causava espanto, pello que Surgirão húa noite, e logo se tornarão a levar, e governar húa coarta mais largo do rumo a que corrião por se afastarem da terra. E no fim de catorze dias se acharão a vista della no lugar de Quitindini doze legoas da cidade Ampaza onde surgirão. O Conde mandou recado a terra, & sabendosse delle, acodirão logo á Nao os principaes da cidade, e das de Pate, e Lamo, que o Conde recebeu com grande demonstração e aparato por ser naturalmente aparatoso. E ali retificarão em suas mãos as menagens q̄ tinham dado de vassallos d'El Rey de Portugal : e o Conde os compós e fez amigos com os mercadores portuguezes da costa de Melinde com quem tinham avido algúas paixoens : por que este genero de mercadores onde chega, sempre ou quasi sempre escandeliza. Ali fizeram agoada, que he bem roim a agoa que ali ha, & tão doce, que parece xarope.

E deixando o Conde provido em muitas cousas, conforme à brevidade do tempo, se fez á vela pera a fortaleza de Mombaça onde chegou a quatro de Dezembro : & foi bem recebido de Antonio Godinho d'Andrade capitão

capitão della. E por ser ja passada a monção pera a India, desembarcou o Conde em terra onde assentou de esperar a te ser tempo de tornar a sua viagem.

CAPITULO II.

Do que o Conde fez na fortaleza de Mombaça. E das cousas que ordenou ate se partir pera a India.



Vendo o Conde Almirante q̄ estava ali devagar, tratou de algũas cousas necessarias á fortificação d'aquella fortaleza. E por que hum poço d'agoa, de que todos bebião, estava cento e cincoenta passos da fortaleza, mandoulhe fazer hum caminho encuberto ate elle: por que em algum tempo de aperto lho não podessem tomar. Aqui veyo El Rey de Melinde, que he distancia de doze legoas, ao visitar: a quem o Conde fez muito grandes gasalhados pellas obrigaçoens em que o estado da India lhe estava: e elle Conde por sua parte mais, pelos muitos que El Rey seu Avô fez ao Conde da Vidigueira seu visavô quando por ali passou a descobrir a India. De maneira q̄ ambos se tinham bem de obrigaçoens: e a essa conta lhe fez o Conde muitos mimos, e deu pe-

ças e brincos de que El Rey ficou bem contente e satisfeito. E assentou com elle muitas cousas sobre o negocio da alfandega, pera que aquelle Rey se obrigou a dar todas as ajudas de Servidores que fossem necessarios. Aqui veyo ter com o Conde hum principe da ilha de Pemba a que hum tyrano tinha tomado o reino e estado, que elle recebeu bem, e o consolou prometendolhe de o restituir a seu estado e senhorio como fosse á India, que por então não podia ser: offereçendosse ao levar consigo (como levou) e de là o tornar a mandar com huã armada pera q̄ se restituísse ao seu.

Ali foi o Conde dando expediente a muitas cousas a te lhe chegarem da India os dous navios q̄ dissemos Matias d'Albuquerque despudara a saber por toda aquella costa novas delle: de que erão capitaens Manoel d'Almeida hum Soldado velho muito bom cavalleiro, e Gaspar Rodriguez mestre de Galés, e piloto d'aquella costa, pera que se achassem o Conde Almirante, o acompanhassem a te Goa.

Estes navios estimou elle muito por muitas rezoens. E a principal foi por q̄ lhe derão novas de terem chegado a salvamento as outras naos de sua armada: e por outra parte se entristeceu pello receyo q̄ no reino se avia
de

de ter delle quando estas Naos chegassem a elle sem seu recado: e pello grande abalo que avia de fazer na Condessa sua may, filhos, e parentes. Mas em fin com estes descontos da vida de bens e males se foi o Conde fazendo prestes pera partir pera Goa como fosse tempo. Deixando primeiro feito hum mosteiro nua irmda q̄ estava sobre a barra, de religiosos da ordem do glorioso padre Santo Agostinho que ate gora dura. E antes que partisse despachou pera Ormuz Miguel de Maçedo cavalleiro honrado que ja tinha militado naquelle estado muitos annos: e por elle escreveo aos capitaens de Mascate e Ormuz, avisandoos de algũas cousas importantes ao serviço d'El Rey, e por elle mandou cartas a sua magestade em que lhe dava conta do que lhe tinha acontecido na viagem, q̄ logo o capitão d'Ormuz mandou por terra por hum Armenio q̄ chegou co ellas á corte de Castella em principio de Dezembro do mesmo anno. E aos doze d'Abril de noventa e sete fez o Conde a sua Nao à vela, mandando, por capitão della Manoel d'Almeida q̄ viera com elle do reino despachado com a capitania de Barçellor, com regimento que fosse tomar Bombaim por ser menos risco, que ir demandar Goa. E elle Almirante

se embarcou em navios de remo, que ali juntou, elle em hum Galeoto de q̄ ya por capitão dom Fernando de Noronha. Dom Luis da Gama seu irmão foi em hũa Galeota de cuberta que o Conde mandou fazer em Mombaça. Nos outros navios forão por capitaens Goterre de Mouroy de Beja: dom Paulo de Portugal: dom Ieronimo de Noronha: Manoel d'Almeida que foi de Goa: e dom Luis Lobo em hum fustarrão, que o capitão de Sofala Nuno da Cunha mandou de Mosambique ao Conde Visorrey, que levou consigo Manoel Monteiro piloto da sua nao, e Gaspar Rodriguez que tinha ido de Goa por piloto de hũa fusta.

Com esta armada foi o Conde seguindo sua derrota levando consigo Gaspar Rodriguez, que ya fazendo o officio de piloto mor. E chegando a Sacotorá tomarão ambos os Bandeis onde se proverão de todo o necessario: e ali se passou o Conde á fusta de Manoel d'Almeida por ser navio mais ligeiro em que se achou melhor, ainda que menos accõmodado. E de Sacotorá desamarrou o Conde a sete de Mayo e tornou á sua viagem, onde, posto que achou contrastes e calmarias ordinarias nesta traueçsa, não ouve cousa de perigo. E quando forão vinte e dous da mesmo mes de Mayo chegou á barra

barra de Goa com todos os navios de remo. E Manoel d'Almeida, que em Sacotorá se tinha passado ao Galeoto do Conde, e o Visorrey á sua fusta, entrou tambem em Goa aos vinte e sete do mesmo mes, cinco dias depois do Conde. So o navio de dom Luis Lobo não entrou, por que se perdeu com tempo rijo na costa de Por Mangalor, e elle com toda a gente de sua companhia foi por terra ate a fortaleza de Dyu onde inverno. E a nao do Conde foi em trinta de Mayo tomar Bombaim.

O Conde desembarcou na casa dos Reys Magos a onde acodirão logo parentes e amigos, por que as novas chegarão a Goa de noite em que toda a Cidade se alvorçou, e foi tanto o regozijo, que toda ella parecia húa viva representação de alegria e contentamento: por q̃ toda se gastou em tomarem embarçoens pera o irem visitar. E todos tinham rezão de o fazer, por q̃ este Conde Visorrey era bisneto do que descobrio este estado, que a tantos tinha feito ricos, e honrados. E isto acontece geralmente na chegada dos Visorreys, por que hús são de suas obrigaçoens, outros parentes e amigos, e outros por outras rezoens, por que todos esperão sempre alguma cousa: e a India pera todos tem. E o contrario acontece nos da valia e

obrigação dos Visorreys que acabão, por que estes são os brincos do mundo não dar bens a hús sem os tirar a outros. E algũas vezes socede os que mais festejão a vinda d'um Visorrey serem os que depois mais praguejão e murmurão delle, e desejam o anno seguinte já outro: ao menos na soldadesca, que por esta rezão, ou sem rezão da nossa má natureza, que toda a cousa nova aprêz, tomarão os Soldados cada anno hum Visorrey como costumavão os Romanos com seus Consules.

Matias d'Albuquerque foi logo ao outro dia, que forão vinte e tres de Mayo, visitar o Conde Almirante com todos os officias da justiça e fazenda: e querendo logo nesta visita fazer entrega da governança da India, a não quis o Conde aceitar senão aos vinte e cinco do mesmo mes, q̃ foi dia do Spirito santo, donde a fez na forma costumada. Os Vereadores forão logo visitar o Conde e pedirão lhe que se detivesse ali alguns dias ate lhe prepararem seu recebimento, o que lhe elle concedeo ate o primeiro de Junho, dia da santissima Trindade em que fez sua entrada com grande pompa e apparato, e regozijo de todo o povo, de que as ruas por onde avia de passar estavão toldadas, e com muitas inuençoens. Foi recebido

recebido com fala de parabens de sua vinda, e levado de baixo do paleo ate a Scé passando por baixo de muitos e muy fermosos arcs ornados com muitas riquezas e galantarias, indo á sua ilhargá o Arcebispo primás dom frei Aleixo de Meneses. E depois de fazer sua oração, se recolheu aos passos, em cujo terreiro lhe correrão muitas carreiras, e fizerão muitas festas e regozijos em que o dia se gastou. E asse aqui de notar, que no mez de junho em que o Conde Almirante tomou posse da India se comprirão cem annos que seu bisavó a descobrio.

CAPITULO III.

Das cousas em que o Conde Almirante proveo depois de tomar posse da governança da India.

Anto que o Conde Almirante tomou posse do estado da India, logo avisou a todas as fortalezas de sua chegada, e aos capitaens e officiaes da fazenda mandou que na entrada de Setembro o provessem de pressa com o mais dinheiro que podessem: por que determinava de fazer armadas, e prover Ceilão, Malaca, e as fortalezas de Maluco e Amboi-

no. E como passarão alguns dias, foi visitar os tribunales da relação e contos: e nellas tomou informação do estado das cousas, de que elle não vinha bisonho senão muy pratico e resoluto em todos os negocios de que começou a dar aos officiaes grande satisfação de sua sufficiencia. E assi visitou os almazens das monçoës, casa da polvora e as ribeiras das armadas, e Galês: e em todas tomou informação do modo de como estavão: e deu ordem a se prepararem todos os navios grandes e pequenos, por que determinava de mandar armadas pera todas as partes a que fossem necessarias. E com isso foi dando expediente ás partes, entrando neste negocio com grande severidade & autoridade quanta requeria o lugar de Visorrey, que de vassallo he o mayor que ha na christandade, pollo achar hum pouco de uasso, cousa que dá muitas vezes ousadia a se atreverem os homens e desmandarem. E por lhe não dar esse atrevimento, nunca ouviu partes senão só e apartado: Por que como estava informado da soltura dos Soldados da India, queria que se algum se destemperasse, fosse só com elle por lhe não ficar lugar de os castigar: pello que tomou este termo para os ouvir e sofrer: o que se lhe notou a prudencia. Por que tambem os Soldados

dados andão tão desfavorecidos, e sofrem tantas necessidades, q̄ se lhe nãs pode pôr culpa a algũa hora se destemperarem.

Alguns quizerão estranhar ao Conde Almirante aquella sua severidade e autoridade, e vsar nas igrejas de cortina como principe dizendo que não era traço de capitão geral da milicia: por que o seu proprio lugar, era mostrar-se sempre em publico, e muito facil & familiar aos homens, o que lhe a elle não faltava, por que o não vimos nunca descompôr em palavras com os Soldados; como outros fizeram. Em fim deixemos estas cousas e passemos a outras.

O Conde Almirante, como yamos dizendo, foi dando pressa ás armadas, e grande expediente aos negocios, e provendo cargos que vagarão, que erão muitos e miudos, que são datas dos Visorreyes que socedem: ainda que ha alguns destes officios, que posto que a data delles seja sua: por justiça e rezão não se podem dar senão a homens de serviços e merecimentos, que ha muitos na India com quem El Rey quer que se repartão estes cargos, que de ordinario dão a seus criados, ou por sua intercessão a outras pessoas a quem os vendem.

E por que a quiaconteceo isto não deixarei de o contar por mostrar a pureza com que este Vi-

sorrey entrou. E o caso socedeo desta maneira. Indo eu hũa vez visitar o Arcebispo dom frei Aleixo de Menezes, acheyo com hũ ou dous officiaes dos contros, e cinco ou seis homens da terra, a que elle tomava algũas provisoens destes cargos que o Conde tinha provido e lhe tornava certa contia de dinheiro d'uns caixoens que ali estavão. Então me contou o Arcebispo q̄ aquelles cargos dera o Visorrey a aquelles por intercessão de seus criados, & que depois soubera que lhe derão por cada hũ certa contia de dinheiro que lhe mandara tornar. E naquelle caixão em que o via o tinha mandado ao Arcebispo com o rol dos homens a quem se dera, pera que lhe tomassem as provisoens e lhe tornassem seu dinheiro: por que quiz castigar a todos: a huns em lhe tomar o dinheiro por que venderão os cargos, e aos outros em lho mandar tornar, e romper as provisoens. E lembra-me que ao tornar o dinheiro a hum, se pôs a chorar. Ao que me disse o Arcebispo, que nunca vira chorar ninguem por lhe darem dinheiro senão áquelle homem. Fez o Conde Almirante esta diligenca por que começou a aver murmuraçoens, e não quis que seus criados cuidassem que avião de enriquecer por aquelle modo. Nem q̄ parente

ou homem de sua obrigação o avia de governar. E foi neste particular tão inteiro, que em quanto governou o estado da India, não teve valido: e o criado que se fingio selo, não fez nenhũa cousa por elle: por que o contrario disto não serve de mais que de afrontar aos Visorreys: por q̃ como elles correm por estes termos, sempre ficão culpados, ou ao menos dão occasião de se murmurar delles, como fizeram d'alguns Visorreys q̃ claramente fizeram por estas mãos seus negocios, e engrossarão bem: não deixando de cometer algũas injustiças em cousas de muita importancia, que eu direi em seu lugar quando me couber.

E por que o Conde Almirante achou os almazens faltos de artelharia, negociou muito cobre que comprou de que mandou fazer com muita pressa algũas fundiçoens em q̃ se fizeram oito peças grossas, e trinta falcoens, e berços, e coatrocentos pilouros de cadea que logo forão bem necessarios, como se verá pellas certidoens que os officiaes dos almazens disto passarão. E por q̃ os moradores de Goa fizeram grandes queixas do Visorrey Matias d'Albuquerque que passara hũa provisão pera que toda a pessoa que quizesse mandar trazer cobre da China por sua conta o podesse fazer: com declaração que

todo viria a Goa onde pagarião os direitos em cobre pera se fazer artelharia. E o mesmo farião de todas as mais fazendas que despachassem na fortaleza de Malaca: e que depois dos direitos pagos em cobre, todo o mais poderião levar pera suas casas. E que tendo El Rey neccesidade de mais algum, lho comprarião pelo preço da terra. E esta provisão se não guardara, antes todo o cobre q̃ touxerão por virtude della, se metera na alfandega: e q̃ pera pagarem os direitos se avaliara a trinta e cinco xerafins o quintal, e a trinta e oito o melhor. E que por cima disto dera o Visorrey Matias d'Albuquerque ordem que se tomasse o cobre pera El Rey a trinta e dous Xerafins. No que forão muito avexados e enganados: que pedião a elle Conde Almirante lhe mandasse comprar a dita provisão, pois à conta della trouxerão suas fazendas em cobre: e que mandasse que na Alfandega se tivesse igualdade nos direitos e no preço do cobre que se tomasse pera El Rey. O que visto pello Conde Almirante ajuntou Teologos, desembargadores, e officiaes da fazenda a conselho, e antre todos se assentou que lhe não podião fazer tamanha injustiça: q̃ se pozesse dali em diante o cobre pera se pagarem os direitos a trinta e cinco, e que por esse mes-

mo preço se tomasse pera El Rey o que se ouvesse mister, e que se lhe pagasse logo: por que os vassallos não se podiao enganar com a fé d'El Rey que são suas prouisoens, pois á conta dellas empregarão seu cabedalem cobre, no que tambem fazião serviço a El Rey em no trazerem da China e lho darem pello preço por que o despacharão.

E certo q̄ se pode pedir contra aos Visorreys de tamanha injustiça contra os homens, e tão grande deserviço contra o Rey, em não guardarem estas prouisoens, antes á conta dellas tomarem as fazendas aos vassallos. O que foi causa de não quererem mais trazer cobre, e faltar muitas vezes em Goa assi pera a artelheria, como pera a moeda de bazarucos com que os povos se menção. E com isto se deu occasião aos Mouros do Balagate os fazerem de menos pezo e os meterem nesta Cidade com o que ganhão hum poço d'ouro, sem a isto se ter resguardo. Por que sempre esta moeda lhe falta por ser de menos pezo. A isto atalhou o Conde Almirante com ordenar que pello preço certo que pós nos direitos que o cobre avia de pagar na alfandega, fosse o mesmo por que se tomasse pera El Rey, e se pagasse logo a seus donos, como se fez em todo o tempo que o Conde governou.

Disto resultou aver sempre em todo elle tanto cobre em Goa, que ganhou El Rey no q̄ bateo na casa dos bazarucos sessenta mil Xerafins, a fora o que se fundio em muita cantidade de peças d'artelheria q̄ fez, e outras cousas necessarias ao serviço d'El Rey como me constou das certidoens que vi, assi dos almazens, como d'outros officiaes das outras casas por que estas cousas correm.

E tornando ao dano que a falta desta moeda fazia em Goa, que foi occasião dos Mouros do Balagate meterem nesta Cidade muito grande soma de bazarucos de menos pezo com que se enriquecião a si, e nos empobrecião a nos, o ficarão tambem fazendo nos Xerafins de prata que o Visorrey dom Luis da Taide mandou fazer. Que sendo elles d'antes de prata liquida e pura, por acrescentar a fazenda real, ordenou q̄ se acrescentasse em cada hũ, humlarim de liga. Daqui tomarão os Mouros occasião pera baterem no Balagate os mesmos Xerafins ja com mais liga e falsificados, e os meterem nesta Cidade: pello que ella ficou cheia de moeda falsa, e alevantou se tanto o preço ás cousas, que he hum roubo manifesto. Por q̄ os moedeiros, que servem na casa da moeda de Goa, são gentios, e os mesmos que fazem as chapas

pera as moedas, são os que também as fazem pera os Mouros roubarem. Sobre isto proveirão os Reys muitas vezes como grandes christãos e muito catholicos, com defenderem que se não batão mais estes Xerafins, a que com muita razão podemos chamar falsos, sem isto ter remedio, nem lhe quererem cumprir suas provisoens e mandados. E vão depois estes pera o reino tão descansados com tomarem a fazenda alhea, como se não fizeram cousa algũa. E eu receyo que os que isto fizerão, o tenham bem pago na outra vida, pois nesta não forão castigados: por que tudo os homẽs podem e devem fazer e arriscar por seu Rey, filhos, fazenda, e vida: mas a alma não, por que nem os Reys o querem, nem he bem que o queirão.

CAPITULO IV.

De como hum capitão do grão Mogor chamado Manacinga Gentio foi contra os Patanes e os desbaratou: e ganhou o reino de Orixá, e Bengala. E da descripção da jornada que fez.

PAreceome bem seguir a ordem que sempre guardei nas minhas Decadas. Que he contar as cousas alheas no tem-

po do inverno em que as nossas estão paradas. Pello que darei aqui conta d'algũas conquistas que fizerão os capitaens do grão Mogor. Na corté d'este Rey andava hum Raja, ou regulocasta Resbuto Gentio seu vassallo e grande capitão, e muito zeloso da sua religião. Socedeo este verão passado o Rey de Orixá chamado Cutulu mandar dar no pagode de Lagarnate, que he em Bengala, e levarem delle grandes tisouros, e matarem dentro nelle muitas vacas, que he a mor afronta e irreuerencia que se pode fazer a seus Idolos. Era esta Cutulu Rey de Orixá Mouro e vassallo do Rey dos Mogores, que avia alguns annos que estava rebellado sem lhe pagar as pareas que tinha por obrigação. Chegadas as novas do roubo deste pagode á corte de Laor, este capitão Gentio que digo, chamado Manacinga, desejou logo de tomar vingança e satisfação d'aquella afronta feita á sua religião, tomou por occasião o alevantamento do Rey de Orixá pera pedir ao grão Mogor licença pera o hir castigar e reduzir á sua obediencia, que lhe elle deu: e com elle se partio de Laor com dez ou doze mil cauallos pera ajuntar pellos mais reinos do Mogor, por onde avia de passar, todos os mais que lhe fossem necessarios.

E por

E por que não he pequena curiosidade pera os coriosos da Geografia dar relação desta jornada em modo de Itinerario como a elle fez, o farei aqui. Parrio este capitão de Laor corte do grão Mogor, e foi caminhando ao sueste algúas cinco ou seis jornadas passando por villas e lugares huns grãdes, e outros pequenos ate chegar a hum fermoso rio chamado Seriundo, que quer dizer cabessa da India, por q̄ ali começa a India Meridional, ou menor: por q̄ toda aquella parte dali pera o Norte se chama India mayor ate os montes Imaos onde começa a Scitica Asiatica, ou Tartaria. Passado o rio a outra parte foy á cidade de Sumopat, e á de Panipat, e logo a grande cidade Deli muito fermosa e fresca, onde esta a Sepultura de Hamaum Paxa pay d'El Rey Heubar, que he húa das fermosas cousas do mundo, como nas outras minhas Decadas tenho dito: Ate qui gastou este capitão trinta jornadas. Ao lógo dos muros desta cidade passa hum muito fermoso e fresco rio chamado Iamana, que se vai misturar com o Gange. Passado o rio a outra banda foi caminhando ao Leuante por distancia de cento e vinte Coces seus, que são trinta legoas, a rezão de coatro Coces por legoa pella conta dos Mouros, ate chegar a húa villa cha-

mada Calu, que he o extremo do reino Deli e do Patane. Daqui foi a húa cidade pequena, a que perdi o nome, e dali a outra chamada Har, por junto della passa hum fermoso braço do rio Gange, que vai decendo a baixo, e atravessando o Reino de Orixá. Daqui foi á cidade Sambal, donde vóltou a Susudueste á cidade de Lacanor pequena á differença de outra grande a diante, que são cidades do reino Patane: e antre estas ambas ha húas asperrissimas Serranias que vão tirando ao Norte chamadas Porsonai, riquissimas de minas d'ouro e prata. Dali forão caminhando ao Sul, e passando por estas cidades, Gazepur, Choufa, Agepur, Xirpur: por junto desta passa o rio Gandec. Adiante Mugel, Bagelpur, Gori, Galor, cidades ja de Bengala. Do reino dos Patanes, Satagão, Tanda e Orixá cidade cabessa deste reino. que elle ya conquistar. E chegando ao Mandarou extremo do reino Orixá de frente de húa fortaleza, que se chama Raipur, que era dos Patanes, em que estava por capitão Alemacaum irmão de Gorea Badul, capitão muito affamado do rey de Orixá por quem o seu Rey dizia: que era o seu braço direito, assentou o seu arrayal pera dali fazer suas entradas.

Tanto q̄ o Alemacaum soube delles ajuntou cinco mil cauallos

lo e foi no mesmo dia bem tarde assentar seu campo a vista do outro, e mandou dizer ao Manacinga que lhe não ya dar a obediencia por ser ja tarde, mas que ao outro dia o faria logo. Tudo isto foi manha pera o assegurar como fez, por que se não recearão de tão pouca gente, e mais coa segurança que mostravão de ir dar obediencia, com o que os de Manacinga tirarão as sellas aos cauallos, e repoufarão do trabalho do caminho: por que d'algũas pessoas que elle mandou ao arrayal dos Patanes soube que estavam elles tambem descansados, e com os cauallos descellados, que foi o que os fez segurar. E tanto que entrou o quarto da modorra estando os de Manacinga na força do morfona e repouso, sellarão os Patanes, e com muito grande silencio derão nelles com tanta presteza, que primeiro que souberem o que era, lhe matarão dous mil homens em que entrava hũ filho do proprio Manacinga. Com este feito se recolherão os Patanes, o que não foi tanto a seu salvo, que não tivessem algũa perda, por que tambem forão escalavrados. O Manacinga sentio tanto seu descuido, como a perda do filho e de sua gente: pello que a mesma noite se fortaleceo no proprio lugar em que estava com hũ muro arrezoadado,

e suas cavas: e despedio recado a todos os capitaens que o grão Mogor tinha por aquelles reinos com garnçoens pera que lhe acodissem com as gentes e mâtimentos que podessem. Era este Manacinga na corte do grão Mogor tão grande pessoa, e de tanta autoridade e respeito, que Danielgi filho terceiro do grão Mogor casou com sua filha.

Tendo o Rey de Orixá aviso do soccorro, que o Manacinga mandou pedir aos capitaens que o grão Mogor tinha postos nos presidios dos seus reinos, comarcões a aquelles que o Manacinga ya conquistar, receandosse que vindo a quelle poder, não podesse resistir-lhe, tomou por remedio mandar-lhe cometer pazes com tantas ventagens; que as aceitou o Manacinga, receoso que lhe faltassem os capitaens, que mandara chamar. E assim se concluíram com condição que o Rey de Orixá daria cada anno Cem Alifantes (por aver muitos naquelle reino) e vinte mil tangas de pareas, que são dez mil cruzados de reales: e logo contribuiu com as deste primeiro anno, com o que o Manacinga se tornou pera Tenda, e o Rey de Orixá pera a cidade de Ialafor, que he cabeça do reino.

Os capitaens do Mogor a que o Manacinga mandou pedir soccorro, fizeram pouco caso de seu recado,

recado, e não acodirão com coufa algũa: o que visto por elle, despedio recado ao grão Mogor dandolhe conta de tudo o que lhe tinha socedido na jornada, e mādoulhe tambem o dinheiro, e os Cem Alifantes que arrecadou das pareas: e escreveolhe que deixará de cōquistar todô aquelle reino por falta de gente: e que os seus capitaens o não quiserão socorrer, pedindolhe formoens, ou provisoens pera todos os capitaens, que ouvesse em seus reinos e provincias, lhe obedecessem e lhe acodissem com as gentes de suas obrigaçoens, e que elle se obrigava a conquistar e fogueitar todos os reinos de Bengala e Patane.

O grão Mogor estimou muito os Alifantes, e mandou ao Manacinga tudo o que lhe mandou pedir com grãdes penas a aquelles que lhe não obedecessem. Estes inviados passarão pello reino do Agarã, onde as provisoens se publicarão: com o que logo se abalou Cedecão governador do reino, e seu irmão Lufuscan com quinze mil cavallos que se apresentarão ao Manacinga, & coa gente que tinha prefez trinta e cinco mil homens de cavallo, e quasi oitenta mil de pe, de que elles fazem bem pouca conta: E com todos estes se pós em campo, e muitos Alifantes castellados, e trezentas carretas d'artel-

haria de campo, e grande soma de monçoens, e cantidade de mantimentos com que foi marchando contra os Patanes que o desbaratarão. E quando ya por suas terras era o Cutulu Rey de Orixája morto, e os Patanes tinhamo aleventado por Rey hū seu filho minino, q̄ estava de baixo de tituria de dous capitaens chamados Gorabadul, e Cogeaifa.

Vendo os Patanes o grande poder com que o Manacinga vinha, e que estavão odiados e avorrecidos da gente da terra, q̄ era Gentia, e elles Mouros desordenados e tyrannos, avendo que não poderiaõ escapar suas molheres e filhos das mãos de seus inimigos, determinarão se a fazer outro feito semelhante ao dos antigos Numantinos, que foi ajuntarem se seis mil de cavallo e porem na cidade de Ialator suas molheres, filhos, e fazendas, e dentro em hũa sua mesquita fizeram juramento solenne a Mafamede de darem nos inimigos, e os desbaratarem, ou morrerem todos na deimanda: e que não nos podendo vencer, os que escapassem da batalha fossem a Ialator e matassem todas as molheres e filhos, e queimassem as fazendas, por não ir algũa d'aquellas cousas a mãos de seus inimigos. Estes juramentados, que erão seis mil, se repartirão por coatro capitaens famosos antre elles chamados

chamados, Cogerifá, Meriu, Gorabadul, e do outro não soube o nome: e como homens offercidos a morte (a que na India chamão amoucos) remeterão hũa madrugada com o exercito do inimigo e entrarão por elle fazendo grande estrago. Mas no mór furor da batalha fogirão dous dos capitaens, e os outros dous ficarão pelejando ate morrerem. Alguns capitaens do Manacinga quando virão apartar da batalha os dous Patanes, forão nos seguindo e matando nelles á sua vontade, e assi os apertarão, que não poderão tomar a cidade Ialafor pera fazerem em suas molheres, filhos, e fazendas a excusão que tinham assentado: e forão se desviando por outros caminhos. O Manacinga depois q̄ matou os que o esperarão, foi tambem apos os que lhe fogirão: e chegou a cidade Ialafor onde entrou vitorioso: e as gentes de sua companhia vsarão nesta entrada de sua mâ natureza com as pobres molheres, que se lhe não poderão defender. Ali acodirão todos os povos das cidades dos Patanes a se lançar aos pés do vencedor, e a pedirhe misericordia. E a de que vsou coelles foi tomarlhe todos os seus tisouros, e os milhores Alifantes e cavallos que tinham, e lhe deixou alguns sindeiros. Em fim elle os despojou de tudo o que lhe pare-

ceo por q̄ outra vez não tentassem maldade. E a inda passou tanto a diante, que os desterrou e trespássou pera os reinos do sertão do grão Mogor, onde elle os mandou repartir e dar comedias, e terras em que vivessem.

CAPITULO V.

De como o Manacinga se apoderou dos reinos de Patane, e Orixá. E dos principaes braços com que o rio Gange se espalhou por todos aquelles reinos. E das Gangas que nelle ha.



TOmada pello Manacinga esta tão grande satisfação dos miseros Patanes pella rebelião que fizeram contra o grão Mogor cujos vassallos erão; passou o Manacinga a diante pellos reinos de Bengalla dentro ate chegar ao pagode de Largarate, q̄ he junto do már, alem da fortaleza de Catella principal d'aquelle reino, e neste pagode entrou, e o desapossou de todas suas riquezas, que crão muitas: e com elle ser Gentio, não bastou pera ter respeito a seus idolos, e deixar de os roubar e esbulhar dos tisouros que o pagode tinha. Estes são os effeitos da cobiça, q̄ faz com q̄ se não tenha respeito ao mesmo Deos, e o desconheção os q̄ se deixão entrar della. E mais he isto

isto d'estrnhar em grandes e valerosos, pois sendo estes não sabem irse a mão, nem resistir a hum mal que tanto os acanha e abate: o que nos pequenos e humildes he pello contrario, por q̄ pouco basta pera os satisfazer e contentar, e tornando ao fio de nossa historia.

Despojado o pagode passouse Manacinga á fortaleza de Barepur, que está entre hũas sertas fragosas, onde estava Raja Ramacanda filho do Rey de Orixá, com tenção de a conquistar, e o aver ás mãos, e assentou pera isso sobre ella seu campo. O Ramacanda vendo tão grande poder, arreceou o: e mandouse offerecer ao Manacinga por vassallo do grão Mogor com as obrigaçoens e pareas que fossem honestas e justas. E pera concluirem isto, tratarão de se verem: Sobre o que ouve grandes dilazoens no modo de como se avião de ver e tratar. Por que o Ramacanda era filho d'El Rey, e tão opimatico, q̄ nem naquelle estado queria perder nada de sua opinião, nem do que cuidava lhe era devido por quem era. E depois de muitos recados, vierão a assentar que se tratassem nas vistas com igualdade sem aver differença em cousa algúa: e que as vistas fossem no pagode de Lagarnate, onde o Manacinga iria jurar primeiro diante dos seus Bramencs

de guardar inteiramente o que tinhão assentado nas vistas, e o de Ramacanda não receber agravo nem escandalo algum em sua pessoa; estado, nem em vassallos, o que o Manacinga fez. E bem podera quebrar aquelle juramento quem avia tão pouco tinha despojados os mesmos idolos (diante de quem fazia o voto) de suas riquezas, e despídos seus altares, e levados os ricos vasos d'ouro, e pedraria com que aquelles cegos gentios servião aquellas estatuas feyssimas de pedras e paos em que punhão suas deidades, e a quem davão as honras, e fazião ádoção que só a Deos se devia.

Recolhido o Manacinga de fazer aquelle juramento pera o seu arrayal, tanto que o Ramacanda o soube, sem aguardar mais recado, nem pontos de quem seria o primeiro, sayo de sua fortaleza com grande acompanhamento e muito fausto, e entrou polla tenda de Manacinga, que sayo muito de pressa fora ao receber, e se abraçarão igualmente, e assentarãose em ricas alcatifas e almofadas de bordado: e ali praticarão sobre suas cousas, e depois de as assentarem com satisfação d'ambos, se despiderão. E Manacinga o foi acompanhando muito espaço, e ao voltar o convidou o Ramacanda pera ir jantar com elle a

C sua

fua fortaleza, hũ dia d'hũa festa q̃ vinha perto. O q̃ elle aceitou, e levou effe dia comfigo coatro centos homens todos Gentios parentes e amigos. E depois do banquete, que foi muito esplendido, deu o Ramacanda ao feu ofpede seis mil tangas em dinheiro, que são tres mil cruzados, pera o gaffo de fua cozinha os dias que ali effiveffe, e dous fermofiffimos Alifantes de guerra e outras peças. O Manacinga por não ficar acanhado perguntou depois quanto montavão as rendas das terras que os Patanes lhe tinham dãdo: e sabendo, lhe paffou hũ formão em nome do grão Mogor de mais cincoenta mil cruzados de renda cada anno nas meffimas terras. Com ifto fe defpidirão com mofftras de grande amiffade: E o Manacinga repartio as cidades e villas do reino de Orixá com feus filhos: q̃ me affirmarão ferem perto de corenra. E elle fe foi a pofentar na cidade de Agepur Patana, onde effeve muito tempo. E ainda oje, que effrevemos ifto, he vivo effe Gentio: e tem de fua obrigação mais de trinta mil de cavallo: por que tem muitas e ricas terras: e he tão grande capitão, e tem tanta poffe, que fe fofpeita que o grão Mogor fe arretea delle em feu peito.

Em quanto deixamos aqui o Manacinga, pareceonos bem

pera recreação dos coriofos, da relação deffas Gargas de Bengala (que na noffa lingoagem são rios) por que são muitas, e mũy diverfas: e affi nomearemos as que ha do porto de Goli de Orixá ate Batecala.

A Ganga de Goli que vem do Bouro, não fe lhe sabe nacimiento: he no verão em algũas partes de pouca agoa, vai fair á ilha dos gallos, que he a principal de todas, e o verdadeiro rio Ganges, a quem os Gentios tem tanta veneração, q̃ fe vão lavar a ella e tem pera fi q̃ ficão puros e limpos de fuas culpas e peccados.

A Ganga de Sagor he muito profpera, e reparteffe em muitos braços: de maneira que quaffi toda fe paffa a vao: mas em baixo na barra tem fundo baftante pera entrarem Naos.

A Ganga Retora que vem ao Gate do Tigolo da outra banda vem o braço ao Lugar de Trigor: reparteffe em muitos ramos, e todos em baixo capazes de Naos.

A Ganga chamada dos treze bancos que vai fair ao mar largo com hũa grande boca.

A Ganga Vidadore tão bem he grande, e não fe lhe sabe nacimiento, e fac ao mar com outra muito grande boca.

A Ganga Rei Mogor tão profpera de Agoas por todos os braços em que fe reparte, que do Chandecam, q̃ he dali a muitas legoas,

legoas , vem Naos por dentro ate o Bandal de Orixá.

A Ganga Zabona não he muito grãde , mas tem muito fundo.

A Ganga Balança.

A Ganga Muruzate que tem grande barra que chamão de Boracalor.

A Ganga Rangafona , q̄ quer dizer ouro e vermelho, e não me fouverão dizer por que se chama assi.

A Ganga de Bixela chamada assi por hũas embarçaõens deste nome q̄ por ella navegão.

A Ganga Ariganatã, que quer dizer Veado , por aver derredor della infinitos.

A Ganga Sape , Raja, he cousa fermosissima : e por ser esta lhe chamão Raja, que tanto quer dizer como Rey das Gãngas. Sape quer dizer cobra : ou por aver nella muitas, ou por ir ter ao mar em muitas voltas com tres bocas.

A Ganga Noldim, que vem do lugar de Busna, que he nos confins do reino Batecalá. E desta Ganga ate Batecalá ha hum grande numero de ilhas , q̄ seus braços vão fazendo, e parece tudo hum mar : e có as agoas vivas areão se hũas, e abrense outras. Em todas estas Gãngas andão infinitas sortes de embarçaõens: e algũas tamanhas como Naos q̄ todas me mandarão de lá pintadas em dous paineis que são

inuitas, & muito pera ver a diversidade de seus feitios. Estas são as Gãngas principaes e q̄ vão sair ao mar com barras capazes de Naos grandes. Por que ja por algũas dellas entrarão algũas Naos de Portugal que ca ficarão , que forão ali carregar de arroz, aonde hum candil, que polla nossa medida são vinte alqueires, val trezentos reis.

CAPITULO VI.

Do que socedeo na conquista da ilha Ceilão este verão. E das grandes victorias que os nossos alcançarão do tyranno dom loão que se intitulava Rey de Candea. E da morte d'El Rey da Cota dom loão Perea Pandar: e de como deixou nomeado por herdeiro do seu reino a El Rey de Portugal, que logo foi jurado por esse.



A onzena Decada no tempo de Matias d'Albuquerque que temos continuado có as guerras de Ceilão pello discurso dos annos. E por que os socessos forão muitos e miudos, não escrevemos senão os de mais substancia, por q̄ a historia não sofre tanto. Deixamos o anno passado as cousas d'aquella ilha nas grandes victorias que dom Ieronimo d'Azeuedo capitão ge-

ral d'aquella conquista alcançou do tyranno dom Ioão, intitulado Rey de Candea nos limites d'aquella reino, e do Dinavaca. Agora cõtinuaremos com as deste verão em que as cousas ficarão no forte de Corvite q̃ dom Ieronimo d'Azevedo mandou fazer seis legoas de Ceitavaca no fim de Fevereiro passado, em que ficou por capitão Salvador Pereira da Sylva com cem homens, e as provisões de moniçoões e mantimentos que lhe parecerão necessarios. Feito este forte despedio o geral a soldadesca portugueza & da terra pera irem descansar, pera despois com novo alento e forças tornarem a profeguir naquella guerra. Disto foi logo o tyranno dom Ioão avisado: e communicando com os mais alevantados que o seguião sobre a satisfação que tomarião dos nossos de quantos danos lhe tinhão feito: por que se se descuidassem estava certo porem lhe hum pezado jugo a toda aquella ilha. E assentou q̃ o Rey de Vuá se ajuntasse com os principes de Dinavaca: o q̃ elles logo fizerão com quasi coatro mil homens, muita espingardaria e Alifantes de peleja, e forão assentar seu campo coatro legoas do nosso forte de Corvite, com tenção de o assaltarem por estar com pouca guarnição. E dali mandarão dous mil homens da sua

vamguarda pera que se fosse pór duas legoas d'aquella forte sem bolirem comfigo: por que pretendião primeiro fazer rebellar toda aquella comarca que estava á nossa obediencia pera assi lhe ficar mais facil a conquista e entrada d'aquella forte. E com isto intentarão tão bem divertir o geral pella frontaria das coatro Corlas pera não poder soccorrer os de Corvite: e pera aquella parte se abalou o tyranno dom Ioão com todo o mais pòder: Por que occupados os nossos por tantas partes, podessem elles effectuar seus intentos. De tudo isto foi logo o capitão geral avisado por espias que trazia perto do tyranno.

Pello que com muita pressa mandou ajuntar toda a gente de guerra branca e preta com que se pôs em campo. E sabendo que o tyranno despidira hũa copia de gente pera ir a Salta a nossa tranquiera de Ruanella, e inquietar os vassallos d'aquella parte, despidio Antonio da Costa por capitão mór da parte da gente da terra com ordem, sendolhe necessario mais gente, a tirasse dos presidios de Ceitavaca e outros que boa mente podesse desmembrar delles com segurança sua. Com esta gente foi dando volta pellas coatro Corlas com que os inimigos que o tyranno tinha mandado pera aquella parte se retirarão logo.

logo. E vindo recado ao geral que os inimigos se vão vizinhando ao forte de Corvite, despido a mór parte do arrayal pera que o fosse soccorrer, deixando so hum Modeliar com quinhentos lascarins pera guarda das fronteiras das sete Corlas: e mandou ordem a Salvador Pereira que estava no forte de Corvite que sem se deter fuisse delle e fosse assaltar o arrayal do inimigo com o mór refguardo, e Segredo que podesse. O que elle logo fez em lhe chegando a gente: e de noite foi por caminhos excusos, por matos e brenhas ate chegar á parte onde estava a vanguarda dos inimigos bem descuidados todos de tal sobre salto. E primeiro forão desbaratados e mortos a mór parte delles, que souberem o que era. E postos os que escaparão em fogida, lhes siguiu Salvador Pereira o alcance com tanta pressa, que quasi de em volta com elles chegarão á retaguarda em que derão com tanto impeto e furia, que logo lhe entrarão o arrayal dentro onde os desbaratarão com morte de muitos, em que entrarão os principaes Modeliares, e dous fermosos Alifantes tomados com muitas armas, bandeiras, e outros despojos: e afirmasse morrerem dos inimigos nestes assaltos, mais de mil, e muitos que ficarão cativos salvandosse os principaes de Maturé e Dinavaca com a es-

cúridão da noite. Foi esta vitoria tão famosa, e pôs tanto espanto nos Chingalás, que ficarão pondo a Salvador Pereira o sobre nome de Corvite capitão. Dos nossos Lascarins morrerão alguns, e hum Modeliar mancebo chamado dom Francisquinho que pelejou muito bem. Ao outro dia mandou Salvador Pereira pôr por terra todos os fortes dos inimigos, e recolheose a Corvite, ficando esta vitoria (como ja dissemos) antre os Chingalás com grande nome e fama.

Vendo dom Ieronimo d'Azevedo quão quebrantados os inimigos ficavão, mandou fazer hũa tranqueira da outra parte do rio Sofragão no lugar chamado Baturgedrá, por ser mais accomodado pera assaltar e quebrantar o inimigo, com o que elle se vio tão abatido e desesperado de seus pensamentos, que logo se recolheo a Candea, e o forte se desfez. O que os nossos fizerão, estava vinte legoas de Columbo pella terra dentro em meyo de todas as dos inimigos, com elles ficarão muito oprimidos. Socedeo isto este inverno em que andamos de noventa e sete.

No mesmo tempo a os vinte e sete, ou vintoito do mes de Mayo do mesmo anno faleceo El Rey dom João Perea Pandar Senhor de toda a ilha de Ceilão, a quem se fez o mais honrado enterramento

mento que a terra podia dár de si. E logo o capitão geral dom Ieronimo d'Azevedo mandou chamar a Columbo todos os fidalgos da casa daquelle Rey, Modeliares, e pessoas principaes, e a os vinte e nove de Mayo se ajuntarão todos estado presente Thomé de Soufa d'Aronches capitão d'aquella fortaleza, Vereadores, officiaes da camara, Ouvidor, e perlados de são Francisco. E sendo todos presentes lhe mandou dizer pello Ouvidor Ioão homẽ da Costa que bem sabião todos como El Rey dom Ioão Perea Pandar, Senhor de toda aquella ilha deixara em seu testamento nomeado por erdeiro de todos os seus reinos a El Rey de Portugal, por não lhe ficar outro algum que de direito lhe aja de soceder naquella coroa. E que por quanto ali estavam todos assi nobres, como o povo, fidalgos, e Modeliares principais, que elegendessem entre si as pessoas que quizessem pera em nome de todos jurarem ao dito Senhor por Rey por não poder ser fazerem todos o dito juramento. E logo por elles forão nomeados as pessoas seguintes. Dom Antão. Dom Constantino. Dom Iorge, Dom Ioão. Dom Pedro homem Pereira fidalgos da casa do Rey morto. Belchior Botelho Modeliar. Domingos da Costa Arache. E Thome Rodriguez Patanga-

tim. Que todos e cada hum por si postos de joelhos ao redor d'hũa meza com as mãos postas sobre hum missal fizerão o juramento seguinte.

Nos dom Antão, dom Constantino, dom Iorge, dom Ioão, dom Pedro homem Pereira, Belchior Botelho, Domingos da Costa, e Thome Rodriguez juramos a estes santos Euangelhos em q̃ pomos nossas mãos por nós, e em nome de todo este povo de reconhecermos a El Rey de Portugal que assi neste presente auto alevantamos e juramos por nosso Rey e Senhor por quanto dom Ioão Perea Pandar, q̃ Deos tem no Ceo, nosso Rey natural o deixara por seu vniversal erdeiro por não ter outro que de direito aja e possa erdar sua coroa e reinos. Pello que juramos outra vez aos santos Evágelhos em que temos nossas mãos, e prometemos de lhe guárdar fé e lealdade, e de lhe obedecer e dar vassalagem assi a elle, como a seus socedores q̃ ao diante lhe socederem, ou a seus Visorreys, Governadores, ou capitaens que em seu lugar assistirem nestes reinos de Ceilão como ate qui fizemos a El Rey dom Ioão Perea Pandar, q̃ Deos tem em gloria, nosso Rey natural que foi. E assi prometemos de o guardar e cumprir como em outra qual quar parte de seus reinos e senhorios. O que juramos oje as
coufas

cousas acima assi e da maneira que são declaradas: o que tornamos a jurar outra vez, e outras muitas vezes aos santos Evangelhos, e prometemos de inteiramente as guardar assi por nós, como em nome deste povo.

Acabado este juramento, tomou o capitão geral em suas mãos a bandeira real das armas de Portugal, e a entregou a dom Antão, e logo o capitão geral, e o capitão da cidade, e todo o mais povo forão por todas as ruas principaes com a bandeira alevantada, e nos lugares deputados alevantou o dom Antão a voz dizendo, Real, Real, Real pollo muito poderoso Senhor El Rey de Portugal. Ao que todos respondião Real, Real, Real. E acabada esta cerimonia se fez hum auto deste juramento por Manoel Correa da Costa tabalião publico das notas no livro dellas: em que se assinarão todas as pessoas nomeadas. E otreslado do auto tenho eu na torre do tombo, no livro dos contratos e pazes, as folhas 143. donde o tresladei aqui. E logo dali por diante foi El Rey de Portugal obedecido e conhecido por Rey dos reinos que dom João Perea Pandar possuía.

CAPITULO VII.

Das eleçoens que o Conde Almirante fez de capitaens. E das armadas que ordenou. E das novas que lhe vierão de Mossambique, de como erão passadas pera à India duas Naos Olandezas. E do que sobre isso fez. E da armada que veyo do reino de que era capitão mór dom Afonso de Noronha; tocase a causa das differenças que ouve entre o Conde, e Matias d'Albuquerque.



Este inverno passou o Conde Almirante em prover em muitas cousas que lhe parecerão necessarias, assi pera o provimento dos almazens, como das armadas que avia de mädar pera fora. E vindo o dia de São João festejou o com carreiras, vestidos todos á Mourisca como he costume na India: como tão bem fez o de Santiago, que ambos estes dias são muy festejados dos Visorreys. E logo passado este de Santiago fez as eleçoens pera as armadas. Dom Luis da Gama seu irmão em capitão mór do már da India e costa do Malavar, por ser costume nomearse neste tempo. Esta eleição foi murmurada, como ordinariamente o são todas as cousas que os Visorreys fazem, e então
o são

o são mais, quando ha pertencões ás cousas de que se murmura parecendo aos que o fazem que estivera nelles melhor o que se dáa outrem, isto he muito antigo na India. Se não que ha nisto outro mal q̄ eu tenho por mayor, que he louvarem estes tais aos Visorreys na prezença as eleições q̄ fazem, e por de trás de saprovarem nas: e práza a Deos que não aconteça isto aos que nos conselhos votão nellas, onde alguns o fazem mais pollas inclinações q̄ sentem nos Visorreys, que pello que lhes parece justiça, e serviço d'El Rey. E cuido que sempre será assi: por que os mais dos do conselho tem pretensões, huns de despachos pera entrarem em suas fortalezas, e outros que sairão dellas pera o livramento de suas residencias. E assi vimos muitos virem dellas com culpas mūy exorbitates e livrarem se facillissimamente: e porremlhe em suas sentenças que merecião fazeremlhe mercês, e assi as requerem como se lhe devesse El Rey fazerlhas, e fazemlhas. E esta he a justiça da India por que estes alcansão cá o que querem com trocaram os votos, e lá ganhão as vontades, e queira Deus que não sejam alguns com modos que calo. Falo com esta liberdade por que sou velho e não particulariso ninguem: e se por isto me não fizerem mercês,

não no terei por novidade, e contentarme ey com me lembrar q̄ nunca as tive nem com me calar. E deixando estas cousas em que avia bem que dizer, tornemos ao de que tratava, e digo que com pouco fundamento se murmurou da eleição que o Conde fez de dom Luis da Gama seu irmão, por que era hum fidalgo que ja tinha andado na India e servido a El Rey, e estava despachado com a fortaleza de Ormuz, e ser de trinta annos de idade, e rico, e estes são os homens mais aptos pera o serviço d'El Rey.

Nestas cousas e noutras semelhantes se foi passando o inverno ate dezanove d'Agosto, em que lhe chegou hū Galeoto de Mossambique em que vinha Gaspar Palha capitão da Nao Rosairo da companhia de Ioão de Saldanha, capitão mór da armada do anno passado de noventa e seis, que indo pera o reino (como ja disse na onzena Decada) arribou a Mossambique onde se perdeu, & se desfez a Nao. Este capitão trazia cartas de Nuno da Cunha capitão da quella fortaleza: em que lhe fazia a saber que em julho passado estiverão duas Naos Olandezas no porto de Tirangone cinco legoas de Mossambique pouco mais ou menos, fazendo agoada: e q̄ lhe parecia que yão na derrota da Sunda. Com estas novas se alvorçou o conde

Conde e toda a cidade por ser cousa nova, e nunca estas gentes terem passado a estas partes. E logo chamou o Arcebispo dom frei Aleixo de Meneses, e todos os capitaens velhos a conselho e lhe mostrou a carta, propôdolhe que se aquellas Naos yão pera onde se dizia, que poderião fazer muito dano á nossa fortaleza de Malaca em perturbar os visinhos contra ella, e danar o comercio d'aquellas partes, que era, o mais grosso da India, e tomarem as Naos da China e Iapão em que sempre vinhão mais de dous milhoens d'ouro de todos os moradores das cidades da India. Que elle estava muito prestes pera fazer tudo o que se votasse naquelle conselho: por que pera isso tinha muito dinheiro, Galeoens, Galés, Fustas, Artelharia, e tudo mais que fosse necessario. E Sobre tudo muito animo, zelo, e vontade pera acodir ao que fosse seruiço d'El Rey: por que elle não vinha á India a descansar, senão a defendella e dilatala, como o fizerão seus antepassados. Que lhe pedia lhe dessem seus pareceres por escrito, pera que mais livremente podessem dizer o que entendessem que compria ao seruiço de Deus, e d'El Rey, por q̄ com elles lhe avia de dar rezão de si. Sobre esta proposição lhe trouxerão ao outro dia todos seus pareceres por escrito: e

nelles concordarão os mais em que se mandassem dous Galeoens, tres Galés, e dez Fustas com quinhentos homens, q̄ era armada bastante pera segurar aquellas partes, e buscar as Naos Olandezas, e dar guarda ás da China, & d'outras partes.

Com este assento q̄ se tomou se passou o Conde Almirante pera a ribeira grande das armadas por não aver então Veador da fazenda, por que Vicencio de Bune, que servira aquelle cargo por ordem de Matias d'Alboquerque se tinha ido pera o reino o Lanciro passado de noventa e sete por saber que vinha o Conde Almirante, que não quis prover aquelle cargo, por que dizia que o queria servir, e assi foi correndo coelle. Mas tanto que se mudou pera a ribeira o encarregou a dom Francisco de Noronha pera o servir em quanto durasse aquella occasião das armadas. E a seu irmão dom Luis da Gama encomendou os almazens da artelharia, e moniçoens. E a dom Antonio de Lima, que estava despachado coa capitania de Ormuz, os almazens dos mantimentos com provisoens pera todos os officiaes da fazenda lhes obedecerem como a sua pessoa, e pera por seus eseritos rasos darem tudo o que fosse necessario pera aquella armada.

E logo entrou na eleição do capitão

D pitão

pitão mór della, q̄ foi Lourenço de Brito, por ser fidalgo velho de muita experiencia, e que tinha servido muitos annos na India de capitão, e capitão mór das armadas, e avia ja sido capitão de Sofalla, e polo tirarem antes de acabar o tempo, o proveo El Rey de outros tres annos: e homem q̄ muitos tinham pera si estar na primeira focesão da governança da India. Este fidalgo começou a correr com o aprestamento de sua armada: e o Conde Visorrey não descansou a te a por na barra, e pagou aos soldados a tres coarteis, e ajuntou marinheiros pera todas as vazilhas com pagas avantejadas. E tanta pressa se deu a tudo, que logo pós toda a armada na barra. Que erão os dous Galeos que dissemos: hum em que ya o capitão mór, e no outro Antonio Pereira Coutinho, filho de Iorge Pereira Coutinho que foi capitão de Chaul. As Galés erão duas de que ya por capitão d'hua dom Luis de Noronha filho do Conde de Linhares dom Francisco de Noronha, e irmão de dom Fernando de Noronha Conde de Linhares que foi veador da fazenda, que tinha vindo do reino o anno de 95. e levava provisão de Almirante da armada. E da outra dom Ieronimo de Noronha filho de dom Antonio de Meneses. A outra Galé pera perfazer o numero das tres, avia

de tomar em Malaca, de que o anno passado tinha ido por capitão Rui Dias d'Aguiar Coutinho. As fustas erão nove, de q̄ forão pór capitaens dom Francisco Anriquez que oje esta servindo a capitania de Malaca: Estevão Teixeira de Macedo que oje he capitão da fortaleza de Mossambique: Afonso Telles de Meneses, filho de Francisco da Sylva de Meneses: Nicolao Pereira de Miranda, filho de Anrique Anriquez de Miranda camareiro mór que foi do Cardeal dom Anrique em quanto Cardeal, e depois de Rey foi estribeiro mór: Luis Lopez de Sousa: Ieronimo Botelho, despachado com a capitania de Malaca, morreo em companhia do Visorrey dom Martim Afonso de Castro: Iorge de Lima Barreto: dom Diogo Lobo filho de dom Rodrigo Lobo: Ioão de Seixas.

Esta armada partio da barra de Goa para a Sunda a vinte e coatro de Setembro. Neste tempo chegou a barra a Nao nossa senhora de Guadalupe, em que o Conde Almirante tinha vindo, que invernou em Bombaim: que logo se começou a negociar pera Matias d'Albuquerque se ir nella pera o reino.

E aos vinte e seis de Setembro chegou a armada que tinha partido de Lisboa, de que vinha por capitão mór dom Afonso de Noronha,

ronha, neto do outro dom Afonso de Noronha irmão do Marquez de Villa Real, q̄ foi Visorrey da India, que ao prezente está por capitão em Tangere, q̄ não trouxe mais que tres Naos. A Castello em que elle vinha, e são Ioão de que era capitão Iorge da Sylveira, e são Martinho em que veyo Christovão de Siqueira. Trouxerão estas Naos boas novas da saude d'El Rey e do principe, que o Conde festejou bem.

E por que os soldados que vierão do reino comessarão de andar defagalhados, e pádecer necessidades, lhe ordenou o Conde Visorrey mezas a te se embarcarem nas armadas (que este he hum dos mayores serviços de Deus e d'El Rey que se pode fazer) no que alguns Visorreys forão tão descuidados, e não sei se diga deshumanos, que com verem andar os pobres homens despídos e pedindo esmola, não se compadecerão delles. E assi morrerão muitos ao desamparo com grande escandalo dos Mouros, e Gentios por cujas portas andavão pedindo esmola. Deixemos esta materia que he de grande escandalo, e em que não vejo emmenda, e tornemos ao Conde Almirante, q̄ despídio logo o cabedal das Naos a Cochim pera terem preparada a carga pera tres, em que entrava

a em que avia de ir Matias d'Alboquerque: por que a de dom Afonso avia de carregar em Goa donde avia de partir: e para ella se mandou fazer pimenta ás fortalezas do Canará, que he a melhor de todas as que ha na India.

E por que (como algũas vezes tenho dito) não faltão na India mexedores e espertadores de odios antre os Visorreys que acabão, e os que entrão de novo, o mesmo aconteceu a estes, que vierão a quebrar. E a principal occasião das quebras foi escrever El Rey á camara da cidade de Goa que elle tinha mandado ao Conde Almirante que desse satisfação publica aos agravos q̄ Matias d'Alboquerque fizera a Antonio Giralte. E primeiro que o Conde Visorrey executasse o q̄ lhe El Rey mandava, teve coelle satisfação pello padre frei Ieronimo do Spirito santo custodio Comissario geral da ordem de São Francisco, e depois pello Arcebispo dom frei Aleixo de Menezes. E vltimamente communicou na rolação aos desembargadores a ordem d'El Rey: e assentaráo que o licenciado Rui Machado Barbosa Ouvidor geral do civil fizesse a execusão. E por q̄ Matias d'Alboquerque mandou dizer ao Visorrey serlhe aquelle homem sospeito, sem esperar o recusasse na forma da lei, nomeou o Conde Visorrey o licenciado

ciado Diogo Cayado Rijo , a quem deu ordem , q̃ não fizesse excusação em nenhũa das cousas que estivessem das portas a dentro de Matias d'Albuquerque, q̃ era o mór respeito que se lhe podia guardar.

Feita esta diligencia tratou o Conde da armada que avia de mandar ao Malavar em que ya por capitão mor dom Luis da Gama seu irmão. E da do Norte pera quem escolheo pera capitão mór Luis da Sylva, irmão do regedor Diogo da Sylva, que estava despachado com a capitania de Malaca. E por que faltavão navios de remo por Lourenço de Brito aver de levar os que se preparavão , quando foi quinze de Setembro, despedio dom Rafael de Noronha por capitão mór de dez navios pera ir ás fortalezas do Norte buscar os novos que a tinha mandado fazer no inverno. E os capitaens que o acompanharão forão dom Manoel da Sylveira filho natural de dom Martinho da Sylveira capitão q̃ foi de Dyu : dom Alvaro de Taide, filho de dom João de Taide: dom Luis Lobo: dom Francisco de Soto mayor: Antonio Furta do de Mendoça: Rui de Sousa de Larcão: e Lourenço d'Aguiar: e outros a que não achei os nomes. E em quanto estes navios forão buscar os mais, ficou o Conde apercebendo as Galés que seu

irmão avia de levar , q̃ erão coatro, e em nomear capitaens, de que sempre fez muito boa eleição , e em despachar hum Galeão pera Ceilão , de que foi por capitão Rui da Costa travaços com soldados, moniçoens, e dinheiro pera aquella conquista. E despachou tão bem Gonçalo de Tavares pera ir entrar na capitania de Dyu, por acabar seu tempo Sebastião de Sousa que nella estava. E a vinte e coatro de Setembro fez á vela toda a armada de Lourenço de Brito, de quem a diante trataremos.

As Naos Olandezas de que Nuno da Cunha avisou ao Conde, tanto que fizerão agoada em Titangone , derão vela e vierão aver vista da costa da India de Goa pera baixo, e forão correndo o Malavar ate o cabo Comorim, onde encontrarão alguãs Naos de mercadores, que tinhão partido de Goa pera Bengala a carregar d'arroz, que tomarão, e escorcharão , levandolhe muito dinheiro que ya nellas pera a carga. Hũa dellas me lembra q̃ era de Diogo Catella casado em Goa, que depois largarão com os mais Portugeses: e ainda os proverão dalgũas cousas: e dali se fizerão na volta de Malaca, a cuja costa chegarão como a diante se verá.

CAPITULO VIII.

Como Gonçallo de Tavares capitão de Dyu mandou Simão d'Abreu com dous navios á costa de Cache. E do encontro que teve com oito Paraos de Malavares: Onde os nossos forão mortos e desbaratados. E das mais cousas em que o Conde Almirante pro Veo.



Tanto que Gonçallo de Tavares tomou posse da capitania de Dyu, logo em Outubro despedio duas Fustas muito bem negociadas de que foi por capitão mór Simão d'Abreu de Mello pera ir dando guarda a alguns navios de mercadores que yão pera a costa de Iaquete por causa dos Sanganes que por ali andavão a roubar. Este capitão depois de deixar os mercadores em portos seguros, deixou-se andar por aquella paragem ás prezas, e nella encontrou com oito Paraos de Malavares, q̄ yão esperar as Naos que avião de vir d'Ormuz, e os navios do Sinda, que naquelle tempo costumão a vir pera as Naos do reino carregados de roupas muito finas. Tanto que os Malavares ouverão vista dos nossos navios, logo os forão cometer coatro a cada hum, e os investirão dous por

cada bordo. E posto que acharão em os nossos mûy grande resistencia, entrarão nos toda via, e dentro nos navios tiverão hũa muito aspera batalha que durou muitas horas: em que os Portugueses fizerão em defensão, de suas vidas, cousas muito grandes, e mûy notaveis cavalarias, principalmente o Simão d'Abreu que era hum valeroso soldado. Mas como o numero era tão desigual assi da gente, como o dos navios, forão todos os nossos mortos de muitas e grandes feridas: não se ficarão os Malavares louvando e gloriando da vitoria, por q̄ lhes matarão mais de 150. Mouros, e quasi todos os mais ficarão muito feridos e mal tratados.

Estas novas chegarão logo a Dyu, e em poucos dias a Goa: por que esta he a natureza das más, corrêrem com muita pressa, e dandosse ao Conde, que as sintio bem, despedio logo dom Alvaro de Menezes por capitão mór de sete navios dos que estavam mais a ponto pera a armada do Malavar com regimêto que desse hũa volta ao Norte, e trabalhasse muito por aver fala d'aquelles cossarios, e os fosse buscar onde quer que estivessem. E logo dahi a poucos dias despedio o capitão mór da costa do Malavar pera q̄ fosse esperar estes navios aos ilheos de santa Maria, onde costumão

mão ir demandar : por que estava certo tendo aviso dos navios de dom Alvaro de Meneses, voltarem logo pera o Malavar, e irem demandar aquella paragem onde não podião escapar. Esta armada se fez á vela em treze de Novembro com as coatro Gales, de que afora o capitão mor erão capitaens dom Diogo Coutinho, que levava provisão de capitão mór do cabo de Comorim. Dom Vasco da Gama filho de dom Francisco de Portugal. E Diogo de Mello, filho de Francisco de Mello, dalcunha o ronçador, filho de Tristão de Mello irmão do Abade de Pombeiro.

Nestas Galés yão muitos fidalgos por Soldados, e dos que nos lembrão são os seguintes. Na Galé do capitão mór, dom Balfar, dom Manoel, e dom Antonio de Castro todos irmãos. Dom Duarte Anriquez, e dom Lopo seu irmão. Antonio Sobrinho de Azevedo, Miguel, Gaspar, e Gomes Freire irmãos. Dom Iorge de Crasto. Gaspar Tibao. Sebastião de Brito Falcão. Christovão Rabello. Lourenço Guedez, filho de Pero Guedez. Tristão, e Luis Fernádez de Taide irmãos, filhos de Nuno Fernandez de Taide. Manoel d'Oliveira d'Azevedo. Rui Mendez de Vasconcellos. Domingos de Castilho, cavaleiro da ordem de Christo. Trajano Rodriguez. Antonio

Botelho d'Azevedo. Francisco Sodré. Gonçalo Vaz de Castelbranco. Basilio Taveira. Dom Diogo Pereira. Dom Manoel Mascarenhas. Dom Lopo d'Almeida. Luis d'Antas Lobo. Diogo Botelho. Alvaro Teixeira Lobo. Pero Peixoto da Sylva. Francisco homem. E outros muitos fidalgos, que não vivião com El Rey, e muitos cavalleiros, e Soldados muito honrados. Na Galé de dom Diogo Coutinho, dom Bernardo de Noronha, e dom Manoel de Noronha seu irmão. Dom Alvaro da Costa. Dom Constantino de Meneses. Simão de Mello. Luis Freire d'Andrade. Francisco de Sousa. Manoel Coutinho Pereira. Andre da Sylva. Luis da Gama. Gonçalo de Macedo. Sebastião Correa da Cunha. Martim da Cunha de Sá. Rui brandão, e Fernão Brandão irmãos. Gonçalo Falcão, filho de Airez Falcão. Dom Gaspar de Noronha. Dom Iorge de Noronha. E Lourenço de Carvalho: Estes tres me não lembra com quem yão embarcados, nem de outros muitos fidalgos, e cavalleiros principaes, q̄ yão espalhados por todos os navios. De maneira que yão nesta armada todos os apelidos do reino, e a mais lustrosa soldadesca da India.

Os navios de remo, erão trinta e tres: cujos capitaens erão os seguintes. Dom Manoel da Sylveira.

veira. Dom Alvaro de Taide. Simão Ranjel de Castelbranco. Dom Rafael de Noronha. Dom Luis Lobo, filho de dom Diogo Lobo. Dom Francisco de Soto mayor. Antonio Furtado de Mendoça. Lourenço d'Aguiar Coutinho. Manoel de Bendanha. Dom Pedro Mascarenhas, filho natural de dom Francisco Mascarenhas o palha que foi capitão de Ormuz. Dom Alvaro de Menezes. Jorge da Cunha. Dom Lourenço da Cunha. Fernão Ortis de Tavora. Martim Gomez de Carvalho. Diogo de Miranda, filho de Manoel de Miranda, que foi capitão de Dyu. Francisco de Mendoça. Dom Christovão de Noronha villa verde. Dom Felipe de Soufa. Vasco Gomez de Mello Christovão de Brito. Dom Pedro de Noronha. Manoel de Barbuda. Antonio de Miranda. Duarte Brandão de Lima. Manoel de Soufa. E outros a q̄ não achei os nomes. Nesta armada forão mais de mil homens.

Poucos dias depois despidio o Conde Almirante a Luis da Sylva capitão mór do Norte com dez navios os melhor petrechados, e da melhor soldadesca q̄ se virão ha muitos annos naquella costa, de que erão capitaens dom João Tello de Menezes, filho do Alferes mór dom João de Menezes. Paulo Machado d'Azevedo. Rui Percira. Rui de Soufa de Larcão.

Manoel de Cabedo. Gonçalo de Caldas. E Pero de Bendanha: e outros a que não soube o nome.

Depois destas armadas partidas, chegou a Goa húa Zavra q̄ vinha de Ormuz sem trazer dinheiro que o Conde esperava nella: mas trouxe novas de ser falecido Antonio d'Azevedo capitão d'aquella fortaleza. Pello que o Conde despachou logo dom Antonio de Lima pera ir entrar nella. E nesta Zavra vierão cartas d'El Rey por terra em que dizia ao Conde que se Antonio Giralte fosse ido pera o reino, ou fosse falecido, fizesse veador da fazenda hum fidalgo de idade e experiencia em que coubesse bem a servintia d'aquelle cargo, que foi a rezão por q̄ o Conde fez Garcia de Mello por concorrerem nelle as partes necessarias.

Os Paraos que tomarão os navios de Simão d'Abreu de Mello fizerão por aquella costa mais algúas presas: e o mais grosso e importante dellas meterão em hũ dos navios, e despidirão pera o Malavar. E indo demandar a terra na paragem de Barcelor, encontrarão huns navios de mercadores Portugueses que vinhão de Cochim, e por cabessa delles hũ Alvaro Rodriguez Negrão. E vendo o Parao endireitirão com elle, e investirão no, e tomarão no com todo o recheo que trazia: por que os Mouros que
vinhão

Vinhão nelle se lançarão todos ao mâr, e não tratarão de mais, que de salvarem as vidas. E com este navio por popa entrarão os nossos em Goa, que o Conde estimou muito por se os Mouros não ficarem logrando daquellas prezas.

Tanto q̃ o Conde acabou de escrever pera o reino, despido as vias de cartas, papeis, e despachos pera Cochim, e ficou provendo nas mais cousas, que lhe parecerão necessarias. Principalmente nas que pertencião ao acrescentamento da fazenda real: por que achou nella algũas desordens, e gastos superfluos e desnecessarios. E antre ellas mandou suspender os almoxarifes da arrelharia e moniçoens q̃ avia em todas as fortalezas por lhe parecerem desnecessarios, e que comião os ordenados debalde. E passou provisoens pera os feitores das fortalezas servirem tão bem aquelles cargos, e terem cuidado daquellas cousas, que erão fazenda d'El Rey: e por isso lhe acrescentou mais quinze mil reis de ordenado. Por que a fazenda d'El Rey pera crescer hade andar por poucas mãos: e quanto menos forem os officiaes, tanto ella ira em mór crescimento. E esta he a rezão que El Rey teve pera mandar muitas vezes q̃ não ouvesse nas fortalezas veadores da fazenda, nem provedores del-

la, por que sempre são mais os gastos e despezas que nellas fazem, que os proveitos que resultão de os aver. Isto não quizerão os Visorreys nunca guardar por cousas que calo. E por que tão bem o Conde foi informado q̃ as obras da fortificação da cidade de Baçaim corrião muito devagar, estando aplicado pera ellas dinheiro bastante, quis provér nisso com muita pressa, pera o que fez superentendente dellas a hum fidalgo chamado Aires da Sylva de Mello, que então era vereador naquella cidade, por ser pessoa de muita diligencia e confiança, e deulhe poderes sobre os officiaes, com que os muros daquella cidade forão crescendo a olho.

CAPITULO IX.

Do que socedeo a armada do Malavar. E do que o capitão geral tratou com El Rey de Cananor, e Camorim: de que avisou ao Conde. E do que sobre isso assentou em conselho. E de como a Nao em que Matias d'Albuquerque avia de ir se queimou na barra de Cochim.



Artido dom Luis da Gama de Goa com toda sua armada junta, foi visitando as fortalezas do Canará, e provendoas de todo

de todo o necessario. E chegando e Cananor, tratou com aquelle Rey algũas cousas importantes ao estado, sobre o que achou alguns inconvenientes a lhe conceder coatro cartazes pera Meca em que El Rey insistio muito, e lhe deu os mais que lhe pediu pera seus pagueis, respondendo a El Rey que daria conta ao Conde Visorrey sobre o negocio dos cartazes, e que o que elle ordenasse e assentasse, isso se faria. E nos cartazes que lhe concedeo dos Pagueis, achou tãõ bem difficuldades nos moradores d'aquella fortaleza: e passando por ellas lhos concedeo por arrepear q̃ ficando os Mouros descontentes, se passassem muitos delles ao Cunhale, e o ajudassem na guerra contra o Samorim, e o estado: por que esperava dos bõs intentos com que o Samorim estava, segundo o informarão, de se effectuar aquella impreza com muita honra. E dali avisou ao Visorrey de tudo o que tinha feito, e passou a Calecut onde sorgio, e mandou tratar sobre a guerra q̃ se avia de fazer ao Cunhale ate derribar aquella fortaleza como estava obrigado pellos contratos das pazes, que dom Alvaro d'Abranches o verãõ passado fizera com elle. E assi lhe mandou pedir q̃ entregasse todos os navios de coffairos que ouvesse em seus portos, ou os inhabilitasse

pera poderem sair a roubar e todas as mais cousas a q̃ não tinha dado execução, como estava obrigado e tinha jurado nas pazes.

A isto respondeo o Samorim que elle não podia effectuar o negocio da Cunhale sem o Visorrey lhe dar trinta mil patacoens pera as despezas d'aquella guerra, sem embargo de lhe não estarem prometidos no contrato: e que lhe mandasse algũas companhias de Portuguezes pera o assalto d'aquella fortaleza, por que os Naires não sabião d'aquelle mister, e que daria a isso todos os refens e seguranças que lhe pedissem, e q̃ se obrigava a dar pera o estado ametade de tudo o que se tomasse na escala da fortaleza assi de tisouros, como de artelharia, navios, e mais cousas affirmando que tudo o que pedia lhe prometera dom Alvaro d'Abranches de palavra.

Vendo o capitão mór que o Samorim inovava muitas cousas fora das que estavam nos contratos, entendeo que tudo erãõ dilagoens do Samorim pera o entreter, por que estava ja arrependido do que prometera. E não concluindo em cousa algũa, escreveu ao Conde Visorrey tudo o que era passado, e o que imaginava d'aquelle negocio, pera que o avisasse do que devia fazer.

Com estas carras ajuntou o Cõde conselho, e nelle as mandou

E dou

dou lér, e de palavra lhes propôs outras cousas. Como se em caso que fosse necessario fazer guerra ao Samorim por quebrantador dos contratos, se seria licito fazerse tambem a Cananor por razão do estado, por se não proverem o Samorim e Cunhale por seus rios, como sempre costumarão. Sobre isto pedio a todos votassem livremente o que fosse mais serviço d'El Rey. E debatido antre todos aquelle negocio, assentarão de commum parecer que quanto ao dinheiro que o Samorim, pedia, não avia pera que tratar disso, ainda que com elle se comprisse a paz, se ella não avia de redundar na destruição de Cunhale, que era o que se pretendia do que todos duvidavão avello o Samorim de fazer pello muito que intereçava nas prezas, que os coffairos que sayão dos portos de Cunhale, fazião em todo o már. Que pois o Samorim faltava com o que prometera, se lhe fizesse a guerra com lhe tomar as barras, e lhe defender os mantimentos, e se lhe fizessem todos os mais danos que podessem: aproveitando-se o capitão mór de todas as occasiões que o tempo lhe offercesse: e que antes que se declarassem, mandasse recolher os padres da companhia que estavam em Calecut, e o feitor e christaos que ouvesse. E que os Por-

tugueses cativos que la estavam em Cunhale, se resgatassem: e dessem em sua recompensão hũ Cutimuça que estava em nosso poder. E que com Cananor se dissimulasse posto que o capitão mór soubesse que sorriticiamente lançava fora Paraos de seus portos a roubar: mas que se lhe limitassem os cartazes pera os Pagueis de feição, que não podessem meter em seus portos mantimentos que os que piadosamente lhes bastasse pera não proverem o Cunhale delles. E que quanto aos soldados que o Samorim pedia pera o assalto da fortaleza de Cunhale, se lhe não avião de conceder ainda que só com isso se contentasse. Por que não era licito arriscarense antre inimigos, que nunca guardavão palavra nem verdade, e onde tanto se avião de temer e arreccar dos que fossem ajudar, como dos que fossem cometer. Por q̃ ainda que o Samorim promettesse a seguridade q̃ dizia, sempre se avia de recear a pouca fé que tem os Mouros baixos, pello odio antigo em que se criarão contra o nome christão: por que avia muitos exemplos de grandes traiçoens q̃ sempre vsarão com os nossos. E que os refens que podia dar, que erão tres ou quatro Naires por muito honrados que fossem, não valião tanto como o s^omenos Portugues que ali

ali se arriscasse. Esta resolução mandou o Conde a o capitão mór: e o avisou muito largamente do que devia fazer, por q̄ elle esperava por horas. E entreteendo-se por aquella costa, e vendo o que se assentara em conselho, escreveu em segredo a Belchior Ferreira feitor de Calecut, pera q̄ o mais incubertamente q̄ podesse se recolhesse com os padres da companhia, que lá estavam, a Chale onde elle ficava espalmado a armada: o que elle logo fez, e levou com si os padres Jorge de Crasto, e o padre Antonino, e o padre Francisco da Costa. E tanto que os la teve alevantou á guerra ao Samorim, e lhe queimou alguns Pagueis, e avisou aos capitaens de Cananor, Mangalor, e Barcelor pera que fizessem o mesmo aos que la ouvesse, ou fossem ter áquellas fortalezas. Feito isto, tomou o capitão mór os portos donde podião sair e entrar Paraos, e lhe defendeo com isso o commercio e navegação por que se não povessem de mantimentos; com o que os pós em muita necessidade d'elles.

Quasi neste mesmo tempo succedeo na barra de Cochim o mór desastre que se vio, que foi este. Estando a Nao em q̄ avia de ir Matias d'Albuquerque com toda a carga e fazenda dentro e prestes pera se partir dali a dous

dias, ou tres, quis a desaventura que estando húa barça a bordo della com húa grande caldeira de breu, breando algúas portinholas por popa, que ventasse o vento Noroeste rijo, com que o fogo em que a caldeira estava, alevantasse húa grande labareda que deu no breu de que logo sairão medonhas chamas, que pegarão na Nao pello leme e varanda, e della sobio ás obras mortas de cima, e em muito breve espaço foi tomando tanta posse da Nao, que sem se lhe poder por remedio ardeo toda com tão espantoso terremoto e temeroso espectáculo, que pasmarão todos os que o virão. Perda muito notavel, por que se consumio nella mais de milhão e meyo d'ouro: e a gente se salvou em algúas embarcaçoens que avia, ainda que não toda, por que algúas pereceo que tinha ja comprido o termo da vida. Acodio a isto toda a cidade; e Matias d'Albuquerque q̄ tinha nella toda sua fazenda, tirados alguns escritorios maneiros com seus brincos e papeis, que tinha ainda com si em terra, vendo aquelle incendio tão supito, e que ali se lhe consumita quanta fazenda tinha adquirido na India em seis annos que a governou, alevantou as mãos aos ceos, e disse aquellas palavras de Iob: Vos o destes, e vos o levastes, se jais senhor lou-

vado pera sempre : entendendo que fora aquillo castigo de seus peccadõs. E assi mostrou nesta defaventura grande animo , dizendo a todos os com que falava nesta materia , q̃ não sintia tanto a sua perda como a d'El Rey, e a dos homens, avendo que ainda aquillo fora grande misericordia de Deus soceder em terra , por q̃ se fora no már , tudo se acabara.

Não deixarei aqui de contar hũa cousa q̃ me aconteceu com o mesmo Matias d'Albuquerque admiravel, e quasi profecia d'esta perdição : e o caso foi este. Estando eu hũ dia com elle pouco antes que o Conde viesse : tinha hũas cartas na mão que aquella hora lhe vierão da corte do Mogor, que lhe escreveo o padre Ieronimo Xavier da companhia de Iesus, homem tido por muito virtuoso, e que se ya parecendo com o padre Francisco Xavier seu tio, que por sua santidade lhe podemos em certo modo chamar Apostolo da India, e abrindo hũa carta deste padre q̃ elle ja tinha lido, me mostrou tres ou quatro regras q̃ estavam no cabo della, que dizião assi, ou outras palavras semelhantes. Parece-me que esta minha carta tomara ja a V. S. entrouxado e negociado pera se ir pera o reino, e he rezão que va ja descansar de seus trabalhos : Se tal he, lembrovos senhor, que os Visorreys da India

não tem outro presidente q̃ lhe tome suas residencias, senão o cabo de boa esperança, por isso trabalhe V. S. muito por ir tão leve e descarregado, que não renha que fazer com elle. Iusto juizo de Deos, grande merce e misericordia sua premitir elle tomarlhe a residencia no porto de Cochim, e não na guardar pera o cabo de boa esperança: por q̃ fora residencia muito aspera e rigorosa pera todos, em que forão fazendas, vidas, e não sei se as almas de alguns: por q̃ lhe quis guardar estas pera outra hora melhor como terião.

Em fim vendosse Matias d'Albuquerque castigado de Deos d'aquella maneira, escolheo a Nao são Martinho de q̃ era capitão Christovão de Siqueira pera se embarcar nella: e em muito poucos dias se apercebeo de malotagem e de tudo o necessario abastada mente, que a cidade, os fidalgos, e moradores o proverão de muita roupa, galinhas, carnes, e biscouto, confervas, e outras cousas com que foi tão bem provido como dantes estava: e assi se fez á vela a dezassete do mes de Janeiro deste anno de noventa e oito em que com o favor divino entramos, e com ambas as Naos chegou a Lisboa ao primeiro d'Agosto. Dom Afonso de Noronha capitão mór das Naos carregou em Goa, e deulhe

o Conde muito bom aviamento, e fez lhe muitas merces em nome d'El Rey, e partio de Goa dia de são Thome, e chegou ao reino com Matias d'Albuquerque por que se ajuntarão em Santa Elle-na. Neste anno mandei a El Rey pello mesmo dom Afonso a minha coarta Decada da historia da India que logo se imprimio: e assi fui mādando pellos annos a diante outras Decadas que El Rey nosso Senhor faz merce a todos os Portugueses de mandar imprimir, ja que as mandou fazer.

CAPITULO X.

Do que socedeo á armada do Norte. E do encontro que teve com algũs Paraos de Malavares que tomou e desbaratou. E do que mais socedeo á armada do Malavar ate se recolher.

PArtido Luis de Sylva pera a cõsta do Norte nos dez navios que dissemos, mas tais que valião vinte: por q̃ levava cada hum trinta, e trinta e cinco soldados dos escolhidos da India, e o mesmo era nos marinheiros, sem levarẽ moços, caixoens, nem canastras, senão so coatro camisas e muitas armas, e os navios tão lestes, ligeiros, e despejados, que por baixo dos bancos, em cima dos bizas dor-

mião os soldados emburilhados em suas capas, e com as camizas á cabeccira. Por que o capitão q̃ quer tomar Paraos, assi áde andar: E os q̃ vão cheos de caixoës, rapazes, e negros, não querem encontralos, nem pelejar com elles ainda q̃ os encontrem: por que não pretendem mais que tirarem certidoens que forão por capitaens de navios, pera requererem seruiços de capitaens. E ja não querem aceitar feitorias, nem escrivatinhas, que antiga mēte se davão aoutros mais bem nacidos, e de mais merecimentos, se não fortalezas. E vierão a dar quasi todos nas de Mombaça e Mascate: ainda que saibão não entrar nunca. Por que fazem conta que são os casados da India tão necios que como elles chegarem do reino com estes despachos, logo lhe darão em casamento com suas filhas oito e dez mil pardaos, que se gastão em dous annos em cavalos e pagens, e tornão a ficar como na primeira innocencia em que entrarão na India. E certo que me aconteceo vir na armada passada hum homem despachado com a fortaleza de Mombaça, e mostrarme a lista da casa da India dos despachados diante d'elle, e tinha trinta e tantos homens q̃ vinha a ser mais de cem annos. Do que me espantei, e lhe perguntei: Que determinava de
vive

viver pera entrar em seu despacho, sendo elle de perto de corenta annos? Ao que me respondeo que não faltaria hum necio que lhe desse sua filha com dez ou doze mil pardaos, e que entre tanto comeria, e que como elle morresse, morresse com elle tudo. E como ja no reino sabem como estes despachos estão entulhados, dalhe pouco de lhe darem tudo o que pedem: por que em fim nada lhe dão, que bem nada he o que se não espera de lograr. Mas por irem entretendo os homens, e se não largar o serviço d'El Rey, satisfazemnos com lhe darem o que pedem.

E tornando ao fio da historia, e aos navios de Luis da Sylva alem de elle ser fidalgo corioso, e desejo de ganhar honra, tambem o Conde Almirante, que a não queria perder em seu tempo, tanto que estas armadas se punhão na barra, lhe ya elle em pessoa com os officiaes da Matricula fazer os alardos, e corria todos os navios, e os fazia despejar de tudo o que levavão que lhe podia fazer impedimento. Luis da Sylva foi correndo a costa levando cinco navios ao mar, e outros tantos á terra quasi á vista huns dos outros, pera assi lhe não poder escapar cousa algũa: por que ya desobrigado de dar guarda a Casilas: cousa de grande pezo pera quem quiser buscar Paraos,

E nesta ordem chegou a Chaul onde não quis entrar por se lhe não desmandarem os soldados, cousa muito prejudicial as armadas, e em que muitos capitaens daquella costa tiverão pouco refguardo. Por que de viçofose por se mostrarem, tomarão todas aquellas fortalezas em que se detiverão muitos dias, e nellas lhe ficarão muitos soldados, e não sei se folgarão coisso por pouparem os mantimentos.

Este capitão não no fez assimas de fora mandava buscar os provimentos que avia mister, a que os capitaens mandavão só seus compradores a isso. E passando por Chaul, achou por novas que era passada hũa grande escocadra de navios malavares pera Dyu, e sem se deter foi em seu seguimento. E chegando á quella fortaleza, soube serem passados pera a costa de Pór e Mangalór a esperar as Naos que naquelle tempo avião de vir de Ormuz. E sem detença algũa foi logo após elles, e chegando á ilha dos Sanguanes soube que erão os coffairos avia muito pouco partidos dali o que Luis da Sylva sintio muito.

E por que aquella ilha foi sempre hũa ladroeira e colheita de ladroens e coffairos, determinou de castigar os da terra, pera o que desembarcou, e fez nella hũa grande destroição assi nos moradores como em suas fazendas metendo

metendo o que achou vivo á espada, e a fogo queimandolhe todas as embarçaçoens que achou no porto. E sem se deter ali mais, voltou pera o costa do Norte, e em Chaul, por que o navio em q̄ ya era hum pouco pezado largou o, e passouse a outro mais pequeno, mas muito ligeiro, onde fez embarcar trinta soldados dos seus os mais escolhidos que não levarão comfigo mais que sós suas armas: e o esquipou de marinheiros todos Vogas mūy forçosos e bem despostos q̄ fazião voar o navio. E passando polla costa a baixo tanto avante como o rio de Chaporá, que são duas legoas de Goa, ouve hũa madrugada vista de coatro Paraos, tendo elle comfigo sós outros coatro, por q̄ os mais da sua armada andavão apartados, e com estes que tinha foi após os dos inimigos q̄ logo alcançou polla ligeireza dos seus navios, e o capitão mór, q̄ foi o dianteiro, investio hum: e da pancada q̄ deu, o virou logo, e arremetêdo com outro pós lhe a proa, e lançouse dentro com os seus soldados, e em breve espaço o rendeo á espada. Rui de Sousa de Larcão capitão do outro navio, investio outro Parao a que se lançou, e a espada o rendeo com morte de muitos Mouros: e os mais se salvarão a nado como o fizerão tambem os dos dous que Luis da Sylva rendeo.

Pero de Bendanha endireitou com hum navio dos cossairos q̄ lhe foi fogindo, por que o medo que levava lhe deu azas á fogida, e em breve espaço o perdeo de vista, por que foi alijando todo o fato ao mar, e ainda os mesmos Mouros se lançarão aelle por se averem por perdidos, e a nado se salvarão em terra.

Luis da Sylva tomou os três Paraos á toa, por que tornou a desfalagar o primeiro q̄ virou coa pancada, e foise pór na boca do rio de Banda e mandou dizer ao Tanadar que lhe mandasse entregar todos os Malavares que se tinham salvado em terra conforme ao contrato das pazes. Por q̄ se não avia de alevantar dali sem elles. E por tal modo correo com este negocio, que obrigou ao Tanadar a mandar dar busca pellas aldeas, e ainda se ajuntarão perto de Duzentos Mouros q̄ lhe trouxerão atados, e assi os entregou a Luis da Sylva, que logo mandou espetar pellas barrigas em Arequeiras altas na boca d'aquella barra: e aos mais fez outro tanto pella costa a cima ao longo das povoaçoens, enchêdo aquella ribeira d'aquelles corpos: por que se por ali passassem os cossairos vissem seus companheiros d'aquella maneira pera que subessem que o mesmo se lhes avia de fazer a elles se os tomassem. E pella liberalidade do Tanadar de Banda,

Banda, lhe deu Luis da Sylva húa peça de veludo cramefim, e outras de tafeta, e duas fermosas espadas. E os cascos dos navios mandou pera Goa, por que alguma cousa, tinhão que os soldados as tomarão.

Feito isto tornou Luis da Sylva pella costa a cima, por lhe darem por novas serem passados outros Paraos pera a encada de Cambaya: e nesta volta lhe deu hum vento Sul mûy grande que lhe espalhou toda a armada, que se recolheo aos portos que cada hum dos navios pode tomar. So o capitão mór foi correndo com aquelle tempo ate Dabul. E ao outro dia que abonançou, ouve vista d'húa Galeota de Malavares que ya engolfada: e dando á vela a foi demandar, e trabalhou tudo o que pode por lhe tomar o balravento, como fez, por ser o seu navio muito ligeiro. E disse aos soldados que todos offercessem aquella Galeota a nossa Senhora que ella lha mereria nas mãos. E deixandosse cair sobre ella sendo ja perto, lhe derão húa boa surriada de arcabuzaria: e indo pera a investirem lhe lançou hum soldado, que ya de proa, húa panella de polvora, que hum Mouro com muita destreza tomou no ar e a tornou arremassar sobre os nossos, que se expedaçou nos bancos do navio dos nossos, e a labareda que fez quei-

mou Luis da Sylva, e dous soldados. Hum chamado foão de Coadros, e o outro Simão Pereira de Soufa. E posto que os mares erão muito grandes, não deixou Luis da Sylva de investir a Galeota a que se lançou logo com húa espada e rodella, e os seus soldados com elle, que em breve espaço a renderão com morte de muitos Mouros, que pelejarão como desesperados: tanto, que hum soldado Botelho d'alcunha tendo dado coatro estocadas a hum Mouro q̄ de todas o passou pellos peitos, alli trespassado e espetado na espada, se liou com o soldado e o levou ao chão, e com húa faca lhe deu sete facadas, coatro na cabeça, e tres nos braços, partes que levava defarmadas: e toda via o Mouro ficou ali morto, e dos nossos alguns feridos.

Alcançada esta vitoria, tomou Luis da Sylva a Galeota á toa e chegando ao porto de Chaul a mandou d'esmola a nossa senhora. E logo voltou em busca da sua armada, que o mesmo dia encontrou. E divididos os navios em duas esquadras, tornarão pella costa abaixo ate Tambona: e tanto avante ouve a esquadra de Luis da Sylva vista de húa fermosa Galeota de trequete, que ya ao már, que logo foi demandar com os seus navios: e como o do capitão mór era mais ligeiro, chegou primeiro a ella e cometeo a com húa

hũa boa surriada de arcabuzaria, e querendolhe pór a proa, vio a tão alterosa, que lhe não pareceo possível abordala sem grande dano seu e dos seus soldados: e alem disso tinha em si mais de duzentos homens de peleja, e o capitão della era hum valente Mouro sobrinho do Cunhalé, que sayo do seu rio por capitão mor d'aquella esquadra de navios que andavão fora, de que Luis da Sylva lhe tinha tomado os navios avia pouco. Este vendo os nossos navios, deulhe pouco delles, e desparou tres ou coatro peças de colher, que erão Camelletes, e outros falcoens: mas quis Deos que todas sobrelevassem, e não fizerão dano aos nossos. Luis da Sylva foise por popa metendo debaixo da Galeota, donde o foi varejanda com a espingardaria, e ella respondendolhe com a sua sempre a vela arribando pera a terra com a viração. Os nossos desejarão de a desparelhar, e tirarão lhe tantas vezes â relinga da vela, ate q̃ lha cortarão e ficou empandinada. Neste tempo chegou o navio de Paulo Machado, e assi a vela como ya pós a proa na Galeota, e foi tão grande a pancada que lhe deu, que se virou o nosso navio, e os soldados ficarão pello mar apegados aos bancos, e taboas q̃ acharão em queda ya dous dias forão a terra perigando alguns. Luis da Sylva nunca largou a Ga-

leota por cuja popa foi sempre matando gente, e os seus navios ao redor ate chegarem a terra, e assi á vela vararão, e logo se lançarão a ella os Mouros, ficando a Galeota nas mãos dos nossos com todo o recheo que levava, que era muito. Por que as prezas que os outros navios fizerão, forão despejar nella o mais sustancial por ser tamanha, que remava vinte e cinco bancos. Tirada a Galeota pera fora, foi Luis da Sylva desfalagar o navio de Paulo Machado, que se tinha alagado da pancada q̃ deu quando abalroou o do imigo, q̃ levou por popa. Dos Mouros morrerão mais de cento, e dos nossos não ouve mais de sete feridos. Pero Rodriguez Botelho de hũa lançada pella barba, e outros, a que não foubemos os nomes, de espingardadas. Com este feito tão honrado se recolheo Luis da Sylva a Goa que foi em Abril.

Ficanos por dar conta da armada do Malavar de que era capitão mór dom Luis da Gama, q̃ depois de por ordem do Conde Visorrey levantar guerra ao Samorim, e lhe fazer todo o dano que pode pella costa, recolheo todas as embarcaçoens da China, Malaca, e Bengala que vinhão pera Goa, se veyo com sua armada, e avisou diante ao Conde Visorrey do dia que chegaria á barra de Goa. No mesmo foi o

Conde Visorrey a barra na sua Galé, e levou dezoito navios de chatins bem esquipados e providos de mantimentos e monições pera hum mês, e nelles fez embarcar doze capitaens de navios da armada com seus soldados. E nomeou por capitão mór destes navios dom Alvaro de Meneses que despedio logo elle deu por regimento que fosse correr a costa do Malavar, e fizesse no mártodo o dano que podesse sem desembarcar em terra, o que foi de grande effeito. Por que como os moradores d'aquella costa virão passar a armada na volta de Goa, por ser ja fim de Abril, pareceolhes que estavam seguros de aver outra armada, e que poderiam ir ao Canará buscar mantimentos pera passarem o inverno: e foi isto occasião de dom Alvaro de Meneses com os navios de sua companhia tomar muitas embarcações pequenas, e seis Paraos d'esperão, e húa Galeota, e matou e cativou mais de trezentos Mouros sem perda algũa. E voltando a Goa em doze de Mayo, da agoada avisou o Visorrey, q̄ lhe mandou ordem pera entrar o dia seguinte, que era dia da Trindade na maré da tarde pera ajudar a festejar a entrada do embaixador do Xá de que daremos rezão no capitulo seguinte.

CAPITULO XI.

De como o Conde Visorrey recebeu hum embaixador que o Xá lhe mandou, e apparato com que foi recebido.



O anno de 85. se embarcou em Cochim pera Portugal hum embaixador d'El Rey da Persia em companhia do padre frei Simão de Moraes, religioso da ordem do glorioso padre santo Agostinho de tanta virtude e partes como temos dito na nossa decima Decada quando elle passou a Persia, onde procedeo com tão geral satisfação, que em quanto durar a sua memoria entre aquelles infieis, serão respeitados os religiosos de sua ordem como o são. Por se aver perdido a Nao em que vinha este embaixador, entrou em grande desconfiança El Rey da Persia por não ter experiencia das couças do mar, e ficou sospeitando que os Portugueses lho matarão: e com esta imaginação não diffiria bem ao que se lhe propunha por nossa parte.

E desejando El Rey nosso senhor inteiralo na verdade, e persuadilo a fazer guerra ao grão Turco, deu ordem ao Conde Visorrey que procurasse dissuadilo desta

desta imaginação, e obrigalo a q̄ mandasse outro embaixador a Espanha: Em cóformidade desta ordem despachou o Conde Visorrey de Mossambique Miguel de Macedo a Ormuz com cartas pera El Rey da Persia, e escreveu ao capitão d'aquella fortaleza despachasse com ellas hum homem de importancia que persuadissee a El Rey da Persia a lhe mandar hum embaixador pera tratar com elle cousas de muita importancia. Teve isto tão bom Sucesso, que o embaixador veyo, e chegou a Goa em seis de Mayo desta anno de 98. O Conde Visorrey o mandou agasalhar em hūas casas boas no bairro de São Pedro: e como descansou lhe limitou dia pera ir a elle: Foi em hūa Galé bem a acompanhado. E indo pello rio acima, entrou dom Álvaro de Meneses com os dezoito navios de sua armada: e trazia nas vergas delles enforcados mais de duzentos Mouros que avia tomado de preza, e com ordem que assi como os navios fossem passando pella Galé cortassem as cordas com que vinhão enforcados, pera que assi vissem os Persas o pouco que estimavamos aquella preza, e o castigo q̄ davamos aos piratas. Quando desembarcou no caez se lhe dispararão vinte peças grossas de artilharia. E ali o estavam esperando o capitão da cidade, que era

Luis Percira de Lacerda, e o capitão da guarda do Visorrey com duzentos alabardeiros vestidos de libré: e o Tanadar mór com seis mil homens da terra arcabuzeiros e frecheiros com todos seus estrumentos militares. E as casas do Visorrey estavam bem concertadas como convinha a tal acto. E o Conde Visorrey mandou agasalhar o embaixador, e lhe mandou dar o provimento necessario em abastança. O Conde Visorrey tratou com este embaixador o que levava por ordem de sua Magestade: E El Rey da Persia se persuadiu a mandar a Portugal o primeiro embaixador pella via de Moscovia, e veyo a Roma, e dali a Valhadolid, onde então estava a corte, em Outubro de 601. E a esse tempo ja se ali achou o Conde Visorrey, e depois que despachou com sua Magestade, se veyo embarcar a Lisboa.

CAPITULO XII.

Do que aconteceu as Naos Olandezas na derrota ate Bengala. E assi do que Socedeo a Lourenço de Brito, e a armada em que o Conde Visorrey o mandou a Malaca.



A a tras no capitolo setimo fica dito que Lourenço de Brito capitão mór da armada que o Conde Almirante Vi-

Visorrey mandou a Malaca em busca das Naos Olandezas partito de Goa a vinte e quatro de Setembro de 97. chegou a Malaca a salvamento com toda a armada, salvo a Galeota de q̄ era capitão Luis Lopez de Sousa que com temporal que lhe deu, arribou a Manar onde fez naufragio, mas o capitão com todos os soldados se embarcou em hũa Nao que dali partito pera Malaca, e se meteo na armada. Estando Lourenço de Brito com esta armada em Malaca soube d'hũa Nao, que partito de Cochim mais tarde, que no cabo de Comorim ficavão as duas Naos Olandezas. Pello que se ajuntarão a conselho Lourenço de Brito, Martin Afonso de Mello Coutinho, capitão actual da fortaleza, e Francisco da Sylva de Meneses que o avia sido, com outras pessoas de experiencia: e por todos foi assentado e de commum parecer que Lourenço de Brito passasse com toda a sua armada á Sunda e costa da Iaoa, por que de poucos tempos á quella parte tinhão os moradores della feito grande estrago nos Portugueses, e christãos da terra: matandoos e tomandolhes suas fazendas. E que poderia persuadir os Reys a não recolherem em seus portos naçoens estrangeiras da Europa: e que procurasse por aver dous que se entendia averem ficado em

Bale Ingreses em refens de voltarem áquelle porto com cabedal pera carregarem drogas, e fazer tudo o mais que entendesse q̄ era serviço de sua magestade.

Esta ordem se executou logo, e a armada partito bẽ apercebida de todo o necessario. E posto q̄ o Conde Visorrey prevenio no regimento, que deu a Lourenço de Brito, q̄ não consintisse fazerse força, nem agravo ás embarcaçoens que encontrasse, que navegavão pera a Sunda e Iaoa, teve nisto tão pouco tento, que encontrando algũas de mantimento de que teve necessidade, mandou tirar dellas o que lhe pareceo sem lhos pagar. Estes forão dar rebate na Sunda e costa da Iaoa da armada, e disserão a força que lhe avião feito, como que todos se poserão em armas. E Jorge de Linia capitão de hũa Galeota tomou hũa Soma de Chincheos carregada de drogas, e o mesmo fizeram os capitaens das Galés a hũa Soma de Chincheos carregados. E sabendosse isto na Sunda, dissimularão ate colherem em terra alguns Portugueses e o feitor da armada. E não bastou este aviso, nem ver q̄ indo o Almirãte da armada dom Luis de Noronha com as barquinhas das Galés e outras embarcaçoens fazer agoada lhe rezistirão de terra: e por terem necessidade d'agoa, a forão as Galés tomar

tomar mais abaixo afastadas dos Galeoens, e lhe fairão ao encontro muitas embarcaçoens de remo que pelejarão com ellas. E pollas Galés irem mūy empachadas coas fazendas que avião tomado de preza nas Somas dos Chinceos, não pode jugar a artelharia: & cada hũa dellas não levava mais de vinte soldados, pollos mais estarem em terra, e effes tão descuidados, que com facilidade os entrarão os inimigos, e matarão os tres capitaens, dom Luis, & dom Ieronimo de Noronha, e Rui dias d'Aguiar Coutinho. O capitão mór Lourenço de Brito lhe não pode acudir em quanto durou a briga, por que foi de trás de hũa ponta em conjunção que enchia a maré e ventava a viração tão rija, que nem os Geleoens e Galeotas poderão desamarrar. E ja avia dias que o capitão mór andava descontente dos capitaens das Galés por lhe parecer que lhe não obedecião com a prontidão que era necessario.

E por que nesta conjunção era monção pera Malaca, ao outro dia se fez à vela sem emmendar nem tomar satisfação naquelle porto nem em outro nenhum d'aquelle reino d'este agravo, estando mūy disposta toda a costa da Iaoa pera com o poder d'aquella armada fazer nella bons progressos. Chegou a Malaca a

dez lullo de noventa e oito, e esteve ali ate primeiro de Janeiro em que se embarcou pera Goa: e podera neste tempo ir tomar os Olandezes em cuja busca foi: q̄ depois de darem muitas voltas, e andarem destroçados em hũa só Nao por terem dado fundo á outra, se recolherão ao porto de Quedá q̄ dista de Malaca sessenta legoas aonde foi logo aviso. E não bastou requerer o capitão da fortaleza, e os officiaes da camara que fossem a Quedá tomar aquella Nao, o não quis fazer, nem outra nenhũa cousa das muitas que se lhe lembrarão. E sendo o Conde Visorrey avisado disto antes de chegar a Goa Lourenço de Brito, por q̄ veyo mūy de vagar, antes de desembarcar lhe mandou dizer pello secretario que se deixasse estar em sua casa ate se descarregar de huns apontamentos que lhe mandou tirados das cartas do capitão, Ouvidor, cidade de Malaca, e outras pessoas. E pera se verem os descargos chamou o Conde Visorrey a conselho e mandou que se votasse sobre elles: por que de sejou introduzir naquelle estado, que as culpas dos capitaens cometidas no exercicio da guerra se castigassem pello conselho, e não pellos desembargadores: mas por respeito particulares não quis o conselho vir nisso, sendo commūa vtilidade, e assentaráo

rão que se livrasse pellostermos ordinarios: e assi se fez. E foi condemnado pella rolação em pena de dinheiro em cantidade q̄ pagou antes de entrar na fortaleza de Sofala de q̄ era provido.

CAPITULO XIII.

Das cousas que neste verão socederão na ilha de Ceilão. E da grande vitoria que os nossos alcançarão d'El Rey de Vva, e dos capitaens do tyranno de Candea dom Ioão.

DE enganado o tyranno dom Ioão de poder prevalecer contra os nossos pellas muitas vitorias que d'elle tinhão alcançado, e a derradeira tinha sido o desbarate da sua gente em Corvite, como a tras dissemos, vendo que pellos presidios e fortificaçoens, que os nossos lhe tinhão feito nas suas fronteiras das coactro Corlas e Dinavaca não podia por aquellas partes fazer o que tinha determinado, tomou outro modo: Que foi mandar cometer o nosso arrayal que andava nas partes de Galé e Maturé corenta legoas destoutras tranqueiras, e do lugar em que o geral sempre residia parecendo-lhe que pella distancia do lugar, não poderia socorrer os nossos com tanta presteza e cabedal como convin-

ha por não andar naquelle arrayal grande força. E quebrada ella, ficavão os nossos com menos pera o perseguir, e elle com mais animo pera levar sua tenção a vante. Contra quem despedio hum principe chamado Madune Pandar, e Simão Correa alevantado, irmão de Domingos Correa Bicanarsinga em que muitas vezes falei, que dom Ieronimo d'Azevedo tinha mandado justificar, como no capitulo do livro da onzena Decada fica dito. Este Simão Correa tinha tomado o titulo de Rey de Scitavaca: a quem o tyranno deu hum arrezoado exercito de gente escolhida, e dos mais praticos Modeliares de seu reino: e antre estes averia mil espingardas: e mandou fazer prestes o Rey de Vva com o resto do seu poder pera lhe ir nas costas aos favorecer.

Partido este exercito, foisse alojar seis legoas de Maturé onde estava o nosso arrayal de que era capitão mór dom Fernando Modeliar que oje he capitão da cidade de Goa, e Salvador Pereira da Sylva capitão do campo. Os inimigos pera se fortificarem, escolherão hum sitio muito alto onde se assentarão e fortificarão á sua vontade como quem estava em sua terra, e tinha muitos gastadores e fabrica. E assi alevantarão em breves dias húa tranqueira de madeira com seis baluartes

e cavas ao redor, e cercada de muitos estrepes e impedimentos, coufa muito defensavel, mais pello sitio que pella arte, ainda q̄ esta lhe não faltou pera tudo. Por q̄ não podia ser batida com artilharia, nem se podia levar a cima por aver de passar por muitos alagadiços. E dali determinarão de senhorear aquellas terras, e fazel-las rebelar contra os nossos por estarem á nossa obediencia, e como homens ardilosos tratarão de afugentar os Lascarins do nosso arrayal, com quem trouxerão tratado secreto, prometendolhe muitas coufas pera assim, afeituando isto, desbaratarem mais a seu salvo os nossos.

Destá expedição e desegno foi logo avisado dom Ieronimo d'Azvedo, pello que com muita pressa despedio Simão Pinhão com seiscentos Lascarins de terra e alguns Portugueses com ordem pera tomar mais cem soldados da fortaleza de Gallé com o que se prefarião cento e cincoenta Portugueses, e dous mil lascarins, que era gente que lhe bastava pera cometer aquelle forte. Dom Fernando Modeliar tanto que se esta gente ajuntou a elle, logo foi cometer os inimigos, e quando chegou acima, já elles estavam sobre aviso e recolhidos no forte com mil espingardeiros, deixando emboscados nos matos dous mil Lascarins com os

Modeliares de mór confiança: com ordem pera darem nas costas aos nossos, quando mais embebidos estivessem no assalto. Dom Fernando não tratou de dilatar o negocio, antes logo com muita determinação cometeo os inimigos, pera o que levava já muitos pavezes, mantas, e escadas: e ao abalroar das tranqueiras, derão nos estrepes em que se embaraçarão e pararão, ficando descubertos á espingardaria dos inimigos que nelles fizerão arrezoado emprego, caindo alguns Lascarins, e ferindo Portugueses em que entrarão o Simão Pinhão, Pero d'Abreu Modeliar, e outros. E toda via os nossos passarão a vante, e cometerão o forte com grande animo, encostandolhes as escadas por onde algũs começarão a sobir. E estando neste fervor, arrebentarão os da cilada com grande estrondo, e derão pellas costas aos nossos q̄ em nos sintindo, deixarão o combate, e voltarão aos inimigos com grande furia, e derão nelles de feição, q̄ com morte de muitos os fizerão recolher pera os matos donde sairão.

Vendo dom Fernando Modeliar o successo, e entendendo como prudente que apartandosse dali, se perderião as terras, fortificouse no mesmo lugar o melhor que pode, e mandou avisar o capitão geral de tudo, e do modo

do em como os inimigos ficavão. Com este recado despedio elle logo seu irmão dom Manoel d'Azevedo com algúas companhias de soldados que mandou vir de Seitavaca, e dos presidios das fronteiras de Dinavaca, do que logo o tyranno dom João teve aviso: e com a mesma presteza, despedio o Rey de Vva, com tres mil homens pera soccorrer os seus, e com ordem que primeiro que o soccorro chegasse aos nossos, trabalhasse elle por se ajuntar, e salteallos e desbaratallos, o que lhe seria facil: por lhe ficar o caminho mais perto. E assi chegou com muita presteza, e se alojou tres legoas do nosso arrayal, donde mandou avisar do forte, e aos que estavam embrenhados em Silada, Que estivessem prestes pera ao outro dia darem sobre os nossos por todas as partes.

Dom Manoel d'Azevedo tambem se deu tanta pressa, que chegou quasi no mesmo tempo; a noite que chegou o Rey de Vva ouviu o Modeliar dom Fernando muitas espingardadas, e parecendo-lhe o que era despedio húa espia de recado pera que fosse tomar fala do que achasse, que brevemente tornou e disse ser o Rey de Vva; q̄ ficava alojado pouco mais de legoa. E dando conta de tudo a Salvador Pereira, e aos outros capitaens, forão todos de

parcer que aquella mesma noite o fossem cometer em seu alojamento primeiro que se fosse ajuntar com os mais. E logo despedio Simão Pinhão, e dom Henrique Modeliar com todos os Lascarins da terra: e tanta pressa se derão, q̄ no coarto d'alva derão sobre os inimigos, e os cometerão com grande determinação e esforço, e como os tomarão descuidados, fizerão nelles grandes estragos: E não sabendo o q̄ era, estiverão pera se desbaratar de todo. Mas tornando sobre si levarão as mãos as armas, e começaram a menear com grãde animo com que os nossos Lascarins estiverão postos quasi em disbarato, senão fora o esforço de Simão Pinhão, que era muy remido dos Chingalas, que fez este dia tantas maravilhas, que pós o Rey de Vva em disbarato de todo, e lhe foi seguindo o alcanse por grande espaço, em que lhe matarão muitos, e tomarão muitas armas e despojos.

Com esta vitoria se recolherão os nossos ao arrayal, o que deu tanto animo aos mais, que logo forão cometer os da tranqueira, levando alguns cavalleiros de madeira que pera isso tinhão fabricado, pera de cima com a espingardaria os combaterem como fizerão tão determinada mente, e com tanto dano seu, q̄ os poserão em desesperação, por

por verem q̄ os nossos não tratavão de os cometer por assalto, se não derribalos poucos e poucos com sua arcabufaria ate q̄ os tomassem as mãos. E vendosse tão apertados, determinarão de fogir húa noite com todo o risco: e assi no primeiro coarto sairão da tranqueira com suas armas nas mãos, e como homens desesperados cometerão os nossos pera ver se os podião romper, e passar por entrelles, que não estavam tão descuidados, que logo os não sintissem. E tomando os em meyo fizeram nelles tamanho estrago e destruição, que não escaparão mais que os dous principes alevantados, q̄ na revolta se tresmalharão, e com a escuridão da noite se forão embrenhando. Morreo aqui a flor da gente de Candea, e os principaes Modeliães, e que mais guerra fazião aos nossos que todos. Ficarão no forte todas as armas e despojos dos inimigos que forão muitos.

Neste feito se acharão Salvador Pereira da Sylva capitão do campo: dom Manoel d'Azevedo: Simão Pinhão: Antonio da Sylva d'Afonseca: Ioão Teixeira de Meirelles: Ioão Serrão da Cunha: Felipe d'Oliveira: Simão Rabello: Gregorio da Costa de Sousa: hum foão Pereira: Pero d'Abreu Modeliar: dom Anrique Modeliar: e outros muitos que

me não vierão á noticia: e dom Fernando Modeliar por capitão mór, que todos fizeram grandes cavallarias. Socedeo isto no mês d'Outubro passado de noventa e sete.

CAPITULO XIV.

De outra grande vitoria que os nossos alcançarão em Ceilão.



Lanças estas vitorias deste tyranno, mandou dō Ieronimo d'Azevedo recolher o arrayal ao forte de Batugedere, nas fronteiras de Dinavaca de que foi por cabeça Salvador Pereira, e com elle Simão Pinhão pera por aquellas partes fazerem toda a guerra q̄ podessem ao tyranno, assi nas sete, como nas coatro Corlas, por onde o imigo tambem tratou de fazer guerra por divertir o capitão geral da que lhe os nossos fazião pellas partes de Maturé, onde ficou gente bastante pera isso: avendo que as partes por onde o geral mandava fazer esta guerra estavam fracas e com pouco poder. E deulhe animo pera isso húa vitoria que alcançou da gente da terra da nossa parte: o que foi causa de se rebelarem alguns vassallos d'aquellas partes de Scitaveca, e Cota. E estas terras que

G assi

assi se rebelarão , tratou o tyranno de sustentar e defender. Pera o que mandou fazer hum forte nos confins das coatro Corlas, em q̄ pós muita e boa guarnição de soldados e Modeliares. Tanto que o geral teve este aviso, mandou que toda a gente que trazia por aquellas partes, se ajuntasse e se fortificasse no lugar de Atanagale em que estava por capitão Francisco Pimentel por ser lugar forte e acomodado pera contrastar os inimigos, e pera fazerem tornar á obediencia as terras rebeladas : Este forte foi fazer Simão Pinhão. Isto sintio o tyranno muito, e mandou que se proseguisse naquella guerra com muito calor : pera ella se ajuntou todo o poder no forte de Atanagale, donde os nossos fizeram alguns assaltos nas terras dos inimigos em que matarão e cativarão muitos. Com o q̄ parte das terras rebelladas tornarão á obediencia, e o tyranno se foi retirando, e os nossos passando a diante mais hũa jornada por se avezinharem a elle : por que desejavão muito de o encontrar.

Vendosse o tyranno tão perseguido , mandou fazer hum bom forte em cima de hũa serra pegado á nossa gente , e dentro nas nossas terras assi pera sustentar as que estavam á sua obediencia, como pera poder segurar melhor as suas. E o outro forte que tinha

nos confins das coatro Corlas, que era o em que elles mais escoravão q̄ todos. Sabendo os nossos do forte que se fazia pegado a elles em cima da serra, o assaltarão primeiro que se acabasse, e o entrarão com tanta determinação e esforço, q̄ com mortes de muitos dos inimigos o ganharão, e arrazarão de todo. E por q̄ os que estavam na tranqueira das coatro Corlas não se querião retirar de todo das nossas terras, antes estavam confiados em as senhorearem dali por algũas fortificações que estavam feitas por elles, nos passos onde os nossos os podião cometer, mandou o geral que se passasse lá o arrayal. E em algũas escaramuças que la tiverão com os inimigos, os desbaratarão e puserão em fogida, e lhe ganharão todas as fortificações : com o q̄ largarão as terras, e se recolherão aos limites de Seitavaca: e os nossos fizeram notaveis cruezas nos moradores das Aldeas que se rebelarão pera exemplo das outras.

Sabido isto pello tyranno, temendo que os nossos lhe fossem cometer o seu forte e as suas tranqueiras, quilos divertir disso: pera o que mandou a mór parte do seu poder aos dous principes das Corlas, pera que elles com os outros alevantados fossem cometer as nossas tranqueiras pella banda de Chilao na fralda do már pera chamar la os nossos, e com isso segurar

segurar as terras que desejava. Disto teve o geral logo recado, e avisou de tudo aos do arrayal pera que estivessem prestes e de sobre aviso pera que fossem dâr nos inimigos de supito, ou cometessem entrarlhes por suas terras pera os obrigar a desistirem d'aquelle pensamento. E por que a paragem em que elles tinham o seu arrayal era longe dos nossos, no caminho avia grandes impedimentos de rios e alagadiços, os não poderião tomar sem serem sentidos. Pello que pareceo melhor entrarlhe por suas terras, e comerlhe a propria cidade cabeça das sete Corlas onde os principes alevantados residião, que áquelle tempo andavão fora com todo o seu poder fazendo guerra as nossas terras, por que tinham naquella cidade suas riquezas, molheres, e filhos. E assi forão marchando apressadamente sem descansar de dia, nem de noite pelejando com os inimigos que estavão em guarda de alguns passos: e chegando á cidade que yão buscar, posto que a acharão fortificada de tranqueiras e cavas, cometerãona com tanta determinação, que a entrarão com morte de hum Modeliar q̃ ali ficou por capitão, e de muita gente: e a cidade fo logo metida a fogo e abrazada com todo o seu recheo, q̃ era muito, por se não embaraçarem os nossos com o sacco.

Feito isto, tornarão se os nossos a recolher com muito boa ordem, e desviados do caminho por onde os principes podião ir socorrer a sua cidade: e ainda pellos que se recolherão, não deixavão de ter grande trabalho. Por que todo hum dia passarão pelejando com guarniçoens, q̃ os inimigos tinham em diferentes passos, que sempre deixarão escavados.

Sabido este negocio pellos principes que estavão fazendo a guerra dentro nas nossas terras, deixarão tudo e acodirão la: e nesta jornada lhe sairão os nossos, e derãolhe nas guarniçoens q̃ deixarão em suas tranqueiras: e com morte de huns, e fogida de outros, os lançarão fora das terras: e ainda entrarão pollas dos inimigos onde fizerão muitos danos, e recolherão muitos despojos. Socedeo isto desde Nouẽbro passado ate fim de Abril deste anno em que andamos de noventa e oito. O tyranno dom Ioão sintio estas cousas muito em extremo: por que alem da reputação que perdia com os Chingallas, ficava menos temido dos nossos, que lhe tinham mortos os seus principaes capitães e Modeliares de q̃ os mais andavão tão assombrados, que ja proseguião naquella guerra lentamente e contra suas vontades, que erão novas armas com

que os nossos ficarão pelejando com ellas.

E por q̄ se temeo o tyranno q̄ com o socorro que veyo da India lhe ganhassem os nossos o forte que tinham nos confins das coatro Corlas em q̄ consistia toda sua força e segurança d'aquellas comarcas, determinou de acudir em pessoa áquelle negocios assi pera prover melhor aquelle forte, como pera com sua presença dar calor a aquella guerra, e provocar e animar aquelles povos q̄ estavam á nossa obediência a se rebelar e passarem a elle, pera quebrantar os nossos, e divertir o geral de lhe mádar fazer a guerra q̄ lhe fazia dentro em sua casa, e pera tambem livrar os seus dos males de que andavão ameaçados com a afouteza e vitorias q̄ os nossos cada dia alcançavão. O que lhe não socedeo como elle cuidava: por que trazia o geral sobre elle tantas espias, que não dava passo, nem praticava cousa de que logo não fosse avisado: a o que acodia com a presteza necessaria, por que nella estiverão sempre as vitorias que alcançou. E pera o tyranno efectuar o que pretendia, se foi pera Candea, e ordenou dous exercitos. Hum de mil soldados escolhidos, que despedio pera as partes de Putalão pera ajuntar toda a gente d'aquella comarca, e se irem contra Chilão pollas fraldas domár. E

outro de tres mil homens que mandou que se fossem fortificar na nossa fronteira das sete Corlas: e assi o fizeram nas fraldas d'húa serra com desenho, que mandando o geral cometer qual quer destes, assaltarem os nossos pollas espaldas com que avião, terião vitoria certa delles.

Sendo o geral avisado de tudo, reformou o arrayal com mandar acudir a elle toda a soldadesca da terra que serião perto de dous mil e duzentos soldados Portugueses de que era cabeça Salvador Pereira, & da gente da terra, o Pinhão, e Francisco de Brito. E mandou que se fossem fortificar em hum lugar chamado tráqueira Alanha: onde fizeram húa forte tranqueira de madeira com seus revefes, Guaritas, e cavas: por ficar ali no meyo destes dous exercitos dos inimigos em igual distancia d'hú e do outro, pera com isso enfrear os inimigos, e lhes fazer perder o orgulho e as esperanças q̄ tinham de prevalecerem contra nós: por q̄ assi se não podião socorrer huns aos outros, com o q̄ as forças lhes ficavão divididas. E depois de bem fortificados, sairão os nossos muito vfanos, deixando a tranqueira bem provida, e com grande brio forão cometer o arrayal da banda das sete Corlas, em que derão no coarto d'alva tão de sobre salto, q̄ os tomarão sem terem ainda acabado

o forte que ali fazião que era nas raizes de hũa ferra de que tinham cortados os matos ao redor, não deixando mais entrada pera o forte, q̃a de dous boqueirões, que tão bem tinham fortificados com fortes tranqueiras, e nellas dous mil homens; e o resto do exercito, tinha em cima da ferra com ordem, que sendo cometidos dos nossos, lhe fuisse por hũa ilhargã e lhe dessem nas espaldas.

Tanto que os nossos chegarão aos boqueiroens, logo cometerão os inimigos com grande determinação: mas elles descarregarão sua monição com q̃ derribarão alguns Lascarins dos nossos, e os mais se forão retirando, ao que acodirão os Portugueses e se pafarão á dianteira, e cometerão os inimigos com tanto esforço, que apezar da grão resistencia q̃ nelles acharão, os entrarão com morte de hum dos capitães ou Modeliães, e muita gente sua. E estando embaraçados nesta vitoria, lhes sayo o alevantado Simão Correa, que era o que estava em cima da ferra, e deu nos nossos pellas costas: mas como todos andavão cõa mão folgada, virarão a elle com hũa furia espantosa, e depois de durar a batalha grande espaço, poserão os inimigos em desbarato e fogida, e no alcance forão matando muitos: e com tamanha merce de Deos se recol-

herão carregados d'armas, sem lhe custar mais q̃ dous Portugueses, e alguns Lascarins da terra.

Alcançada esta vitoria despedio Salvador Pereira da Sylva, q̃ era o capitão mór desta jornada, mil espingardeiros da gente da terra com alguns Portugueses pera irem dar no arrayal de Putalão antes que tivessem o aviso do disbarato d'estoutro. E chegando ao forte que ali tinham feito, o cometerão com grandissima determinação: por que alem do furor com que andavão, levarão armas de ventagem, por que dobrarão a espingardaria, com a q̃ tomarão na vitoria passada: e cõa mesma facilidade entrarão o forte com morte de muitos dos inimigos, em que entrarão quinhentos Bagadás, gente da outra costa homens de feito, que tinham ido de soccorro ao tyranno. O que causou tamanho medo nos mais, que tinham passado áquella ilha, e nos outros quando lhes la foia nova da má ospedagem que os nossos lhe fizerao, que não quiserão mais provar ventura debaixo da bandeira do tyranno: com esta vitoria se tornarão os nossos a recolher ao seu forte.

Chegadas estas novas ao arrayal que o tyranno tinha nas coartas Corlas, temendosse que fossem logo saltados dos nossos, largarão tudo, e se recolherão a Candea: por q̃ parece que forão

forão avifados das intelligencias que o geral trazia com aquelles povos pera se tornarem a reduzir á obediencia de que se tinham rebelado por industria do tyranno dom Ioão. Sobre o que ja tinham vindo algúas pessoas principaes a tratar este negocio com o geral, que se effeituou e os despedio em companhia de todo o exercito (por saber ja das vitorias que os nossos alcançarão) pera irem dar naquelle forte, q̄ elles ja tinham despejado, onde não ouve que rebiscar dos soldados: e todo o desfizerão no que tiverão afaz de trabalho por ser força grande, e de muita fabrica. Com estas vitorias ficou o imigo mūy derribado, e os nossos cō a mão folgada. Acharão se nestes socessos, Felipe d'Oliveira, Ioão Serrão da Cunha, Gaspar d'Azvedo, Francisco de Macedo, Francisco Gomez Leitão, filho do outro do mesmo nome, Antonio da Costa Monteiro, e outros capitaens de companhias e estancias.

CAPITULO XV.

De como os Vereadores de Goa poserão na Camara della o retrato do Conde Almirante dom Vasco da Gama que descobrio a India, E da Oração que fiz aquelle dia em seu louvor a rogo da Cidade.



Darecendo aos Vereadores da cidade de Goa que se devia náquella Camara lugar ao Conde da Vidigueira dom Vasco da Gama que descobrio a India pois nella tinham os retratos de outros varoens famosos, e benemeritos áquella cidade, e a toda a India, como o do grande Afonso d'Albuquerque que ganhou a mesma cidade, a de Malaca, e Ormuz: e a do valeroso capitão, Governador, e Visorrey dom Ioão de Castro por libertador da India: e a do insigne capitão e Visorrey dom Luis de Taide Conde da Touguia, que governou duas vezes a India por defensor da mesma cidade e de todo este estado. Vendo que não merecia menos que todos o valeroso capitão e Visorrey dom Vasco da Gama, primeiro Conde da Vidigueira e Almirante do már da India, e por ser o primeiro descobridor della, couza tão admiravel ao mundo, e que seu bisneto o Conde dom Frácisco da Gama os começava a governar com tanta satisfação de todos, quizerão lhe fazer este serviço e favor. Pera o que o mandarão retratar pello que ja estava na casa dos Visorreys e Governadores, que era feito muito ao natural. E por que a casa da camara era

era pequena e tinha hũa parede de frontal nas costas da meza em que os Vereadores se assentavão, a mandarão derribar, e estenderão a casa muito ficando mūy fermosa, e muito mais depois que a ennobrecerão com outras casas que acrecentarão; corucheos, e portal como era rezão tivesse a Camara de hũa cidade tão famosa no mūdo e cabeça de todo este imperio Oriental: tão rica, prospera, emnobrecida com todos os apelidos illustres de Portugal, e das mais geraçoens de cavaleiros que sempre estavão có as armas prestes, e os cofres abertos pera tudo se empregar no serviço do seu Rey, em que se pode igualar com todas as do mundo.

E tendo tudo prestes e preparado me mandarão os Vereadores cometer quizesse celebrar aquelle auto com hũa oração em louvor do mesmo dom Vasco da Gama: Por que querião festejar aquelle dia com toda a solemnidade devida. O que eu aceitei por ver que pedião justiça, e que tudo aquilo se devia áquelle valeroso Capitão. E preparando tudo com o mór aparato q̄ podia ser, se ajuntarão todos os Vereadores, e cidadãos na Camara dia de Natal deste anno de noventa e sete: e mandarão recado ao Conde dom Francisco pera que se fosse achar presente a aquelle Auto, a que elle logo veyo acompanhado de

todos os capitaens e fidalgos: e antre elles e os cidadãos ouve muitos colares d'ouro, medalhas, plumas, pontas de rica pedraria, trajos custosos e galantes, fermosos cavalos, e muito ricamente ajaezados. O Conde se assentou na Camara em hũa cadeira de veludo á mão direita dós Vereadores a hũa ilharga da meza, e os cidadãos fidalgos e cavaleiros em escabellos cubertos de ricas alcatafas, estando o retrato do Conde dom Vasco da Gama, em hum painel feito a oleo do seu tamanho muito bem retratado ao natural, com suas molduras douradas, com columnas pellas ilhargas tambem douradas, posto em cima d'hũ bofete encostado á parede onde o avião de pór e alevantar. E posto tudo em silencio, alevantime do lugar em q̄ estava na meza, e no banco do escrivão da Camara de frente do Conde, e em vós alta e intelligivel que se ouvisse por toda a casa, que era grande, fiz a oração seguinte.

ORACÃO.



Cousa de q̄ se mais prezavão aquellas famosas Republicas Grega e Romana, illustrissimo senhor, e Visorrey nosso, era de satisfazerem grandes merecimentos

mentos com publicos , e geraes galardoens. Dando a seus famosos , titulos e sobrenomes grandiosos e alevantados : a hum, de Asiatico, aoutro de Mermidano, outro de Africano, outro de pay da patria : em fim outros muitos conformes aos feitos que cometerão e acabarão : E não paravão aqui, mas ainda lhes alevantarão estatuas. Em os senados e lugares mais publicos de todos , pera com isso incitarem aos mais a obrarem cousas dinas de semelhantes galardoens. Assi esta Republica de Goa, não menos ordenada que todas as do mundo, querendo imitalas em cousa tão justa, tratou de remunerar, e em parte satisfazer os grandes e muito notaveis merecimentos d'este valeroso capitão , dom Vasco da Gama primeiro Conde da Vidigueira, e Almirante do már da India, vosso visavó : pondo os olhos nos grandes, e muito proveitosos serviços que fez á coroa de Portugal, e ao muito que este estado lhe deve por ser o primeiro que nelle arvorou o real pendão da milicia de nosso Senhor Iesu Christo , debaixo de cuja sombra vemos oje recolhida hũa innumeravel copia e multidão de Gentilidade. E o que por meyo de seu invencivel animo , rompeo as difficuldades que tantas centenas de annos estavam na memoria dos homens postas a

esta navegação. Avendo huns q̃ o már não podia ser navegado: outros, que por baixo da Æquinozial corrião rios de fogo: outros, que quem passasse o cabo, não poderia tornar ao nosso Portugal, e que por la acabaria e se consumiria: em fim outros fazião outròs medos e carrancas tamanhas, que fazião recuar os homens e não ousar a cometer esta tão difficultosa e temerosa navegação. Pois todos elles teve este nosso Capitão em tão pouco, que passando por todos foi navegando por tão varios, e apartados climas que ate então não tinhão chegado á noticia dos homens. Vencendo nesta jornada não só os furiosos ventos, e arrebatadas e supitas tempestades, e as medonhas e carregadas ondas desse Occano : mas ainda os feros e indomitos Focas e monstros marinhos, de que o már esta cheo, abrindo por meyo de todos, novos e não vsados caminhos, pera que todos podessemos vir buscar as riquezas deste Oriente : com que não só o nosso reino de Portugal, mas ainda todos os da Europa tanto se emgrandecerão. E se hum caso tão espantoso como este acontecera em tempo d'aquelles antigos poetas, com muita mais rezão poderão collocar entre os signos e planetas a famosa Nao São Rafael em que este insigne capitão nos

nos descobrio tantas maravilhas, do que o fizerão a aquella famosa Argos de Iasão, de que tantas cousas fabularão. E se áquelle Americo Vesputio que descobrio essas Indias Occidentais, que se tem polla coarta parte do mundo, ficou nella tão famoso, q̄ tomou d'elle o nome de America: Com quãta mais rezão esta parte da Asia, que este nosso insigne Capitão nos descobrio, se podera chamar a GAMA, conservando tão illustre apellido, a memoria do mór feito q̄ se fez nem fará em quanto o mundo durar. Mas foi tal o descuido desta cidade, q̄ ha tantos annos lhe tinha negado o q̄ tanto merecia. O que não socedeo em Portugal, onde se conserva sua memoria na amplissima geração que d'elle procedeo, e na illustissima casa da Vidigueira de que vossa senhoria he dignissimo herdeiro, que tem lançado de si varoens tao famosos, q̄ bem podera este estado andar sempre em suas mãos muito seguramente.

E querendo agora estes Padres conscriptos remediar o descuido passado vendo que antre estes illustres varoens lhe era a elle com rezão dividido o primeiro lugar, ordenarão de lho dar, não so neste Senado, mas ainda levantarẽlhe estatua na principal porta d'esta cidade, pera que todos os que por ella entrarem se

lembrem do muito q̄ todos lhe devemos. E ainda que este auto se não faça com as solennidades que se devem a tão valeroso Capitão, toda via he com tanto gosto e alvoroço de todos estes cidadãos, que não ha antre elles algum que não deseje de ser o autor de serviço tão dividido como este. E certo q̄ se este insigne Capitão podera falar polla boca deste retrato que o representa, vendo o descuido que ate gora ouve nesta cidade, podera com muita rezão dizer aquillo do grande Catão quando entrando em o Senado não vendo antre tantas estatuas algũa sua: Disse q̄ antes queria que perguntassem por que não tinha ali Catão estatua, que não por que poserão ali estatua a Catão. Mas por que este descuido não passe mais avante, levantesse logo có grande alvoroço de todos esse dignissimo retrato no mais alto lugar desse capitolio. Por q̄ menor mal he que seja esta cidade culpada de descuido, que de ingratição.

E por este serviço e por todos os mais que estes cidadãos vassallos de sua magestade pretendẽ de lhe fazer, assi a elle como a vossa senhoria, lhe pedem todos ponha os olhos no amor e alvoroço com q̄ festejamos este auto. Por q̄ assi lembrando lhe as obrigaçoens em q̄ fica a esta cidade, a queira honrar com lhe guardar

seus foros, privilegios, e liberdades: e com isso remunerar, e em parte satisfazer os serviços dos cavalleiros cidadãos q̄ morrerão em serviço do seu Rey, remedeandolhe e despachandolhe, suas filhas pobres e orfans: pera que assi vejamos todos, que não foi este nosso serviço feito em vão. E permitira o senhor por meyo desta obra tão santa dar a vossa senhoria tantas e tão insignes vitorias, que por ellas mereça ser collocado á ilharga de seu dignissimo visavó: e q̄ me aja eu por muito ditoso caberme a sorte de escrever a historia da India, q̄ me he encomendada por sua Magestade, pera que pellas grandezas, que de vossa senhoria espero escrever, venha a ser tão conhecido e celebrado no mundo, como foi Homero por escrever de Achilles.

Acabada a fala, levantouse logo o retrato no lugar q̄ lhe estava ordenado, que foi á mão direita entrando na casa diante do de Afonso d'Albuquerque no q̄ se não bolio, por que poserão este do Conde Almirante na parede que se acrescentou: O que se fez ao som de muitos estromentos. Posto em seu lugar, primeiro que se levantassem da meza apresentarão os Vereadores ao Conde Almirante algũas petiçoens de orfans pobres filhas de cavaleiros honrados em que lhe pe-

dião alguns cargos pera seus casamentos, que elle despachou com muito gosto. E dali se recolherão pera os aposentos dos Visorreys, e lhe correrão as carreiras no terreiro do passo com muito regozijo. E por que este auto fosse de mor gosto, e mais celebrado por não ser tudo temporal, fez o Conde outro espirital nas mesmas oitavas, que foi fazer cristão o principe de Pemba, e lhe pôs nome dom Felipe da Gama: e ainda despois o casou com hũa molher Portugueza, q̄ tinha vindo do reino no numero das orfans, a que dotou honestamente.

Este retrato do Conde dom Vasco da Gama, que assi se pôs naquelle lugar com tanto alvoroço da cidade, foi depois mudado não sei por cuja ordem: por q̄ os parêtes d'Afonso d'Albuquerque alegavão que o primeiro lugar d'aquella camara lhe pertencia por conquistador d'aquella cidade. E por que se não fizesse agravo a algum, passarão estes capitaens ambos pera a frontaria da casa: a de Afonso d'Albuquerque á mão direita donde se assentão os Vereadores: e a do Conde Almirante á esquerda: e na parede em que estavam, ficarão os retratos dos dous famosos varoens dom Ioão de Castro, e dom Luis de Taide de frente hum do outro. O que se fez em tempo do Visorrey Aires de Saldanha.

CAPITULO XVI.

De como as Naos Olandezas que andavão pella costa de Malaca pelearão com as Naos que yão d'aquella fortaleza pera a India. E do fim que estas Naos tiverão : e de outras cousas.

Estando ainda a armada de Lourêço de Brito na Sunda, não sabendo em Malaca das Naos Olandezas que andavão ja por aquella costa, preparouse a frota que avia de ir pera a India, q̄ era esta. A Nao de Miguel da Cunha em que ya embarcado Francisco da Sylva de Meneses, que acabara de ser capitão d'aquelle fortaleza, que ya por capitão mór de todas aquellas Naos. A Nao da viagem da China, de que era capitão Rui Mendez de Figueiredo. E húa Nao de Luis de Mendoça, de que era capitão hum seu cunhado. Outra Nao do mesmo Francisco da Sylva de Meneses, que vinha da China, de que era capitão Fernão d'Almeida. Dous Iuncos, e hum galeoto pequeno. E estando todas estas Naos pera darem á vela dia de Reys, o dia d'antes se fez Ioão Gomez Fayo á vela sem esperar pella mais frota que ao outro dia se desamarrou, e quando foi aos nove sendo trin-

ta legoas de Malaca na altura das ilhas de Puluparcelar, ouve Ioão Gomez Fayo, que ya diante, vista das duas Naos Olandezas, q̄ logo conheceo, pello que voltou pera tras, e ouve vista da outra frota, e despedio hum balão a Francisco da Sylva de Meneses com recado em que o avisava q̄ erão as Naos dos Olandezes. Estes tanto que virão a Nao do Ioão Gomez Fayo, forão na demandar mûy determinados.

— Chegado o balão com o recado, ajuntou Francisco da Sylva de Meneses na sua Nao todos os capitães das outras, e lhe deu as novas : e lhes perguntou o que se devia fazer. Foi a nova causa de grande alvoroço em alguns : e as Naos se começaram a desordenar, e requererem algũas pessoas a Francisco da Sylva de Meneses que tornassem a arribar a Malaca, que tinham pera la vento que lhe servia, e que se não arriscassem a ir pera a India Por q̄ os inimigos os avião de ir seguindo, e perseguindo por todo o caminho. E segundo os nossos erão desordenados, estava certo irem tomando aquellas Naos húa e húa. No meyo desta borborinha, que era grande, não faltarão homens amigos d'onra que acodirão a aquillo, e que disserão a Francisco da Sylva de Meneses: Que não so se poderia pelejar cóas Naos, mas que com sós os bateis dellas,

as podia tomar, e desbaratar: q̄ passasse a diante que Deos lhe daria vitoria. Com isto e com deitarem bem suas contas que os podião os inimigos alcançar primeiro que chegassem a Malaca, se prepararão pera pelejar com os inimigos.

Estavão as nossas Naos surtas, e diante de todas a de João Gomes Fayo, que se viera recolhendo ja as bombardadas com os inimigos, que vendo a nossa frota, entenderão que era toda de mercadores em que podião ter muito proveito, e pouco perigo: determinarão se a cometellos, como fizeram, indo muito embandeirados de bandeiras brancas, e de fermosos estandartes: e assi á vela chegarão ás nossas Naos e lançarão ferro junto da de João Gomez Fayo. E de hũa das nossas Naos lhe tirarão com hũa espora que deu por hũa das inimigas, q̄ lhe fez bem de dano: com o q̄ abaterão as bandeiras brancas, e deitarão outras de seda como q̄ se fazião louçãos pera aquella batalha. E logo começarão hum furioso jogô de bombardadas, de que a Nao de João Gomez Fayo recebeu a mór parte, q̄ tão bem lhe respondeo com outra salva mûy arreoada, andando sempre no convez fazendo laborar a artilharia. Das outras Naos tambem lhes responderão mûy bem: e assim se travou hũa

batalha mûy crespa, que durou desde pôr do Sol, em que começou, ate as oito da noite. E dali ate polamanhã gastarão os nossos em preparar suas cousas, por que determinarão de pelejar, e abordar as Naos por estarem ja com mais animo: e assi se fizeram a vela mûy ordenados, e os inimigos de en volta com elles pellas ilhargas: e oito dias continos foram desta maneira pelejando furiosamente, desviandosse os inimigos por sua ligeireza, de as nossas Naos os poderem abordar. Em todas as Naos ouve algum dano e feridos: e na de Francisco da Sylva de Menezes entrou hũ pilouro pella camara onde levava sua molher e filhas, e lhe matou hũa que era a mais velha, e duas escravas. Os inimigos não yão folgados, por que a artilharia das nossas Naos os destroçou por muitas partes, e lhe abriu buracos, q̄ lhe derão bem de trabalho. Determinarão de investir a Nao de Luis de Mendoça que lhe ficava mais a geito e vierão sobre ella: mas as nossas deixarão se vir caindo em favor, sobre as dos inimigos, em quem fizeram algum não pequeno dano, fustigandoos com a artilharia e arcabuzaria de maneira que os fizeram deter.

Neste tempo acontecêo hum defastre que foi tomar fogo a polvora que ya no convéz da capitaina

Pitaina dos inimigos, que fez grandes estragos queimando muitos, que foi causa de se retirarem quasi destrocados. Ioão Gomez Fayo quis avisar a Malaca d'aquelle negocio, e despedio hum soldado de recado chamado Antonio Lopez d'Almeida com hũa carta sua, e outra de Francisco da Sylva de Meneses pera o capitão em que lhe davão contra de como yão, e do que ate então era passado. A nossa frota deixou se ir seu caminho ate Cochim. O capitão de Malaca tanto que chegou o Antonio Lopez d'Almeida com estas cartas de quem soube o que era passado, despachou logo dous baloens mūy ligeiros a saber das Naos Olandezas em que paragem ficavão. Estes baloens forão ate Pulobotum sem achar nova delles: e por não poderem ir ate Nicubar, se tornarão sem novas delles. Com o q̄ despidio logo outra embarcação mayor pera ir a ilha Polvoreira, e ate Nicubar a saber delles: por que se lhe ficassem desta banda os ir buscar com tres Naos, que ainda estavão no porto bem negociadas. E despidio hũa embarcação pera a Sunda em que mandava aviso a Lourenço de Brito do que passava. A embarcação que o capitão mandou ate Nicubar, tão bem tornou sem nova alguma. Os inimigos se recolherão ao porto de Queda com muita gente

morta, e os mais tão feridos e desbaratados, q̄ gastarão muito tempo em se reformarem: e pella falta de gente, que lhe os nossos matarão, deixarão na quelle porto, a Nao de menos porte, e na outra, q̄ era a capitaina embarcarão o que tinhão, e sairão se com muita pressa, tanta, q̄ deixarão em terra alguns feridos. Por que os naturaes quizerão dár nelles por algũas sem rezoens de q̄ vlarão com elles, e forão se na volta de Bengalla, e pella paragem de Martavão na costa de Pegu se perdeu naquelle Macareo.

CAPITULO XVII.

Do que fez dom Luis da Gama no Malavar o resto do verão: e de como dom Diogo Coutinho capitão mór do Cabo Comorim, recolheo as Naos da China, e levou a Goa: e dos capitaens que o Conde despachou pera fora: e do que proveo sobre a feira de Cantão na China.



Eixamos a tras dõ Luis da Gama na costa do Malavar continuando na guerra contra o Camorim ate Abril, que se recolheo a Goa deixando providas as fortalezas do Canará. Tanto que esta armada chegou, vendo o Conde q̄ a costa do Canará, ficava desabrigada, e que

que aquelle era o tempo em que os Mouros do Cunchale se provião de mantimentos por navios ligeiros, quizlhe defender isto, por que era a mór guerra que lhe podia fazer. Pera o que despedio logo dom Alvaro de Menezes com dezoito navios e regimento que andasse por aquella costa ate vinte de Mayo: e partio de Goa a vinte e dous d'Abril. Com esta armada foi correndo aquella costa, e tomou nella húa Galeora de Malavares, e outros dous navios mais. De maneira que não se proverão os Mouros desta vez como costumavão, por que o q̄ governar o estãdo, não ha de poupar a fazenda d'El Rey, por q̄ nestas cousas he ella a melhor despendida, que em todas as mais. Por que se se gasta em húa armada do Malavar sessenta ou setenta mil pardaos pera somente lhe tomar os portos e defender os mantimentos, que rezão darão pera depois deixarem a costa (donde se elles depois provião á sua vontade) se guarda alguã. Por q̄ só por este respeito se fizeram aquellas fortalezas naquella costa pera nella ficarem navios da armada do Malavar guardando a ate entrar o inverno, e se recolherem a ellas. E assi ficão dous gastos baldados, o das armadas do Malavar, e o das ordinarias daquellas fortalezas. Et tudo isto acontece de quererem poupar o

que os Navios (que ali era rezão ficassem)avião de gastar. E fazem alguns tão pouco caso desta obrigação, como se não montará tanto como algũas vezes tenho dito.

Partido dom Alvaro de Menezes, logo o Conde despedio dom Fernando de Noronha por capitão mór de dez navios, por recear q̄ depois do inverno entrando se movesse algũa guerra cótra as fortalezas de Barcelor, Mangalor, e Cananor pera as segurar por não estarem providas como era rezão estivessem: dando ordem adom Fernãdo de Noronha pera deixar navios pellas fortalezas do Canará, e elle invernar em Cananor, pera dali sair entrada de Setembro a tomar as barras a Cunchale por se não prover de mantimentos. Por q̄ pretendia proseguir na guerra contra elle ate o destroir de todo, por ser colliro quasi da porta, e q̄ todos os annos fazia grandes roubos nos navios dos vassallos d'El Rey: e enxovalhava as nossas armadas, cousa que alem das perdas que dava, e reputação que tirava, enriquecia elle e se fazia cada anno mais poderoso com dano e afronta nossa. E pera estas cousas tão necessarias, nunca este Visorrey poupou a fazenda d'El Rey: por que sabia que com a despende assi, crecia ella e a dos vassallos. E assim todo o seu tempo mandou invernar estes

nestas fortalezas, navios e soldados que sayão cedo a defender os provimentos aos Mouros como se vera pello discurso desta historia. Antes disso despachou o Conde alguns capitaens pera fora, como forão: Ioão Pinto de Moraes no Galeão São Ioão pera ir fazer as viagens de Malaca com muitos provimentos e monçoens pera elle: e nelle foi embarcado Rui Gonçalvez de Siqueira, provido da capitania d'aquella fortaleza, por acabar seu tempo dom Iulião de Noronha que nella estava.

Neste mesmo tempo despachou tambem o Conde a dom Paulo de Portugal pera ir fazer tres viagens de Iapão, que comprou, húa aos herdeiros de seu pay dom Francisco de Portugal: e outra ao hospital de Goa, q' El Rey lhe mandou pera se renovar, e que precedesse a todas: e a terceira a São Ioão de Goa: seguiu-se húa a outra. Pera o que comprou húa fermosa Nao em que partio muy bem petrechado e provido do necessario. Nestas Naos passou o Conde Almirante húa provisão, a requerimento da cidade, em que mandava que o capitão mór da China e Iapão não impedisse por algũa via nem por si, nem por interpostas pessoas, nem os moradores da cidade de Macao, aos mercadores da India irem a Cantão fazer suas fa-

zendas livremente. E que o capitão mór não podesse por em conselho a ida de Cantão: por q' por respeito de seus interesses, e dos moradores d'aquella cidade tomavão nos ditos conselhos determinaçoes de que resultavão grandes danos aos rendimentos das alfandegas, pellas poucas fazendas que vinhão a ellas. Por q' se tinha entendido que pera vir a India húa Nao, ou Iunco diante, que commummente trazia fazendas de pouco porte, se abria preço á seda, e se compravão fazendas do Lanquim. O que era em grande perjuizo pera a feira do tarde, que se vai fazer a Cantão pera quem fica sempre a mór parte do cabedal da India. Pello que defendia que não ouvesse mais de húa feira da India pera onde se partirão os mercadores della em Setembro, pera que podessem empregar seus cabedais com menos opressão, e a preços mais moderados pera se tornarem cedo pera a India e chegarem em Março como sempre antigamente chegavão. E que á dita feira, chamada da India, não podesse ir nenhum morador da cidade de Macao: Por que como erão muy intereçados na viagem do Iapão, não yão a Cantão a mais que fazer seda pera levarem ou mandarem com o que a tiravão aos mercadores da India. Por este respeito avia dous
 annos

annos que tinha vindo a India muito pouca seda, por que a levavam a o Iapão, no que El Rey perdia muito em seus direitos: e com isso fazião a feira muito cara aos mercadores da India. E que os de Macao fossem áquella feira em Março pera fazerem as fazendas de Iapão, e que a ella não irião tambem Mercadores da India. Esta Nao de dó Paulo de Portugal partio na entrada de Mayo, e sendo tanto avante como Panane, lhe deu hum corisco no masto que lho quebrou: Pello que foi necessario fazer em Cochim algũa detença em se prover de outro.

Dom Fernando de Noronha, que deixamos partido de Goa pera invernar em Cananor, foi seguindo sua jornada, e na costa Canará encontrarão hum Parao de Malavares que foi fogindo e os nossos a pós elle: ate o fizeram varar em terra, donde o tirarão com todo o seu recheo. E assi encôtrou por aquelles rios muitas embarçaõens pequenas, que estavam carregando d'arroz, que logo largarão tudo, e se acolherão. E nas fortalezas de Barcelor, e Mangálor deixou dous navios de que erão capitaens Manoel d'Oliveira d'Azevedo, e Lopo d'Andrade de Gamboa, e elle passou a Cananor onde invernou com os mais navios.

Dom Diogo Coutinho capitão

mór do cabo Comorim, recolheo as Naos que dissemos de Malaca que pelejarão com os Olandezes, e as de Bengala, e navios da costa de Choromandel, e com húa grande Cafilla partio pera Goa, onde chegou com toda a salvameno ja depois de quinze de Mayo.

CAPITULO XVIII.

Das rezoens que o Samorim teve pera fazer guerra ao Cunhale: e das preparaçoens que pera isso fez. E das armadas que o Conde ordenou. E do que socedeo a dom Fernão de Noronha estado em Cananor. E das intelligencias que teve com o Samorim sobre o que queria fazer ao Cunhale. E da descripção da costa do Malavar de Cananor ate Cochim. E do sitio da fortaleza do Cunhale.



Era melhor entendimento da guerra, de que logo tratarei, contra o Cunhale, sera rezão dizer primeiro as occasioens que o Samorim teve pera se mover a lha fazerem pessoa, que forão estas. Ia El Rey seu tio, a quem o Samorim socedeo, estava tão escandalizado das cousas do Cunhale, que antes que morresse lhe disse que se queria reinar em paz, avia de fazer duas cousas. A primeira era ser sempre amigo

amigo dos Portuguezes: E a outra deſtroir o Cunhale: por q̄ por tempos lhe não vieſſe a tomar o reino, e a ſe fazer ſenhor de todo o Malavar. Isto reve elle guardado em ſeu peito ſem o cõmunicar a alguẽ, ſomente em hũas praticas que teve com o padre Antonino da companhia religioſo de muito exemplo, bom letrado e pregador que oje, que isto eſcrevemos, he prepoſito da caſa profeſſa bom Ieſu deſta cidade de Goa, que entãõ estava la, e q̄ mo contou a mim.

Socederãõ eſte anno eſtas duas couſas. Hũa cortar eſte tyranno o rabo, ou a orelha a hum Alifante em que El Rey coſtumava a cavalgar, que foi tamanha afronta como ſe o fizera ao meſmo Rey. A outra foi cortarem huns Mouros o membro genital a hũ Naire, e meteremlho na boca, que he a mór abominaçãõ que ſe podia fazer a eſta caſta: de que todos ſe queixarãõ ao Samorim. E ajuntouſe mais a isto aver annos que lhe não pagava os quintos das preſas que ſuas armadas faziãõ, e com iſſo pór lhe penſoens novas aos Gentios ſeus vaſfallos a hum tanto por cabeça. E ſobre tudo ter tomado tamanho brio, que ſe intitulava Rey dos Mouros do Malavar, e ſenhor de todo o már da Índia: o que trazia o Samorim em tantos cuidados, que em hũas praticas que teve

com o padre Antonino, lhe deu conta deſta ſua tençãõ. Mas diſſelhe que não ſe atrevia a tomar a fortaleza a aquelle Mouro por eſtar poderoſo. Ao que lhe o padre reſpondeo dizendolhe: Que como dizia aquillo, que quem tomou a fortaleza de Chale aos Portuguezes, mais facil lhe era tomar aquella d'aquelle tyranno. A isto reſpõdeo o Samorim: meu tio não lha tomou, tomoulha a fome. E aſſi lhe diſſe mais, que determinava de mandar chamar o Cunhale, e Cutimuça e como os tiveſſe em caſa mandar lhes cortar as cabeffas, e que com iſſo eſcuzava a guerra. Pedindo ao padre q̄ lhe deſſe ſobre aquillo ſeu parecer. O padre como o negocio era couſa de morte, não lhe reſpondeo: Ao que o Samorim acodio dizendo, que ja ſabia o por que ſe calava: e entãõ lhe perguntou ſe podia matar os Laddroens? e dizendolhe o padre q̄ ſi: tornou elle que por iſſo queria matar aquelles por q̄ o crãõ. E mandando dai a hum dia ou dous chamallos, não quiſerãõ ir, couſa que nunca fizerãõ: por que ſempre forãõ a ſeu chamado; Com o que o Samorim ſe determinou a lhe fazer guerra. E logo fez ajuntamento de ſuas gentes, e preparou as couſas neceſſarias pera ella.

Eſtas novas chegarãõ a Cananor, e conſultandoas dom Fer-

I nando

nando de Meneses capitão d'aquella fortaleza, e dom Fernando de Noronha, e vendo o tempo disposto pera o que desejava tratarão por cartas com o Samorim, e com os seus regedores sobre aquelle negocio offerecendo por parte do Visorrey toda a ajuda e favor por már que lhe fosse necessario pera deitroir aquelle tyranno. E avisarão logo ao Conde do estado em que aquellas cousas estavam: e mandarão prometer ao Samorim q se lhe confirmarião as pazes que estavam feitas com dom Alvaro d'Abranches: Indo sempre o dom Fernando de Noronha sustentando o Samorim com esperanças e promessas. O Conde andou todo o inverno occupado em reformar as armadas, por que determinava de as deitar muito cedo fora: e visitou muitas vezes as ribeiras dos navios, casa da polvora, e almazens. Por que sobre tudo trouxe sempre grande vigilancia: e festejou os dias de são João e Santiago, como he costume, vestido á Mourisca com carreiras, e regosijos, coulas que alegrão muito aos homẽs e os exercita. E como foi tempo, nomeou seu irmão dom Luis da Gama por capitão mór do mar da India pera ir ao Malavar: e escreveu a Baçaim q se armassem seis Sanguiceis muito ligeiros pella ordem q desse Sebastião Botelho, que era

muito experimentado naquelle mister: e q fuisse por capitão mór dellas em Serembro, o q elle fez muito bem feito: por que tudo vio com o olho como soldado velho e experimentado, e q tinha sido muitas vezes capitão mór dos navios. Isto mandou o Cõde Almirante ordenar por entender que as armadas grandes não servião de mais que de darem guarda as cafilas: e que estes navios assi soltos, erão os que podião tomar Paraos e navios de cossãiros, que ja com medo de nossas armadas, fazião outros navios pequenos, que erão os que roubavão toda aquella costa, por que fogião a nossas armadas, e chegavão aos navios de mercatores cada vez que querião: e como Ginetes ligeiros entravão e sayão quando querião: e contra elles mandou armar estes que dissemos, que os fizerão afugentar, como a diante veremos.

E por que desejava de dar fim á empreza de Cunhale, e lhe derão as cartas de Cananor do estado em que as cousas estavam, e de como o Samorim se preparava pera o cercar, negociou com muita pressa algũs navios pera mandar a dom Fernando de Noronha pera que com os outros q la tinha se pozesse na barra de Cunhale, ate chegar o capitão mór do Malavar. E pera isto começou em Agosto a pagar gente,

te, e deitar navios ao már pera como o tempo desse lugar, os despedir com muita ordem e presteza. E por q̄ desejava de concluir o negocio de Cunhale ja que tinha o Samorim tão disposto pera isso, por ser a mais importante jornada que então avia na India. E como as barras estiverão pera se poderem cometer em Agosto despedio doze navios: de que foi por capitão mór e cabeça delles Manoel de Barbuda. E dos mais forão capitaens dom Antonio Manoel, que neste verão em que escrevemos isto, acabou de servir a capitania de Damão, dom Alvaro da Costa, Gaspar de Mello, Vasco Gomez de Mello, Antonio Botelho, João de Seixas, Diogo Ortis de Tavora, e hum navio pera Belchior Ferreira de Cananor, e seis Piriches mais de Malavares. E quando estes navios chegarão, ja dom Fernando de Noronha tinha saído de Cananor em cinco de Setembro com os navios que ali tinha, com que se passou à costa Canará, onde recolheo os que forão em Mangalor, e Barcelor, e ali se ajuntarão todos com que se fizerão dezoito navios, com q̄ dom Fernando de Noronha andou correndo aquella costa, por q̄ os Mouros se não proveessem nella de mantimentos: e dali voltou pera Cunhale por ter recado do Samorim pera começar a dar principio a sua

empreza, deixando sobre a barra do Canharoto cinco navios pera impedirem a algũs Paraos q̄ não fuisseem que estavão dentro. Chegado á barra de Cunhale, pôs por derredor muita vigia por q̄ lhe não entrasse cousa algũa: e mandou dous capitaens Malavares bons cavaleiros pera irem assistir com o Ariole que ficava da outra parte do rio fronteiro a fortaleza que estava da parte do Samorim por ser seu vassallo, pera dali fazerem toda a guerra q̄ podessem. Tanto que o Samorim vio dom Fernando de Noronha na barra, logo assentou seu exercito da parte de Leste, e da do Sul: pera assi ter o tyrão melhor cercado, e mais encurralado. E pera que se entenda melhor este negocio, farei hũa breve descripção de todos os rios de Cananor ate Cochim, que he a verdadeira costa do Malavar pera se saber a parte em que este tyranno tinha a sua fortaleza: e mostraremos o sitio e forma de suas fortificaçoens.

De Cananor ao ilheo de Tremapatão ha duas legoas, tem ali hũ rio muy bom; delle ao rio do Sal, ha meia legoa, legoa e meia a baixo o rio de Maim: a diante hũa legoa, a povoação de Chomamba, que tem defronte hũas pedras: day a meia legoa a povoação de Motangue, e outro tanto ao rio de Pude Patão: em espaço

de mea legoa que he onde o Cunhlae tem sua fortaleza, sobre quem deixamos dom Fernando de Noronha com sua armada. E na barra tem este rio hum ilheo: e entre a povoação de Motangue e Pudepatão em espaço de mea legoa ficão estas duas povoações Coriare, e Baregare. A diante do rio de Cunhale duas legoas esta a villa de Tiracole desta costa e dos mais soberbos Mouros della. Outras duas legoas a diante vai a villa Coulete, ou Couleche: e hũa legoa avante o rio Capocate: e a diante outra legoa a povoação de Pudiangare. Nestes portos, rios, e povoaçoens se armão todos os Paraos que saem a roubar, e em todos avera oje perto de setenta pouco mais ou menos, que se repartem pera diferentes partes á sua pilhagem, armados todos por diferentes armadores. E das prezas q̄ todos fazem, tem o Samorim hũa boa cantidade sem elle meter cabedal algum: E posto que estejão de paz com nosco, não deixão estes cossairos de sair fora, e de o consintir o Samorim pello proveito que disso tem, sobre se ter obrigado em todas as pazes q̄ tem feito com o estado, a não sairem de seus portos cossairos, e de cortar os esporoens aos navios, e fazellos de carga. E os Visorreys quando lhe concedem estas pazes, bem entendem que

as não ão de comprir neste particular, mas dissimulão por respeito que tem pera isso, que eu não sei quais sejão: por que com isso não poupão cousa algũa ao estado, pois forçado por rezão delle se ha de mandar a aquella costa, todos os annos armadas em q̄ se gastão mais de sessenta mil pardaos: e arriscão os vassallos, por q̄ á conta das pazes navegão, e os tomão, cativão, ou roubão.

E certo que neste passo me lembrou perguntarme a mim qual he a causa por que os Visorreys não tomão destes sessenta ou setenta mil pardaos que gastão todos os annos, vinte mil e os repartem pellos Arioles, e Naires destes rios pera lhe queimarem todos os Paraos q̄ nelles ouver: o que se fara com muita facilidade, e sem se saber. E ainda digo mais, que os mesmos Samorins os mandarão queimar dandolhe este dinheiro: por que cuido que nem ametade desta contia lhe cabe do quinhão das prezas. E segundo elles são miseraveis e cobiçosos, e intereceiros cuido que com isto folgarão mais. E assi sem risco dos vassallos, que he bem que se estimem e lhe poupem as vidas, e sem tantas perdas e despezas farão a todo o Malavar dentro em sua casa a mór guerra do mundo. Só por imitarem o muito prudente Rey

Rey, que está em gloria: que tudo o que podia fazer e acabar com dinheiro, não perdoava a gastos e despezas. Porque entendia bem que o officio de bom capitão, era trabalhar mais por vencer com estratagemas e arrefícios, que com armas: por que quando os inimigos se temem d'isto, andão mais precatados, e tímidos.

E tornando ao nosso fio e ordem do que diziamos de Pudiangare a Calecut ha hũa legoa: e duas dali ao rio de Chale: e outras tantas á cidade de Paranor: e as mesmas á de Tanor: e outras duas á de Paranora: e da hi a hũa legoa esta o famoso rio de Panane, o mayor d'aquella costa: e delle á barra de Paliporto nove legoas; e coatro ao rio de Cranganor, e delle a Cochim cinco. Eys aqui toda a costa Malavar de Cananor ate Cochim. Agora tornemos ao rio PudePatão onde Cunhale tem sua fortaleza, e mostraremos o sitio e forma della. Pera o que se ha de saber que o sitio em que está he hũa península coadrada de tiro de falcão de comprido, e outro tanto de largo; entrando polla boca da barra, logo volta pera o Sul hum esteiro que deixa hũa lingoa d'areia sobre a barra, que corre de longo hum tiro de falcão; ate o meyo podem entrar fustas, e day por diante só almadias. O rio

principal vai sobindo quasi ao Nordeste outro tiro de falcão, e faz volta ao Sul e deixa feita aquella península que disse; por que só se pega coa terra pella parte do Sul; e nesta volta que faz o rio, está a fortaleza principal com que logo continuaremos. Aquella parte da terra que não deixa fazer aquelle sitio ilha, fechou o Cunhale com hũa grossa parede desdo esteiro de baixo, ate o rio grande. E ainda fez outra tranqureira por fora de madeira muito grossa e forte com suas guaritas e reveses hũa e outra. O rio grande he de largura de tiro d'espingarda: por que d'hũa parte e d'outra se ouve muito bem tudo: e qua em baixo perto da fortaleza se aparta em dous ramos, deixando no meyo aquella ilheta q̄ chamão do Chinalle, que era hum Mouro de que logo daremos rezão. Era esta ilheta de mea legoa em roda, e logo se torna a ajuntar o rio, e se aparta delle hum braço que vai ate Calecut e Chale que são nove legoas: e ate tres legoas poderão navegar Catures, e dali por diante Almadias. A fortaleza he coadrada, e cada coadra he de cincoenta passos: e em cada hũa tem hũ baluarte a madeirados de traves grossas; e debaixo delles casas pera almazens. As paredes da fortaleza são de coatro passos de largura: em meyo da fortaleza está hũa casa

casa forte, q̄ serve de Masmorra em q̄ metem os Portugueses cativos. E por nossos peccados está poucas vezes vazia. Tem esta fortaleza mais dous cavaleiros que respondem de revés hum ao outro, que descobrem todo o sitio e povoação q̄ fica dentro das tranqueiras. Os muros tinham seus parapeitos, Lombardeiras e Ceteiras com muita e boa artelheria, e não tinha mais de húa só porta de tras de hum revés d'hu dos balvartes. A tranqueira de pedra que fecha este sitio, tinha no cabo sobre a barra hum fermoso baluarte com muita artelheria, q̄ defendia a entrada com húa guarita pera a parte de Norte. Por todas estas fortificaçoens tinha o Cunhale repartidos mil e quinhentos Mouros escolhidos, a fora quinhentos de serviço. E na fortaleza tinha comsigo duzentos dos principais e de mór confiança. No baluarte de sobre a barra estava por capitão Cutimurça casado com húa tia do Cunhale, que foi o que tomou a Galé de dom Fernando Lobo de frente de Coulão. No baluarte da tranqueira de pedra estava Calvaca valente Mouro. Na tranqueira de madeira estava Canatale sobrinho do outro que foi grande coffairo. Nas Guaritas estavam repartidos estes capitães, Cunhimai, Nonomai, Cutimai, Cutimurça marca, Bacca

Mamede, Bacla Cutiali seu irmão, Canatale, Cana Acam, Tampocare, e outros. Todos estes, armadores de navios de seis, sete, e oito cada hum, que estavam muy ricos de prezas. E o Cunhale mais rico que todos, e tão soberbo, que tinha concebido em seu pensamento fazerse Rey de todo o Malavar. E quando elle estava mais alevantado da fortuna, e cheo de vitorias contra nos, desandou ella sua roda e deu com elle no pilourinho de Goa onde lhe cortarão a cabeça como em seu lugar diremos.

CAPITULO XIX.

De como o Bispo da China dom Luis de Sirqueira da Companhia de Iesu, e o padre de Alexandre de Valignano forão a Iapão. E de como aquelle Emperador faleceo. E do que lhe socedeo por sua morte.



O fim da onzena Decada no capitulo do livro deixamos partida pera a China a Nao da viagem de Iapão de que era capitão mór Nuno de Mendoça, onde forão embarcados o Bispo dó Luis de Sirqueira religioso da Companhia de Iesu. Foi eleito pera a India pera Bispo do Iapão pera por morte do Bispo dó Pero Martins, tambem

tambem da Companhia, lhe soceder no Bispoado: Por que como aquella cristandade era a inda nova e muito tenra, arriscavasse muito se ficara alguns annos sem Bispo. E por isso el Rey de Portugal, proveo nesta forma por ser em extremo zeloso do augmento da santissima fé catolica. Ya tambem embarcado o padre Alexandre de Valignano, Visitador da Companhia, que ja o fora da Índia, e agora levava o mesmo cargo pera a ilha de Iapão. E fazendo sua viagem, tomarão Malaca e dali passarão á China onde se detiverão esperando pela monção pera a Ilha de Iapão, que he em Junho depois de são loão, donde partirão ja em noventa e oito, e chegarão entrada de Agosto: e os padres da Companhia começarão a exercitar seu officio, e correr com suas obrigaçoens no ministerio da conversão das almas.

Estava neste tempo muito mal o Taicozama Emperador de todas aquellas ilhas, e quasi no cabo: e sobre aquella herança avia entre os senhores Iapoens grandes pretençaens, e desavenças. Por que pollas idolatrias e peccados d'aquella ilha, nunca de quinhentos annos a esta parte socedeo filho a pay, nem neto a avó, nem ainda alguma quem por linha direita socedesse naquella herança. Por que o derra-

deiro Emperador em que aquella socessão se acabou, foi reteudo: e foi prezo por hum Governador seu que se lhe alevantou com o Imperio, deixando o na cidade de Meaco em huns paços muito ricos onde assi elle, como todos os que lhe socederão por linha direita estiverão ate oje como estatuas sem eleição de querer, nem com mando algum, somente tinhão autoridade pera cõfirmar os reinos aos tyrannos, e a todos os mais d'aquella ilha. E com viverem assi privados de seu imperio, erão muito ricos por pensoens q̄ lhe davão. E na autoridade, seruiço, e riqueza, erão outros Emperadores. E estes seus herdeiros que assi lhe socedião por linha direita, não perderão nunca o titulo de Daires, ou Voo, que he o mesmo q̄ de Emperador: e o que os tyrannos tomarão de Taicozama, he mais humilde por encobrirem sua tyrannia, que tanto quer dizer como do Imperio.

Pello alevantamento do primeiro tyranno, que desapossou o derradeiro Daire, se dividio aquelle imperio em sessenta e seis reinos distintos que são os seguintes.

Faremos primeiro húa descripção destas ilhas por esta maneira. Tomada esta terra a vulto, affirmão que tem coatro centas legoas de comprido, mas o que he,

he na realidade, não passa de duzentas, quanto a propria ilha de Iapão. Nace isto de ser esta grande terra repartida em muitas ilhas juntas que fazem parecer hum grande continente. As maiores e mais principaes ilhas, são tres. A primeira se chama Chimo, e por outro nome Xaicocu, que tem estes nove reinos. Sc. Figen, Bungo, Funga, Bonzumi, Cucuma, Fingo, Chicugen, Chicungo, Vnigen.

A segunda ilha se chama Xicocu, q̄ quer dizer coatro reinos por outros tantos que tem, que são estes. Tofa, Aba, Sanoqui, e Lijo.

A terceira, e mais principal, he a q̄ propriamente chamamos Iapão, que tem em si estes corenta e sete reinos. Sc. Nangato, Inami, Sura, Iuxomim, Aqui, Fiqui, Bingo, Ineba, Bichum, Mima, Zaca, Farima, Tanquima, Viger, Tambá, Tango, Bacasa, Xama, Xiro, Xamalo, Inzuno, Quij, Liquigem, Bomi, Inga, Xima, Ixe, Mino, Canga, Noto, Ietehic, Fitachi, Ximano, Boari, Micava, Cai, Ienchingo, Devá, Lencuque, Toutomi, Furaga, Ixu, Meaxi, Ximonu, Xicque, Sangami, Ximoneza, Finde aqui, Bonju, Bandou. A esta ilha principal se ajuntão outras seis, que são estas. Sado, Voqui, Couxima, Iqua, Abanguj, Iniunoxima. Que são outros seis reinos. Estes

são os sessenta e seis reinos do Iapão. E entre corenta e sete da ilha principal, ha cinco que se chamão Tecão por hum nome, só, e quem for senhor delles, he Emperador de toda a ilha,

Ia que temos visto a grandeza deste Imperio, tornemos a continuar com discurso que levavamos da doença do Taicozama. Este vendosse no cabo, andou discursando como poria na cadeira d'aquella Monarchia, hum filho que tinha de idade de cinco annos: por que ainda que era tyranno, e tinha tomado o estado alheo, não deixava de ver e entender que o que elle fez ao filho alheo, lhe podião outros fazer ao seu. E vendo que não tinha outro remedio se não fiarse d'alguem, quilo fazer antes do Rey de Bandou chamado, yaya su, por ser muito valeroso, de quem se receava mais que de todos os outros Reys, que por sua morte lançasse mão d'aquella Monarchia: e quilo levar por termos de muita confiança que d'elle fazia com lhe entregar seu filho. Por que pola ventura q̄ com isso o quietaria, e sustentaria seu filho minino naquelle estado. Chegado este Rey a elle, tendo comsigo muitos dos seus grandes, lhe fez esta breve falla.

Bem sei que não posso escapar desta infirmitade, por que vejo em mim sinais de ser chegado o meu

meu termo : não sinto morrer, por que sei muy bem quão certa a morte he a todos. Só sinto deixar meu filho de tão pouca idade, que não he capás de lhe entregar este reino. E ja que assi he, correndo pella memoria a quem com mais confiança podia entregar este minino, e esta coroa que tivesse valor e posse pera o sustentar nella, e defender de seus inimigos: e que como chegar a idade de poder governar, lho entregue, em todo este imperio não achei outro, se não vos que tenha pera isto as partes que quero. Pello que com muita segurança vos entrego este filho, e todo este imperio. E pera que esta confiança que de vós tenho, se acabe de mostrar a todos, vós rogo que cazeis este minino com vossa neta : pera que assi sendo vós avó de sua molher, sejais tambem pay deste meu filho. E mandando vir o minino lho entregou e lho pós nos braços, onde elle o agasalhou com mostras de muito amor e cortezia : e com isso respondeo a Taicozama estas palavras.

Eu senhor, quando morreo o Emperador Nabunango não possuia mais que o reino de Micava, e como vos senhor socedestes nesta Monarchia, com vossa ajuda, merces, e favores conquistei outros tres reinos. E depois pera me honrardes mais, e alc-

vantardes, me déstes oito reinos, em o de Bandou a troco dos quatro que possuia. Pello que eu e toda a minha geração estamos obrigados a servirmos e amarmos ao principe vosso filho, e a todos os seus descendentes com risco das fazendas, vidas, e estados. E sem vós senhor mostrardes tanta confiança de mim, tinha eu obrigação e estava muy apostado a pôr todas minhas forças e industria pera que o principe vosso filho ficasse seguro em seu imperio. Mas agora que sobre tantas honras e merces como são todas as que me tendes feito, me fazeis esta de novo, que passa por todas as outras, de me entregardes vossos reinos, e vosso filho por genro, fico tão cativo de vossa alteza, e prezo com tão fortes cadeas de amor, que determino de fazer todo o possivel pera cumprir tudo o que me deixais encomendado.

Acabado isto, mandou trazer sua neta, que era de dous annos, e ali os desposarão logo coas cerimoniaes do Iapão, com muito gosto e aplauso de todos: e o Taicozama deu juramento ao Rey do Bandou de governar seus reinos em paz e justiça ate seu filho ser de idade pera lhos entregar. E o mesmo fez a todos os grandes que estavam presentes de serem fieis a seu filho, e procurarem conservalo em sua Monarchia.

chia. Acabado aquelle auto, logo ali mandou trazer grande somma de joyas e riquezas, e as repartio por todos: pera com isso os obrigar mais.

E por que naquelles reinos de Tencanão avia mais de coatro Governadores, acrescentoulhe mais hũ chamado Asonodario, e este como presidente dos outros: e que estes todos ficassem subditos d'El Rey tutor de seu filho: e lhe obedecessem como a sua propria pessoa se fora vivo. E pera q̃ estes cinco ficassem mais unidos, e conformes fez casar os filhos de huns com as filhas dos outros.

Avia muitos annos q̃ este barbaço Taicozama andava com imaginação de se fazer adorar por Deos, pera o que tinha na sua fortaleza de Fuximi (que era couza muito notavel) ordenado hum certo lugar de grande recreação pera nelle alevantar, e pôr sobre altar sua estatua. E por que este peccado, de quererem os homens vsurpar e tomar pera si o que a só Deos he dividido, he o q̃ elle mais castiga que todos, o quis fazer a este tyranno logo, tanto que entrou naquella imaginação, e mostrarlhe grandes sinais de sua justa indignação, pera ver se com elles entrava em si, e se apartava de seu mau proposito. E assi a vinte e dous de Julho de noventa e seis andando elle occupado no

lugar em que queria depositar sua estatua, appareceo sobre a cidade de Meaco hum grande Cometa que durou alguns dias: e logo dahi a poucos choveo grande quantidade de Cinza, e na cidade de Osaca tambẽ choveo Arca. E depois disto na entrada de Dezembro seguinte forão tantos, e tão grandes os terremotos e tremores da terra na mór parte do Japão, que cayo pello chão toda a fortaleza e paços de Fuximi onde aquelle tyranno queria pôr sua estatua, que elle tinha fabricados com excessivas despezas, e o tyranno escapou com o filhinho de tres annos nos braços: e na terra de Frenoxa cairão grande quantidade de templos dos seus idolos, onde morreo muita gente. E em outro muy grande templo de Meaco se fizerão todos os idolos que avia, em pedaços. Os mesmos danos acontecerão nas cidades de Osaca, e Sacai: e dellas pera Meaco ficarão tão grandes aberturas na terra, q̃ os tremores della abrirão, que se não podia passar pera aquella cidade sem grandes rodeos.

Alem destes males da terra, fez o már outros mayores, que foi sair de seu curso com duas correntes caudalossissimas. Húa que foi caminho da cidade Meaco alagando e destruindo todos os lugares, e villas inteiras que avia, em que pereceo grande numero de

de gente. E outra que foi pera o Ximo e reino de Bungo, q̄ tambem assolou muitos povos inteiros: por que entrou vinte legoas pella terra dentro, coufa nunca vista né ouvida no mundo depois do diluvio geral. E toda esta inundação procedeo d'hum estreito que faz o már entre duas ilhas de fronte do portó de Ximonoxeque. E foi este diluvio tamanho, que depois de passados alguns dias, ficou neste reino do Ximonoxeque sobre o mais alto monte d'elle perto de vinte braças de agoa: e assi morreo naquella parte tanto numero de gente, que se não pode estimar, sem este barbaro se mover, nem tirar de seu mau proposito. E tanto foi perseverando nelle, q̄ tornou logo a reedificar a cidade de Fuximi com mores gastos e despezas, e o lugar em que avia de alevantar sua estatua, ornou o com mais riquezas. E aos dezasseis de Setembro faleceo este tyranno e seu corpo foi metido em hũa caixa mūy rica e bem guardada, pollo elle assi mandar, sendo costume dos Iapoens quemarense, foi levado com grande magestade ao lugar que elle tinha ordenado, e logo lhe alevantarão a sua estatua que tinha feita com hum letreiro que dizia, Xinfraquiman, que quer dizer Deos das guerras, como aquella antiga gentildade tinha alevan-

tado outra a Deos Marte. E este lugar em que foi depositado, era hum jardim de grandes recreações e frescuras: e sua alma foi parar antre grandes suspiros, tormentos, e fogo eterno que durara em quanto Deos durar, que se-
ra pera sempre, q̄ he o que só se ha de adorar. Com sua morte tomou o Rey de Bandou titor do filho do Taicozama, posse do Imperio sem contradição algũa, por q̄ nenhum dos outros Reys quis contender cõ elle, por ser de grande valor. Mas tambem vsou o mesmo que o Taicozama, que tem oje este principe, com ser seu genro como estatua: e pretende pór naquella cadeira hum filho q̄ tem: mas não faltara quem lhe faça outro tanto por sua morte.

Com estas cousas tornarão os padres da companhia a resfolegar e tomar alento, e aquella grãde cristandade a ir por diante, e reedificarense templos e seminario: e tanto foi Deos nosso Senhor comprindo os bons intentos destes obreiros Evangelicos, que os mais dos Reys lhe offerecerão lugares pera igrejas, chamandoos cada hum pera si: por que folgavão de communicar com homens de tanta virtude e exemplo. E isto lhes socedeo sempre depois de estarem nestas ilhas, que com andarem muitos e sós, e apartados no ministerio da converção das almas antre mo-

ças muito fermosas, que as ha na quellas ilhas, tanto como as da Europa, ate oje, por misericordia de Deos, se não achou padre nem de missa nem leigo com-

prendido em hum mau exemplo nem escandalo. E assi por sua limpeza fertilisarão seus campos e suas sementeiras como o grão do santo Evangelho.

DECADA DOZE

DA HISTORIA DA INDIA.

LIVRO SEGUNDO.

CAPITULO I.

De Como este anno de noventa e oito não partirão Naos do reino. E do forte que o Conde Almirante ordenou sobre a barra de Goa. E do que proveo sobre o governo do reino de Ormuz.

DEPOIS q̄ o Conde Almirante despidio os navios pera dom Fernando de Noronha, ficou esperando pellas Naos do reino pera saber novas do que la ya, q̄ não partirão este anno por estar a barra de Lisboa impedida com hũa armada de Inglaterra, que esteve sobre ella todo o mês de Março. E vendo o Conde Almirante que lhe tardavão ate todo Setembro, parecendolhe q̄ podrião ir tomar Cochim: começou a entender nas cousas q̄ avia de mandar pera fora. E a primeira

foi despidir o Galeão dos provimentos pera Ceilão: e nelle dom Pedro Manoel, irmão do Conde da Atalaya, primo com irmão do mesmo Conde, pera capitão de Columbo, por acabar seu tempo Thome de Souza d'Arronches q̄ nelle estava, q̄ partio na entrada de Outubro. E por que entre as instruçoens que El Rey mandou a este estado o anno passado, achou hum capitolo de hũa que dizia assi. E por que sou informado que sera de muito effeito pera guarda da barra dessa cidade, principálmente pera os navios de remo, que por ella intentassem entrar, fazerse outra fortaleza na ponta do palmar de Gaspar Dias, que está fronteira á de Bardes: vos encomendo que ouvindo sobre isto o Engenheiro que ficou em lugar do que pera qua se embarcou nas Naos passadas, e as mais pessoas que nessa materia possão dar voto, deis ordem.

dem com que se faça. E como o Conde desejava de cumprir todos os regimentos e instruções d'El Rey, em que consiste o bom governo deste estado, ajuntou a conselho os fidalgos velhos, e as pessoas que mais lhe parecerão, e propôs aquelle negocio e mandou ler a instrução.

E examinadas entre todos as rezoens que avia pera se aver de fazer aquella fortaleza, nao só pera contra os navios pequenos, mas ainda pera contra Naos Olandezas, e quaisquer outras que qua passassem. Assentouse que era muy necessaria: por q̄ como a entrada desta barra de Goa tem dous canais, hum mais pequeno capaz só de Fustas, que passa ao longo da ponta de Bardes onde esta fundado o mosteiro dos Reys Magos da ordem do padre São Francisco, pera cuja defenção o Visorrey dom Afonso de Noronha mandou fazer aquella fortaleza, que ja dissemos. E ao pé della, que esta em hum alto, fundou o Governador Manoel de Souza Coutinho húa Couraça ao longo d'agoa que pega na fortaleza com boa artelharia, que o Conde Almirante Visorrey acabou com mandar fazer casas pera gafalhado do capitão, que não tinha e não ficar acabada, q̄ defende bem a entrada da barra, em especial o canal pequeno. E por ficar de frente da ponta do palmar

de Gaspar dias, com o forte que o Conde Almirante ali fundou se assegurava o canal mayor, e pella mesma rezão ambas as entradas q̄ ha da barra pera o rio de Goa. E por este canal mayor entrão as nossas Naos do reino descarregadas e a banda, por ser capaz de entrarem por elle Naos de grande porte. Aqui onde agora está o forte q̄ o Conde mandou fazer, pós o Visorrey dó Luis de Taide a primeira vez que o foi, hum Alcaide das facas pera buscar todas as embarcações que ali surgissem assi á ida, como á vinda, que não aproveitou mais que ao homem q̄ ali pós. E esta entrada por esta parte não podia defender a artelharia da fortaleza e Couraça de Bardes, por ser a largura do rio de mais de tiro de Camelete, era necessario aver ali algũa defenção: por que a India nunca se temeo se não de Galés de Rumez, q̄ nunca se imaginou q̄ podessem armadas de imigos da Europa passara estas partes, como despois vimos, cõtra quem foi remedio muito principal esta fortaleza q̄ o Conde a qui principiou. Por que segundo os Olandezes, que depois vierão a esta barra muitas vezes, se mostrarão atrevidos, por sem duvida tenho que se determinassem cometer a entrada por este canal, se não virão âquellas duas fortalezas. Por q̄ as cousas da India forão sempre
mais

mais enchaminhadas por Deos, que pellos homens.

Em fim tomando o parecer e feito o assento d'elle, foi o Conde Almirante ver aquelle sitio com os Vereadores, levando com si Iulio Simoens Engenheiro, que ficou em lugar de Ioão Baptista Milanés, que El Rey mandou cá ver e reformar todas as fortalezas. E notado bem o sitio, fez o engenheiro a traça conforme a elle, e ficou a obra á conta dos Vereadores pera se fazer do dinheiro do hum por cento que os moradores de Goa tinham applicado nos direitos de suas fazendas pera a obra das fortificaçoens de Goa. E cuida que este dinheiro de hum por cento rende cada anno mais de vinte mil pardaos. E á obra deu o Conde logo principio, e depois foi correndo com tanto vagar como vão todas as mais coulas da India: por que não ha Governador nem Visorrey que queira proseguir obra que outro comece por boa que seja. E ainda neste inverno de seiscentos e onze em q̄ escrevo isto, estava pouco mais de brassa craveira d'altura. Pois na guarda e provimentos desta fortaleza, e das mais da outra banda, & de todas as da India, não convem tratar dos grandes descuidos dos Visorreys e Governadores, por que he bem se não saibao., E passando daqui, vamos

ás coufas de Ormuz em que o Conde prôveo.

Dom Antonio de Lima que como a tras dissemos, foi entrar na Capitania de Ormuz, achou as coufas d'aquelle reino mūy arruinadas e arriscadas a se perderem todas as fortalezas q̄ aquelle Rey tinha, assi da banda da Persia, como da Arabia em grande perjuizo do estado da India. A rezão era, por que aquelle Rey q̄ era Ferugoxa estava ja na idade decrepita, e determinava largar o governo ao filho Segundo chamado Mamedexa, que era filho de hũa irmiã do Guazil, e tiralo ao filho mais velho chamado Feruxá, que era mais pera isso. E este negocio favorecia o Guazil por ser o outro seu Sobrinho: sobre isto avia em Ormuz grandes revoltas.

Disto tinha dom Antonio de Lima avisado o Visorrey em Abril passado, que vendo agora que se vinha chegando a monção pera aquella fortaleza, pós aquelle negocio em conselho de capitães velhos. E debatidos os inconvenientes, assentouse que o capitão de Ormuz obrigasse aquelle Rey a ter suas fortalezas mūy bem providas e guardadas, ate sobre isso lhe socrestar sua fazenda pera della se proverem, e correr com elle com todas as execuçoens necessarias: mas que não fosse privado do reino em quanto

quanto não ouvesse mais causa pera isso. E que o Visorrey o persuadisse por cartas que deixasse governar seu filho mais velho por elle: e que trabalhasse pollo tafar com hũa filha do Guazil: por que assi se comporião as coufas melhor. Mas que ou se effeituasse este casamento ou não, se toda via El Rey quizesse que seu filho mais velho governasse por elle, pois tinha mais partes necessarias pera isso, que o fizesse: e q̃ o capitão o metesse de posse do reino, mostrando primeiro estromento publico de renúnciação que seu pay fazia nelle. Assentado isto desta maneira, passou o Conde suas provisoens ao capitão, e o tresslado do assento do conselho, pera que o effeituasse: e escreveu a El Rey, e ao Guazil sobre aquelle negocio.

CAPITULO II.

Das armadas que o Conde Almirante despachou pera fora. E do que Succedeo a dom Fernando de Neronha na barra de Cunhale, e a Sebastião Botelho, capitão dos Sanguiceis, na costa do Norte. E de como dom Alvaro d'Abranches foi entrar nas fortalezas de Sofalla e Mossambique.



A deimos conta de como o Conde Almirante mandou ao Norte fazer seis Sanguiceis pera contra os navios ligeiros dos Malavares, e encomendou esta obra a Sebastião Botelho, que os foi fazer a Taná os milhores que se virão daquelle toque na India, que em Setembro pós no mar, e pagou soldados muy conhecidos, e marinheiros escolhidos entre muitos e a dez de Setembro sayo de Taná muy bem negoceado e petrechado de tudo, por que tudo vio com o olho, e só de si o fiou. Os capitaens que o acompanharão forão dom Rodrigo Pereira, filho de dom Manoel Pereira, dom Manoel Mascarenhas filho natural de dom Gilianes Mascarenhas, a que chamavão o langará, Antonio Barbosa, dom Luis de Meneses, e Gaspar Pacheco de Misquita: e todos juntos, e com grande desejo de acharem cofairos, forão muy conformes: E delles trataremos depois, e continuaremos coa armada de dom Luis da Gama, a q̃ o Conde deu a mór pressa que pode, e em Dezembro á fez á vela, a melhor provida de fidalgos, capitaens, e soldados q̃ se vio ha muitos annos.

Foi a armada de tres Galés de que erão capitaens a fora elle,
dom

dom Francisco Pereira, irmão de dom João Pereira Conde da Feira, e dom Vasco da Gama. As Fustas erão perto de vinte, cujos capitães erão dom Manoel de Noronha, filho de dom Thomas de Noronha, dom Christovão de Noronha, Lourenço Guedez, filho de Pero Guedez, Diogo de Miranda, filho de Martim Afonso de Miranda, Rui de Sousa de Larcão, dom João Tello de Menezes, filho do Alferes mór dom Jorge de Menezes, dom Francisco de fote mayor, Alvaro Velho, Gaspar d'Abreu Mouzinho, Tristão de Taide, filho de Nuno Fernandez de Taide, Manoel de Bendanha, e outros a q̄ não achamos os nomes. E em quanto esta armada vai seu caminho, daremos conta das cousas que soccederão a dom Fernando de Noronha sobre a barra de Cunhale.

Este capitão depois que se pôs com sua armada sobre Cunhale, deixou se estar nella dando calor as cousas do Samorim, pera com mais segurança assentar o cerco sobre aquella fortaleza, como fez muito de vagar, tendolhe a nossa armada seguro o már por onde se podia prover assi de mantimentos, como de soccorro, que esta he a guerra que elle mais finto, que a que lhe o Samorim fazia por terra: E assi o poserão em extrema necessidade. E depois do Samorim ter assentadas suas

estancias, e se fortificar á sua vontade, e dar principio á guerra, se levou dom Fernando de Noronha de sobre a barra com toda a armada, e foi dar húa vista pella costa em que encontrou húa Galeota e dous Paraos a q̄ deu casta a te os fazer varar na costa brava, onde se fizerão em pedaços, e a gente se salvou em terra com bem grande trabalho. E por outra vez tomou dous Paraos ligeiros ao már por não poderem fogir pera a terra, e os Mouros delles forão todos mortos e cativos. E assi tomou outras duas embarcaçoens de mantimentos. E a outro Parao fez varar em terra.

E por ter aviso que em alguns rios se fazião prestes costeiros pera sairem ás prezas, os foi tomar: e na barra do rio Canharoto achou coatro Paraos ao már q̄ estavam esperando q̄ d'aquelles rios saíssem outros pera todos juntos passarem ás prezas do Norte, que foi demandar: E como estavam encevados de novo e erão muito ligeiros, tanto que virão a nossa armada, voltarão a terra perseguidos sempre dos nossos ate se recolherem naquelle rio onde dom Fernado os teve de cerco ate os fazer desfamar. E depois de fazer isto, voltou outra vez pera a barra do Cunhale pera favorecer o Samorim: e ali esteve ate chegar dom Luis da Gama correndo com o Samorim sempre

pre muito particularmente , segurandolhe que aquella jornada teria muito bom fim , e aquelles inimigos de seu estado se estinguirião. E que o Conde lhe mandava conceder as pazes muito a seu gosto ; com o que foi entretendo o Samorim e obrigando a proseguir o cerco , onde o deixaremos por contarmos o que a conteceo a armada do Norte.

Deixamos saido Sebastião Botelho de Taná com os seis Sanguiceis que dissemos com que se foi metendo na enceada de Cambaya , onde os cossairos são mais continos , e pellas muitas prezas que della levão , lhe chamão elles o rio do ouro , como ja algũas vezes disse , e a foi atravessando ate a fortaleza de Dyu , onde tomou fala e achou por novas serem passados coatro , ou cinco navios pera a costa de Por e Mangalor , e enceada de Iaquete , onde tão bem achavão em que se empregassem com grandes proveitos. E passando em busca delles , foi correndo todos os portos levando os sempre diante de si , ate aver vista delles hũa tarde a tempo q̄ se yão a fastando da terra , e ja muito emmarados , por serem avisados da nossa armada. Sebastião Botelho os foi seguindo ate anoitecer : e entendendo que avião de ir na derrota da costa do Canará por terem ja feito algũas prezas , ate onde determi-

nou de os enfacar , como fez por espaço de cinco ou seis dias sem aver vista delles , senão ja na outra costa. E como yão muito adiantados , nunca os pode entrar. E vendosse elles tão acoçados dos nossos , endireitarão com a terra , e recolherão se no rio Sanguicer , q̄ he hũa grande colheita destes cossairos , que commumente se chamão do nome d'aquelle rio. Sobre elle se deixou ficar Sebastião Botelho alguns dias com o que os obrigou a se desfarmarem de todo : por que dos navios deste toque tem elles tão grãde medo como do diabo.

Dali se fez Sebastião Botelho á vela na volta da costa do Norte , e de frente do rio Tambona acharão hum Parao de Malavares que logo investirão e renderão , ficando todos os d'elle mortos á espada , tirados alguns que os soldados cativarão por lhe parecerem bem. E como correo pella costa a fama da ligeireza destes navios , todos os cossairos que por ella andavão , se afugentarão , e se recolherão a seus portos. E assi andou esta armada sem achar cousa em que se empregasse , ate o Conde lhe mandar recado que se fosse ajuntar com dom Luis da Gama pera se achar com elle na guerra do Cunhale , como logo fez , O capitão geral foi com sua armada correndo a costa do Canará , visitando por ella todas

L

aquellas;

aquellas fortalezas e providas ate chegar ao rio de Cunhale, aonde dom Fernando de Noronha lhe entregou a armada, e lhe deu a informaçao do estado em que as cousas estavam. E pello capitão mór mandou o Visorrey dizer a dom Fernando de Noronha que se ficava fazendo prestes húa Galé que lhe avia de mandar pera elle andar nella aquelle verão. E não se satisfazendo disto dom Fernando, sem pedir licença ao capitão mór, se foi pera Goa, e indo pera falar ao Conde Visorrey, lhe mandou o Conde perguntar: Se vinha com licença do capitão mór, e respondendo que não: sem o ver nem ouvir o mandou pello ouvidor geral levar prezo ao forte de Agaçaim onde esteve mais de dous meses: e a Galé que mandou aparelhar pera elle, deu o Conde Visorrey a dom Alvaro de Meneses. O Samorim mandou logo visitar ao capitão mór, e o padre Francisco Roz veyo á Galé a isso: e lhe deu relação do modo de como o inimigo estava cercado, e da constancia que o Samorim tinha de estar sobre elle ate o destruir de todo. A visita lhe mandou o capitão mór responder com grandes cumprimentos e agradecimentos do seu procedimento, e que vinha ali com aquella armada, e com muita que logo chegaria pera o ajudar a destruir aquel-

le inimigo que tanta posse queria tomar de seu reino. E aqui o deixaremos, a te tornar a elle.

Partido dom Luis da Gama de Goa entrou o Conde no despacho de dom Alvaro d'Abranches pera ir entrar na capitania de Sofalla e Mossambique por acabar seu tempo Nuno da Cunha que la estava. Partio este fidalgo de Goa a quinze de Janeiro deste anno de noventa e nove em que com o favor divino entramos. E na mesma monção mandou dous navios de remo, capitão Ambrosio Leitão, pera ir ate Mossambique, e Antonio Colaço pera Melinde a saberem novas de Naos Olandezas, e pera outras cousas do serviço d'El Rey, que levavão por regimento. E por que nesta viagem não ouve cousas dignas de contar, concluiremos com estes Navios aqui, com dizer só que forão e tornarão em Mayo a salvamento, e dom Alvaro d'Abranches chegou a Mossambique, e tomou posse da fortaleza: e Antonio Colaço, e Ambrosio Leitão em Setembro com as Naos do Reino.

CAPITULO III.

De como o Arcebispo dom frei Aleixo de Meneses, da ordem do padre santo Agostinho, partio de Goa pera ir visitar os christãos das serras do Malavar: e do que fez na barra do
Cunhale

Cunhale. E do assento que tomou com o capitão mór, e mais capitaens sobre o modo de como se cometeria aquella fortaleza.

DEpois do Conde Almirante despedir a armada do Malavar, como desejava de dar fim aquella empreza do Cunhale, ficou tomando todas as informaçoes que lhe parecerão d'homens de experiencia pera avisar a seu irmão dom Luis da Gama como fez por muitas vezes. E por q̃ o Arcebispo dom frei Aleixo de Meneses tratava de ir visitar a christandade das serras do Malavar por ser morto o seu Bispo, e o summo pontifice lhe ter escrito que trabalhasse tudo o q̃ podesse por trazer todos aquelles cristãos á obediencia da santa Igreja catolica Romana, o negociou e lhe deu pera sua embarcação húa Galé, de que foi por capitão dom Alvaro de Meneses com ordem pera tanto que deixasse o Arcebispo em Cochim, voltasse logo pera o Cunhale pera se achar naquelle negocio em companhia de seu irmão. E ao Arcebispo encomendou muito se detivesse sobre aquella barra, e tomasse informação do modo em que o Cunhale estava, e do em q̃ o Samorim o tinha cercado, e por onde se poderia cometer a escalla

d'aquella fortaleza, e de todas as mais cousas que entendesse convinha ao fim que se pretendia, e que de tudo o avizasse: pera mandar a seu irmão a resolução do q̃ avia de fazer. Por que entendia que o Arcebispo faria naquelle negocio tudo o q̃ o mesmo Conde poderia fazer se se achasse la em negocios de conselhos, e de advertencias

Pellas oitavas do Natal se fez o Arcebispo á vela, e com vento prospero foi forjar sobre a barra do Cunhale, onde dom Luis da Gama o esperou có toda sua Armada embandeirada, e posta em ordem, e o recebeu com grandes salvas de artelharia e de arcabuzaria; e logo se foi ver com elle, e lhe deu conta do estado em q̃ as cousas estavam: e de como o Samorim proseguia no cerco contra aquella fortaleza, com muito rigor, aspereza, e firmeza, e que tinha mostrado de sua parte aver de cumprir o que tinha prometido. O Arcebispo lhe mostrou as instruções do Conde Almirante, e por virtude dellas ajuntou logo conselho geral de todos os capitaens, a quem o Arcebispo propós a tenção do Conde Almirante, principalmente sobre o modo que se teria na desembarcação d'aquella fortaleza pera primeiro que se effeituasse, o avisarem: pera no conselho de Goa se verem as resoens em q̃ se fun-

davão , pera com isso mandar a seu irmão a vltima resolução sobre aquelle negocio. E praticado o caso, e examinados os inconvenientes que se offerecerão sobre a materia da desembarcação, isto he, por qual das partes se faria: Se entrando polla barra, se desembarcando na terra do Ariole. E depois de muito altercado tudo, vierão a concluir todos, ou os mais, que o melhor e mais seguro seria entrar toda a armada pella barra, tiradas as Galés, e desembarcarem dos navios em terra, e pórem suas estancias, alegando pera isso muitos proveitos q̄ resultarião disso. Por que posto que na entrada ouvesse algum risco, sem que se não faziá nunca guerra, toda via depois de estarem dentro os navios, ficarião os nossos mais seguros, e desembarcarião em terra com melhor ordem, e menos oppressão. Por q̄ os nossos navios varejarião a ribeira có sua altelharia, e farião a desembarcação mais franca. E q̄ ficando os navios coas proas em terra, terião os nossos mais á mão os provimentos de moniçoens, e de todas as mais cousas: por que ficarião sendo almazens de tudo o de que tivessem necessidade pera o escalar da fortaleza. Por q̄ não era possivel irem todos tão providos, que lhe não viessem a faltar as cousas: e com isso servirião de recolherem os feridos, e de co-

stas aos nossos pera pelejarem mais afoutos tendoas seguras: e que acontecendo hum defastre, terião onde se recolher e reparar. E que vendosse o inimigo cercado pello rio, sem duvida se entregaria logo: por que lhe não ficava outro remedio: por que só nelle tinha suas esperanças. E debatidas todas estas e outras cousas, vierão a concluir que entrasse no rio com toda a armada: e que dos navios fizessem prestes pera desembarcarem os nossos a pé enxuto.

Disto se fez hum assento assinado por todos, q̄ o capitão mór despedio e mandou ao Conde por hum navio ligeiro, escrevendolhe elle e o Arcebispo a disposição em que as cousas ficavão, affirmandolhe que convinha ao estado destruir aquelle inimigo. Por que segundo estava poderoso, se se dissimulasse coelle, veria em pouco tempo a ser senhor do már, e os Portugueses a ficarem encurrallados em suas fortalezas. E que ainda assi no estado em q̄ estava, vivia tão poderoso e soberbo, que suas armadas ja não estimavão as nossas: nem os nossos navios tantos por tantos ouzavão a se encontrar com os seus. E assi como senhor do már da India estava muito rico de risouros pollas grandes prezas com que todos os annos suas armadas se recolhião: E por esse respeito do-
brava

brava todos elles a copia de navios e gente.

Despedido o recado, depois do Arcebispo fazer na barra de Cunhale todas as diligencias q̄ lhe parecerão necessarias, se foi pera Cochim: E com elle continuaremos depois. O recado que o capitão mór despedio ao Conde Almirante, chegou a Goa em poucos dias: e vendo elle o estado em que aquellas cousas estavam por tão verdadeira informação como era a do Arcebispo, e o assento que se lá tomou sobre a desembarcação, convocou cõselho geral, e nelle mostrou as cartas e papeis que lhe vierão, e propôs os termos em q̄ a guerra ficava, e a segurança com q̄ o Samorim continuava no cerco contra o Cunhale, e o que se determinou sobre a desembarcação, e todas as mais cousas que lhe parecerão sobre o q̄ se devia votar, o q̄ tudo fez com muita clareza, destreza, e sufficiencia, pera que não ficasse cousa q̄ cauzasse duvida aos que avião de votar, nem de que lançassem mão, que lhe ficara por inadvertencia: Por que em todas as materias estava muito resolutto. E debatido tudo pellos do cõselho, e vistos os proveitos que os capitaens, que estavam sobre Cunhale, apontavão entrando pella barra, como homens que estavam com as mãos na massa, votarão que os navios

entrassem pollo rio dentro, e que coas proas em terra ficassem sendo fortaleza aos nossos em quanto cometessem a fortaleza: e que se corresse com o Samorim tão pontualmente, e com tantos respeito, que não viesse a cair em algũa desconfiança, que fosse occasião de se perder aquella jornada: e que se lhe promettessem e fizessem as pazes q̄ podia com todos os favores possiveis. Sobre estas diligencias fez o Conde outras da sua parte como quem desejava d'aquelle negocio, ir muito bem encaminhado, e ter o fim que se desejava: assi pello que compria ao serviço de Deos, d'El Rey, e do bem commum: como pello seu particular, pois cometera aquella empreza a seu irmão, inquirindo d'homens vellos, e que sabião do negocio da guerra e do Malavar o que lhe pareceo necessario pera o avisar: por q̄ lhe não ficasse cousa algũa por fazer. E eu cuido que sobre isso lhe dei hum papel com a descripção d'aquelle rio assi como aqui a pinte, e sitio d'aquelle fortaleza, e por onde se podia cometer e escalar, que me deu hum Pero de Braga que esteve muitos annos naquella fortaleza feito Mourto, e tão valido do Cunhale, q̄ era a segunda pessoa diante d'elle: e por esse respeito lhe chamavão Cunhale pequeno, que despois fogio com risco seu
como

como o eu conto no capitulo do livro da vndecima Decada, no tempo do Governador Manoel de Sousa Coutinho.

Em fim depois do Conde Almirante fazer todos os bons officios que lhe parecerão sobre aquella negocio, e resolutu em mandar assaltar aquella fortaleza, elegeo a Luis da Sylva irmão do Regedor pera capitão mór da dianteira, que elle pediu e solicitou por ser hum fidalgo de grande brio, e deseioso de ganhar honra, que logo se fez prestes com dous navios armados a sua custa: a quem acodirão muitos fidalgos, e soldados, parentes, e amigos e criados.

E parecendo que serião necessarias algúas barcaffas pera bater a fortaleza, mandou aprestar duas: e húa dellas encarregou a Belchior Calaça capitão velho e de muita experiencia. A outra deu a Manoel Froeshomem do már, mas de muita confiança e experiencia. Diogo Monis Barreto que se quis achar naquella empreza foi num navio á sua custa, com quem se embarcarão muitos fidalgos e cavalleiros que continuamente tinha em sua casa. E assi se fizerão prestes alguns fidalgos em navios ás suas custas pera irem de socorro com muitos fidalgos e soldados: e só me lembra de dom Bernardo de Noronha, e de dom Manoel de La-

cerda, que todos partirão em companhia.

Quasi no mesmo tempo chegou a Goa Sebastião Botelho capitão mór dos Sanguiceis da costa do Norte, que o Conde tinha mandado chamar pera o mandar de socorro a seu irmão, em cuja companhia vierão muitos capitães em navios seus á suas custas pera se acharem naquella occasião. Que forão dom Luis Lobo, dom Manoel, e dom Rodrigo de Castro seu irmão filhos de Baçaim, Salvador de Sampayo, filho de Heitor de Sampayo, Antonio Pereira Coelho de Damão, e outros que me não vierão á noticia. E estando todos embarcados esperando na barra recado do Conde pera se partirem pera Cunhale, foi dom Manoel Pereira visitar seu filho dom Rodrigo q̄ era hum dos capitães da armada de Sebastião Botelho: e ao tempo de darem á vela, estando no navio do filho, se deixou ficar: dizendo-lhe que se calasse que elle avia de ir acharse naquella empreza. E assi se foi com elle com só o fato que levava vestido no corpo, e com que andava na cidade sendo de mais de sessenta annos, e tendo sido capitão de Baçaim. O que fez só por envergonhar alguns fidalgos mancebos q̄ ficavão passeando em Goa. Estas novas chegarão ao capitão mór que elle recebeu com muita honra

honra e alvoroço. E quando vio dom Manoel Pereira velho d'aquella maneira, e com aquelle zello, levou o pera a sua Galé, e lhe mandou dar fato e armas, e tratou o com muito respeito, como era rezão. E aqui os deixaremos por darmos conta do que o Arcebispo passou em Cochim: e do soccorro que aquella cidade mandou.

CAPITVLO .IV.

Do que o Arcebispo fez em Cochim com aquelle Rey. E do soccorro que aquella cidade mandou a dom Luis da Gama.



Chegado o Arcebispo a Cochim foi recebido d'aquella cidade com muitas festas e alegrias, indo o buscar ao cais o Bispo, cabido, vereadores, e todo o mais povo como era rezão se fizesse a aquelle Prelado de tantas partes e sangue. E logo tratou com a cidade o soccorro pera mandar a dom Luis da Gama, que os vereadores ja tinham prestes: que erão tres navios muy cheos de soldados e monçoens, de que elegerão por capitão mór Lourenço Correa da Franca fidalgo do habito de Christo, dos Francas de Tágere, que todos forão muito bons ca-

valleiros como o elle era. E os capitaens dos outros dous navios forão dom Gaspar de e Francisco Botelho Cabral, filho de Manoel Botelho Cabral, hum fidalgo velho que fora escrivão da Matricula geral, e secretario do estado. E o Arcebispo negociou a Galé em que foi, em que tornou dom Alvaro de Menezes com muitos soldados, e outro Catur em q̄ meteo criados seus homens, e bons soldados. E por q̄ avia pouco chegara de Ceilão Andre Pereira Coutinho filho de Iorge Pereira Coutinho capitão que foi de Chaul, que se foi apresentar a aquella fortaleza por hum degredo q̄ tinha, e sabendo daquella occasião, fretou hum navio e ajuntou muitos soldados pera irem com elle. Dom Francisco de Sousa filho de dom Pedro tambem nesta occasião, era chegado a Cochim de Ceilão, onde se fora apresentar por ter certos annos de degredo pera aquella ilha, e com licença do general della vinha buscar sua casa, tambem fretou outro navio com soldados, e se foi ao soccorro de Cunhale.

E juntos todos estes navios derão á vela, e em poucos dias chegarão a Cunhale. Vendo El Rey de Cochim aquellas preparaçõens, e o animo com que o Samorim estava pera destruir aquelle imigo, derão lhe os ciumes, e
ouve

ouve que ficando o Samorim por esta via amigo do estado , ficava elle abatido e acanhado: por q̄ todo o seu poder, riqueza, e estado consistia na amizade dos Portugueses. Pello que lhe vinha bem velos travados em guerra com o Samorim pellos bens que disso lhe resultavão: por que alem do proveito em que sempre trazia o olho, tanto mais se ya levantado em poder, quanto mais via o Samorim. (q̄ era seu imigo capital) abatido: por que avendo guerra entre elle e os Portugueses, sempre o estado o avia mister, e com pazes temia vir a menos, e perderemlhe o respeito. E pera estorvar estas lianças, e que o negocio do Cunhale não fosse por diante, e se estorvasse aquella liga, vsou destes ardis, de que estes gentios são mestres, mandou por Ioão Percira de Miranda dizer ao Arcebispo: Que elle como irmão em armas d'El Rey de Portugal, e como tão obrigado por quantas honras e merces como tinha recebido dos Portugueses, o mādava avisar debaixo de todo o segredo do mundo, q̄ elle tivera cartas de pessoas de confiança q̄ assistião no conselho do Samorim em que lhe affirmavão que aquella guerra do Cunhale tudo erão traças do Samorim ordenadas antre elle e o Cunhale pera ao tempo do Assalto, virarem todos as armas contra os

Portugueses e mataremnos em satisfação de quantos agravos e danos tinhão delles recebido: q̄ lhe mandava pedir escrevesse ao capitão mór q̄ sobre estivesse naquella execulsão, e q̄ por nenhũ caso cometesse a desembarcação, e dissimulasse o melhor que podesse ser com aquelle negocio.

E depois de sobre isto fazer grandes medos a Ioão Pereira, e muitos espantos, lhe disse q̄ d'aquelle recado que mandava ao Arcebispo por elle, e da reposta q̄ lhe desse, lhe passasse hũa certidão pera mandar a El Rey seu irmão. Por que depois se não queixasse o Visorrey que nao tivera quem o avizasse. Ioão Pereira como homem que creio o que lhe El Rey disse, representou ao Arcebispo o seu recado com exteriores de homem que atalhava tanto dano, quanto se aparelhava aos Portugueses. O Arcebispo ficou algum tanto embaraçado por ter muito conhecimento da pouca fé, verdade, e lealdade destes Reys Gentios, principalmente do Samorim, que nunca guardou juramento nem contrato das pazes, cujo antiquissimo odio era tal, que se podia sospeitar aquillo d'elle. E sobre tudo ter tanto conhecimento de sua miseria e cobiça que era sempre tal, q̄ se o Cunhale lhe desse dinheiro, quebraria sua lei, quanto mais sua palavra.

E considerando aquellas cousas comfigo, que erão de calidade, que podião dar muito em que cuidar por serem de tanta importancia, e fazendo sobre ellas muitos discursos, e praticandoas com dom Antonio de Noronha capitão d'aquella cidade, com Manoel de Lacerda, e outros fidalgos velhos, inspiroulhe Deos no coração hum não sei que com q̄ se determinou a crer que tudo aquillo erão arteficios, e invençoens d'El Rey de Cochim, caindo no por que o faria. Por que ao mesmo Samorim lhe convinha dar fim a aquella impreza, e destruir aquelle Mouro, contra quem tinha metido tanto cabedal, e despendido tanto dinheiro, e dado claros sinais de sua fé, e mostrado tanto animo e zello pera ir com este negocio avante. Por que ficando aquelle Mouro em pé, estava certo alevantarse de todo, e tomar aquelle reino. Por que bem sabia o Samorim quão falsos, enganosos, e treditos erão estes Mouros, de quem nunca ja se avia de fiar, nem o Cunnhale delle. E resolutos nisto mandou o Arcebispo responder a El Rey de Cochim, q̄ lhe agradecia muito aquelle aviso q̄ bem via proceder de sua muito antiga lealdade: e do muito que lhe os Portugueses sempre merecerão. Mas que naquelle negocio não avia pera que tomar outra deter-

minação: por que estavão os Portugueses resolutos em se fiarem do Samorim: por que pera isso avia causas mui licitas: e q̄ convinha aquelle negocio muito ao mesmo Samorim. E que em penhor de sua fé offerencia as pessoas principaes e de mór estimação do seu reino pera segurança dos nossos. E que quando ouvesse algum engano ou de hũa parte, ou da outra, quaes quer que ficassem vivos dos nossos bastavão pera vingar tamanha traição, e as mortes dos parentes, amigos, e companheiros.

E certo que nisto se vio bem quanto Deos nosso senhor queria que este tyranno se acabasse, e pagasse as mortes de tantos Portugueses quantos por seu mandado forão martyrizados, de cujo sangue aquellas prayas estavão banhadas pedindo a Deos vingança. Por q̄ se não acodira com tua misericordia em tirar da imaginação do Arcebispo que tudo aquillo erão invençoens e estratagemas d'El Rey de Cochim, e avisara disso ao capitão mór do Malavar, e se espalhara pella armada, sem duvida q̄ aquelle impreza se não effeituara, e aquelle Mouro ficara em pé: por que ja se não avião de fiar do Samorim.

Ouvindo El Rey de Cochim a resposta do Arcebispo não deixou de entender que aquelle remoque do engano d'hũa parte,

M ou

ou dá outra dizia por elle, e dissimulou o melhor que pode. Mas vendo que por ali não pegara sua pretensão, discursou outro modo por onde podesse estorvar aquella jornada. E offereceolhe o diabo o melhor que podia ser: que foi fazer guerra ao Caimal da Carugeira vassalo e aliado do Samorim, de quem tinha alguns agravos, e meterlhe muita gente por suas terras, por que estava certo deixar o Samorim o cerco, e acodir ao soccorrer, por que lhe não entrasse pellas do mesmo Samorim. E logo mandou pôr em campo sessenta mil Naires pera com aquelle negocio poder atemorizar-se o Samorim, e deixasse tudo por acodir ao seu. Disto foi logo avisado o Arcebispo, e entendendo a malicia d'aquelle Rey, e o dano que faria se saísse com seu intento ate o cabo, em hñas vistas que com elle teve lhe pediu muito que dilatasse aquella expedição que queria fazer contra aquelle Caimal pera depois do negocio de Cunhale concluido. E que ali lhe ficava tempo largo pera pôr por obra o que pretendia: que El Rey de Portugal seu irmão o estimaria muito, e sentiria em extremo o contrario, por que seria aquillo occasião de se perder aquella empresa, em que tanto cabedal se tinha metido. E por taes termos levou este negocio, que lho não pode

El Rey negar: e assi cessou por então d'aquella guerra.

CAPITULO V.

Do conselho que o capitão mór tomou sobre o modo de como se cometeria a fortaleza: e das preparaçoens que pera isso fez. E de como alguns fidalgos seus amigos lhe fizeram mudar o parecer.



Chegados todos os soccorros, cartas, e advertencias que o Conde Almirante mandou a seu irmão, convocou elle a conselho geral todos os fidalgos capitaens, e cavaleiros principaes da armada, e mostroulhe as cartas do Visorrey, e a determinação que se tomou no conselho de Goa sobre o modo de como se cometeria a fortaleza do Cunhale, e lhe pediu que por cima de tudo tornassem a votar livremente sobre aquelle negocio: por q̄ estavam ali muitos q̄ se não acharão nos conselhos passados. E era bem q̄ pois vião com o olho o estado em que aquellas cousas estavam, que se ouvissem tambem sobre ellas. E debatido de novo o caso tornarão a votar que se cometesse a fortaleza entrando pella barra dentro todos os navios desemasteados, como ja estava assentado,

tado, por que era negocio mais seguro, e de menos risco: dando pera isso quasi as mesmas rezoes passadas.

Resumido o conselho mandou o capitão mór logo desembarcar os navios, e fazer as preparaçoes que lhe parecerão necessarias: e nomeou os navios q̄ avião de acompanhar a Luis da Sylva na dianteira. E por que o rio estava empedido com mastos lançados no fundo, encomendou aquelle negocio a Sebastião Botelho, a Andre Rodriguez Palhota, Francisco Pays, e Pero Rodriguez o Malavar, que de noite no mór silencio della entrarão o rio em almadias pequenas, levando comsigo marinheiros, e margulhadores que andarão por baixo da agoa trabalhando ate arrancarem hum masto grande que estava prezo com hũa cadea de ferro, e a argola de cima em que ficava prezo, acharão quebrada, que lhes pareceo que fora algũa bombardada q̄ lhe derão. Arrancando este masto q̄ Francisco Pays tirou, e levou a barcassa onde o amarrou, ficando trabalhando tudo o que poderão por tirar os mais, mas não lhe foi possível, por estarem pregados com pregos mūy grossos sobre cabeças de grandes estacas metidas no lamarão dentro na vasa. Mas toda via com aquelle masto que tirarão lhe ficava hum canal

pello meyo por onde todos os navios podião entrar largamente. Neste canal acharão braça e mea d'agoa em baixa már de todo.

Em fim feitas todas estas diligencias, e preparadas as cousas pera aquella entrada e assalto q̄ avia de ser de madrugada da terça feira que vinha, que erão tres de Março, mandou o capitão mór avisar o Samorim e pedir-lhe os refens, q̄ lhe elle logou mandou, que forão Vniaré Chararé, o principe de Tanor, e outros regedores, e principes do sangue que se meterão na Galé em lugar separado por serem Gentios, onde forão tratados muito honradamente. E como os la teve mandou á parte do Samorim Belchior Ferreira por capitão mór de trezentos homens pera por la assaltarem as tranqueiras, e irse ajuntar na povoação com a mais gente que avia de desembarcar pello rio: a quem o Samorim tinha prometido seis mil Naires com todos os machados, alavancas, escadas e mais cousas que lhe fossem necessarias.

Passada esta gente ao Samorim, deu o capitão mór ordem á desembarcação como ja estava assentado, que era levar Luis da Sylva a dianteira com seiscentos homens com os capitaens que a diante nomearemos na desembarcação: e com elle o Sargento

mór dom Antonio de Leiva portuguez, soldado velho e muito experimentado, q̄ se tinha achado na batalha naval na Galé do senhor dó Ioão d'Austria. E pelo que nella lhe vio fazer, lhe deu o dom, e o habito da cavalaria de Calatrava. E estando tudo preparado, mandou o capitão mór recado ao Samorim q̄ ao outro dia no coarto d'alva lhe mandaria fazer hum final com hũa lança de fogo no ar, pera q̄ ao mesmo tempo cometessem por lá a fortaleza, como os navios avião de fazer por estoutra parte. E pera este negocio se gastou todo aquelle dia em se confessarem os soldados da armada: por que ainda que antre elles ha muitas solturas, e devassidoens de mancebos e gente que milita, neste negocio da cristande e temor de Deos, são estremados sobre todos: por que nunca tirão suas contas das mãos, nem deixão de ouvir todos os dias sua missa quando pode ser, com outras cousas deste toque muito pera estimar nelles: e a volta disto alimparão suas armas, fizeram seus pilouros, e ordenarão suas espingardas.

Estando tudo prestes, parece que entenderão alguns fidalgos que o entrar polla barra, era de muito risco e perigo por causa do baluarte que estava sobre ella: por que d'elle poderião muitos

navios ser metidos no fundo. Ajuntarão se cinco ou seis aquella noite e forão se a Galé do capitão mór, e metidos na sua camara, o começaram a persuadir que mudasse o conselho, por que tinham todas assentado que o entrar polla barra, como estava determinado, seria perdição d'aquella armada. Por que lhe poderião metter tantos navios no fundo, que lhe não ficasse poder pera darem o assalto: e que qual quer desastre que socedesse, quebraria os coraçõens aos homens de maneira, que ficassem amedrentados: e que socedendo o que elles temião, quando os navios quisessem tornar a sair pera fora, correrião o mesmo perigo. E q̄ polla informação que tinham, no canal não avia agoa pera poderem entrar os navios dentro, se não lançados á banda. No que dizião muitos que se enganarão, ou se quizerão enganar por darem milhores cores as rezoens com q̄ quizerão persuadir ao capitão mór a mudar o assento q̄ se tinha tomado no conselho que entrassem os navios polla barra dentro. Em fim persuadirão ao capitão mór que se se cometesse aquelle negocio polla banda do Ariole, seria de mais effeito e de menos perigo e risco, por que o rio não tinha mais largura que d'hum tiro de funda: que em jangadas, que se podião fazer muitas

muitas, se passaria toda a gente a a outra parte, e desembarcarião em terra a sua vontade e sem o perigo de provarem primeiro a furia da artilharia do baluarte branco (que assi se chamava o de sobre a barra) E tantas rezoens lhe derão sobre aquelle negocio, que o renderão a lhe parecer que o aconselhavão como amigos e sem respeito algum. E assi tiverão depois alguns pera si que parecia conselho acertado. E so se pode reprehender o capitão mór de mudar o conselho e ordem do Visorrey, no que elle não deixou de cair: Mas por lhe parecer que se aquilo, que lhe facilitavão, succedesse bem, o desculparia de tudo: não lhe lembrando que milhor he perderse hum capitão na guerra por cumprir os mandados do seu Rey ou Visorrey, que ganharse desobedecendo. E se não vede quantos Consules castigou o Senado Romano por vencerem fora do seu regimento. E o outro que mandou cortar a cabessa ao filho por aceitar o desafio do Francês com elle o matar no campo, por que foi sem sua ordem: por que aqui não se tem respeito á victoria senão á desobediencia, pore qua obediencia faz os exercitos poderosos, e os soldados esforçados, e a boa disciplina na guerra, he principio de victoria.

E tornando ao fio da historia

resoluto o capitão mór em cometer o assalto pella parte do Ariole, mandou recado a Luis da Sylva, e mais capitães que sobre estivessem e não bolissem com siigo ate o outro dia, que lhe daria rezão de si. Esta mudança correo logo pella armada, que muitos sintirão por entenderem que se encaminhava tudo a hũa grande desaventura, como aconteceo, e não deixarão muitos de murmurar: e ainda ouve pessoas q se desordenarão, e descompuserão em palavras contra os que meterão & forão causa de se não guardar o q se assentou em conselho, e quem estes forão logo se soube. Em fim elle ficou assentado pera o outro dia, em que se passarão, pera a parte do Ariole pera se ordenarem as jangadas pera que se tomarão muitas almadias que avia por aquelle rio. E juntas de duas em duas atravessarão por cima alguns barrotes bem amarrados com o que ficarão capazes de poderem passar de dez homens, e algúas de vinte, por que as almadias erão mais de sessenta em que se orçou poderem passar seis centos homens, que era a copia que o capitão mór tinha nomeado a Luis da Sylva pera a dianteira.

CAPITULO VI.

De hum maravilhoso sinal. que appareceo no ceo. E de como os nossos cometerão

cometerão a desembarcação. E de como Luis da Sylva foi morto ao chegar da terra.



O do aquelle dia gastarão os nossos em fazerem jangadas, e em se prepararem pera o assalto, por esta ordem fez Belchior Ferreira que estava da parte de Samorim com trezentos homens, cujos capitães erão dom Pedro de Noronha, Lopo d'Andrade de Gamboa, Lourenço Caldeira, os dous irmãos Castros de Baçaim, Salvador de Sampayo, Protasio Matoso, Antão Fernandez que andava em hum navio de dom Fernando de Menezes capitão de Cananor, Manoel de Miranda de Torres que tinha a fortaleza de Maluco, e Antonio Coelho Malavar. Estes com sua gente avião de cometer as tranqueiras do Cunhale: e tanto que as entrassem, irem marchando ate o terreiro da fortaleza onde acharião Luis da Sylva com toda a gente da dianteira pera cometerem a fortaleza. E q̄ todos a hum tempo cometerião o seu cerco tanto que vissem na Barcaça fazer sinal com hũa lança de fogo que seria no coarto d'alva.

E como este negocio de cometerem a desembarcação em jangadas era a total perdição dos

nossos, parece que os quis Deos avisar com hum sinal maravilhoso que lhe mostrou aquella noite no ceo, que os podera fazer tornar sobre si, e verem com o olho sua perdição. Mas os peccados da India fechou os olhos aos q̄ forão occasião de tão grande dano e destroição. O sinal foi este. A noite da coarta feira coarto do mes de Março, no coarto da prima virão correr da parte de Leste hum rayo de fogo como hũa grande bomba, que parando sobre a nossa armada, se desfez entre as estrellas, ou faiscas em breve espaço com grande espanto e admiração dos nossos, e não menor alegria do Cunhale: por que teve aquelle sinal por bom pronostico pera elle, e pera os nossos por muito infelice, como foi. Não sei de q̄ calidade este sinal seja, senão se lhe chamarmos trave de fogo, a que os Gregos chamão, Doci. Mas algũas se virão ja destas que não deitarão faiscas, como deita hum foguete que se arremessa por essas ares. Ser estrellas errantes, tão bem não pode ser, por que estas não mostrão nunca tamanha claridade. Se lhe quisermos chamar Cometa, sera erro grande, por que estes tem outros effeitos muito differentes, e sempre apparecem a parte de Oeste e durão muitos dias, e não tem mais que relampadejar e lançar pera cima hũa espadana, ou hu-

ma coma. Por onde me parece q̄ foi Rayo: por que muitas pessoas me affirmarão que ao desfazerse sintira André Rodriguez palhota quebrar selhe a espada que tinha na cinta, em tres pedaços: q̄ he o mesmo effeito d'alguns Rayos segundo léte na materia delles.

Em fim preparados todos repoufarão de noite pouco, e estiverão vigiando o final que estava encomendado a Belchior Calça que parece que se enganou nas estrellas por onde se governã os coartos que se vigião nas armadas: e parecendolhe q̄ era o d'alva fez o final pouco mais de meia noite. E tanto que foi visto de Belchior Ferreira da parte do Samorim, abalou logo cõa sua gente, e coatro ou cinco mil Naires do Samorim, sem lhe elle dar as escadas e mais petrechos que tinha p̄metidas, e com grande determinação cometerão as tranqueiras de madeira a que poseirão fogo por algũas partes. Mas como os Mouros erão muitos, logo o apagarão, e sobre isto ouve muitas espingardadas, setadas, e outros generos de morte que cairão sobre os nossos, de que perecerão Manoel de Miranda, Antonio Coelho Malavar, e vinte e seis soldados mais q̄ fizerão maravilhas por cavalgarem as tranqueiras, e ficarão afora estes feridos, os nove capitães de todos os navios, de espingardadas: e a

Belchior Ferreira derão cinco nas armas que por fortes o não matarão: mas d'hũa, que lhe deu por hum braço, ficou muito ferido. E do fogo que os Mouros lançarão de cima sobre os nossos, que era muito, forão alguns bem queimados. E por não particularizarmos isto, forão feridos d'espingardadas cento e vinte e seis soldados: e nem com isso se afastarão das tranqueiras, antes trabalharão tudo o que poderão polas entrar. E aqui os deixaremos por continuarmos com Luis da Sylva.

Este capitão teve tento nas horas, e posto que vio o final que se fez na barcaça não se governou por elle pera se abalar, por ver que não era aquelle o tempo em que ficou assentado que se fizesse: mas tanto que foi o coarto d'alva o fez, sem se saber da parte donde elle estava o que passavão os da companhia de Belchior Ferreira nas tranqueiras. E em sessenta jangadas atravessou Luis da Sylva o rio, indo elle nũa embarcação pequena com alguns q̄ escolheo, levando ordem pera desembarcar bem ao pé da fortaleza, por que com o muro ficavão abrigados da artelharia delle: e com a escuridão da noite poderião fazer a desembarcação mais a seu salvo: e que de longo do muro fossem demandar o terreiro da fortaleza onde se lhe iria
ajuntar

ajuntar Belchior Ferreira, e juntos cometerião pella porta que se arrombaria com vaivens, que avião de levar pera este effeito.

Indo Luis da Sylva demandando a terra com alguns que yão na sua embarcação, o primeiro que saltou nella foi Bento Correia criado do Conde da Feira, q̄ logo morreo abrazado da polvora: e a embarcação com a pancada que deu em terra, tornou a re-
cuar pera traz. E quis a desventura que no mesmo tempo desfem a Luis da Sylva hũa mosque-
rada pella testa de que logo cayo morto. Antonio Dias o tormenta, q̄ levava a sua bandeira, vendoo daquella maneira, tirou a da asteca em q̄ ya, e cobriu o com ella. E tornando a embarcação chegar a terra, Antonio Dias e outros se meterão nella com o corpo de Luis da Sylva, e o levarão a outra banda, de cuja morte se não soube, que foi bem grande mal, por q̄ se se soubera e fora a noticia do capitão mór, por sem duvida se tem que todos se tornarão pera elle e fora melhor, por que entrão passara elle em pessoa e concluirasse o negocio. Mas como todos os que yão nas outras jangadas cuidavão que ya Luis da Sylva diante e não souberão de sua morte, invistirão coa terra e pojarão na parte que cada hum pode tomar por alcançar a gente da companhia de Luis da Sylva,

E o primeiro que dellas saltou em terra foi Luis Fragofo, q̄ encontrou com hum cardume de Mouros com que pelejou muy esforçadamente, e logo lhe derão hũa espingardada por hum braço: e assi ferido foi seguindo os companheiros.

As mais jangadas pōserão as proas onde melhor poderão, que tudo foi quasi ao mesmo tempo, e todas ao pé dos muros, onde os que estavão em cima os servirão com muitos generos de tiros e cousas de fogo de que muitos fairão muy escalavrados. E como estas jangadas pojarão em diferentes partes, não se pode averiguar quem fosse o primeiro de todos. Ainda que alguns dizem, que o primeiro que chegou a terra foi hũa em q̄ ya Luis d'Almeida soldado e capitão muito bom cavaleiro, a quem antes que pōzesse os pes em terra derão hũa espingardada no lado direito: e cuidando elle que era mortal, quis ir acabar em terra antre os imigos, a que se arremessou dizendo aos companheiros, que ja que avia de acabar, queria primeiro vingar sua morte.

As outras jangadas em que yão dom Fernando de Noronha, dom Christovão seu irmão q̄ ambos yão juntos em hũa, Rui de Soufa de Larcão, Manoel de Bendanha e outros cada hum nua, forão varar pera a banda do baluarte

uarte do Cutimuça ao pé da fortaleza onde avia húa barranceira que os Mouros taparão com húa estacada de tranqueira de pedra ate o canto da fortaleza, e os primeiros, que sairão em terra da jangada de dom Fernando de Noronha forão Tome Diniz, e após elle Simão Rabello de Castalo branco, e Francisco Borges: e ao desembarcar achou o Tome Diniz huns poucos de Mouros q̄ acodirão a lhe tolher a desembarcação, com quem se baralhhou de feição, q̄ veyo a braços com hum que matou ajudado de Simão Rabello. Rui de Sousa de Larcão, Manoel de Bendanha, dom Manoel Mascarenhas, André Rodriguez o Palhotá e outros desembarcarão todos quasi ao mesmo tempo q̄ acharão na borda d'agoa hum escoadrão de Mouros divididos em magotes que achegarão a lhe defender a desembarcação, e afferrarão das jangadas, com quem os nossos forão pelejando valerosamente. E na força desta briga, em q̄ se assinalou muito Rui de Sousa de Larcão, lhe cortarão a mão direita, ao que lhe acodio Simão Rabello, e por ficar inhabilitado por falta da mão, que tinha cortada, o embarcarão os seus em húa almadia e passarão no áoutra parte, onde chegou ao capitão mór cõ a mão dependurada, em cuja presença se destemperou em pa-

lavras contra os que não yão soccorrer os q̄ andavão pelejando. O capitão mór sintio muito ver aquelle fidalgo daquella manciara: e muito mais por não ter embarçoens em que poder mandar soccorrer os nossos. Por que como Luis da Sylva morreo não ouve quem governasse aquellas cousas, por que dom Antonio de Leiva, q̄ levava ordem do capitão mór pera soceder a Luis da Sylva acontecendolhe algum desastre, desembarcou longe d'elle, soube tão tarde de sua morte, que tratando de pôr os soldados em ordem, foi logo morto. E sabendo o capitão mór, mandou passar dom Francisco Pereira irmão do Conde da Feira, a quem tanto q̄ pôs os pés em terra, derão húa espingardada na cabeça de que ficou sem sentido. Que vendo os seus soldados daquella manciara, meterão na barquinha da sua Galé, que por carregar muita gente se virou, e quasi todos, os que yão nella, se afogarão.

Sabendo o capitão mór da morte de dom Francisco Pereira, mandou ordem a Belchior Callassa soldado velho, e capitão experimentado pera governar os soldados. Mas tratando de os pôr em ordem, lhe derão húa mosquetada pello ombro direito de que o derribarão: e ficou de modo, que os seus soldados o embarcarão e passarão a outra banda.

da. E por acontecerem estes defaltres aos capitaens que o capitão mór foi nomeando, ficarão os soldados sem quem os governasse e respeitasse, que foi a occasião principal da perdição dos nossos. Por que os que pelejarão o fizeram de modo, que os Mouros affirmarão depois que nunca os virão pelejar com mór esforço. E bem se vio, por que em tão pequeno espaço matarão mais de quinhentos Mouros, e fizeram o estrago que he notorio na sua povoação: e sem falta se alcançara a victoria por nossa parte se tornarão a mandar ao capitão mór as embarcaçoens pera passar com o resto da gente que tinha consigo: o que o desviou pella ordem que Luis da Sylva deu aos marinheiros dellas e das jangadas que não voltassem sem ordem sua, por que cuidava poder tomar a fortaleza sem a ajuda do capitão mór: e queria mandar-lhe as embarcaçoens e jangadas depois que estivesse de posse da fortaleza. Parecendolhe que se antes passasse o capitão mór-lhe ficava toda a honra e glória do successo. Erro he este que não aconteceo só a este fidalgo nem foi o primeiro que desta calidade ouve neste estado: por que as chronicas estão cheas de muitos semelhantes por que se deixarão de alcançar grandes e importantes victorias com perda de muita

gente e reputação, que se deve sentir sobre tudo. Ser a inveja e ambição tão poderosa, que sendo estes effeitos tão dinos de louvor, ficão escurecidos por acontecerem a animos nobres e generosos.

O capitão mór estava a este tempo muito triste e desconfolado polla morte de Luis da Sylva, cujo corpo mandou desembarcar com muito sentimento de todos: e fez embarcar na sua Manchua Sebastião Botelho com os soldados que nella couberão pera ir soccorrer os nossos. E assim tanto que chegava algũa jangada, logo a enchia de gente e a tornava a despedir, ao que os soldados yão de mâ vontade, por que a morte de Luis da Sylva, e muitos que vião recolherem-se feridos da outra banda, os amedrentou de feição, que não avia podellos fazer embarcar, nem ainda com o capitão mór se meter polla vasa pera os obrigar e forçar a isso. Ia a este tempo andavão pello rio nadando muitos, huns afogados, e outros trabalhando por se salvarem. E pera acabar de os amedrentar a todos, se alevantou húa voz de traição, traição, que ferio as orelhas dos nossos com que se ouverão por perdidos, e não se soube donde ella sayo. Mas eu presumo q foi arteficio do Cunhale pera defanimar os nossos. Algũas pessoas
me

me affirmarão que quando o capitão mór vira aquelle desarranjo e medo nos homens, fora a sua paixão tamanha, que foi necessario acodirem lhe algũs amigos e tiraremno da vaza onde estava metido a fazer embarcar os soldados. E assi deixaremos isto por tornarmos aos que andavão em terra: o que faremos nestoutro capitulo .por não enfadarmos a quem isto ler com tanta cousa metida em hum só.

CAPITULO VII.

Do que socedeo aos que desembarcarão em Cunhale. E d'alguns casos notaveis que ali passarão ate se desbaratarem por si mesmos.



S nossos q̄ desembarcarão em terra em differetes partes, em todas acharão Mouros que os layao a receber, e a defender a desembarcação. Dom Antonio de Leiva sargento mór andava como hum lião bravo em busca de Luis da Sylva por que não sabia de sua morte, e foi por onde a ventura o guiou pelejando valerosamentē por ser muito animoso, e achando tudo desordenado sem hũa bandeira a que os homens acodissem, e sem hũa cabessa, por quem se governassem, trabalhou tudo o q̄ pode

pollos ajuntar a si, e fazer hum corpo de gente com que comesse os imigos, e se defendesse delles, por que cada vez se ya o poder engrossando mais, e aqui o matarão d'hũa espingardada, como fica dito no capitulo a tras, O q̄ agora digo he q̄ este homem fez cousas que por muito q̄ diga delle, e faça de suas cousas muitos e mūy grandes capitulos, em tudo ficarei a tras do que merece por ellas. Manoel de Mendanha fidalgo muito bom cavalleiro mostrou bem neste dia os quilates de seu esforço pelejando com os imigos com tanto valor, que ouvi dizer a muitos dos nossos que se podia igualar com todos os esforçados, por que por onde passou, foi deixando grande rostalhada de Mouros mortos, e espedaçados. Mas como tinha ja ali o termo da vida acabado, faltoulhe primeiro q̄ o esforço, por que foi morto de muitas feridas, deixando de si memoria q̄ se podera engrandecer muito mais do que o eu faço. Muitos outros fidalgos e cavalleiros fizeram aqui grandes feitos nas armas: estes forão tantos, que se não podem particularizar nem todos souberão dar rezão delles, por que o negocio andava tão emburilhado, que fazia muito o que soubesse dar fé de si.

Dom Fernando de Noronha e seu irmão dom. Cristovão, o Pa-

N ij lhota,

lhota, Simão Rabello, Francisco Borges e outros na parte em que desembarcarão acharão a resistência que dissemos, e assi forão de longo do muro pelejando com muito valor pera irem demandar o terreiro onde cuidarão achar Luis da Sylva, de quem tão bem não sabião. E saindo ao largo derão a dom Cristovão húa espingardada num braço, e húa lançada no rosto, e outra a diante na cabessa de que cayó, mas acodiolhe logo Tome Diniz, que ja ya bem ferido, por que sempre foi envolto com os Mouros e se pôs sobre elle pollo defender q̃ o não matassem: e tanto fez, que o tornou a levantar e o fez recolher a húa embarcação. E quasi no mesmo lugar derão húa frechada pellas pernas a seu irmão dom Fernando de Noronha, de que foi necessario obrigarem no a recolherse: e Andre Rodriguez Palhota, que pelejou valerosamente, recebeu outra espingardada pellas pernas que lhas passou ambas, que foi forçado recolherem no, e passarem nos todos a outra banda: que isto era o que metia mór temor nos soldados, e em outros que o não crão. Hum foão do Amaral muito bõ soldado ao desembarcar se meteo no meyo d'huns poucos de Mouros com quem elle e outros seus companheiros pelejarão com muito valor: e assi andava o

Amaral furioso, que se liou com hum Mouro, que lhe meteo os dentes em húa orelha que quasi lha cortou, e elle afferrou cos seus os narizes do Mouro de maneira, q̃ lhos lavou em sangue: e neste conflito lhe acodirão alguns soldados por recrecerem os Mouros, e antre elles foi hum dalcunha o Troviscada grande cavaleiro q̃ fez bem d'estrago nos inimigos, e chegando ao Mouro com que o Amaral estava liado, deu-lhe com hum Gris que o passou e derribou morto. E dizem q̃ com a furia que levava, ferio tambem o Amaral, que ja trazia outras feridas dos Mouros, como o Troviscada que nunca se resguardou delles, antes sempre se achou nos lugares mais perigosos onde as recebeo. Esta arma, Gris, he propriamente dos Iaos, he de dous palmos ou dous e meyo de comprido, tem quasi dous dedos de largura, tem os cortes dambas as partes em voltas como espada colubrina, e alguns são vntados com peçonha.

Anrique de Sylveira de Menezes, que não foi dos derradeiros ao desembarcar, pelejou muito bem: derão-lhe húa espingardada núa mão. André da Sylveira andou entre os inimigos pelejando valerosamente, ate que depois de fazer muitas e grandes cavalarias, e escalavrar muitos Mouros, o matarão. Baltezar Pereira capitão

capitão d'hum navio também se assinalou bem ate lhe darem húa espingardada num ombro. Hum foão Borges Picoto dá obrigação de dom Theotonio de Bargarça Arcebispo d'Evora também fez muitas maravilhas ate o matarem. Hum foão Borrvalho soldado valeroso mostrou aqui bem que o era, ate que o queimarão e abraçarão. Belchior Calça com ser de sessenta annos fez tais cousas, que podera envergonhar muitos mancebos e todos o que o virão pelejar. Hum foão Machado de Cochim fez cousas muy notaveis de esforço, e escandalizou bem aos imigos, com quem sempre andou misturado ate que o matarão d'húa espingardada. Dom João Tello filho do alferes mór, e dom Manoel de Noronha comprirão aqui bem coa obrigação de filhos de seus pays, imitandoos no esforço e cavalaria, que os imigos sentirão bem em suas carnes ate os matarem. Lourenço Guedez foi aqui morto depois de ter bem comprido coas obrigaçoens de quem era. Diogo de Miranda também deu boas mostras de seu esforço ate chegar a perder a vida no meyo dos Mouros. E por não relatar mos tantas miudezas, baste saberse que todos os que tinham sangue e honra, forão sempre por diante fazendo maravilhas: e todos apertarão com os Mouros de fei-

ção, que os obrigarão a se recolharem na misquita que estava de frente da fortaleza, que estava entulhada de povo miudo. E trabalharão os nossos tudo o que poderão polla entrar, mas não lhe foi possível por ser forte. E por que o tecto era cuberto de folhas de palma secas, bradarão os que estavam á porta por lanças de fogo, e foi logo correndo por ellas ás embarçaçoens hum soldado da obrigação de Luis da Sylva chamado Simão Pereira: e tomando tres tornou a voltar, e no caminho encontrou com Pedro Fernandez de Carvalho, e Antonio de Magalhaens, que neste feito fizerão muitas cavalerias, e cada hum lhe tomou a sua, e forão se á misquita, e derão fogo as lanças, e com ellas oposerão as olas. Outros dizem q hum foão Pinto natural de Bemfica foi o primeiro que lhe pôs o fogo. A este tempo chegou Sebastião Botelho, que tinha feito muito, e com elle húa companhia de seus soldados, e vendo o trabalho em q os nossos estavam de pôr o fogo ao tecto da misquita, tomou huas lanças que levava comfigo, que tinham nas pontas muy bem atadas hús cornos de bois coas pontas pera baixo e os vãos pera cima todos cheos de polvora de feição que sobejavão por fora em cada húa hum palmo de ferro, pera tanto que o fogo se acabasse, pelejarem



pelejem com ellas. Arteficio foi este que elle inventou pera trazer nos Cotacouloens em que elle andava por capitão. Erão estas lanças de tanta efficacia, q̄ hũa so bastava pera axorar e desbaratar hum Parao, e dandolhe fogo por cima, lançarão grandissimas labaredas com temerosos terremotos, e com ellas ajudou a por o fogo á misquita. E tinhão estas lanças outra cousa, que de mais de duas braças afastadas, lançavão as Chamas de fogo onde querião. Os Mouros que estavam na misquita tanto que as olas tomarão fogo q̄ começou a cair sobre elles, arrebentarão alguns pella porta fora, e como defatigados arremeterão com os nossos, e quasi que os fizerão desmandar. Ao que acodio Domingos de Castilho natural de Ceita com outros companheiros e se opuzerão aos inimigos, e apertarão com elles de feição, que forão fogindo pera a fortaleza, onde se recolherão por hũa porta que se servia por baixo d'hum arco de abobada, que alguns dos nossos quizerão cometer: mas deixarão de o fazer por se temerem de minas.

A este tempo sayo do baluarte de sobre a barra hum escoadrão de Mouros que vinhão em favor dos seus, e correndo a voz de Mouros, Mouros, foi tão grande o desmancho dos soldados com-

muns que andavão espalhados, que perto de cento e cincoenta delles se acolherão pera de baixo das Galeotas que estavam varadas dos inimigos a borda do rio. Sem verem, pollos não deixar o medo com que yão, quão perigoso era o lugar que escolhião: por que mais seguro lhes era fazeremse em hum corpo e pelejarem em defensão de suas vidas quando por honra o não quizessem fazer, ou polla fé de Christo, que erão respeitos que os engrandecião mais.

Os nossos que estavam derredor da misquita vendo recolheremse aquelles fracos soldados pera os navios, bradarão que os fossem alguns fazer recolher onde todos estavam, pera juntos resistirem aos inimigos: Ao que foi Sebastião Botelho, e com elle hũ padre de são Francisco, que se chamava frei Francisco bautista da recoleta dos descalços, que ja fora cativo em Cunhale, e comessarão a persuadilos que se fossem ajuntar com os que estavam na misquita, lembrandolhes q̄ erão Portugueses, e que não quizessem abater e afrontar sua nação que tão temida fora sempre em todas as partes do mundo. A voltas disto alevantou o padre no ar hum devoto crucifixo e lhe disse: Ea soldados de Christo, e esforçados cavaleiros segui este capitão, e esta sua bandeira, q̄ certa

ta esta a vitoria em quem á sua sombra quizer pelejar. Com esta exortação se forão os soldados saindo de debaixo dos navios como homens que querião seguir tão fermoso estandarte. E cuidando o Sebastião Botelho, e o padre frei Francisco Bautista que vinhão a pós elles, começarão a andar: e virando pera tras os virão lançar todos ao már pera se passarem á outra bāda, não lhes deixando ver sua covardia, q̄ se foggiao d'hũa morte, yão dar em outra mais afrontosa, e de mór vituperio: e que ja que avião de morrer, fazendo coa espada na mão, ficavão vivendo no ceo por gloria, e na terra polla fama que de si deixavão; e assi, arriscarão todos as vidas, e não sei se as almas por tomarem a morte por suas proprias vontades: e destes se afogarão a mór parte. Os que pelejavão junto á misquita, defenderão se dos inimigos com muito valor e esforço com verem tudo perdido. E o que os acabou de desbaratar, foi a mesma voz de traição, traição, como da outra banda, que causou nos peitos dos que pelejavão, grande terror.

Luis d'Almeida, que ja tinha as duas feridas que disse, indo com hum matalote seu chamado Ioão da Cunha, e com alguns companheiros mais forão pelejando valerosamente, fazendo sempre rosto aos inimigos; ate que

derão ao Luis d'Almeida outra lançada por baixo do braço direito que o passou a outra parte, e hũa cotilada por hũa perna de que cayo, tendo a rodela, chussa, e morrião com que sempre pelejou, tudo feito pedaços: por que d'aquella feita que recebeo estas feridas, teve o encontro a dous façanhosos Mouros rodeleiros q̄ derribou a seus pés mortos. O Ioão da Cunha q̄ tão bem tinha imitado ao companheiro, vendoo caido alevantou o com os outros e forão se recolhendo com elle pera as embarcaçoens indo perseguidos de alguns Mouros: mas soccorreos outro amigo chamado Andre Simoens com alguns soldados, q̄ arremetendo com os Mouros os escalavrarão e fizeram fogir, com o que tiverão tempo de pôr em salvo o Luis d'Almeida, e passarão a outra banda e dai foi levado á Galé capitaina onde foi curado, e viveo. E ainda se achou na tomada d'aquella fortaleza em companhia de Andre Furtado, onde fez outros feitos que em seu lugar se contarão.

Ja neste tempo era tudo perdido, e no már avia algũs corpos mortos, e alguns dos nossos que ainda estavão em terra por primór se não quiserão lançar ao már, como foi dom Antonio de Leiva Sargento mór, que vendo aquelle negocio concluido e de má

má maneira foise recolhendo pera as embarcaçoens , e não achando algũa em que se meter, não se quis lançar ao mâr assi polla afronta que nisso recebera se o fizera, como pór fogir á morte, q̄ lançandosse ao mâr, tinha certa, por ir todo armado de armas inteiras tanto, q̄ ate grevas levava nas pernas. Pello q̄ tornou a voltar aos inimigos q̄ ja não erão tantos, e arremessou se antre elles como hum Lião fazendo nelles bem grande estrago: e depois de andar ja muito cansado, e não poder bracejar, cayo morto de muitas espingardadas. Simão Rabello, em quem ja falei, pelejou este dia valerosamente, e depois de tudo perdido, vendosse ferido de muitas feridas, se foi recolhendo pera a praya pelejando sempre de rosto com os inimigos a te chegar á borda d'agoa, e não achando embarcação em que se recolhesse, passandolhe pella memoria a afronta que seria morrer afogado, disse a alguns companheiros, que o seguião, que tratassem de se salvar, por que elle não avia de morrer afogado no mâr, senão entre Mouros na terra: e lançandose em meyo delles, que o seguião, fez tantas maravilhas ate que cayo morto.

O padre frei Francisco Bautista andou sempre com o crucifixo alevantado no meyo da briga animando aos nossos, e pedindo

a Deos misericordia: e vindo hum pilouro d'espingarda encaminhado pór vontade de Deos deu em hum braço do crucifixo e quebroulho ficando dependurado pello outro. O que visto pello padre alevantou a voz dizendo: Ha cavaleiros de Christo, vingai esta offensa feita a vosso Deos pellos mores inimigos q̄ tem e ha do seu santo nome, e abraçando se com o crucifixo dizendo muitas lastimas, e derramando muitas lagrimas pello ver assi tão maltratado, e abraçado com elle o matarão. E de crer he que iria sua alma directamente á gloria a receber a coroa do martyrio.

Os que poderão alcançar jangadas, salvarão se nellas. Dom Francisco Pereira irmão do Conde da Feira de quem ha pouco falamos, vindo ao longo da praya com alguns companheiros, lherão hũa espingardada na cabeça de que ficou sem sentido, e achando os companheiros a barquinha da sua Galé o meterão dentro, foitanta a gente que se meteo na bateira, que se virou e morreo afogado aquelle mancebo, que tinha dado de si muitas e muy grandes esperanças do que ao diante ouvera de ser: mas atalhoulho a fortuna invejoza do seu valor, porem não lhe tirara a fama que de seu esforço lhe darã esta nossa escriptura. E ao virar da bateira acodirão alguns Mouros

Mouros em embarçaõens pequenas depois de verem tudo perdido pera andarem á pescaria dos nossos que andavão no mar, e fisgavãonos como se forão peixes, e os alanceavão com tanta crueldade como he a q̃ os Mouros costumão ter contra cristãos. Mas hum Luis Cardoso bom soldado, que ali ya, acertou de aver hũa lança as mãos, e cavalgado na quilha da bateira defendeo com muito esforço, ainda que com grande trabalho, quantos estavão afferrados na bateira ate se salvarem. E is aqui tudo perdido e desbaratado: mas toda via não foi tanto a salvo dos Mouros, q̃ não ficasse o campo sem aver quem nelle pelejasse: por que a mór parte dos seus aventureiros, que sairão aos nossos, forão mortos e feridos.

Belchior Ferreira, que deixamos coa tranqueira pelejando com os imigos valerosamente, bem sintio o desbarate dos nossos nos gritos e alaridos que ouviu: e por q̃ ja era perto do meyo dia, e tinha a mór parte dos seus soldados feridos, foise recolhendo com muito boa ordem pera o Samorim, que lhe pezou bem do desbarate dos nossos: e alguns q̃ se acolherão pera aquella parte, mandou curar e agasalhar. Dom Luis da Gama sintio em extremo aquella desventura, e muito mais ver que o enganarão os que

o aconselharão que mudasse a ordem que tinha do Visorrey; em q̃ não pode ter desculpa. E arrebatava de pezar e magoa de não poder mandar socorrer os nossos: por que se ja no cabo passarão coatro centos homens, sem duvida a fortaleza se perdera, por que não ficou ao Cunhale gente com que a poder defender. O que se deixou de fazer, assi pellos homens estarem quebrantados, como por não aver embarçaõens: e quando chegarão os derradeiros dos nossos ja o acharão quasi só, por que muitos o desemparrarão. E por lhe dizerem alguns dos que yão do desbarate que se recolhesse que ja não avia que fazer, o fez logo: que ate nesta hora de tanta importancia lhe faltarão amigos. E como este fidalgo não estava muito bem quisto, alevantarão lhe aleives: por que a soldadesca da India he nisto muito livre, e pouco escrupulosa. E não era muito q̃ este fidalgo se recolhesse d'aquella maneira, por q̃ aquella desventura bastava pera derribar o animo d'hũ homem q̃ estivesse muito folgado, quanto mais o d'hum capitão q̃ toda aquella noite e dia gastou em goyernar, lidar com tantas coufas, e gritar: por que em hum conflicto e trance destes, e tal qual este foi, mais se peleja com o espirito, que com as armas.

CAPITULO VIII.

Da gente que d'ambas as partes morreo nesta desembarcação. E de como o capitão mór se foi pera Cochim, e deixou dom Francisco de Sousa sobre a barra de Cunhale:

Esta foi hũa das móres desaventuras e afrontas q os Portugueses passaram na India: por que nella se desbaratarão quasi por vontade e por si mesmos. Esta miseria ha antre esta nossa nação, que assi como no cometer excede no primeiro impeto a todas as outras, assi no desordenar e recolher tem o mesmo extremo. Dissemos que socedeo isto quasi por vontade, deixando o q he mais certo que he ser por peccados, por que por vontade podemos dizer que foi não verem com os olhos da rezão quantos danos nacerão de não entrar a armada pella barra comó estava assentado no conselho, e mandado pello Visorrey. E ja que pareceo aos que inquietarão este capitão, melhor o seu conselho, que o que estava tomado, não sei que rezão ouve pera depois de toda a gente estar da banda do Ariole, não mandar entrar a armada no rio. Por que ainda que nisso correrão alguns navios risco, pouco

dano era, por que se se isso fizera, muito poucos dos nossos se perderão: antes posso afirmar q se ganhara a jornada, por que não vejo nenhũa rezão de se poder perder estando os navios com as proas em terra. E depois de Luis da Sylva ser da outra parte, poderia tornar a ametade delles a passar a gente com mais segurança, e os homens pelejarão com mór animo, sabendo q tinham os navios á mão pera se valerem delles se se virao em algum grande aperto. E quando não levarão a fortaleza nas mãos do primeiro cometimento, levarasse do segundo, ou do terceiro, por q nos navios tinham donde se recolher, e refazer do que lhe fosse necessario pera tornarem ao assalto. Nisto se vio bem claro quanto importa hum bom conselho pois he causa de se alcançar hũa grande victoria, e o mau de se perder, e de muitos outros danos q acontecem quando se não alcança.

Perderãose neste negocio duzentos e trinta homens dos nossos, e alguns que dizem que mais, enganarãose: por que eu tive o rol dos que morrerão que não passarão dos que tenho dito, e deste numero morrerão alguns afogados no rio. Perda foi esta muito grande pera o estado e digna de grande sentimento, não por que não ouvesse ja nelle outras em alguns recontros em que se

se perderão mores contias de homens: mas esta foi de dobrado sentimento, por se ter por mūy certa a vitoria, que nos Deos tirou das mãos por se não entrar nos navios polla barra, e por não voltarem as jangadas, e embarcaçoens buscar o capitão mór, como elle tinha mandado, por morrerem Luis da Sylva, e os mais que o capitão mór nomeou pera a caudilharem a gente: o q̄ tudo pende de segredos que só a Deos são manifestos, e elle sabe o por q̄ dilatou esta vitoria, avendosse pellos antecedentes por tão certa, que ninguem duvidava della. E assi o fora se a nação Portuguesa obedecera ás ordens dos generaes, como o fazem as outras.

As pessoas conhecidas que se aqui perderão, posto que ja nomeei algũas, tornareia fazer outra matricula dellas. Dom Francisco Pereira irmão do Conde da Feirá; dom João Tello de Menezes filho do Alferes mór: Manoel de Mendanha: Diogo de Miranda: Lourenço Guedez: dom Antonio de Leiva Sargento mór: dom Manoel de Noronha: Manoel de Barbuda: Paulo Leitão: Gaspar de Mello: Nuno Fernandez Cabral: Goterre de Monroy, sobrinho do outro Goterre de Monroy de Beja, filho de seu irmão: Simão Rangel de Castello branco; filho d'hum irmão de Fer-

não Rodriguez de Castello branco: Gomez, Miguel, e Gaspar Freire; todos tres irmãos, e do mesmo apellido: Rui Brandão: dom Manoel d'Azevedo: Manoel de Souza Chichorro: Alvaro Teixeira Lobo, fidalgo filho de Manoel Lobo Teixeira casado em Goa: Pero Borges de Castelbranco: Antonio d'Afonseca: Hum Foão Ortis: Luis Sardinha de Santarem: Matias d'Abreu de Abrantes, e outros. Ouve desta parte quasi cincoenta feridos, e da de Belchior Ferreira cento e vinte e seis: afora os mortos que ja nomeamos em outra parte.

Dos Mouros morrerão ás mãos dos nossos mais de quinhentos escolhidos e aventureiros. Os capitães mores de armadas, e pessoas principaes, forão estes. Cutimai, Cutimuça, Marca Cacá, Cotise Marca, Bava Mamede, Bava Cutiale seu irmão, Canatale, Cunhimais, Connas Nonomai, Tampocara, e outros, que o mesmo Cunhale, e Chinale me derão a rol estando presos no tronco onde os fiver. O capitão mór mandou o corpo de Luis da Sylva pera Cananor, onde o enterarão coa mór pompa, q̄ a terra podia fazerlhe: e depois o mandou o Regedor seu irmão levar pera o reino. E das primeiras cousas q̄ o capitão mór tambem fez, foi mandar dom Luis Lobo pera Goa em hum Catur ligeiro com

cartas ao Conde Almirante pera como testemunha de vista lhe dar relação d'aquella jornada. E em sua companhia se forão em outros navios alguns fidalgos sem lho fazer a saber.

E depois de despedir isto, tratou de se ir pera Cochim com todos os feridos pera la se curarem: por que em Cananor não avia pera isso comodo. E querendo deixar hũa Galé com alguns navios naquella barra pera có elles entreter o Samorim que avia de ficar sobre o Cunhale sem se afastar delle, e pera defender que lhe não entrassem provimentos: pera o que cometeo alguns capitães que se lhe escusarão. O que elle sintio muito por se ver desamparado de todos, samente dom Francisco de Sousa lhe aceitou a impreza: do que deu conta a Belchior Ferreira, que mandou chamar á sua Galé, e lhe disse de como determinava ir a Cochim a cousas que importavão. Ao que Belchior Ferreira lhe atalhou dizendo, que cuidara que o mandava chamar pera se fazer outra vez prestes pera tornarem a cometer a fortaleza de Cunhale: ao que o capitão mór lhe disse, que mal poderia aquillo ser pois todos os homens estavão tais do trabalho passado, q̄ não podião comfigo: e outros tao amedrontados, que aquella noite se lhe forão alguns pera Goa sem o elle

faber: Pello que não podia, nem tinha com que tornar a provar ventura. O Belchior Ferreira lhe respondeo que não avia q̄ fazer naquillo, que se ouvesse por desgraciado, pois ate os homens que lhe tinhão mais obrigação, o deixavão e desamparavão naquelle tempo, que visse o que queria delle, por que pera tudo estava prestes. Então lhe disse o capitão mór que deixava sobre aquella barra dom Francisco de Sousa na Galé de dom Francisco Pereira, que lhe pedia quisesse ficar com elle ate tornar de Cochim: O q̄ Belchior Ferreira aceitou, e ainda fez mais q̄ se offerenceo a ficar só quando outros capitães dos navios se escuzassem. E toda via aceitarão tão bem a ficar ali Gaspar Tibao, Gaspar d'Abreu Mouzinho, dom Alvaro da Costa, Gaspar de Mello, Alvaro Velho, e tres Piriches de Malavares.

E por que os homens estavão cansados, e quebrantados da guerra, vendo que o capitão mór se ya pera Cochim muitos dos soldados se lançarão ao már, e se passarão aos navios que yão com elle: o que também quizerão fazer alguns da Galé de dom Francisco, do que elle foi avisado, e chamando pollo patrão lhe disse muito alto, q̄ lhe fizesse prestes a bateira, e que todo o soldado q̄ se quizesse passar pera os navios que yão pera Cochim, os levasse nella:

nella: por que elle não queria q̄ o acompanhassem pôr força na Galé, que com quais quer que lhe ficassem, defenderia aquella barra. Estas palavras ditas assi em publico, fizeram tal impressão nos que se querião lançar a nado, que desistirão de sua determinação, e se deixarão ficar tão corridos d'aquelle negocio, que todo o mais tempo estiverão sobre as mantas da Galé sem ousarem de ver o rosto a dom Francisco de Sousa.

O capitão mór se fez á vela pera Cochim e chegou a aquella cidade onde ja se sabia o caso: e os vereadores acodirão a armada com muitas embarcaçoens, e visitarão o capitão mór e o consolarão, e desembarcarão todos os feridos: e os fidalgos e capitaens se repartirão pellas casas dos moradores, onde forão servidos com muitos regalos, e curados com muito cuidado, e todos os mais forão levados ao Hospital onde forão muito bem curados. Sabendo o capitão mór que o Arcebispo estava em Vaipim, sem aguardar por sua visita, o foi buscar e lhe deu contado socesso, e lhe pediu conselho sobre o que faria. O Arcebispo, que ja tinha bem sintido e chorado tamanho defastre, consolou o: e mandou recado a dom Antonio de Noronha capitão de Cochim, ao Bispo, e aos fidalgos velhos, e

diante delles deu o capitão mór outra vez relação de suas cousas: Certificandolhe q̄ sempre o Samorim vsaria de muita verdade e fidelidade naquelle negocio pello que lhe nisso ya, e que com a mesma ficava com todo o seu poder sobre o Cunhale, affirmandolhe que se não alevantaria dali ate o destruir de todo, que lhe pedia o aconselhassem no que devia fazer. E praticado o caso antre todos, vierão a concluir: q̄ era muito licito que se concedessem as pazes que o Samorim pedia, pois tinha tão bem satisfeito com sua obrigação: e pera com isso o terem mais obrigado pera o verão seguinte em q̄ o Conde Almirante forçado avia de ir ou mandar concluir aquelle negocio: por que o tyrano estava em estado que facilmente se desbarataria por lhe ficar morta a frol da sua soldadesca, e de seus capitaens.

Assentado isto capitularão as pazes, e despidirão hum Catur ligeiro com cartas ao Conde Almirante, e que o capitão mór fosse esperar a resposta dellas a barra de Cunhale pera dali assentar e jurar as pazes com o Samorim. Feito isto partioffe o capitão mór pera la, e despidio de Cochim a dom Vasco da Gama com a sua Galé, e oito ou dez navios mais pera ir ao cabo Comorim recolher as Naos da China, Malaca,

laca, e outras partes como fez em Abril, e as trouxe a Cochim onde ficarão invernando dous Galeoens de Maluco carregados de Cravo, por não terem tempo pera passar a Goa. E em quanto dom Luis da Gama não chega a Cunhale, contaremos o q̄ ali aconteceu a dom Francisco de Sousa que ficou sobre sua barra.

CAPITULO IX.

Do que aconteceu a dom Francisco de Sousa sobre Cunhale. E de como chegarão a Goa as novas desta perdição. E do que fez o Conde Almirante.

DEpois de dom Luis da Gama partir pera Cochim, vendo o Cunhale aquella armada que lhe ficava sobre sua barra, sintio o em extremo polla grande necessidade e falta que tinha de mantimentos e lhe era necessario mandalos buscar primeiro que o capitão mór tornasse. E pera isto buscou todos os meyoos que pode ainda que fosse com grande risco: pera o que assentou com os seus capitães lançar todas as suas Galeotas ao már, que crão treze, e provellas muito bem de artilharia, e soldados pera mandar pelejar com a nossa armada. Estes apercebimentos fez com

grande estrondo, pera que chegando as novas á nossa armada, que avia q̄ não esperaria, se fosse logo pera Cananor, e lhe ficasse lugar pera mandar navios a Mangalor a buscar provimentos: E q̄ quando a armada se não quizesse recolher, então a cometessem, por que avia que tinham certa a vitoria. Dom Francisco de Sousa foi logo avisado pello Samorim da pressa que se dava áquellas Galeotas, e do grande cabedal que o Cunhale metia nellas. E vendo que tinha pouca armada e pouca gente pera esperar tantas e tão possantes Galeotas, vsou d'hum ardil de bom capitão pera embaraçar o Cunhale, que lhe socedeo bem. Este foi mandar de noite a Pero Luis com os Piriches, e duas fustas mais que se afastasse ao már, e que no coarto d'alva viesse demandar a barra como que era socorro que vinha de fora, e que na chegada fizesse grande estrondo com a artilharia desparandoa muitas vezes, e com se tocarem os tambores com grandes carrancas e som de guerra, e toda a gente pollas perchas dos navios com armas e seus barretes vermelhos, pera o que lhe derão todos os que avia na armada, pera de mais longe os divisarem melhor e vultassem mais: e que despois de darem esta mostra pera que se ouvissem na fortaleza, se tornasse afastar ao már

már e se pozesse em parte donde os vissem da fortaleza, o que elle fez muito bem. E ouvindo o Cunhale aquelle estrondo no coar-to d'alva, e descobrindo a manhã vendo aquelles navios surtos ao már com tantos barretes vermelhos, e tanta soldadesca posta em armas, por que se pozerão, como disse, em parte donde da fortaleza os divisavão mūy bem, embaraçou se o Cunhale. E o Samorim mandou perguntar a dom Francisco que estrondo d'artelharia era a que ouvio, e que navios erão aquelles que apparecião? A isto lhe respondeo dom Francisco de Soufa: Que vinhão de socorro, e que surgirão ali por esperarem por outros q̄ vinhão atrás.

Estas novas correrão logo pollo arrayal, e forão ter a Cunhale. E pera mór ajuda desta invenção, socedeo virem no mesmo tempo alguns navios de mercadores de Cochim com fazendas das Naos da China e Malaca, q̄ dom Francisco fez surgir junto da armada com que representava mór poder. Estas novas chegarão a Cunhale, q̄ tão bem vio tudo, e não querendo arriscar sua armada, que era todo o seu remedio, por que perdida ella, não lhe ficava cousa em que podesse ter esperança de se salvar, levou mão do negocio, e tornou a varar as Galeotas. Do que dom Francisco

de Soufa teve logo aviso, e ficou desaliviado. E quando lhe era necessario proverse d'agoa, a mandava de noite buscar a Coriche pollos navios, que yão de dous em dous a trazella. E assi foi entretendo o tempo e ao Cunhale o melhor que pode. O Samorim estava muito magoado da perda dos nossos mais pello que lhe relevava a elle, que pello que nos ya a nós.

E por que não podia ja levar mão daquella guerra pello risco e perigo em q̄ se punha d'aquelle tyrano se alevantar e lhe tomar o reino. Sabendo a miseria em que estava, e a muita gente que os nossos lhe matarão, determinou de cometer a fortaleza com todo o seu poder, e trabalhar pollo levar nas mãos. E pode muito bem ser que tivesse o olho nas grandes riquezas que cuidava achar: de que se queria lograr só, e que não tivessem os nossos nenhũa parte nellas. Por q̄ entendo que avia o Conde Almirante de meter todo o resto do poder da India contra aquelle inimigo, e que ficaria elle com menos quinhão. E disto que tinha determinado mandou dar conta a dom Francisco de Soufa, e pedir-lhe que o dia que lhe fizesse sinal, se chegasse com toda sua armada á boca da barra e esbombardeasse os fortes dos inimigos com grande terror pera com isso

os divertir, e elle ter tempo de dar por lá na fortaleza mais folgadamente. O que dom Francisco fez ao final q̄ lhe fizeram, chegando-se quasi ao rolo do mar, e dali bateo as fortificaçoens com grande terror. O Samorim ao mesmo tempo cometeo a fortaleza com mais de vinte mil homens, e trabalhou por entrar as paredes sobre o q̄ ouve húa grande batalha em que os Mouros se defenderão valerosamente. E depois de gasta toda húa manhã nesta referta, se afastou a gente do Samorim com algum dano, não ficando os Mouros com pouco. E com isto pararão as cousas, e o Samorim se deixou estar no lugar em que sempre esteve com todo o seu poder. E assi os deixaremos por darmos conta das novas que chegarão a Goa.

Não deixava o Conde Almirante de estar com grandes sobressaltos esperando o successo do Cunhale, quando começou a correr húa nova surda: Que dom Luis da Gama era perdido com todos os seus, que o Conde engolio e calou com muita dór sua sem se mostrar triste nem malencionizado aos homens, por q̄ as não ouvessem por certas. E por q̄ as más põlla mór parte, ou quasi sempre o são, quando forão quinze de Março chegou a certeza dellas por cartas do capitão mór, que dom Luis Lobo levou,

que fizeram tão grande abalo na cidade, que sairão os homens de suas casas como desatinados a saber dellas, e as molheres põllas janellas com grandes prantos a esperar as novas dos maridos húas, outras dos filhos, e irmãos q̄ la tinhão. O Conde Almirante, como a quem lhe ya mais que a todos, aquelle negocio fintoio mais que todos: mas por que lhe era necessario mostrar grande animo põllos homens se não desanimarem, mostrou-lhe com menos tristeza da que tinha em seu coração. E a o outro dia mandou chamar a conselho todos os fidalgos velhos, e nelle lhe disse q̄ avia tres dias que tinha aquellas tristes novas, a que não avia mais que fazer por então, q̄ dar graças a Deos, a quem se não podia perguntar põlla rezão das cousas que permitia e ordenava: e que aquelles erão os successos da guerra que muitas vezes não acontecião as cousas como se desejavão. E que o que por agora era necessario, era prover-se naquelle negocio com prudencia e bom conselho, que esse lhe pedia pera saber o que devia de fazer. E logo mandou lér a carta de seu irmão pello secretario. E por que nella se reportava a dom Luis Lobo, foi logo chamado pera que referisse todo o successo, e os votantes conforme a elle dessem seus pareceres, o que dom Luis Lobo

Lobo fez como lhe pareceo. Depois d'ouvida a relação que deu do successo, pediu o Conde a todos que votassem sobre se seria licito ir elle logo em pessoa a Cunnhale, por que segundo aquelle tyranno ficava quebrado e desbaratado, facilmente lhe tomariam a fortaleza, e restauraria o credito do estado: por que estava muy prestes pera aquella jornada para q̄ tinha tudo de sobejo.

Sobre esta proposta votarão todos os do conselho: Que não era bem que a pessoa do Visorrey da India se abalasse com aquella pressa: por que primeiro avia de pedir ajudas a todas as fortalezas, pera o que ja não avia tempo, ainda tendo tudo prestes por ser mais de meado Março. Quanto mais aperceberse de novo, que la vinha o verão seguinte em que se podião fazer aquellas cousas muito bem feitas: que se o Cunnhale ficava quebrado, tambem o tinha o Samorim tão rodeado e cercado com seu exercito, que se não podia prover nem de gente, nem de mantimentos. E q̄ pera aquelle Rey continuar no cerco que lhe tinha posto, lhe concedessem pazes, e lhe fizessem todos os mimos e ventagens q̄ pedisse. E que o que restava do verão, ficasse húa armada sobre aquella barra, e que como fosse tempo se recolhesse a invernar a Cananor, pera no veranico d'A-

gosto se tornar a pôr sobre a mesma barra. Por q̄ segundo aquelle Mouro estava falto de mantimentos, não tinham duvida a se entregar logo a qualquer capitão que fosse no verão acabar aquella empreza.

Assentado isto, despedio o Conde recado a seu irmão, e ao Arcebispo, que em Cochim com dom Antonio de Noronha capitão d'aquella fortaleza capitulassem as pazes que se avião de fazer ao Samorim: e que o capitão mór dom Luis da Gama as fosse jurar com aquelle Rey, e se recolhesse a Goa como fosse tempo, deixando sobre Cunnhale a armada que lhe parecesse bem pello modo que se assentou no conselho: cujo treslado lhe mandou pera se reger e governar por elle.

Este recado tomou a dom Luis da Gama sobre a barra de Cunnhale, e logo despedio hum navio ligeiro com as cartas do Conde pera o Arcebispo, e dom Antonio de Noronha, que tomarão o Arcebispo no lugar de Molandur dos cristãos de são Thome, que logo se foi pera Cochim: onde com o capitão e Bispo fez os capitulos das pazes conforme ao tempo e as occasioens delle, e as tornarão a inviar a dom Luis da Gama, q̄ por via do padre Francisco Roz se deu contra d'aquelle negocio ao Samorim, e lhe man-

dou os capitulos das pazes, que elle estimou muito por serem á sua vontade, e tratou logo de se jurarem: e por inconvenientes que ouve, não foi a isso o capitão mór, e em seu lugar mandou dom Fernando de Noronha mûy bem acompanhado de fidalgo e cavaleiros. E o Samorim diante de seus regedores, e pessoas principaes jurou as pazes, e ficou de mandar seu Sobrinho Vniare Chararé, e outras pessoas a Goa no verão seguinte a vellas jurar pello Visorrey.

Feito isto, se recolheo o capitão mor a Goa, e deixou sobre aquella barra o mesmo dom Fernando de Noronha com doze navios mûy bem providos, e com a melhor soldadesca da armada, cujos capitaens erão, Dom Lourenço da Cunha, Lourenço d'Aguiar Coutinho, dom Antonio Manoel, Gaspar de Mello, Diogo Ortiz de Tavora, Antonio Botelho, Lançarote de Seixas, Lopo d'Andrade de Gamboa, e outros de que me não lembrão os nomes. E pera a paga desta armada assi de soldados, como de marinheiros, pera mantimentos, e outras despezas mandou o Conde muito dinheiro: por que lhe não faltou nunca pera estas cousas, por que o buscava sobre seu credito quando faltava, e isto fez muitas vezes.

CAPITULO X.

Do contrato das pazes que se fizerão com o Samorim. E do que socedeo a dom Fernando de Noronha sobre Cunhale. E dom Luis da Gama chegou a Goa. E dos provimentos que o Conde mandou a Maluco: e embaixadores do Achem que despachou.



Prometeo o Samorim licença pera em todos os seus reinos, e senhorios, e nos de seus vassallos deixar prégar o santo Euangelho, e se fazerem cristãos todos os que quizessem de qual quer sorte e casta que fossem, sem por isso perderem seus officios, dignidades, honras, e preeminencias q̄ antes tiverão, nem cousa algũa de suas fazendas, que poderião deixar livremente a seus herdeiros ou a quem lhe parecesse assi como se costuma entre cristãos sem nisso se poder entremeter El Rey, ou Regedor algum, nem entrar El Rey algũa hora em parte de sua herança.

Obrigou se a dar thão necessario pera edificação de todas as igreijas em todos seus reinos e senhorios, e nos de seus vassallos nas partes q̄ lhe pedissem os ministros da christandade: e que estas

estas igrejas serião couto, e valerão a todos os homiziados nas coufas, e delictos em que ellas costumão a fello a aquelles que a ellas se acolheffem como se guarda entre os cristãos. E os padres q̄ nellas residem terião poder sobre os cristãos pera fazerem justiça conforme á ley da cristadade, sem nisso lhe irem á mão, nem lhe porem impedimento algum El Rey, ou seus Regedores, ou pessoa algũa.

Prometeo mais que estes mesmos privilegios, e izençoens terião as igrejas dos cristãos de são Thome q̄ estivessem em suas terras, e nas de seus vassallos, e nas que de novo se edificassem, pera o q̄ dava livremente licença. E os Cassanares, e Vigairos q̄ nellas residem terião a mesma jurdição sobre seus cristãos, que os padres portuguezes tem nas outras igrejas e nas mais coufas que os cristãos de são Thome costumavão ter nas terras dos outros Reys Malavares.

Obrigouse mais a não confinitir em tempo algum ser recebido entre os cristãos de são Thome, que morão em suas terras e de seus vassallos, Bispo ou Prelado algum senão q̄ viesse por ordem do Papa e d'El Rey de Portugal deste estado e do Arcebispo de Goa: E que entrando outro algum nellas, o prenderião e entregarião ao feitor de Calecut,

ou em qual quer das fortalezas do estado pera se mandar ao Arcebispo de Goa.

Prometeo mais que todos os Portuguezes e cristãos que a suas terras fossem tér cativos por qual quer caso que fosse, de os entregar ao capitão, ou feitor d'El Rey de Portugal que com elle estivesse.

Prometeo de entregar ao feitor que estivesse em Calecut cinco pessas d'artelharia que forão da fortaleza de Chale. A saber, Dous Camelletes, hum Falcão, e dous Berços, que estarião depositadas na feitoria ate aver fortaleza em que se metessem. E em nenhum tempo o Samorim, ou seus descendentes as poderião tirar, nem serviremse dellas pera outro effeito.

Prometeo que não desistiria do cerco de Cunhale ate o verão seguinte vir a armada.

Isto que se agora segue he o que o estado prometeo ao Samorim.



Obrigouse o estado a aver sempre igreja e padres em Calecut. E assi de fazer ali a fortaleza, e ter ali officiaes e feitoria: e de favorecer a todos os Portuguezes e cristãos, que ali quiserem morar, e fazer ali a povoação. Pera o q̄ dara o Samorim lu-

gar particular junto da feitoria.

Obrigasse mais a dar cada anno cinco cartazes pera cinco Naos de Meca. Coatro que estavão prometidos nas pazes que fez dom Alvaro d'Abanches, e hum mais que agora se lhe acrecenta, por se não falar em algum tempo, nem pedir que o estado não dé cartazes aoutra algũa pessão no Malavar, como se lhe prometeo nas pazes que lhe fez o Visorrey Martias d'Albuquerque. E destas Naos as duas poderão ser de porte de ate seis centos Candis: e as outras tres, de ate quinhentos. E pagará por cada hum destes cartazes trezentos fanoens. E pedindo algum cartás pera Bengala, ou pera o Achem, se lhe dará: não trazendo, nem levando cousas defezas. E pera Barcelor, Mangalor, e mais partes onde costumavão navegar, se lhe darão os cartazes costumados, que se ouverem de passaraos vassallos do Samorim e moradores de suas terras, que contem de Paliporto ate Pudepatão, se lhe entregarião a elle na sua mão, ou a seus Regedores pera elles os repartirem, excepto os do Reino de Tanór. E estes cartazes serão passados pello capitão ou feitor q̄ estiver em Calecut na forma e ordem em que o estado os costuma passar, e conforme ao regimento q̄ o Visorrey lhe dér, sem se nisso entremeterem os capitaens de

Cochim e Cananor. E por cada hum destes cartazes pagara o Samorim treze fanoens, que he o preço antigo, e costumado.

Os cartazes que se ouverem de dar aos Arioles, dalos a o feitor de Calecut, ou nas suas proprias mãos, ou ao Samorim conforme aos contratos q̄ entre si tiverem feito em quanto elles estiverem concertados com o Samorim.

A pimenta que se comprar pera as Naos do reino se pagará pellos preços ordinarios da terra, e se recebera pella ordem de Cochim sem por isso se alterar couza algũa.

Da fazenda que comprarem e venderem os portugueses e cristãos nas terras do Samorim, não lhe pagarão direitos alguns, salvo os costumados nas terras d'El Rey de Cochim.

Avendo algũas brigas entre os Portugueses e Naires, cada hum castigará os seus. Nem o Samorim e seus Regedores se entremeterão em couza tocante á justiça dos portugueses ou cristãos e seus familiares: por que isso pertencerá ao feitor que estiver em Calecut, ou a quem o Visorrey ordenar.

Obrigouse o estado que fazendo algum dos imigos guerra ao Samorim pera lhe entrar por suas terras e jurdição ou de seus vassallos, não dar favor nem ajuda algũa, nem tão pouco favorecer

ao dito Samorim querendo entrar pelas terras dos outros Reys amigos do estado.

Tendo o Samorim guerra com os Arioles, e estando elles em amizade com o estado, não favorecerá nem ajudará algũa das partes, mas a todos tratará como amigos trabalhando pollos compór sem se agravar das ditas guerras.

Obrigouse o estado a não tirar de Calecut as peças de artilharia que forão tomadas na fortaleza de Chale: mas sempre estarão na feitoria ate se porem a fortaleza que se fizesse nas terras do Samorim: que o estado deseja que se faça em Calecut avendo comodidade pera isso, e podendo ser: Mas não se obriga a fazella senão onde for mais acomodada no tempo que lhe parecer mais conveniente.

Iuradas estas pazes partioffe dom Luis da Gama pera Goa deixando dom Fernando de Noronha, como dissemos, sobre aquella barra, e chegando a Goa deu rezão de si ao Conde Visorrey q̄ o despachou logo pera ir entrar de servintia na capitania da fortaleza de Ormuz, q̄ estava vaga por falecimento de dom Antonio de Lima capitão della, e não ya entrar nella por virtude da sua patente por ter ainda por cumprir algum tempo.

Partido dom Luis da Gama

pera Ormuz ficou o Conde despachando huns embaixadores q̄ lhe tinhão vindo do Achem, que elle recebeu mūy honradamente em Sala paramentada com todos os fidalgos e capitaens que se acharão naquelle tempo em Goa: e os apozentou muito bem mandandoos prover de todo o necessario ate ser tempo de se tornarem em que os despachou com satisfação. E os pontos principaes que vierão tratar, cu os não soube: por que os não achei na secretaria, onde era rezão que se isto achasse, mas sei que forão satisfeitos. E o Conde Almirante os mandou embarcar no Galeão da carreira de Maluco, de q̄ Luis Machado Boto era capitão: e os mandou provér muito bem do necessario pera a viagem. E mandou ao Achem hum arrezoado presente em retorno d'outro que os seus embaixadores trouxerão: e derão á vella aos tres de Mayo deste anno de 99. E de sua viagem adiante daremos rezão.

CAPITVLO XI.

De hũa Fragata de Espanhoes de Manilha que foi ter á China pera assentar pazes com os Chins: e fazer feitoria em hum de seus portos. E do que dom Paulo de Portugal sobre isso fez.



A demos conta no capitulo 16. do primeiro livro de como dom Paulo de Portugal partio pera a China; agora continuaremos com elle. Chegou este capitão ao porto de Macao em Outubro passado, e logo dahi a quinze dias aportou á cidade de Cantão hũa fragata das Manilhas de que vinha pór capitão hum dom João de Samudeo, e com elle dous religiosos da ordem de são Francisco, que elle logo despedio pera a cidade de Macao com duas cartas pera o capitão que ali estivesse. Hũa dellas de dom Francisco Tello governador da Manilha, e outra sua: e o governador dizia na sua, que elle mandava aquella embarcação a buscar Chumbo, ferro, e monçoens pera o serviço das armadas que El Rey dom Felipe trazia naquellas partes Filipinas que lhe pedia desse ordem có q̄ podesse aver aquellas cousas, e favorecesse o capitão que ya a isso, pois todos erão vassallos d'hum Rey: e a voltas disso muitos cumprimentos de que os castelhanos não são nada avaros. A carta de dom João de Samudeo continha o mesmo, e pedia-lhe licença pera fazer o negocio a que ya, e que o favorecesse naquellas cousas como era rezão, e com isto tambem seus offerecimentos.

Vendo dom Paulo de Portugal as cartas, e que a fragata passara logo a Cantão sem tocar naquella cidade, logo lhe pareceo arteficio: e respondeo ao Samudeo que se elle trazia provizoens d'El Rey de Portugal, que aquelle porto, sua casa, sua fazenda, e tudo o d'aquella cidade estavam muito prestes pera seu serviço: e se as não trazia que entendesse q̄ lhe não avia de consintir cousa algũa d'aquellas, antes lhas avia de estorvar por todos os modos e meyoys que podesse, por El Rey lhe ter defendido que os Castelhanos das Filipinas não fossem perturbar aquella terra, nem o commercio que os Portuguezes ali tinham, e o mesmo disse de palavra aos padres que lhe levarão as cartas, e com isso os despedio. E logo os moradores da terra entenderão q̄ aquella fragata vinha negociar algum porto novo naquelle reino pera nelle fazerem seu negocio, como logo antes de muitos dias se declararão: e que vinhão com intenção de aforça de dinheiro fazerem o que pretendião. Por que este Castelhana começou a tratar seu negocio com os Mandarins fazendo-lhes grandes promessas de muitos e muy grossos proveitos concedendo-lhes porto em que elles estivessem, pera o que lhes deu muitas peças ricas e coriosas que pera isso ja levava, Que estas são

são as chaves mestras com que se abrem todas as portas do mundo.

Dom Paulo de Portugal teve logo aviso d'aquelle negocio, e entendendo que seria de grande perjuizo assi do serviço d'El Rey, como do meneo e proveito d'aquelles moradores, e ainda dos mercadores de toda a India, despido hum Tabalião com hum protesto e notificação ao Castelhana Samudeo em q̄ lhe dizia, que se trazia provisoens d'El Rey pera poder vir a aquelle porto em contrario d'outras por que o defendia com graves penas, que as mostrasse pera se tresladarem, e não sendo assi que soubesse que lho avia de defender, e com isso lhe escreveo húa carta muito cortés que mandou que se lhe desse primeiro que o protesto, e que se não diffirisse a ella, então fizesse as diligencias q̄ levava a cargo. E o que dizia na carta era pedir-lhe assi da parte d'El Rey, como da sua que não quizesse ir perturbar aquelle commercio, nem inquietar aquella terra apontandolhe todos os inconvenientes que avia, e as perdas e danos que as alfandegas da India receberião, e o trato dos vassallos d'El Rey dom Felipe que era senhor d'ambás aquellas coroas. E com isto despido tambem hum Matias Pinella homem velho e antigo naquelle porto, e muito conhecido dos Mandarins pera que os per-

suadisse a lhe entregarem aquella fragata, ou lhe dessem licença pera elle a ir tomar: e q̄ lhe fizesse muitos cumprimentos, e promettesse grandes dadivas. Quando este homem chegou ja os Castelhanos tinhão feito seu negocio, e alcançado a licença q̄ querião a força de dinheiro: por que de Cantão mandou o dom João de Samudeo dous Castelhanos com húa petição ao Aitão, que era governador d'aquella provincia, em que lhe dizia que elle chegara ali com tempo fortuito que pedia lhe desse licença pera no porto do Pinhal que era legoas de Macao podesse fazer feitoria e pagar direitos a El Rey da China de suas fazendas. Disto avisou logo Matias Pinella a dom Paulo de Portugal, que fez junta de todos os moradores e lhes pediu que lhe dessem seus pareceres sobre o que faria naquelle negocio, e todos affirmarão que não era possível darem os Chins porto aos castelhanos, por ser cousa q̄ encontrava suas leys de que elles se mostravão e crão tão observantes. Mas que por lhe estorvarem carregarem fora, como ja acontecera outra vez estando ali dom Francisco d'Eça fazêdo a viagem de Iapão, a outra embarcação como aquella que foi ali ter das Manilhas, que se mandassem dous homens a Cantão com credito e dinheiro
pera

pera alcanfarem d'aquelle governador q̄ lhe mandasse entregar os Castelhanos, ou os deitassem fora do seu porto. Pera este negocio escolherão por eleição hũ Domingos Carvalho, e Antonio Carvalho d'Araujo, que acharão em Cantão tão trestornado tudo da parte dos Castelhanos q̄ lhes não responderão a proposito: por que ja os Castelhanos estavam de posse do porto do Pinhal. No que se vé claramente quão grande he a força da cobiça e intecece que faz q̄ estes tão inteiros na guarda de suas leys, as quebrem com tanta facilidade pollo interece que esperavão dos Castelhanos.

Com esta certeza que dom Paulo de Portugal teve assentou de ir áquelle porto em busca dos Castelhanos, e trazellos ao de Macao, e mandalos prezos á India pera que o Conde Visorrey os mandasse prezos ao reino com os autos de suas culpas, e protestos que primeiro lhe fizerão. Por q̄ se se não fizesse isso assi, perderia aquelle comercio, e não tinham os Portuguezes pera que morar naquella cidade, nem os mercadores da India a q̄ ir la com suas fazendas. E assi se começou a preparar, e negociar os bateis das Naos que ali estavam pera ir sobrelles.

Isto se soube logo em Cantão, e os Mandarins despidirão com muita brevidade hum protesto a

dom Paulo de Portugal em q̄ lhe requirião que não fosse inquietar os estrangeiros que estavam nos portos d'El Rey da China q̄ lhe pagavão direitos de suas fazendas: o que mandarão fazer com grandes ameaças, e logo se começaram de enxergar sombras dellas, por que começaram de ir faltando os mantimentos, e outras cousas q̄ avia ordinariamente na terra. Pello que forão os moradores q̄ ali avia com grandes requerimentos a dom Paulo de Portugal, pedindolhe que desistisse daquella jornada, por que se o não fizesse, estavam arriscados a lhe acontecerem grandes males, pois vivião nũa terra toda aberta e sem defensão algũa: e todas as vezes que os Chins quizessem os tomarião as mãos sem lho poderem defender nem contradizer. E que aquelles homens erão muito ciosos de sua liberdade e de lhe quebrarem os mandados do seu Rey. E q̄ indo a seus portos fazer guerra aos estrangeiros que nelles estavam, alem da desobediencia em que encorrião, estavam arriscados a outro não menor perigo, era este virem as armadas da China em favor dos Castelhanos, contra quem fora caso gravissimo pelejar os Portuguezes. Com isto q̄ os moradores Portuguezes d'aquella cidade dixerão a dom Paulo de Portugal cessou dos apercebimentos

mentos q̄ ya fazendo, e desistio da jornada que queria fazer contra os Castelhanos. Elles ficarão por então carregando a sua vontade: e como levavão muitos Reales, e gastavão largo, comprarão a Seda, peças, e mais cousas de brincos, e fazendas com tanta largueza, que sobirão os preços de maneira, que não ousarão os mercadores da India a empregar seus cabedais. E assim partirão as Naos esta monção pera a India quasi vazias destas cousas que costumavão levar.

Por estas mesmas Naos avisou dom Paulo de Portugal de tudo

isto ao Conde Visorrey, que chegarão a Goa no fim d'Abril, e o Conde propós em conselho o aviso que dom Paulo lhe mandou dos Castelhanos, e assentou-se nelle que se escrevesse a dom Paulo que conforme as ordens q̄ tinha de sua Magestade em que prohibia passarem Castelhanos á China, lho impedisse e os lançasse fora se ainda la estivessem. E por virtude desta ordem foi dom Paulo de Portugal no anno seguinte contra os Castelhanos q̄ estavam no porto do Pinhal e os lançou delle a força d'armas, e não tornarão lá mais.

DECADA DOZE

DA HISTORIA DA INDIA.

LIVRO TERCEIRO.

CAPITULO I.

Do que neste verão aconteceu na conquista da ilha Ceilão, e das vitórias q̄ os nossos alcançarão do Tyranno de Candea: e da fermosa tranqueira que dom Ieronimo mandou fazer no lugar de Manicravare.



Acansadas as vitórias, que dissemos, nas sete Corlas, e desfeitas as tranqueiras dos inimigos, determinou o geral D. Iero-

nimo d'Azevedo demandar fazer hũa tranqueira em Manicravare por ficar mais visinha ao reino de Candea pera dali o poder conquistar, e fazer naquella tranqueira almazem e a sento de guerra, e ficar dali como presidio e castello contra as coatro Corlas. Esta tranqueira determinou que fosse de pedra pera mór fortificação e segurança da gente que nella avia de estar: pera o que ajuntou grande numero de gastadores e officiaes, e todas

Q as

as achegas e materiaes necessarios pera aquella fabrica, que encarregou a Salvador Pereira da Sylva, que partio com grande copia de Lascarins, e os mais soldados Portuguezes que se poderão ajuntar: E húa legoa antes de chegar ao forte de Manicravaré em Setembro passado de noventa e oito, alojou seu campo em que esteve alguns dias em que se recolhião as cousas necessarias pera a obra que ya fazer, pera no mesmo dia que chegassem fazer tudo: por que suspeitava q̄ tratava o tyranno de saltar os nossos a noite que chegassem primeiro que se fizessem fortes, por impedir aquella obra que lhe ficava sendo de grande dano e perjuiço, por lhe taparem com ella as portas do reino de Candea onde ficaria encurralado. Iuntas as achegas partirão os nossos pera o lugar onde a fortaleza se avia de fazer. E em chegando a elle, logo se fortificarão: e quando foi a noite seguinte em q̄ os inimigos tinham determinado de os assaltar, estava ja feito hum forte de madeira defensavel, e os nossos dentro nelle muy seguros, e os inimigos frustrados em seu desenho sem ousarem abolir comfigo.

Os nossos forão logo pondo as mãos á obra da fortaleza de pedra em que gastarão espaço de quatro mezes com grande custo e trabalho. E com terem esta, não

deixarão de fazer algúas entradas nas terras do tyranno de que sempre se recolherão vitoriosos.

Vendo o tyranno que não podia estrovar aquella obra, determinou de divertir o geral, pera o que se passou com seu exercito as fronteiras de Dinavaca, por onde começou a fazer muita guerra por aquellas terras, que erão nossas: ao q̄ o geral acodio com outro exercito que formou de soldados que tirou dos presidios, q̄ tinham por partes, deixandoos sempre com guardas de quem mandou por capitão Salvador Pereira da Sylva pera contrastar os inimigos, como fez, tēdo coellés alguns recontros em que os desbaratou. A fortaleza de Manicravaré foise continuando ate de todo se acabar com seus Muros, Baluartes, e húa torre no meyo de dous sobrados: obra tão bem acabada e forte, que se teve por inexpugnavel pera aquella ilha, pera onde se passou o mesmo geral com o resto do exercito em principio de Janeiro passado de noventa e nove: E ali fez apercebimentos pera mandar entrar pellas Corlas.

Isto entendeu logo o tyranno: e vendo quanto lhe importava sustentar aquellas Corlas assi as coatro, como as fete: por que se se perdessem, ficava o reino de Candea aberto, desabrigado, e diminuido nas forças: passouse áquellas

áquellas partes com todo seu poder, e do d'El Rey de Huva em q̄ avia perto de cinco mil homens, e foise assentar nas sete Corlas : e dellas despedio hũ capitão com parte da gente pera que se fosse vizinhar as nossas fortalezas fróteiras. Ao q̄ o geral acodio com mandar Salvador Pereira da Sylva com duzentos Portugueses, e dous mil Lascarins, que foi marchando ao longo d'hum rio, que divide as sete Corlas do reino da Cota e Ceitavaca. E ao outro dia passou parte da gente a outra banda pera que fosse reconhecer o sitio mais acomodado pera formar nelle alojamêto, pera todo o arrayal, em quanto se alimpava e roçava o mato pera elle. Andando os nossos nesta obra, os cometerão os inimigos por muitas partes ; Mas como os nossos estavão em continua vigiã, e andavão sempre com as armas nas mãos, resistirão lhe valerosamente: e depois de terem hũa arrezoadada batalha, poserão os inimigos em desbarato com morte e cativoiro de muitos, de quem souberão como o Rey de Huva se avizinhara com o nosso arrayal, e ficava d'elle menos de meia legoa com tenção de defender aos nossos a pãlsagem do rio pera q̄ não fossem assentar seu exercito no lugar de Adegalitota, doñde podião fazer muito dano. Os nossos avisarão logo destas couças ao

geral que mandou com muita pressa abalar toda a mais gente, e por capitão della q̄ foi caminhando, e de pãlsagem ganhou tres tranqueiras q̄ os inimigos tinham feitas em partes estreitas, e nellas matarão muitos dos inimigos. E os que escaparão forão dar rebate ao Rey de Huva, que logo se abalou do lugar em que estava, e formou seu exercito, e se pos em campo aberto pera esperar os nossos, q̄ cuidarão achalo descuidado. E quando apparecerão, virão se sobrefaltados, e embaraçados: por que o inimigo logo os cometeo com grande furia. E como os nossos yão ja coas armas nas mãos, resistirão lhe com tanto valor e esforço, que em pouco espaço lhe desbaratarão a vãguarda, e os arrancarão do campo com bem de dano. E conhecendo a vitoria, q̄ lhe Deos dava, forão dando nelles e fazendo tão grande destruição, que matarão mais de duzentos : E neste alcance chegarão ao corpo do exercito onde estava o Rey de Huva. E investindo huns e outros, fez a nossa espingardaria bem seu officio, com q̄ os inimigos pararão ate se tornarem ajuntar a seu corpo. Os da vãguarda q̄ forão fogindo juntos, voltarão com tão espantosa furia, que se virão os nossos perdidos. Mas entendendo que o remedio de suas vidas estava no valor e esfor-

ço de seus braços, mostrarão o ultimo de seu esforço, e como desesperados se meterão entre os inimigos em quem fizerão tantas crupezas, q̄ lhe voltarão as costas postos em desbarato. E nellas lhe forão os nossos dando como quem ja os levavão de vencida fazendo nelles muito grande estrago. Neste encontro se perderão duzentos dos inimigos, e muitos Modeliars, e ganharão os nossos muitas armas e outros despojos, e se recolherão ao sitio de Adegalitota onde alevantarão suas tranqueiras e fortificaçoens á sua vontade e sem impedimento. Socedeo isto no fim de Janeiro passado de noventa e nove.

CAPITULO II.

D'hã alteração que ouve entre os soldados da cõquista sobre suas pagas. E do socorro que o Conde lhe mandou por dom Francisco de Noronha. E do que lhe socedeu na viagem.

PAssadas as victorias, que atras contamos, com tanto risco dos soldados, entrarão em outro mayor, e mais pera temer e arreçar, que foi a fome e falta de pagas por que os soldados que militão e andão nesta conquista (que eu tenho pellos mais exercitados e afoutos que

ha na India) como estão fartos cometerão sem temor todos os perigos do mundo, e pelejarão com Alifantes bravos. E esta falta de pagas por que o geral esperava da India, sofrerão tão mal, que muitos delles se alvoraçarão, e se forão pera as Serras donde se fizerão fortes, e sayão em magotes a buscar de comer pol-las Aldeas. Disto teve logo aviso o Conde Visorrey por cartas de Ceilão: e vendo que lhe era necessario acodir áquelle negocio, sabendo que no porto de Goa estava hũa Nao de Tome de Sousa d'Arronches capitão de Colombo, mandou logo embarcar nella cento e cincoenta soldados, vinte mil pardaos em dinheiro, muitos mantimentos, moniçoens, lanças, e espingardas, e elegeo por capitão della pera fazer esta jornada dom Francisco de Noronha, que se fez á vela ja quasi aos vinte de Abril deste anno de 99. em que andamos. E alem dos soldados que se pagarão, mandou o Conde embarcar muitos que estavam no tronco sentenceados a degredo: e assim se embarcarão alguns fidalgos: huns que yão a servir, e outros a cumprir seus degredos, e apresentarse. E dos que pude saber forão André Pereira Coutinho, Luis de Lacerda, dom Manoel, e dom Rodrigo de Crasto ambos irmãos, e filhos de Baçaim,

çaim, a que na India chamão os mangaritos, Rui coadrado de almadão, e outros.

E seguindo este capitão sua derrota estando tanto avante como Cananor, tiverão os degraçados tomado o batel pera se acolherem. No que se vé quanta força tem a perda da liberdade, que no que estes querião fazer em fogir, tinhão por menor mal arriscaremse a tão conhecido perigo como era meteremse num batel em tempo tão perigoso do inverno, que irem a Ceilão contra sua vontade, sendo hũa terra pera onde tantos folgavão de ir servir El Rey por seu gosto polla prosperidade, frescura, e abundancia que tem: e em que muitas vezes ha occasioens em que os homens enriquecem.

Destá alteração e determinação destes homens teve dó Francisco de Noronha rebate a que logo acodio mandando meter homens de sua obrigação no batel que levou sempre grande resguardo. E passado o cabo Comorim atravessou aquelle golfo com tempo muito rijo que lhe durou ate aver vista da terra de Gale, e ali surgirão duas legoas ao már sem saberem onde estavam. E por se arreçar de dar a costa por rezão de andar o már muito grosso e o vento tezo, e o tempo tão carregado, que ya mostrando e dando sinais do in-

verno que he ali mūy perigoso, esteve dom Francisco de Noronha mūy indeterinado no que faria: por que avia hum reboliço nos soldados q̄ desejavão de arribar a Tutocori, ao que elle acodio e atalhou dizendolhes e affirmando a todos que ainda que se perdesse avia de ir a Ceilão pella grande necessidade em q̄ aquella conquista estava d'aquelle socorro: por q̄ entendia mūy bem que se fosse a Tutocori, nenhum daquelles soldados que levava lhe avia de ficar, e q̄ todos o provimentos e moniçoens se avião de danar e consumir. E que pella confiança que o Visorrey delle tinha o elegera pera aquella jornada que elle por nenhum caso avia de deixar de fazer, e levar aquelle socorro a Columbo ainda que se arriscasse a todos os perigos ate perder a vida, por que coelles ficava El Rey melhor servido e elle satisfazendo a sua obrigação. E tão resolutto estava nisto, que mandou meter o dinheiro, as espingardas, e moniçoens em pipas e coartos e aboyar tudo com viradores grossos e fortes pera o tempo da necessidade. E disse aos officiaes que quando não ouvesse outro nenhum remedio, varassem coa nao naquella terra que aparecia em parte que se podesse salvar a gente e o cabedal, que elle se obrigava a pagar de sua fazenda a nao a seu dono.

dono. E por lhe não ficar coufa nenhũa por fazer vendo que apparecia hũa fermosa praya d'area, mandou chegar o batel a bordo, e o esquipou muy bem de remos e marinheiros, e pedio a hum daquelles fidalgos que coelle yão, q̃ se embarcasse nelle e fosse de mandar a praya que apparecia, e trabalhasse por aver as mãos algum piloto que os guiasse a porto seguro, do que o fidalgo se escuzou, e avendo antre elle e o capitão algũas rezoens, se offereceo hum Alvaro de Barros, soldado velho bom cavaleiro que ya provido da capitania do porto de Caleturé, e disse a dom Francisco de Noronha que elle iria no batel a fazer aquella diligencia, e q̃ esperava em Deos que a avia de fazer muito bem, o que lhe o capitão aceitou, e mandou embarcar coelle alguns companheiros, dandolhe por regimento q̃ fosse demandar aquella praya, e que se achasse ali algũa povoação, trabalhasse por negociar hum piloto ou dous pera o que lhe deũ dinheiro, e como os Chingalas por elle venderão molher e filhos, se os ali ouvera não deixarão de vir.

Depois de partido este batel, appareceo hũa almadia que tinha sido de Gale, e capeandolhe veyo a nao, e dos que vinhão nella souberão a paragem em que estavão, que era entre Gale e Beligão. E por não vir nella quem

os foubesse guiar e encaminhar, despidirão a almadia com hũa carta pera o capitão de Gale em que o capitão da nao lhe dava conta do estado em que ficava, e lhe pedia o mandasse soccorrer com pilotos que os recolhessem em algum porto seguro.

Tal diligencia pós Alvaro de Barros naquelle negocio que lhe encomendarão, q̃ chegou a terra, e nella negociou logo dous pilotos que mandou no batel, que dom Francisco de Noronha festejou bem e lhe perguntou onde seria melhor recolherense se em Galé, ou Beligão, e se se atrevião a meter aquella nao em qual quer d'aquelles portos? e ambos differão que em Beligão era melhor: por que a sua barra tinha de mare chea de coatro pera cinco braças d'agoa, e que elles trabalharião polla meter dentro, mas que se não obrigavão a coufa algũa.

Fazendo dom Francisco de Noronha seus discursos assentou de cometer a barra de Beligão ainda que a nao se arriscasse: por que como salvassem a gente dinheiro, e monçoens, de tudo mais lhe dava pouco. E determinado nisto, mandou aos pilotos que fossem a Beligão que Deos, em quem confiava, os ajudaria. E assi derão á vela e chegarão de frente da barra a tempo q̃ estava a maré mea chea com que cometerão

terão a entrada, e forão por sete brassas: e logo mais dentro dérão em coatro, e mais a diante em tres e mea, com o que dom Francisco se ouve por perdido. E como levava todas as cousas aboyadas e postas no convés pera as baldear no batel, mandou o levar a bordo e deixou se ir. E quis Deos por sua misericordia, que das tres brassas e mea, derão logo em cinco, e depois lhe foi crescendo mais o fundo, e os da nao alegrandosse e festejando muito, e assi forão forgir perto da terra. E esta foi a primeira nao que entrou neste porto, e ficou dali a diante facil a todos.

Dom Francisco de Noronha mandou desembarcar tudo o q̄ levava, e em terra fez suas estancias, e se fortificou muy bem, e despidio recado a Gale pera que lhe mandassem servidores que acarretassem aquella fabrica. Ao que acodio dom Fernando Modeliar com muita gente da terra com que dom Francisco de Noronha começou logo a marchar com muito boa ordem e recado. E nos lugares em que se avião de alojar pera jantarem ou dormirem, em breve espaço se fortificavão á roda: por que como os servidores erão muitos, e os matos grandes e espessos, facilmete se fazia tudo. E por esta rezão alguns alevantados que encontrou, não ousarão aos cometer.

Nesta ordem chegou a Columbo a salvamento, onde forão muito festejados, e o geral teve ja com q̄ pagar e quietar os soldados com que tornou a proseguir na guerra como logo diremos.

CAPITULO III.

De outras vitorias que os nossos alcançavão em Ceilão em diferentes partes.



Nvergonhado o Rey de Huva de ser tantas vezes desbaratado temendosse do tyranno dom Ioão, deixou se ficar nas sete Corlas bem alongado das estancias em que os nossos ficavão, e da terra de Galitota, e ali tornou a recolher a mór parte da gente q̄ lhe escapou daquelle desbarato. O tyranno dom Ioão tanto que vio perdida aquella jornada em que elle tinha grande confiança, determinou de ajuntar suas gentes e tornar a proseguir a guerra por aquella parte, o que não pode fazer: por que andavão os seus tão medrosos daquelles socessos, e tão enfadados daquella guerra, que não quizerão acodir, sobre o q̄ o tyranno vsou grandes crueldades com elles mandando decabessar muitos, e mandou chamar o Rey de Huva que acodio e andou em pessoa por suas terras ajuntando

ajuntando gente ate formar hum arrezoado exercito com que tornou a despedir aquelle Rey com ordem que se afastasse dos nossos, e fosse impedir os desenhos de dom Ieronimo que erão obligar os naturaes das Corlas a se reduzirem á obediencia em que lhe dantes estavão: pera com isso poder mais facilmente cometer a conquista do reino de Candea, e meterlhe a guerra dentro em casa: pera assi o encurrallar de feição, que ou deixasse as terras, ou o perleguisse tanto ate o matar ou aver as mãos. O que o tyranno entendeu bem, e trabalhou tudo o que pode polo divertir. E pera isso teve intelligencias secretas com os Lascarins do nosso exercito q̄ estava nas fronteiras de Dinavaca, e a poder de peitas os fez passar a si: com o que aquellas terras fizeram mudança.

Tanto que os nossos virão os Lascarins passados pera o inimigo, recolherãose aos fortes de Corvite e Batugedere, a onde ficarão cercados por terem tudo contra si. Estava o geral neste tempo nas fronteiras de Candea penhorado com a conquista que queria fazer por aquelle reino, com o q̄ os inimigos tiverão lugar de cobrar animo, e fazerem alguns danos em nossas terras, e entrarem por ellas ate de frente da tranqueira Malvana. Do que sendo dom Ieronimo avisado

proveo a tranqueira de Manicravaré, em que estava, de tres companhias de soldados: de que erão capitaens Thome Coelho q̄ era cabessa de todos, João Serrão da Cunha, e Diogo d'Arahuio. E de mantimentos e monçoens pera muitos dias. E elle com hũa companhia de soldados, e oito centos Lascarins se passou á cidade de Seitavaca por estar no meyo de todo o reino, e mais vizinha a fronteira de Dinavaca onde os inimigos andavão. Contra quem despidio Simão Pinhão com outra companhia de soldados, e oitocentos Lascarins que os encontrarão no lugar de Sofragão: e depois de terem coelles hum bemporfiado recontro, os arrancarão os nossos do campo, deixando muitos mortos que por elle ficarão. E assi teve o Simão Pinhão tempo de visitar as fortalezas de Corvite e Batugedere em q̄ se tinhão recolhido os que andavão nas partes de Dinavaca, como dissemos, q̄ proveo muito bem de tudo.

Daqui os mandou o geral passar o Pinhão pera as terras vizinhas da Malvana onde ja estavão os rebellados e principais cabessas d'aquelle alevantamento. E o mesmo geral tambem se abalou por outra parte, de maneira que os colherão em meyo, e os cercarão em forma que por não terem remedio se entregarão e vierão á obediencia:

obediencia : e o geral mandou cortar as cabessas aos que o forão d'aquelle alevantamento. E depois foi pouco e pouco justificando os mais culpados, com o que apagou de todo aquella labareda q̄ lhe abrazava a terra. O tyranno foi metendo todo seu cabedal pollas Corlas pera dar em q̄ entender ao geral, e divertillo de seu intento. Pello q̄ lhe foi necessario mandar outra vez o arrayal contra aquelle imigo, e em muitos recontros que la tiverão com suas gentes, sempre os nossos ficarão com vitoria, e se recolherão com muitos cativos e prezas. O nosso arrayal que estava na tranqueira de Balitote, tambem não esteve neste tempo ocioso: por q̄ o mandou o Rey de Huva cometer com mais de seis mil homens: mas o capitão Salvador Pereira, q̄ ja estava avisado daquillo primeiro que chegasse, lançou os Lascarins da terra fora das tranqueiras em cilada nos matos pera ao tempo q̄ o cometessem lhe darem pollas costas, e os desbaratarem: do que se elles temerão, e por isso não quizerão investir a tranqueira: antes estiverão dez dias sobrella cometendoa por escaramuças de que sempre se recolherão escalavrados.

E por não ficar ao tyranno de Candeia cousa que não cometesse por divertir e embaraçar ao geral, mandou ao mesmo tempo co-

meter a tranqueira de Manicravaré com hum capitão de coatro mil homens como fizerão com grande determinação. E por espaço de meyo dia tiverão com os nossos húa grossa escaramuça de arcabuzaria de que lhe ficarão muitos estirados no campo: e tão malos ospederão os nossos, que no mesmo dia se recolherão ficando o campo fameado de muitos corpos espedaçados.

O Rey de Huva, que estava sobre o nosso forte de Balitote vendo que gastava o tempo sem proveito, e que estava arriscado a ser salteado e desbaratado dos nossos, retirouse: por que tambem soube que o geral mandava socorrer aquella tranqueira. E dali se passou ás terras de Chilao deixando húa legoa daquella tranqueira de Balitota hum corpo de mil homens, os mais delles d'espingardas em húa tranqueira q̄ fez num passo pera que ajuntandosse ali a gentedas aldeas visinhas impedissem as entradas aos nossos por aquellas partes, por q̄ de todas se arreceavão. Do que avisado o geral, mandou dar nelles hum capitão com cincoenta Portugueses, e trezentos Lascarins q̄ os poserão em desbarato, entrandolhe a tranqueira com mortes de muitos. Com este successo se retirou logo o Rey de Huva das partes de Chilao pera onde se passou assi por que tambem

bem la foi mal agafalhado dos nossos, como por se recear que mandasse o geral outro poder sobre elle.

Vendo o tyranno de Candea quão mal lhe socedião todos os seus ardis, e quanta gente tinha perdida por aquelles assaltos, attribuiu tudo á covardia do Rey de Huva, pello que o mandou recolher a Candea, e o seu cargo, q̃ era de capitão geral do campo, deu a hum principe do sangue dos antigos Reys, mancebo avido por atrevido, que querendo mostrar ao tyranno que não ficava enganado naquella eleição, se abalou logo com todo o arrayal e gente que trazia o de Huva contra a fortaleza de Balitota, que ja o geral tinha socorrido com gente, e moniçoens, q̃ a cometeo com algũas escaramuffas d'espingardaria. E vendo Salvador Pereira capitão della, que o imigo o não ousava a investir, lhe sayo com hum corpo de gente, e remeteo a elle com tanta furia, que em breve espaço o pôs em disbarato com morte de mais de cento. Ficando este principe no primeiro assalto, que cometeo, tão mal afortunado como o Rey de Huva: por q̃ se meteo pellos matos tão atemorizado como o outro. E os seus q̃ escaparão foi tal o seu medo, que não pararão senão dentro em Candea. Com isto ficarão as Corlas despejadas fican-

do só o principe nos confins dellas duas legoas do nosso arrayal, sem ousar de ir diante do tyranno. O que sabido pellos da tranqureira da Balitota, sairão de noite em boa ordem, e no coarto d'Alva derão nelle com tanto estrondo, que o poserão em foga, e o tornarão a meter pellos matos, e o forão seguindo, e queimando muitas aldeas, povoaçoens e pagodes. Com o que defenganados os povos das Corlas de o tyranno os poder defender, fogueitarãose á obediencia.

CAPITULO IV.

Das rezoens q̃ mo verão ao Arcebispo dom frei Aleixo de Meneses a ir visitar os cristãos de são Thome. E de hũa breve relação das cousas deste santo Apostolo.



Gora, que he tempo do inverno q̃ estão paradas as cousas do governo, daremos rezão do que moveo ao Arcebispo dom frei Aleixo de Meneses pera ir visitar a christandade das serras do Malavar pera onde o deixamos partido: o q̃ trabalharemos polo fazer brevemente, por q̃ a historia não sofre tanto e são cousas essençiais deste tempo do Conde Almirante, pois nellas trabalhou

trabalhou com ajuda e favor : e he bem que de quando em quando passemos da terra ao ceo, e do politico ao divino : E começaremos polla entrada do São Apostolo na India, conforme ao que se acha escrito nos livros Caldeos desta christandade, onde ha muitas cousas de que a sua lenda não trata.

Pello que se ha de saber que estes christãos tem per tradição desde tempo deste Santo Apostolo ate gora, que por morte do filho de Deos Christo Iesu senhor e redentor nosso se repartião os seus doze dicipolos pello mundo a pregar a lei da graça. E que andando este santo Apostolo em companhia de são Iudas Thadeu pellas partes de Mesopotamia sabendo que passavão huns mercadores pera a India: desejando de se embarcar pera aquellas partes onde avia tamanha fama daquella Gentilidade, apartouse do Apostolo são Thadeu seu companheiro, segundo sua lenda, na cidade de Edeffa. E os livros Caldeos da Serra dizem que védeo seu corpo a hum d'aquelles mercadores, ou se concertou coelle pera o servir naquella jornada, e assim se embarcou com elle sem dizer pera onde. E a Nao em que ya tomou a ilha Sacotorá, onde ficou pregando á gente d'aquella ilha, pello que tenho duvida na venda q̄

de si fez o santo Apostolo : por que se tal fora, não avia de deixar o dono de seu corpo, antes ouvera de seguir seu amo como seu cativo, se não se o mercador vendo sua muita virtude e doutrina de sua livre vontade lhe desse licença pera ficar ali. Em fim como quer que fosse, o santo Apostolo converteo a mór parte dos moradores d'aquella ilha, e lhe fez hum templo em que adorassem a hum só Deos, em que avia de deixar algũa Cruz, por que então não tinha outro retabolo, e com isso lhe deu ordem e regimento de vida, e lhe deixou escritos os mandamentos. Por que os santos Apostolos assi como entendião e falavão todas as lingoas, verissimil he q̄ tambem as soubessem escrever, e conhecessem seus caracteres. Em fim ordenando ali as cousas que lhe parecerão necessarias pera bem e conservação d'aquella cristandade, se embarcou pera a costa de Melinde e Cafraria, onde avia fama aver tamanho numero de idolatras. E dizem os livros Caldeos que chegou ao reino de Paces, q̄ parece ser de Ampaza pella semelhança do nome. E dali a outra provincia chamada Zarique, que não sei qual seja, senão se for Moçambique que sempre foi escala d'aquella costa toda, que era mais conhecida e sabida pellas armadas de Salamão que andarão por

ali comerceando o ouro, e madeira preta pera o templo.

Dali se passou o santo á provincia Marhozaya que o Bispo da Serra dom Francisco Roz, com quem communiquei isto, affirmar Malaca. O que falando com toda a modestia, me parece que não pode ser pello apartamento destas provincias, e nunca navegarem os mercadores de Moçambique, nem da costa de Melinde pera aquella parte, e assi o tenho por certeza: por q̃ o santo tornou a visitar aquella cristandade primeiro que passasse á India. E de Malaca não podia tornar a Sacotora. E faz esta minha opinião mais verdadeira escreverem muitos autores graves, e cuidando q̃ tambem o dizem os livros da Serra q̃ passou o santo apostolo a Persia: e de lá a provincia Camarant, que oje he a Usbeckia, por ser caminho mais ordinario de Casillas e mercadores de todas aquellas partes, donde parece q̃ tornou a Sacotora, e se embarcou naquella embarcação que trata sua lenda q̃ nãa noite fora aportar á terra do Malavar. E sobre qual foi a primeira parte que tomasse, ha antre aquelles povos grandes contendias. Por q̃ os cristãos chamados, Cortali, da provincia Paru junto de Coulaõ affirmão q̃ a primeira terra que o santo tomou, foi hum lugar chamado Mogodover Patana, q̃

quer dizer cidade grande Idolo que entrão tinha hu porto muiy continuado de mercadores Persas, e Arabios onde conforme ao que se escreve nos actos dos Apostolos Abdias dicipulo deste santo Apostolo converteo hum filho do Rey do Malavar, q̃ deve de ser o de Paru onde aporrrou, e onde ainda oje ha muita cristandade. Ou polla ventura que a primeira cidade que tomasse fosse Calecut aonde dizem os liuros Caldeos que converteo o cristão Perimal emperador de todo o Malavar. E entre os Reys que o santo deixou escritos naquella pedra milagrosa, que elle converteo, he elle hum destes, e que despois em Meliapor convertera hum filho seu. No que se vé claramente que aquella dignidade dos Perimais de que no capitulo. 10. do. 10. livro da minha sétima Decada dei larga relação, he tão antiga, que ja avia muito antes da vinda de Christo. Mas não he este o derradeiro Perimal, que eu ali digo que se foi fazer cristão a Meliapor, e o que os Mouros Arabios affirmão que não foi senão pera Meca a se fazer Mouro por acreditarem sua abominavel e maldita ceita. Socedendo isto muito antes que Mafamede nacesse, como o tenho provado claramente na mesma Decada acima alegada. E o que affirmão os do Lugar de Paru que o santo aportou

aportou primeiro a elle, e que deixara igreja ali feita pera os cristãos que converteo, não tira esta opinião. Por que o Apostolo correo todo o Malavar, e cada hum quer a honra de aportar primeiro a seu porto. Ora q̄ elle deixasse ali igreja, se prova por hum campo que ali mostrão chamado, Paripalamba, que quer dizer o campo da igreja. E por outro lugar chamado, Paliinoc, que em lingua antiga quer dizer o Canto da igreja. Mas o mais averigoado he aportar á cidade Mogodover Patana por sua muita antiguidade: q̄ he tanta, que tem perdido as escrituras q̄ tratão de sua fundação. E só da de Coulão tem memoriais de setecentos annos a esta parte por que em todo o Malavar contão suas Eras, como os Romanos pella fundação de Roma, e antes disso contavão estes Malavares a Era pello curso do Planeta Iupiter, q̄ he de doze em doze annos, como os Gregos pellas Olimpíadas de coatro em coatro: e os cristãos de são Thome em suas escrituras poem primeiro a Era de Patana, e depois a de Coulão: como antes da vinda de Christo contavão nas suas escrituras pella Era da criação do mundo, e de César.

Aqui em Mogodover Patana onde o santo primeiro aportou, que he o mais certo, e não em

Cranganor, como outros affirmão, locedeo aquelle milagre da mão, por esta maneira. Celebrava aquelle Rey huás bodas a hum filho seu, a que concorria infinita gente, e antre esta foi húa moça que era Iudia de nação, que dançava e cantava em lingua Hebreica cousas da lei de Deos, e das maravilhas que fizera com os filhos de Israel, milagres de seus profetas, e outras cousas desta sorte com que o santo Apostolo (que foi convidado pera aquellas bodas) se enlevou tanto na contemplação d'aquellas cousas, que ficou em extasi: e vendo hum daquelles ministros que servião, affi arrebatado e como fora de si, deulhe húa bofetada diante d'El Rey, o que o dos ceos permitio pera que o seu santo Apostolo se parecesse coelle noutra que lhe derão em casa de Caifas. Ao que o santo alevantou as mãos e disse ao que lhe fizera aquella afronta, filho pera que no outro mundo não pagues com penas eternas isto que aqui me fizeste, neste te castigara Deos coabrandura e misericordia que sua condição lhe pede. E assi acontecco que primeiro que o banquete se acabasse, sayo este homem a buscar agoa a húa fonte, que devia este banquete de dar-se em algũa quinta e encontrou com hum Tigre, que ou viesse á fonte a beber, ou fosse ordenado por Deos aquelle

aquelle encontro pera mostrar a virtude do seu servo no sofrimento da affronta que se lhe fez, e arremetendo o Tygre com o pobre homem, lhe levou na boca aquella sacrilega mão com que deu a bofetada, e lha cortou pelo pulso, e deixou a cair no chão. Vendosse o triste homem sem mão, foise muito de pressa pera onde as bodas se celebravão todo ensangoentado, e estando dando conta da sua desventura, entrou hum cão com a sua mão na boca. E compadecido o santo Apostolo do pobre homem; levantou-se: e tomando amão, que estava ainda fresca, applicou a ao braço, e no mesmo instante se lhe soldou como dantes era. O que visto pellos convidados, admirarãose do caso q̄ foi occasião de muitos se converterem á fé de Christo.

Este milagre he ainda oje mūy celebrado entre os gentios de Meliapor, e trazemno pintado em seus paineis como o eu vi em alguns. E não sei qual he a rezão por que os escritores modernos tem por apocrifos estes milagres, pois não repugnão á rezão. Nem o santo pedio a Deos castigasse aquelle homem, nem lhe desejou ver aquelle mal: E ainda q̄ o pedira a Deos que por honra sua o castigasse. Por que do profeta Eliseu lemos que amaldiçoara os mininos que lhe cha-

marão Calvo por vituperio: a quem logo sairão huns Vffos do intimo do mato; e os fizerão em pedaços. Da casta destes judeus, e destas moças judias q̄ se acharão nestas bodas ha ainda oje muitos por todo o Malavar, e affirmão alguns ficarem nellas daquelles que vierão nas armadas de Salamão, q̄ vinhão a estas partes buscar cousas pera o santo templo. E em Cochim ha hũa Iudiaría delles: e conservão ainda a sua antiga lingoagem. E tambem eu cuido q̄ procederão dos que escaparão da destruição de Ierusalem, e que forão cativos pera a Persia donde se passarião á India.

Estes e outros milagres obrou o santo por todas estas partes, e converteo grande numero de idolatras á lei de Christo. E suas escrituras affirmão que o santo se passara dali as terras do Mogor, e á provincia Industan, onde reinava aquelle Rey chamado Chfetrigal que tambem esta nomeado na pedra do milagre antre os q̄ elle cóverteo. Tambem dizem passou a China, e China grande onde fizera muita cristandade. Estas partes entendo eu polla provincia da China e Catayo, q̄ he a China grande por estar mais alevantada pera o Norte q̄ aoutra da China assi como os Cosmografos fazem differença da India menor, e India mayor. E posto

posto que desta provincia do Catayo tenho ja falado no capitolo do livro da minha coarta Decada, a diante com o favor divino quando tratar do principe de Badaxa que se fez cristão em Ormuz darei melhor relação della pello muito que oje está mais descuberto pellos padres da cõpanhia que penetrão ate o vltimo da China e Catayo, aonde Portugues algum ja mais chegou, senão aquelle embaixador q Fernão Perez d'Andrade mandou ao Rey da China, que foi ate a sua corte sem saber dar rezão d'aquella provincia, nem de outra algũa. Por que os Chins q o levavão o divertirão por diferentes jornadas em que lhe fizerão gastar muitos meses assi por não saber dar rezão de cousa algũa, como pera lhe mostrarem a grandeza d'aquelle imperio.

E tornando ao santo, depois de ter visitado todas estas provincias, voltou pera a India: parece q veyo visitando a provincia Tebet, onde fez muitos cristãos de que ainda oje ha nella, e se veyo decendo ate o reino Canará ate parar na cidade Meliapor onde fez aquelle grande Milagre d'aquelle saçanhoso madeiro de que fabricou a sua igreja que ainda oje esta parte della em pé. E estando nesta cidade orando em hum oratorio que tinha naquelle monte de que ja fa lei no

capitolo. 5. do. 10. livro da minha Decada foi morto pellos Bragmenes Gentios de húa lançada que lhe derão por húa fresta que fez aos 27. annos depois da morte de Christo, parecendo-se ate nisto com seu Mestre e nosso redentor, que tambem foi ferido com aquella cruel lançada q lhe os Iudeus derão com q lhe atravessarão o coração. E conforme a computação dos mesmos Canarás, conformão com esta conta: e dizem mais que foi morto a os trinta annos do reinado d'El Rey Xaga q o santo Apostolo tinha convertido. Foi seu corpo enterado na sua ermida onde se acharão suas reliquias em tempo do Governador dom Duarte de Meneses senhor da casa de Tarouca, que por mandado d'El Rey dom Manoel as mandou buscar. E posto q seu dicipulo Abdias diga que seus companheiros lhe levarão suas reliquias pera a cidade de Edeffa, isso não tira ficarem muita parte dellas na sua propria sepultura, por que forçado avião de deixar nella sua memoria. Esta cidade de Edeffa he Metropoli da Mesopotamia: e alguns tem que a antiga Raquis, donde Thobias o velho mandou a seu filho a buscar os dez talentos de prata que Gabello seu parente lhe devia Esta cidade se converteo á fé de Christo pella pregação do apostolo são Thadéu seu companheiro,

companheiro, e sempre nella ouve Bispos, cujos sofraganhos forão os Bispos da ferra de Meliapor q̄ dali se provião ate entrarẽ os da maldita Scira de Nestor.

CAPITULO V.

Das cousas que mais acontecerão a estes Christãos: e dos prelados que ti verão ate este tempo: o dos Reinos em que oje morão.

POr morte do apostolo são Thome ficou toda aquella christandade destas partes do Malavar, e Melia por sustentandosse com os prelados que lhe mandavão os Bispos de Edessa ate lhe virem os de Babilonia Nestorianos q̄ como peste contaminarão todas aquellas partes com suas heregias e perversa doutrina. Succedeo depois da morte do santo ha mais de trezentos annos aver no reino de Bisnaga grandes guerras e fomes, e tantos terremotos e finais do ceo, que affirmão suas escrituras que junto de Meliapor choveo terra, e assolou hũa povoação com o que se despovoarão muitas terras d'aquellas, e os cristãos se espalharão pera diferentes partes. E muitos por falta de doutrina tornarão á Gentilidade de seus passados. E ainda oje em Bipor na costa da

pescaria ha muitos q̄ procedem destes a que chamão Taridascal naique mor, que quer dizer, os da casta dos antigos Reys: por que muitos dos que ali pararão, erão do sangue dos Reys que o santo Apostolo fez cristãos. Mas a mór parte delles se acolherão aos matos e serras, que são os q̄ passarão em Iodamalla, a que os naturais chamão Xaber, q̄ quer dizer gente antiga: e outros se espalharão por esta costa Malavar onde fundarão templos. E ainda daqui se acolherão pera as serras depois que os Mouros entrarão na India, por muitas aveçaoens que lhe fazião. Cujã cabeça foi sempre a cidade Patana onde o santo Apostolo aportou a primeira vez aquella cidade. Esta depois por tempos se destruyo de todo por guerra.

Depois dahi a muitos annos aportou áquelle porto de Patana hũa Nao em que vinha hum Armenio cristão chamado Thome Cananeo homem muito rico: e vendosse com aquelle Rey, lhe deu conta de si, e elle deu o lugar de Patana pera se aposentar com os seus q̄ trazião suas molheres, e depois lhe deu o mesmo Rey o chão de Cranganor, onde agora está a nossa fortaleza, onde o Thome Cananeo mandou fazer a igreja no lugar em que oje está da invocação do mesmo Apostolo: e depois fez outras duas. Hũa do

do Orago de nossa senhora, e outra de são Ciriaco martyr. E por q̃ a doação destes cháos que lhe El Rey mandou passar, he notavel, e declara muitas cousas dinas de se saberem, me pareceo bem polas aqui de verbo ad verbum segundo se acharão em hũas pastas de cobre que eu refiro na minha setima Decada q̃ desaparecerão da feitoria de Cochim, e dellas infiro que este Rey era cristão, e chamavasse Cocurangon.

Copia da doação que El Rey do Malavar Fez a Thomé Cananeo.



Ocurangon seja prosperado, e tenha longa vida, e viva cem mil annos, divino servo de Deus forte, verdadeiro, cheo de boas obras, racionavel, poderoso sobre toda a terra, ditoso, vencedor, glorioso, prospero no ministerio de Deos directamente. No Malavar na cidade do grande idolo, reinando elle em tempo de Mercurio, no dia setimo do mes de Março antes da lúa chea, o mesmo Rey Cocurangon estando em Cornelur, chegou Thomé Cananeo homem principal em hũa Nao com determinação de verdadeira terra do Oriente. E vendo chegar ali, derão recado ao Rey, que o mandou ir peran-

te si, falou com elle amigavelmente, e lhe deu o seu proprio nome chamandosse dali por diante Cocurangon Cananeo, a quem El Rey deu a cidade Patana pera todo sempre. E estando este Rey em sua grande prosperidade foi hum dia a caça, e mandou cercar o mato tendo consigo o Thome Cananeo, e falou El Rey com hum grande Astrologo, que lhe aconselhou que desse todo aquelle mato, que era grande, ao Cananeo, como fez; Que elle mandou logo roçar e alimpar: Foi isto no mesmo anno em que ali aportou aos onze dias do mes de Abril. E neste mato mandou logo o Cananeo fabricar hũa igreja em que El Rey lançou a primeira pedra, e alli fundou ali hũa muy arrezoadada cidade, e deu a El Rey muitos e muy ricos presentes. Pollo que o Rey lhe concedeo mais sete modos de estromentos musicos, e todas as honras que se faizão ao mesmo Rey. E concedeo lhe mais poder pera em suas bodas poderem as molheres fazer certo sinal com o dedo na boca, que só as molheres dos Reys podem fazer. Concedeo lhe mais pezo distinto, sobre seo real e todas as mais como a sua propria pessoa: e que podesse pór tributos a seu povo. As testemunhas que estavam afinadas nestas pastas são as seguintes. Cadaxericandi: Chera-

S caru:

caru: Putanchate: Comese por-
teiro mór d'El Rey: Arcunden
Coundem do seu conselho: Ame-
nate, Condem, Gerulem capitão
do campo: Chirámala Porrati
Resvoramem regedor da banda
do Oriente no Malavar: e outros
muitos que deixo por fogir pro-
luxidade.

Foi a vinda deste homem quasi
nos annos do senhor de 811. se-
gundo se acha nos livros Cal-
deos destes christãos: e por mui-
tas conjecturas me parece q̄ este
he o regulo que santo Antonino
escreve na sua historia que man-
dava todos os annos hum presen-
te de pimenta ao summo Ponti-
fice. Por que naquelle tempo era
muy continuado dos cristãos da
Europa o sepulcro do santo A-
postolo, e por elles lhe mandaria
o Thome Cananeo aquelle pre-
sente. De maneira que a primeira
igreja que o santo Apostolo fez,
foi no lugar de Patana, que de-
pois se destruiu pollas muitas e
grandes guerras que ouve na-
quelle tempo. E depois o Thome
Cananeo a tornou a reedificar,
como dissemos: e da hi a muitos
tempos se mudou pera Paru. E a
segunda igreja que se fez no Ma-
lavar, este Cananeo a fez (como
ja dissemos) e foi em Cranganor:
e por esta obra o poserão aquel-
les cristãos no catalogo dos seus
santos e rezarão delle.

Das gentes que coelle vierão

procedem os christãos de Diam-
per, Cortate, e Cartute, que sem
duvida são de casta Armenios, e o
mesmo seus filhos: por q̄ trouxe-
rão suas molheres: e depois os
que procederão delles se casarão
na terra, e vierão a ser por tempo
todos Malavares. Os reinos em
q̄ oje se conservão estes cristãos
de são Thome são os seguintes.
No reino dos Maleas vinte e seis
legoas das terras de Madure. No
reino de Turubuli seu visinho.
No reino de Maota. No reino de
Batimena. No reino de Porca.
No reino de Travancor. No rei-
no de Diamper. No reino da Pi-
menta. No reino dos Teran cu-
tes. No reino de Porca. No reino
de Paru. E no reino de Cortute.

Todos estes christãos depois
que se lhe acabarão os prelados
catholicos que lhe vinhão da ci-
dade de Edessa viverão muitas
centenas de annos naquella fé q̄
lhe seus pais e Avós insinarão ate
quasi os annos do senhor de 730.
antes q̄ o Thome Cananeo ali a-
portasse. E poucos annos depois
da fundação da cidade de Coulaão:
deste fundamento, como ja disse,
contão os Malavares suas Eras: e
nesta de 1611. em que escrevo isto,
são de sua fundação a de 722. por
onde vai a nossa conta diante 889.
annos, em que forão ter a aquel-
la cidade dous Caldeos de Babi-
lonia chamados Mar Xabio, e
Mar Prod, Secazes da ceita Ne-
storiana,

ftoriana , que forão bem recebidos d'aquelles cristãos , e estimados d'aquelle Rey por mostrarem muita santidade, que governarão aquella cristandade , não sei se com nome de Bispos, ainda que cuida que isto he o mais certo, e que repartirão toda aquella cristandade em dous Bispados em que alevantarão muitos templos. E viverão com tanto exemplo antre elles, q̄ por suas mortes forão avidos por santos: e postos nos seus catalogos rezavão delles em seus breviarios. Donde o Arcebispo Primás dom frei Aleixo de Meneses visitando aquellas igrejas , os mandou borrar pollos ter por hereges scismaticos por virem de Babilonia por ordem do Patriarcha Grego.

Com estes homens creceo esta cristandade tanto , e vierão a ter tanta posse , que alevantarão antre si Reys , por quem forão muitos annos regidos e governados, sem se quebrar a direita soceção, e veyo aquelle reino ao Rey de Diamper. Com elle passou ao de Cochim por perfilhação que tinha feito com aquelle Rey como temos bem mostrado no nosso Epilogo das coufas da India. E esta he a rezão por que estes Reys de Cochim pretendem ter mais poder e senhorio que os outros Reys sobre estes cristãos.

Depois de falecidos estes Caldeos , mandarão a Babilonia pe-

dir Bispos por não terem comodo pera mandarem a Roma, por que por morte destes lhe ficou só hum diacono que tomou pór si o officio de Sacerdote sem ser ordenado , e o exercitou cuidando q̄ o podia fazer, que tão ignorantes estavam todos. Com este recado os proveo o Patriarcha Grego de hum Arcebispo chamado Mar Ioanna, e de dous Bispos sofragnhos seus coadjutores e futuros soceffores. Este Arcebispo ordenou o breviario Caldeo de q̄ ate gora vsava esta igreja , e fez seu assento em Cranganor: Por morte destes Arcebispo , e Bispos socedeo outro chamado Mar Iacob que tinha vindo tambem de Babilonia, que governou, muitos annos, e faleceo quasi nos de 1500. E logo nos de mil, quinhentos e dous chegando á India a segunda vez dom Vasco da Gama primeiro Almirante e Conde da Vidigueira : e indo a nova a estes cristãos da grande armada com que este capitão estava em Cochim, lhe mandarão embaixadores a lhe fazer a saber como erão cristãos , e que estavam mūy ave-xados d'aquelles Reys vizinhos, que lhe pedião os emparasse e defendesse delles. Que d'aquelle dia em diante se fazião vassallos d'El Rey de Portugal. E em final desta vassalagem lhe mandavão o Cetro de que seus Reys vsarão, que lhe os embaixadores entregarão.

garão. Que era hũa vara vermelha guarnecida de prata nas pontas: e na cabessa tres campainhas: que o Conde Almirante recebeu com grande aparato, e Naos embandeiradas, e a mais lustrosa gente na sua, e os mandou salvar com toda a artelharia, de que elles ficarão assombrados por não terem ouvido nunca aquelle estrondo. E á embaixada respondeu aos cristãos com grandes offerecimentos da parte d'El Rey de Portugal, em cujo nome, lhe disse, que aceitava aquelle Cetro assegurandoos q̄ elle mandaria armadas mais possantes e mais poderosas que aquella, com que os libertasse das sogeiçãoens dos vizinhos. E aos embaixadores mandou dar peffas ricas e corioffas com que forão muito satisfeitos. E não acho se mandou o Almirante coelles alguns religiosos dos que yão na armada pera os doutrinar, e ensinar nos costumes Romanos: por que nestas e outras cousas de tanta importancia, forão os nossos escritores mūy remissos e descuidados.

E tornando aos prelados por morte do Arcebispo Mar Iacob, veyo outro chamado Mar Ioanna, segundo deste nome que está enterrado na igreja de Diamper: e a este lhe veyo de Babilonia outro chamado Mar Ianabo. E assim forão socedendo outros Arcebispos ate quasi os annos de

1556. em que o Papa Paulo. 4. socedeo na cadeira de são Pedro, que confirmou em Patriarcha da Abassia a dom Ioão Bermudes, como na minha quinta Decada fica dito no capitulo do liyro. em cujo tempo forão a Roma Simão Sulaca Bispo de Caeremidade cabessa da Mesopotamia: E com elle outros dous Bispos, hum que se chamava Mar Elias, e outro Mar Ioséf, que ambos derão obediencia ao summo Pontifice por si, e por seus subditos, e elle os confirmou: e ao Simão Sulaca em Patriarcha de Musal, e aos outros em seus bispados soffraganhos aelle. E ao Mar Ioséf q̄ tinha o titulo de Bispo de Niniue mandou que fosse governar os cristãos das Serras do Malavar, e coelle o Bispo dom Ambrosio Monte coeli, frade Dominico por seu coadjutor e futuro socessor: e assi ficou aquelle Patriarchado dividido em dous. Hum catholico, e outro herege. O catholico na cidade de Musal: e o outro em Antiochia. Mas o catholico viveo pouco, por q̄ logo foi morto por ordem do herege. E os Bispos Mar Ioséf, e dom Ambrosio, q̄ ainda estavam com elle, tiverão modo pera fogirem por se arrecearem doutro tanto, e forão ter a Ormuz: e nas Naos que partirão pera a India se embarcarão: E não acho se tomarão Goa, ou onde fossem aportar.

Balta

Basta que passarão as ferras do Malavar onde aquelles cristãos os receberão muito bem. E o Mar Ioséf tomou posse do bispado em que ordenou muitas cousas mūy boas. O dom Ambrosio parece que não vio aquella terra conforme a sua vontade, foise pera Cochim, e dali pera Goa, e no convento de são Domingos Leo a sagrada Theologia aos seus frades com muita satisfação por ser muito douto. E indosse embarcar a Cochim pera o reino no anno de 1557. faleceo naquella cidade, e jaz nella enterrado no mosteiro de são Domingos, como ja temos dito no capitulo 1. do I. livro da setima Decada.

E tornando ao Mar Ioséf como elle vinha inficionado e contaminado da peste Nestoriana começou a semeala pello seu bispado, e ainda por alguns moços que tomou em Cochim pera seus pagens. O que sabido pello Bispo d'aquella cidade dom Iorge Temudo da ordem de são Domingos, deu conta disso ao Visorrey e ao Arcebispo de Goa que escreverão ao capitão de Cochim que prendesse logo ao Már Ioséf, e o embarcasse pera o reino nas Naos que la estavam tomando a carga pera partir: o que elles fizeram, por que o ouverão ás mãos por manha. Por sua ida mandarão os cristãos a Babilonia a pedir Bispo, donde lhe manda-

rão hum Már Abrahão, que em trajos de Marinheiro entrou naquella ferra, onde foi muito bem recebido. E logo na volta das Naos em que embarcarão a Már Ioséf, tornou elle a vir muito favorecido do Cardeal dom Anrique e da Rainha q̄ então governavão. Por que assi soube atrair os coraçoes destes principes q̄ lhe concederão tudo o que pediu, com prometer de reduzir todos aquelles christãos a obediencia da santa igreja catholica Romana. E chegando a seu bispado foi recebido d'alguns povos, e de outros não, por estarem afeiçoados a Mar Abrahão: e assi ouve entre elles scisma. Ao que acodirão o Visorrey e o Arcebispo, e tal manha tiverão, que ouverão as Mãos o Mar Abrahão, e embarcarãono pera o reino por ser herege refinado: e a Nao em q̄ foi arribou a Moçambique, donde em hū Pangayo se passou a Ormuz, e dali a Babilonia a dar rezão de si a aquelle Patriarcha, e a pedir lhe breves pera tornar a seu bispado. Mas entendendo bem que se não fosse por ordem do Papa, não poderia ser admetido a elle, mudou o conselho e passou a Roma e deu relação de suas cousas ao Papa que era então Pio coarto e diante d'elle anathematizou seus erros; e fez profissão da fé catholica Apostolica Romana, e prometeo de reduzir aquella

DECADA DOZE DA HISTORIA DA INDIA,

aquella cristandade á santissima fé catholica da igreja Romana: pello que o Santo Pontifice lhe passou breves Apostolicos em q̄ o confirmava em Bispo d'aquelles povos cristãos. E por que ate então não era legitimamente ordenado, nem tinha ordens algũas, o mandou ordenar desde primeira tonsura ate as ordens de missa: e passou breves ao Patriarcha de Veneza pera o sagrar em Bispo, e deulhe cartas pera o Visorrey da India, Arcebispo de Goa, e Bispo de Cochim, em q̄ lhe pedia o deixassem passar a seu bispado. De Veneza, onde se sagrou, passou por terra a Ormuz, e dahi a Goa, e apresentou seus breves ao Arcebispo dom Gaspar, q̄ examinandoos bem, achou que erão sorrepticios, e passados com falsas informaçõens: pello que o fez deter em hum dos mosteiros de Goa ate informar a sua santidade da verdade. E foi posto em são Domingos, onde eu falei coelle muitas vezes, dali teve tais intelligencias, que quinta feira d'Endoenças estando os religiosos occupados naquelles piadosos, e devotos officios, cheios dos misterios que nelles se celebrão, fogio e se passou pera as terras do Idalxa, e dahi a seu bispado, onde ja não estava o Már Iosef. E por que o tinham embarcado nas Naos passadas pera o reino por breves da

fé apostolica, e cartas d'El Rey, e Cardeal: por serem informados que era herege pertinax, e não comprio o que prometeo ao Papa. Entrando o Már Abrahão na terra e achando seu competidor ausente, foi logo recebido de todos por seu prelado. E por se lembrar que o Arcebispo de Goa, e bispo de Cochim o tornassem a aver as mãos, se meteo muito pello certão. O que sabido pellos nossos prelados trabalharão pollo colher: e avisarão de tudo ao summo pontifice, que passou breves o anno de 78. dirigidos ao mesmo bispo Mar Abrahão, em que lhe mandava deixasse pregar a lei de Christo em todo o seu bispado: e que dali em diante se achasse em todos os concilios que em Goa se celebrassem: e que guardasse seus decretos, e se fogueitasse a elles: e que pera ir a Goa, lhe dava seguro apostolico. E assi se achou no concilio que celebrou dom frei Vicente d'Afonseca. O que fez por não ser de todo reprovado e avido por herege. E depois de acabado o concilio, se foi pera seu bispado, e nada comprio do que prometeo e jurou no concilio.

Estando assi as cousas destes cristãos neste bem roim e desaventurado estado com a falsa e perversa doutrina, que este herege semeava, chegou a aquella Serra hum Mar Simão que disse
fer

ser mandado pello Patriarcha de Babilonia pera soceder naquelle bispado, que a Rainha da pimenta agasalhou e favoreceo, e se fez cabessa de todos os cristãos d'aquelle reino, e de outros q̄ tambem lhe obedecerão, e pós seu assento no lugar de Cartute, onde começou a exercitar o officio de bispo, ordenar, crismar, e outras cousas de que informados os prelados da India, o ouverão as mãos, e o embarcarão pera o reino, e d'elle se passou a Roma onde foi examinado por mandado do Papa Sixto V. e foi achado hum fino herege Nestoriano: e q̄ não só não era bispo, mas nem ainda sacerdote: Pello que foi sentenceado que não vzasse mais da dignidade nem da ordem.

Com esta ida de Mar Simião pera o reino ficou o Mar Abrahão quieto em seu bispado, onde não teve emmenda, antes foi por diante com seus erros e costumes Nestorianos. E sendo chamado a Goa o anno de 1590. pello Arcebispo dom frei Mateus pera concilio q̄ queria celebrar, não quis acodir por se temer que o prendessem, como ja fizerão da outra vez. Pello que o Arcebispo escreveu ao summo pótifice dos maos costumes deste homem, q̄ mandou passar hum breve dirigido ao Arcebispo dom frei Aleixo de Meneses quando veyo pera a India o anno de 95. em que lhe man-

dava que inquiresse das culpas deste homem, e que achando ser Nestoriano o prendesse e proveesse aquelle bispado de governador; e não cósintisse mais entrar nelle bispos de Babilonia, se não os q̄ fossem por ordem da igreja Romana. E tirando o Arcebispo dom frei Aleixo de Meneses inquireção deste bispo, achou ser Herege e culpado em gravissimos erros. E por que estava ja em idade tão decrepita, que se não alevantava d'húa cama. E sabendo q̄ tinha mandado a Babilonia pedir socessor, dissimulou com elle e mandou em Ormuz ter tantas intelligencias, e nos portos da India pera q̄ não passasse a aquella cristandade nenhum bispo de Babilonia, que vindo hum a soceder ao Mar Abrahão, parece que foi avisado deste negocio: pello que ouve por mais acertado conselho tornar-se pera Babilonia. O Mar Abrahão fallecco logo envolto em seus pestelenciais e abominaveis erros: e ficou aquelle bispado entregue ao Arcediogo, que tambem era tocado da mesma lepra. E o Arcebispo com muita prudencia o mandou confirmar ate que elle fosse pessoal mente tomar posse daquella igreja conforme aos breves q̄ pera isso tinha do Papa. E escreveu ao Arcediogo fizesse profissão da fé, e reconhecesse a igreja catholica. E esta foi a causa que

que moveo ao Arcebispo dom frei Aleixo de Meneses a fazer esta jornada com tantas despeza de sua fazenda, e tão grande risco e perigo de sua vida, só pello aproveitamento das almas de tantos fieis quantos os malditos bispos hereges tinham apartado da igreja Romana.

CAPITULO VI.

Dos erros em que vivião estes cristãos: e de como o Arcebispo dom frei Aleixo de Meneses os reduzio á obediencia da santa igreja Romana. E do Sinodo diocesano que celebrou, em que tirou muitos erros e abusos.



A que demos relação desta christandade, parece-me que convinha tratar també dos erros em que vivião pera se saber o dano que lhe tinham feito os bispos Babilonicos, e o fruto que o Arcebispo dom frei Aleixo de Meneses fez em os visitar. Pello que se ha de saber que aquelle maldito herege Nestorio concorreo quasi nos annos do senhor de 440. e depois nos de coatro centos cincoenta e hum, que sua peçonha ya ja lavrando pello mundo foi necessario ao summo Pontifice Celestino I. ajuntar em Epheso concilio contra elle

em que se acharão 200. Bispos, onde condenarão este perverso heresiarcha: e se queimarão todos os livros dos Manicheos. E naquella envolta foi tambem condemnado por herege Dioscoro Bispo de Alexandria que seguia a Euthichio.

Condenado Nestor por herege não deixou de ir com sua protervia e pertinacia por diante com q̄ fez tantos males no mundo, e levou a pós si caminho do inferno tantos mil milhares d'almas dos malditos que os seguirão. E de maneira se estendeo e dilatou sua falsa doutrina, q̄ chegou a peçonhentar estes pobres christãos la metidos nas mais escondidas maras, e nas mais fragosas serras do Malavar: ensinandolhes seus bispos a sua falsa doutrina com que destruião a verdade da encarnação do verbo divino, e ficavão particulares offensores da sacratissima virgem Maria sua mãy e senhora nossa, negandolhe a principal honra q̄ tinha, que era ser verdadeira e natural may do filho de Deos, com outras heregias contra a limpeza e pureza do parto virginal da mesma senhora. Não admitião nas igrejas imagens nenhúas mais que a cruz. Afirmavão que as almas dos santos não avião de ver a Deos senão depois do juizo vniversal. Dos Sacramentos não tinham estes christãos mais q̄ os

os do bautifmo, da ordem, e da Eucaristia. E a inda no do bautifmo tinham tanta confusão na forma delle, q̄ cada Cassanar ou clerigo bautizava como lhe parecia, e vsavão nelle diversas formas com que não ficava verdadeiro Sacramento. Não vsavão de Oleos santos, nem os conheciam: mas por q̄ ouvião falar nelles vntavão os bautizados com azeite de Coco, e Gergilim sem benção algũa. O que geralmente se vza neste Malavar, por que os alimpa e lhe dá forças, e saude corporal. Tinhão particular odio e aborrecimento ao Sacramento da confissão: Só em alguãs igrejas que estavão perto das nossas, se confessavão poucos, por q̄ o vião fazer aos Portuguezes. E todos os mais em lugar de confissão de peccados, punhão hús grandes brazeiros no meyo das igrejas aos domingos, onde lançavão muito Encenso, e os rodeavão e tomavão aquelle fumo lançádo coas mãos pera os peitos, avendo que com aquelle fumo se yão seus peccados: e frequentavão o Sacramento da communhão sem outro aparelho mais que irem em jejum. As missas que dizião tinham muitos erros que acrecentou Nestorio. E antes de lhes la ir vinho de Portugal, consagravão em vinho de palma deitado em passas secas: e as ostias erão bolos feitos com

azeite e salate o tempo de Arcebispo Már Iosef, que por se accommodar aos nossos costumes consagravão em Ostias como as nossas, e vinho de Portugal.

No Sacramento da ordem erão muito dados, tanto que avia poucas casas onde não ouvesse algum ordenado: por que como nada empedia antre elles os exercicios seculares, muitos se ordenavão pera vsarem de huns e outros. E assi o fazião de dezafete, dezoito, e vinte annos: e os mais delles casavão depois de sacerdotes, e muitos viuvos ja com molheres viuvos, e tantas quantas vezes viuvavão, tantas tornavão a casar, sem se conhecer antre elles a irregularidade da bigamia, nem terem algum apartamento das molheres quando avião de celebrar. E acontecia muitas vezes aver núa mesma igreja pais, filhos, e netos todos Sacerdotes, e todos ministravão nellas. Estas suas molheres se chamavão Catatiaras, ou Cassanciras, que quer dizer, molheres dos Cassanares, que são os Sacerdotes: e assi por isso erão as mais honradas do povo, e trazião pera isto hum certo sinal por que erão conhecidas. E em todos estes Sacramentos erão publicos Simoniacos, por q̄ os não davão senão por preço certo. No do matrimonio tinhã muitos abusos, por que bastava darem se por casados

T pera

pera o serem, e alguns o ficavão com lançarem hũ fio do seu peçoço ao da noiva. Quando as molheres parião guardavão o costume da lei velha, q̄ sendo macho não entravão na igreja senão aos corenta dias: e se era femea aos oitenta. A sua agoa benta não tinha mais cerimonias, q̄ lançarem-lhe hũa pequena de terra dos lugares por onde o santo Apostollo andou, e hums grãos de incenso. Usavão muito de sortes e feitiços, por q̄ tinham hum livro chamado Parelinão, q̄ quer dizer medicina Perfica, donde tiravão os dias faustos, ou infaustos pera fazerem suas cousas. Finalmente outros cem mil abusos, erros, heresias, e ritos gentilicos que deixo por q̄ a historia não sofre tanto.

Todos estes abusos e outros muitos que tinham, tirou o Arcebispo dom frei Aleixo de Menezes, e emmedou todos aquelles povos, e os reduzio a hũa vida politica christã: e lhes fez fazer profissão da fé catholica, e dar obediencia ao summo Pontifice: e mandou bautizar de novo muitos povos que não erão canonicamente bautizados. E em todas estas cousas foi muito ajudado de Francisco Roz padre da companhia que oje he Arcebispo d'aquella terra e christãdade, e doutros padres da mesma cõpanhia, que antes e então trabalharão, e rossarão aquelles matos bravios,

e os forão dispondo e abilitando pera receberem com facilidade a semente do santo Evangelho. E tendo ja o Arcebispo este fruto acesonado pera acabar de cumprir de todo esta tão grande obra, celebrou concilio provincial no lugar de Diamper coa mór cerimonia e magestade que pode: que se começou na terceira dominga depois do Pentecoste que cayo a vinte de Junho desta Era em que andamos. Acharão nelle o Capitão da cidade de Cochim, Vereadores, e outras pessoas principaes: e os padres Francisco Roz, e Jorge de Crasto da companhia de Iesu, e o confessor do Arcebispo, que era religioso da ordem do glorioso padre santo Agostinho que se chamava frei Bras. Nelle se ordenarão cousas muito santas e boas; e os procuradores dos povos, Parrochos, e Vigairos fizeram profissão da fé catholica. Com o q̄ aquella christãdade tornou a renacer por graça: o que Deos nosso senhor confirmou com alguns milagres, q̄ por sua misericordia quiz obrar pera mostrar quãto aquella obra lhe agradava e era accita.

Depois de acabado o concilio visitou o Arcebispo as terras dos christãos, e todas suas igrejas cõ grãde despeza da fazenda e risco de sua vida. Por que algũas vezes tratarão de o matar: mas de todas o livrou Deos quasi milagrosamente.

mente. Os decretos do Synodo se inviarão depois ao summo Pontifice Romano, que os aprovou e estimou muito aquella obra avêdo por cousa a q̃ o Spirito Santo assistira: e proveo logo aquelle bispado de bispo catholico, que foi o padre Frácisco Roz da companhia, em quem concorrião muitas partes pera o cargo que lhe davão: por que alem de o merecer naquella jornada em que sempre acompanhou ao Arcebispo dom frei Aleixo de Menezes, sabia muito bem a lingua Malavar e Caldea: e agora ao presente que escrevemos isto governa este Arcebispado com muita satisfação, e tem aquelles christãos tão differentes do que crão antigamente, que parece q̃ forão criados de mininos com o leite da santa fé catholica. Demos relação destas cousas assi por serem da gloria de Deos nosso senhor, como por socederem neste tempo do governo do Conde Almirante de quem escrevemos, que deu tres mil pardaos pera ajuda de custo ao Arcebispo pera esta jornada, e húa Galé pera ir e tornar.

CAPITULO VII.

Decoma El Rey de Portugal mandou passar carta de hirmão em armas a El Rey da Gundra, que lhe o Arcebispo dom frei Aleixo de Menezes

passou conforme á ordem que lhe deu o Conde Almirante Visorrey: e das obrigaçoens que lhe pós; E de como renunciou seus reinos nas mãos do Arcebispo que lha aceitou em nome do Conde Visorrey.



Via muitos annos q̃ El Rey da Gundra no sertão de Coulaõ andava em requerimento com El Rey nosso senhor que Deos tem na gloria, aceitallo por seu hirmão em armas, que hé a mór honra e merce que os Reys de Portugal sempre fizerão aos Reys da India, q̃ por obras lho merecerão. Ao que El Rey o quiz satisfazer. E nas Naos passadas de que veyo por capitão mór dom Afonso de Noronha, em húa instrução que veyo ao Conde, lhe mandava El Rey que passasse carta de hirmandade com as clausulas e condiçoens acostumadas. E a aquelle Rey escreveo cartas de honras e mimos. E querendo o Conde cumprir a vontade d'El Rey, quando o Arcebispo dom frei Aleixo de Menezes se embarcou pera ir visitar os cristãos de são Thomé, como ja dissemos, entre muitas cousas que lhe encomendou, foi esta deste Rey da Gundra, a quem escreveo, e lhe mandou a carta d'El Rey. E estando o Arcebispo nas terras da Rai-
T ij nha

nhã de Changarnate visitando a igreja de Talevacare, que he das mais antigas d'aquella christãdade, onde lhe mostrarão tres laminas de cobre de dous palmos de comprido, e coatro dedos de largo em q̄ estavão abertas ao boril diferentes letras e carâcteres q̄ continhão os privilegios, doações, e rendas q̄ o Rey de Coução concedeo áquella igreja quando ali edificarão os dous Babilonicos Mar Xabro, e Mar Podde que a tras tratamos. Estas tres laminas tinhão estes christãos dali em grande veneração e estima. Assi q̄ estando o Arcebispo visitando esta igreja mandou recado ao Rey da Gundra pera q̄ se vissem onde elle ordenasse, por que importava assi ao serviço d'El Rey de Portugal e honra sua. A este recado mandou El Rey responder que seria com elle, mandandolhe nomear o lugar que era dali perto em hum campo razo antre grandes matas de arvores carregadas de pimenta. E ao dia assinalado partio o Arcebispo muito bem acompanhado de todos os que o seguião, q̄ era gente granada e muito lustrosa: e achou aquelle Rey esperando naquelle lugar acompanhado do príncipe herdeiro, e de seus regedores, e Naires principaes, e da gente miuda muito grande copia: e depois das palavras gerais d'aquella primeira vista, que foi as-

sentados em cadeiras de veludõ que o Arcebispo pera isso mandou levar, lhe disse: que El Rey de Portugal lhe tinha concedido a merce que ávia tantos annos pretendia, Que era recebello por hirmão seu em armas. Merce que os Reys de Portugal concedião a poucos por ser a mayor, e de mór estima que todas as que faziã aos q̄ lho bem mereciãõ, como o elle sempre fez nos favores q̄ deu ás igrejas do seu reino, e christãos delle: e a pimenta que de suas terras passava pera a feitoria de Coução. Que tudo isto erão merecimentos pera lhos El Rey de Portugal agardecer como o fazia naquella honra q̄ lhe dava. E logo lhe entregou a carta d'El Rey, e lhe passou ali a de hirmão em armas, ou alevou feita de Cochim. E por que me não lembra q̄ João de Barros escrevesse a forma dellas, me pareceo bem pola aqui de verbo ad verbum assi como está na torre do tombo de Goa no livro das pazes e contratos. Folhas. 146.

El Rey de Portugal &c. Faço saber aos que esta minha carta virem, que considerando eu a grande obrigação que tenho de trabalhar muito por que se dilate a nossa santa fé catholica, ensinada por Iesu Christo nosso Senhor, o que com seu favor tenho feito nos reinos e estados de minha coroa, á imitação dos senhores

nhores Reys de Portugal meus predecessores. E tendo respeito a que pera este meu intento convem muito a paz e vnião dos Reys das partes da India, pera q̄ os ministros do santo Evangelho obrigados com esta paz a possão melhor pregar chamando por este caminho aos infieis ao gremio da santa madre igreja por meyo do santo bautismo. E por que sou informado de pessoas zelosas do serviço de Deos e meu: que El Rey da Gundra Topa muta Pandara, pretende ha muitos annos que eu por lhe fazer merce o accite por meu irmão em armas a elle, e a seus socessores a q̄ me tem obrigado com muitos serviços: e pedindome o mesmo por suas cartas escritas assi a mim, como aos meus Visorreys do meu estado da India. Pello q̄ eu por folgar de lhe fazer merce, respeitando á instancia com que me faz este requerimento, ei por bem e me pras de o tomar a elle, e a seus socessores q̄ forem Reys do dito reino por meus irmãos em armas: e quero que gozem de todos os prẽvilegios, liberdades, franquezas, e mais merces de que gozão semelhantes Reys meus irmãos em armas: pera o q̄ lhe faço merce de hũa bandeira real pera q̄ por ella seja conhecido por tal. E meus capitaens o seguirẽem em suas guerras, em q̄ serão ajudados com as armadas da

India; e por terra com meus vassallos todas as vezes q̄ disso estiverem necessitados, e o pedirem. E mando aos capitaens de Coulão que da publicação desta por diante fação muitos favores aos vassallos do dito Rey da Gundra, não consintindo serlhe feito agravo algum, pera que em nenhum tempo se ponha em esquecimento a obrigação que fica ao dito Rey e seus socessores pera efeito da conservação desta paz e irmandade, mandei ajuntar a esta carta as cousas que prometteo, e fica obrigado a cumprir que são as seguintes.

Primeiramente dará licença pera que em suas terras se fação igrejas, e se alevantem cruces naquellas partes que aos ministros q̄ andarem na christandade, parecerem mais accommodadas pera aver christandade, não impedindo fazerem christã toda a sorte de pessoa de qual quer estado e condição que seja. E o que se fizer christão não perdera por isso o officio, ou dignidade q̄ tiver, nem sua fazenda, ou algũa parte della: e por sua morte a poderão testar em seus erdeiros. E não nos tendo, a deixarão a quem quizerem conforme ao q̄ vzão os christãos que se contem em minhas ordenaçõens. E deste favor gozarão tambem os christãos de são Thome que morarem em suas terras, sendo em tudo ajudados e favorecidos

favorecidos dos ditos Reys.

Mandará o dito Rey: que junto as ditas igreijas se não faça de novo Mesquitas de Mouros, nem esnogas de Iudeus, nem pagodes de Gentios, nem ainda consintir habitarem nenhas das ditas gentes perto das igreijas pello q se deve à veneração dellas. E pera nada ser estorvo ao conteudo no capitulo precedente: e assi que as ditas igreijas seção coutho aos que se aellas acolherem, como he costume entre os christãos. E os padres que andarem no ministerio da christandade poderão entrar seguramente pollas terras do dito Rey, posto q esteja com outro de guerra levando consigo a companhia que lhe for necessária com a guarda dividida, sem serem obrigados a pagarem penoens, ou outro algum tributo. E tero jurdição nas igreijas pera poderem constranger aos christãos, com os castigos que lhes parecer, a guardar as cousas de sua lei, sem lhes a isso ser posto impedimento algum.

Serão o dito Rey e seus soccessores amigos dos amigos do estado da India, e inimigo de seus inimigos, pelejando todas as vezes que for necessario em defenção da fortaleza de Coulão contra quem coella tiver guerra achandosse nisso com sua pessoa e vassallos: e da mesma maneira pelejarem contra os Reys q tiverem guerra

com estado nas partes em que poder, entregando os inimigos q se acolherem a suas terras pera se fazer delles justiça. E assi mais sera obrigado a não dar mantimentos, nem consintir q passem por suas terras pera os inimigos do estado, ou os que coelle tiverem guerra.

Serão obrigados a fazer que pellos portos secos de seu reino não passe pimenta alga, obrigando a seus vassallos que trago a que tiverem ao pezo de Coulão onde se lhe comprara pello preço ordinario, sendolhe isto pedido pellos Portugueses.

Neste contrato e obrigação se assinou El Rey da Gundra com o Arcebispo dom frei Aleixo de Meneses, e o traslado dero a aquelle Rey pera sua guarda, e se publicou na fortaleza de Coulão pera ser notorio a todos.

Acabado aquelle auto da entrega da bandeira das armas de Portugal ao Rey da Gundra, mandou El Rey afastar a gente toda tirado o principe e regedores, e então deu ao Arcebispo particular cota das cousas de seu reino, representandolhe a idade tão decrepita em que estava, e que cada dia esperava pella morte, e que depois della ficava seu reino arriscado a se perder se não tivesse quem o defendesse dos Reys vizinhos que erão mais poderosos que elle. E vendo o Arcebispo

Arcebispo aquella porta que se lhe abria pera tratar do q̄ mais convinha ao estado, respõdeo áquelle Rey: Que ja que elle era irmão em armas d'El Rey de Portugal, não podia deixar de lhe dizer o q̄ lhe convinha, e lhe disse mais: Que elle estava informado que o Rey de Travancor não esperava mais que falecer elle pera logo se senhorear do seu reino por dizer que pertencia á Rainha de Changarnate sua sobrinha que o tinha perfilhado. E que soubesse que se este visinho metia o pé em seu reino, avia de roubar, maltratar, e avexar seus vassallos, e governalo por seus Naires. Este discurso do Arcebispo tinha o Rey ja concebido, por q̄ receava muito q̄ fazendosse o Travancor Rey d'aquelle reino, ficava a fortaleza de Coulão cercada por todas as partes, cousa muito prejudicial ao estado: por que estava certo tolherlhe logo os mantimentos, e o trato da pimenta: e por isso fez ao Rey sobre isto aquellas carrancas, que o amedrontarão tanto, que respondeu ao Arcebispo que todas as cousas q̄ lhe tinha dito, sabia elle muito bem: ao que lhe o Arcebispo replicou com lhe dizer: Que se quisesse tomar seu conselho, que lhe daria ordem pera com muita facilidade se livrar d'aquelles males que tanto temião. Ao que El Rey e todos os do seu conselho

responderão que de muito boa vontade o tomarião. Então se declarou o Arcebispo e lhe disse q̄ renunciasse o reino nas mãos d'El Rey de Portugal seu irmão que elle o entregaria da sua mão a Rey que o defendesse com a ajuda dos Portugueses, do poder do Rey de Travancor, e de todos seus imigos. A isto deu o Rey da Gundra e todos os do seu conselho, a orelha e disse que ja elle discursara em seu pensamento entregar aquelle reino a El Rey de Cochim pera q̄ os defendesse, por ser Rey poderoso, e ter sempre ajuda dos Portugueses, e que elle o não quisesse aceitar por estar o seu reino muito desviado. E ja que assi era, que elle entregaria o reino nas mãos d'elle Arcebispo em nome d'El Rey de Portugal seu irmão, pera q̄ elle o desse a quem o defendesse: com tal condição q̄ jurasse primeiro na cruz e livro dos christãos, que o não entregaria senão a quem elle, o principe, e seus regedores lhe parecesse bem. E que elles todos jurarião de entregar o reino a quem elle com seu consentimento nomeasse. O que o Arcebispo logo fez sobre hum Missal com hum crucifixo posto em cima na maneira seguinte.

Dom frei Aleixo de Menezes
Arcebispo Metropolitano de
Goa primás da India e partes
Orientais, do conselho de sua
Majestade

Magestade &c. Por este me obri-
go em nome de sua Magestade, e
do estado da India de entregan-
dome El Rey da Gundra o reino
de sua Magestade pera pór nelle
a pessoa que mais conveniente
for ao serviço do dito senhor,
bem do estado da India, e do
mesmo reino da Gundra, princi-
pe do reino e seus regedores. E
em especial tratarei de o entre-
gar a El Rey grande de Co-
chim, ou ao principe grande
do dito reino, ou a El Rey Nam-
biari de Porcá, qual melhor pa-
recer ao estado, com obrigação
de defenderem o dito reino de
seus inimigos, e o manterem em
paz, justiça, amizade, e sojei-
ção dos Portugueses, e da ma-
gestade d'El Rey de Portugal
nosso senhor: e mais condiçoens
que o estado lhe pozer. O q̄ tudo
juro de cumprir e guardar, quan-
to em mim for, aos santos Evan-
gelhos de Iesu Christo nosso se-
nhor em q̄ ponho minhas mãos,
e por minha consagração. E por
me o dito Rey da Gundra pedir
este, o fiz e assinei presente o dito
Rey, principe, e mais regedores.
Este juramento está no livro dos
contratos que tenho na torre do
tombo as folhas. 146.

E logo o Rey, principe, e rege-
dores fizeram juramento confor-
me a seu costume na maneira se-
guinte. Nos El Rey de Gundra
com a Rainha herdeira, principes

herdeiros Brama, e Ramorma
com todos os do nosso conselho
e governo confiados na magesta-
de d'El Rey de Portugal lhe en-
tregamos o nosso governo, e as
terras e vassallos, e tudo o mais
por meyo de dom Aleixo de Me-
neses Arcebispo Metropolitano
Primás da India pera governar
com justiça, e defender os nossos
reinos, e senhorios. E por q̄ nun-
ca aja quebra e desunião entre El
Rey de Portugal e nós, podera
pór hũa pessoa d'aquellas que o
Arcebispo e nós temos pratica-
do. Este juramento e obrigação
está no mesmo livro dos contra-
tos as folhas. 149.

Feitos estes juramentos disse
o Arcebispo a El Rey, que bem
sabia que os Reys que no Mala-
var erão amigos dos Portugueses
que tivessem terras mais perto
d'aquelle reino da Gundra erão
o de Cochim, Porcá, e o de Cale-
Coulão: que destes tres escolhes-
sem hum a que aquelle reino se
entregasse. E logo ali assentou El
Rey com seus regedores que co-
metessem primeiro com elle a El
Rey de Cochim; e que não no
querendo elle, o entregassem ao
de Porcá. E deste seu consinti-
mento se fez outro auto assinado
pello Rey da Gundra, principe, e
regedores. E assentarão que o
regedor mór fosse com o Arce-
bispo a Cochim a se achar pre-
sente a accitação do reino a hum
daquelles

daquelles dous Reys nomeados. E com isto se dispidirão, dando o Arcebispo peças e brincos curiosos áquelle Rey, principe, e regedores: por que todos estes Reys do Oriente em todos negocios q̄ temos com elles, estão com o olho no que esperão d'aquelles com quem negociação.

CAPITULO VIII.

Da fortaleza que o Rey de Travancor foi alevantando com dissimulação. E do que passou em hũas vistas q̄ teve com o Arcebispo dom frei Aleixo de Meneses.

TL Rey de Travancor cujo estado jaz de Coulão ate o cabo de Comorim, que antigamente foi cabessa de todo o Malavar, e ainda da ilha de Ceilão (como ja em outra parte mostrei) sempre depois q̄ tivemos aquella fortaleza em Coulão, lançou mão de pequenos bicos pera quebrar a amizade com o estado, e fazer guerra áquella fortaleza, como pello discurso das minhas Decadas tenho escrito, por ser natureza de todos estes Reys gentios não terem lei, nem fé. E neste tempo em que agora andamos andava quasi alterado, e coelle a Rainha de Changarnate, senhora das terras

de Coulão sua vizinha e vassala, e com pensamentos de maldades, como logo mostrou. Por que começou com grande dissimulação a fazer hũa arrezoadada fortaleza junto á igreja dos christãos de são Thome q̄ esta afastada da fortaleza distancia de duzentos paços, donde lhe ficava em bataria. E lançou fama que era hum pagode que alevantava á honra dos seus idolos, que era o pior, e mais mau de sofrer. Por que se o fizera com nome e titulo de fortaleza, só ficava sendo afronta do estado sofrerlha: mas com nome de pagode, como elle dizia, e tão perto do templo dos christãos, era o da nossa religião: por que Deos e Baal, não podem caber em hum altar. E assi por todas as rezoens, era o estado obrigado a acodir logo a isso, como o Conde Almirante pretendeo fazer: por que o anno em que acontecco o defastre do Cunhale, tinha mandado a seu irmão dom Luis da Gama que dandolhe Deos victoria, passasse a Coulão a desfazer aquella fortaleza: o que não teve effeito por chegar a Cochim quebrado, e com muita gente morta e ferida: e depois que Andre furado de Mendoça acabou aquella empreza do Cunhale lhe creveo o Conde a Cananor, como a diante veremos, que com toda sua armada passasse a Coulão e desfizesse aquella fortaleza, o

V que

q̄ deixou de fazer por ser ja tarde.

E assi trazia o Conde isto na imaginação, que quando o Arcebispo dom frei Aleixo de Meneſes foi pera Cochim, o q̄ mais lhe encomendou e encarregou foi este negocio: e que visse e notasse o sitio d'aquella fortaleza, e q̄ avisasse a seu irmão dom Luis da Gama a Cunhale pera se lhe Deos desse vitória, passar a concluir aquillo. E como o Arcebispo levava isto tão encomendado do Visorrey, andando visitando as igrejas de Coulaõ, chegou áquella dos christãos junto donde aquelle Rey tinha feito aquella fortaleza, e com dissimulação a andou notando, e mandou o espaço della.

Tinha neste tempo a fortaleza fechado hũa grande coadra com sete baluartes mûy bem ordenados, e o que ficava sobre o mar, era o mayor e mais forte de todos. Por que como logo se temeo de nossas armadas, preveniosse contra ellas de mayor defenção. E depois de tudo muito bem notado, e entendido o perjuizo que azia á nossa fortaleza, avisou a dô Luis da Gama estando sobre a barra de Cunhale, como lhe o Conde Visorrey encomendou, pera q̄ se podesse acodir lá, o fizesse. Mas não pode ser, polla rezão que ja disse a cima, que não foi pequena perda: por q̄ em nenhum tempo se podera

aquillo fazer millior, e a menos custo do estado, que naquelle: por andar aquelle Rey embaraçado e travado em guerras com os vizinhos: e na fortaleza não avia mais que os officiaes, e poucos olherios, e menos defensores: e assi o escreveu ao Conde Almirante, que logo tratou de reformar a nossa fortaleza de que a mór parte estava no chão: o que o Arcebispo dom frei Aleixo de Meneſes fez com muita prudencia e dissimulação.

E por q̄ se receava da Raynha de Changarnate vizinha da casa, que lhe quizesse impedir a obra, deu em muito segredo dinheiro aos moradores de quem se fiou pera que comprassem pedra, e cal có fama de reformarem suas casas como sempre fazião todos os veroens. E desta maneira recolherão hũa grande quantidade destes materiais, com que se começou pór as mãos á obra pera que o Conde Visorrey lhe tinha mandado dar dinheiro em abastança. E primeiro que tudo se fez hum fermoso baluarte na parte principal da defenção daquella fortaleza, e correrão juntamente com hum pano de muro de boa grossura ate outro baluarte que ja estava feito. E a o que se fez de novo poserão os moradores o nome do Arcebispo em sua memoria.

E o mesmo descuido que avia
com

com esta fortaleza (como ja disse em outras partes da minha historia, e não deixarei de dizer ate q̄ me oução) ha em todas as mais da India. Por que he muito antigo nella não acodirem ás cousas senão quando não tem remedio: e ainda então o fazem por q̄ mais não podem. E despendem em seu concerto dez vezes dobrado do que se ouvera de gastar acodindo a tempo: por que os mais dos Visorreys estão com o tento em se irem pera o reino, e deixão os trabalhos disto ao que lhe socede q̄ tão bem o fez como elle: e assi de descuido em descuido se virão a perder as mais das fortalezas, como se perderão as de Tidoro e Amboino, que des que se fizerão ate gora não ouve Visorrey que de proposito as mandasse reformar e renovar. Mas que he d'espantar nestas que estão tão apartadas da India, se as de Diu e Ormuz que são as mais importantes della estão arriscadas a se vir ao chão. E se ainda estas estão apartadas, as de Onor, e Barcelor, e Mangalor, e Cananor estando tanto á porta estão quasi derribadas por muitas partes sem lhe acodirem, e tudo por pouparem a fazenda Real, que nunca he melhor gastada que na reedificação e provimentos de suas fortalezas. E se se perder hũa destas coatto, q̄ quasi são curraes, corre a fama pello mundo que roma-

rão na India hũa fortaleza a El Rey. E quando me dizem o estado em que estão, certo que cuido que as sustenta Deos nosso senhor pellas oraçoens que ha nos templos e mosteiros dos religiosos que nellas há.

E tornando a nosso fio este Rey de Travancor depois q̄ fez esta fortaleza pera nos ter com ella enfreados, parece que andava neste tempo com imaginação de lhe pór cerco no inverno, e temendosse dos socorros que lhe podião vir de Cochim por dentro dos rios, determinou de os impedir com mandar fazer outra fortaleza de frente d'hũa boca q̄ ali faz o rio que vem de Cochim sair ao már hũa legoa a baixo de Coulão, e a esta fortaleza pós nome Mamuge, ou por que se chamasse assim aquella parte em q̄ a fez, ou por que tivesse aquelle nome algũa significação, desta se refintirão mais os moradores dali, que da outra tão vizinha, por que totalmente lhe tolhia a passagem d'aquelle rio, que era o mór serviço que tinhão pera Cochim.

Tanto que o Arcebispo soube desta fortaleza e lhe derão relação della, mandouse queixar a El Rey que mandou ter coelle algũas satisfaçoens, e por cima dellas determinou de se ir ver com elle dentro na nossa fortaleza, confiado que do Arcebispo po-

dia muy bem confiar sua pessoa : E assim partio pera la acompanhado d'alguns seus grandes. E chegando á fortaleza que se vio da porta pera dentro, parou hum pouco e ficou muito pensativo sem dizer cousa algũa, e logo disse : Nenhum homem se aventurara ao que meu oje aventureiro. E movendo o passo pera diante disse, ora sigamos a ventura : e assim muito inteiro e seguro foi entrando. E o Arcebispo o foi tomar hum pouco ja de dentro , e ambos se abraçarão com mostras de amizade, e sobidos a cima se assentarão : e depois das palavras geraes d'aquella visita lhe disse El Rey que naquella demonstração que fizera em se vir meter naquella fortaleza veria quanto confiava delle, e dos Portugueses de quem sempre fora muito bom vizinho e grande amigo : e q̄ isso mostrara sempre no favor q̄ dera as igrejas e christãos que estavam em seu reino como elles dirão. E que as duas fortalezas de que se lhe mandara queixar, elle as não fizera com tenção de molestar o estado, se não pera se defender dalguns imigos. A de Mamuge pera contra o Naique de Maduré, e q̄ a outra que ali estava mais perto pera contra o Rey de Cale Coulão. E que se esta fortaleza dava algum pezadumbre ao estado, que mandasse meter nella soldados Portugueses, e q̄

se apossassem de hum dos baluartes pera sua segurança. E que jurava por sua ley que quando a fizera não tivera intento algum de offender á nossa fortaleza, nem aos Portugueses com quem sempre desejava de ter paz e amizade. E que não tivesse outra cousa pera si, que elle estava prestes pera fazer todas as demonstrações do que dizia como elle quisesse pera segurança de sua verdade. O Arcebispo teve com elle muitos cumprimentos, e lhe agradeceo aquella vontade que lhe mostrava, e que se iria pera Goa confiado em sua fé e palavra : por que os Reys não podião enganar ninguém : E assi se despedirão muito satisfeitos. E o Arcebispo mandou dar pressa á obra da fortaleza que logo se acabou.

CAPITVLO IX.

De como o Arcebispo dom frei Aleixo de Menezes se passou a Cochim e entregou o governo do reino da Gundayra a El Rey de Porcá : e dos contratos que com elle fez.



Epois do Arcebispo concluir com as cousas de Coulão, e acabar de visitar suas igrejas, e deixar nellas ordem e regimento a seus curas pera se governarem em policia christãa

e bons costumes, tirandolhe alguns que tinham cheos de abusos, logo se passou á cidade de Cochim, onde entre muitos negocios que ali tratou, conforme as lembranças que tinha do Conde Almirante, o principal foi na entrega do reino da Gundra a El Rey de Porcá por q̄ em nenhum tempo fosse a mãos do Rey de Travancor de quem se não fiava por maes comprimentos e satisfaçoens que com elle tivera: por que bem entendia quanto avia de trabalhar por se fazer senhor d'aquelle estado pera ficar sopeando todos os Reys vizinhos, e assi mandou primeiro offerecer aquelle reino a El Rey de Cochim, mandolhe dar rezoens pera o aver de aceitar, de que se elle por cima de todas ellas escusou d'aquella obrigação. Pello que o Arcebispo com conselho do capitão, vereadores, e cidadãos principaes fez entrega d'aquelle reino a El Rey de Porcá na cidade de Cochim, e dissolhe passou carta patente em nome d'El Rey de Portugal, cujo teor he o seguinte.

El Rey de Portugal &c. Faço saber a quantos esta minha carta de entrega do reino da Gundra virem que tomando eu por meu irmão em armas a Muta Pandará Rey da Gundra por muitos serviços que me tinha feitos, e d'outros q̄ delle esperava me fizesse. E mandando fazer as capitulaço-

ens das pazes e irmandade por dom frei Alcixo de Menezes primás da India, e do meu conselho, o dito Rey Muta Pandará com seu principe, regedores, e pessoas do seu conselho me entregarão o dito reino da Gundra de que passarão Ola ao dito Arcebispo primás pera que elle em meu nome entregasse o dito reino, e metesse de posse della pessoa que mais conveniente fosse a meu serviço, bem do estado da India, e do dito reino da Gundra pera q̄ o defendesse de seus inimigos, e o mantivesse em paz e justiça, e bem dos vassallos do dito reino. E considerando eu os serviços que me tem feitos Cheba Cherida Bearidem, Rey de Porcá, e aos que espero ao diante me faça; e avendo outro si respeito ao ter tomado por meu irmão em armas por lhe fazer merce e confiar delle q̄ cumprirá com todas estas obrigaçoens, e se não apartará nunca de meu serviço, lhe entrego por esta minha carta a posse do dito reino pera que elle seja Rey reservando pera mim o senhorio do dito reino. E pera reconhecimento desta vassallagem, sera o dito Rey obrigado a me pagar de pareas oitenta bares de pimenta postos á sua custa no meu pezo de Coulão em cada hum anno no tempo que se costuma pezar a pimenta no dito pezo. E assi mais sera obrigado á codir com sua
pessoa

peessoa e vassallos á fortaleza de Coulaõ todas as vezes que diso tiver necessidade, ou estiver de guerra, e lhe mandar todos os mantimentos necessarios pellos preços convenientes. E todas as mais capitulaçoens assi tocantes á christandade, como ao estado da India que com o dito Rey da Gundra tinha capitulado: que todas elle dito Rey, e seus socesores serião obrigados a guardar e cumprir assi como se nelles contem. E mando aos meus Visorreys, e governadores do estado da India, e a os capitaens das minhas fortalezas de Cochim e Coulaõ dêem todo o favor e ajuda pera que o dito Rey de Porcá pacifica e livre mente possua o dito reino da Gundra com as condiçoës e pareas a cima declaradas.

E logo o dito Rey fez hum assento de como tomava posse d'aquelle reino com as condiçoens declaradas na carta patente a cima, em que confessa a dita vassallagem e pareas a que se obrigou. Esta entrega do dito reino ao dito Rey fez o Arcebispo dom frei Aleixo de Meneses por ordem de dom Francisco da Gama Conde Almirante e Visorrey da India que lhe condeo poderes pera em todas aquellas cousas em seu nome assinar nellas. E juntamente no mesmo dia, que forão aos cinco d'Outubro de noventa e nove, passou o Arcebispo carta

de hirmandade em nome d'El Rey de Portugal ao mesmo Rey de Porcá na forma da que passou ao Rey da Gundra com as obrigaçoens e clausulas, que todas tenho em meu poder no livro dos contratos folhas 151. e 152. E aos capitulos feitos com o Rey da Gundra se acrescentarão mais ao Rey de Porcá os q̄ se seguem.

Que sera obrigado a não dar mantimentos, nem consentir que se fação em suas terras, nem passem por ellas pera os imigos do estado que com elle tiverem guerra.

Quando ouver guerra com algũa das fortalezas do Malavar, de Cananor, ate Coulaõ as ajudará, e socorrerá todas as vezes que for requerido pellos capitaens d'El Rey de Portugal dando por terra ao menos vinte mil homens, e pellos rios cento e cinquenta embarçaçoens com sua artelharia e moniçoens.

Não consentirá nos portos do már de seu reino morarem Mouros por serem publicos imigos do estado, nem se poderão recolher nelle embarçaçoens algũas dos imigos do estado, e acolhendosse os mandara entregar.

Estando algũa das nossas fortalezas do Malavar de cerco as socorrerá cos mantimentos, que ouver nas suas terras, pello preço conveniente.

Não deixará passar por suas terras

terras Mouros, nem esquipa-
çoens pera navios pera as terras
onde fizerem guerra ao estado. E
por que este auto e contrato foi
feito em Outubro que vem, de-
pois das naos do reino serem che-
gadas a Goa, por não largar das
mãos as cousas que o Arcebispo
dom frei Alexo de Menezes fez
em Cochim, me pareceo bem
metellas aqui todas juntas polas
não dividir. E não me arguão de
contar assi algúas cousas antes e
fora do tempo em q̄ socederão:
por que o discurso da historia me
da lugar a isso, e ser cousa que al-
guns historiadores graves vsão.

CAPITULO X.

*Das armadas que partirão do reino este
anno de 1599. Dos capitaens que o
Conde despachou pera fora: E de
outras cousas em que proveo.*

PElas novas que
ouve em Portu-
gal, que em Olan-
da se aprestavão
Dés Naos, para
passarem a estas partes da India
como fizerão, de que trataremos
em seu lugar mais larga mente
ordenou o conselho de mandar
este anno a ella, húa boa Arma-
da: A qual foi de sete naos: de q̄
elegeo por capitão mór dom Ie-
ronimo Coutinho. E quando foi
entrada de Fevereiro de 99. deu

o capitão mór á vela com coatro
naos, por q̄ se não poderão aviar
todas pera partirem no mesmo
tempo, Na nao São Roque ya
embarcado o capitão mór; Dio-
go de Sousa, a que ca chamavão
o Galego; ya na nao São Simão:
Sebastião da Costa na Concei-
ção: e Ioão Pacz freire na nao
Paz. Com o capitão mór se em-
barcou Ioão Rodriguez de Tor-
res, que avia de servir o cargo de
veador da fazenda de Goa, a
quem El Rey fez muitas honras
e merces por isso.

Depois de partida esta arma-
da, logo no Março seguinte de
99. se fizerão á vela as outras tres
naos da companhia de dom Ie-
ronimo Coutinho. Destas tres
naos ya por capitão mór Simão
de Mendoça hum fidalgo casado
na India, que foi embarcado na
nao Castello. Nas outras duas ya
Ioão Soares Anriques em São
Martinho, e na nao São Mateus
ya Gaspar tenreiro, que ya des-
pachado coa fortaleza de Mascate.
Estas tres naos avião de ficar
na India. Ambas estas armadas se
ajuntarão em Moçambique, e
todas estas naos forgirão juntas
na barra de Goa, tirando a nao
Castello que se perdeo no prael
de Sofalla junto de Quilimane
de frente do rio Licumbo sessen-
ta legoas de Moçambique. De-
pois de Simão de Mendoça, que
era o capitão, estar em terra com
toda

toda a gente , morreo elle e outros muitos.

Nesta armada vierão novas ao Conde Visorrey da morte de seu filho dom Vasco, que não tinha outro , que elle sintio muito. Tambem vierão novas do falecimento d'El Rey D. Felipe o Prudente cujas obsequias celebrou o Conde Almirante com grande ostentação e Ceremonias.

E acabadas ellas entrou logo o Conde no aviamento das armadas que avia de mandar pera fora. E por que os soldados que vierão do reino andavão desfagalhados, lhe mandou o Conde dar tres ou coatro mezas ate se embarcarem nas armadas, que he hum dos mores serviços que se faz a Deos e ao Rey: Por q̄ muitas vezes os vi andarem pedindo esmolas pollas portas com grande escandalo e afronta nossa por chegarem a pedillas pollas dos Mouros e Gentios, de que a alguns Visorreys dava bem pouco. E despachou o Conde a dom Francisco de Noronha pera ir entrar na capitania de Baçaim, e a Garcia de Mello pera capitão e veador da fazenda de Cochim por ser falecido dom Antonio de Noronha. E despedio tambem no mesmo tempo o Galeão dos provimentos pera Ceilão, de que foi por capitão Manoel Rodriguez Genoes, e mādou nelle duzentos homens de socorro: e por

capitão mór delles dom Bernardo de Noronha: e repartida a gente por coatro capitaens, q̄ forão Simão Ferreira do Valle: Pedro Peixoto da Sylva: Luis d'Antas Lobo: e Baltesar Pereira de Castelbranco. E por que dom Pedro Coutinho tinha vindo do reino despachado com a capitania de Ormuz pera logo entrar, sabendo que estava naquella fortaleza dom Luis da Gama de servintia por não poder entrar nella por virtude da sua patente por ter por obrigação servir mais, pediu licença ao Conde pera o mandar citar, que lhe elle deu por não negar justiça ate contra seu proprio irmão. Alcançada ella, despedito logo dom Pedro Coutinho hum navio ligeiro com as proviçoens que pera isso forão necessarias, que lhe o Conde deu, e mandou passar.

E por q̄ o Conde andava com hum desejo mūy vivo de pessoalmente ir tomar satisfação da quebra que o anno a tras teve no Cunnhale, com q̄ não quietava, nem descañfava em solicitar o modo de como isto se faria, sobre o que teve alguns cóselhos. E pera este negocio convocou a ajuda de todas as cidades da India: e pediu com cartas q̄ escreveo a pessoas particulares q̄ tinham posse pera o a acompanharem em navios a suas custas. E começou a preparar a armada pera o Malavar, pera

pera o que tinha feito eleição de Andre Furtado de Mendoça. E pera a do Norte de Goterre de Monroy de Beja. E primeiro que tudo despido húa Galé, e alguns navios mûy bem providos de tudo perâ se irem ajuntar a dom Fernando de Noronha, que avia de sair de Cananor, onde invernara, em principio de Setembro pera tomar a barra ao Cunhale pera que se não proveesse de cousa algúa. E logo o Conde começou a pagar gente, e lançar navios ao már, assistindo elle pessoalmente a todas estas cousas. E andando nesta occupação lhe derão novas que pera a costa do Norte erão passados dezasseis navios de cofairos em que entravão algúas Geleotas de traquete. E como o Conde tinha hum animo afervorado perâ estas cousas, e entendeu bem que se tomasse aquelles navios, ficaria o Cunhale tão quebrado, que ouvesse muito pouco que fazer com elle: e que comessaria nelles a tomar satisfação da nossa gente que pereceo em Cunhale. Foi se logo pór na ribeira das armadas e em espaço de vinte e coatro horas pós no már outros dezasseis navios dos milhores que se negociavão pera ambas as armadas, e elegeo pera capitão mór delles a Andre Furtado de Mendoça por lhe pertencer aquella jornada por ser contra Malavares e Mouros de

Cunhale, de cuja empreza estava nomeado por capitão: do que se queixou Goterre de Monroy que estava nomeado pera o Norte, avendosse por agravado do Conde, e offendido de Andre Furtado por aceitar entrar na sua jurdição, o que o Conde temperou.

Esta armada sayo de Goa na entrada de Outubro: e não nomeo os capitães dos navios: por que os mais delles erão da armada do Malavar, o que ao diante se fará. André Furtado foi correndo a costa a te as ilhas das Vacas na costa de Salfete de Baçaim, onde foi avisado que sóis seis Coutaculoens do rio Canharoto erão ate então passados pera aquella costa, e que da outra armada não avia novas se avia tal. Por que não estava o Cunhale em estado de tirar de si navios e gente em tempo que elle esperava que os Portugueses fossem tomar satisfação dos danos que ali receberão: por que bem sabia elle delles que não dissimulavão com afrontas. E não ha duvida se não que estas novas se alevantarão em Goa por quebrantarem o Conde: por que nunca faltão homens que vzão destas invençoens quando andão queixosos. Mas toda via he bom acodir como o Conde feza isto, por que vejão os imigos que a todo o tempo que ouver novas delles, osão de ir buscar. E isto de que

estes vsão por quebrantar os Visforreys, he muito em perjuizo do serviço d'El Rey, por que lhe fazem despender sua fazenda mal e sem rezão.

E tornando a Andre Furtado tanto que soube o que era, e q̃ os Cotacouloens em sabendo delle se recolherão, foi visitar as fortalezas, e nellas solicitou com os capitaens, cidade, e moradores ajuda pera aquella jornada sobre o que o Conde ja tinha feito suas diligencias. E ajuntando os navios que avião de ir pera Goa, levou os consigo ate aquella cidade: e quando chegou a ella, ja o Conde tinha negociado a armada do Norte: e despidio logo Goterre de Monroy com doze navios em q̃ entravão cinco Sanguiceis: de que a fora elle erão capitaens dom Alvaro da Costa, filho de dom Fernando da Costa, dom Francisco de Soto mayor, Martim da Cunha D'êça, Tristão d'Araide, Gaspar Tibao, e Francisco homem. Dos Sanguiceis forão por capitaens Eitor de Valadares, Francisco de Chaves, Giraldo Pinto de Siqueira, Maximiliano de Mendoga, e Pero Fernandez de Carvalho. E no mesmo tempo despidio o Conde a armada de dom Ieronimo Coutinho pera ir tomar a carga a Cochim, onde estava prestes, e ficou dando pressa a armada do Malavar, q̃ foi fazer á vela a tres de Dezem-

bro: que era de duas Galés, vinte e dous navios, e cinco Manchuas, que em Goa chamão muito ligeiras com arrombadas pera entrarem pello rio de Cunhale dentro e lançarem gente em terra. E assi levou mais oito Periches pera o mesmo effeito. E a elle se avia d'ajuntar a armada de dom Fernando de Noronha, que era húa Galé, e dezanove navios.

Os capitaens que acompanhão Andre Furtado, a fora elle q̃ ya núa Gale, forão dom Francisco de Souza na outra, dom Felipe de Souza, dom Pedro de Noronha, Francisco de Macedo, dom Lopo d'Almeida, Pero de Goiz, Nicolao Pereira de Miranda, Antonio Furtado de Mendoga, Pero de Mendanha, Ieronimo Botelho, dom Rodrigo Pereira, dom Luis de Meneses, dom Luis Lobo, e outros q̃ no cerco nomearemos. Partida esta armada, ficou o Códé despachando as naos do reino pera irem a Cochim a tomar a carga. E por que Gaspar Tenreiro capitão da Nao são Mateus ficava na India, deu o Conde a capitania della a dom Vasco da Gama seu primo com irmão: e depois destas cinco Naos partirem pera Cochim, ficou o Conde Almirante escrevendo pera o reino, e dando despachos ás listas, papeis, e mais cousas que pertencião á informação do Governo da India: E depois de tudo feito, despachou

despachou hũa Galé pera Cochim de q̄ foi por capitão dom Christovão de Noronha com regimento que como entregasse os sacos das vias aos capitaens das Naos assistir com Andre Furtado de Mendoça na guerra contra o Cunhale.

CAPITULO XI.

Do que aconteceu a dom Fernando de Noronha sobre Cunhale. E de como o Arcebispo se vio com o Samorim: e das cousas que passarão.

PRimeiro q̄ continuemos com Andre Furtado de Mendoça conuem darmos relação de dom Fernando de Noronha, que deixamos invernando em Cananor, donde reformou os seus navios o melhor que pode, e em Agosto fez paga aos soldados. E no primeiro dia de Setembro se foi pór sobre a barra de Cunhale: por q̄ teve aviso no inverno que nos primeiros dias do verão esperava aquelle tyranno por soccorro de gente e mantimentos. E logo tratou com o Samorim por via do padre Francisco Roz da companhia de Iesus (que todo aquelle inverno tinha feito com o Samorim todos os bons officios q̄ pode pollo sustentar naquella guerra) pera que o

fosse conservando naquelle proposito que tinha; e por apertarem o tyranno por todas as partes, mandou dom Fernando de Noronha a Pero Luis Malavar com a gente do seu Periche e de outros pera assistirem da banda do Oriole e defenderem q̄ se não proveesse pella parte de terra, com o que poserão aquelle tyranno em extrema necessidade. Dom Fernando de Noronha ficou tendo tantas intelligencias na terra, que não dava nella passo que não foubesse: e sendo avizado que o Cunhale esperava por hum Parão carregado de mantimentos, teve nelle tal vigia, que o tomou com todo o recheo, com o que alguns Mouros que erão fora a buscar provimentos, se recolherão a outros portos. Isto pós o Cunhale em tanta desesperação, q̄ determinou de mandar pelear com a nossa armada: pera o que deitou ao maras Galeotas que tinha varadas, e outras embarcaçoens, que todas proveo da melhor soldadesca que tinha. Desta sua determinação foi dom Fernando de Noronha avisado por via do Samorim, e do padre Francisco Roz, e daquelle negocio deu conta aos capitaens pera que estivessem sobre aviso, e lhe pediu parecer sobre o que faria; a que todos responderão conformes que fizesse querena de cometer a entrada do rio, e ir den-

tropelejar com os seus navios, o que dom Fernando de Noronha fez.

Tanto que o Cunhale vio esta determinação nos nossos, tornou a recolher as Galeotas e varalãs: por que nellas tinha todo o seu remedio, como ja disse. E tão apertado se vio este Mouro dos nossos, que constangido da necessidade mandou quinhentos Mouros dar hum assalto nos nossos estando fazendo agoada no lugar de Coriché hum coarto de legoa do rio de Cunhale: do que dom Fernando não teve aviso pella mavigia que os Naires do Samorim tiverão. Os quinhentos Mouros, que o Cunhale mandou pera darem o assalto, se emboscaram de noite ali perto: e tanto que os nossos marinheiros forão fazer agoa, lhe sairão da emboscada com tanta pressa, que não forão vistos senão pegados ás proas dos nossos Sanguiceis, que erão os que tinhão os esporoens em terra. E assi se determinarão, que dizem alguns que entrarão em hum Periche, e levarão delle hum berço de metal. Vendo dom Fernando de Noronha a revolta, acodio a recolher alguns soldados que andavão em terra: e com a artelharia, e arcabuzaria fez nos Mouros tal emprego, que lhe matarão o capitão e cem Mouros dos mais atreyidos: com o que ouverão por seu partido reco-

lherense á fortaleza com aquelle dano, e tão pouco nosso, que só ouve tres mortos e algús feridos.

Passado este negocio deixou dom Fernando de Noronha ficar sobre a barra com os navios estendidos polla praya do seu districto pera que nem húa Almadia lhe podesse passar. Com todas estas diligências não deixarão seis Paraos carregados de mantimentos de vir cometer a terra pera os lançarem nella, tendo ja avizo do Cunhale que acharia gente que em breve espaço despejassem tudo. Mas foi tal a vigia dos nossos, que logo ouverão vista delles, e indo a elles não poderão tomar mais que hum, e fazer varar outro em terra perdendosse tudo o que levava: e os coarto sintindo a revolta forão se acolhendo, o que poderão fazer por ser noite escura: com isto ficou o inimigo defenganado de poder ser soccorrido de nenhúa parte.

E por que a necessidade o apertou muito, foi lhe necessario arriscar algúas Almadias pera irem buscar algum arroz: por que por pequenas podião chegar a toda a parte, e lançar em terra os fardos d'arroz que trouxessem pera serem logo recolhidos. Disto tambem foi dom Fernando de Noronha avisado, e armoulhe com outras almadias em que meteo pessoas de recado. E assi tomarão

tômarão duas Almadias dos Mouros com todo o arroz que trazião, e as mais vararão em terra em parte que tudo se perdeu: com o que o Cunhale acabou de desesperar.

Acabado isto ouve dom Fernando de Noronha duas espias de quem soube que estavam muitos Mouros para se sairem da fortaleza por pura necessidade e falta de mantimentos. Pera o que pôs hum capitão em terra com sua gente e alguns Naires do Samorim a quem peitou por quem mandou seguro a todos os que se quizessem sair da fortaleza pera qual quer parte que quizessem. O que foi de muito effeito: por que os mais dos q̄ estavam dentro se abalarão a isso, e se se não sairão, foi polla grande vigia que o Cunhale tinha nelles.

Estando as cousas neste estado, lhe chegou a dous de Novembro a Galé e os navios que o Conde Almirante lhe mandou, e elle se passou á Galé, e ficou com mayor posse pera tudo o que se lhe offerecesse. E ficou continuando na guarda d'aquelle rio, em q̄ consistia a vitoria que se esperava alcançar d'aquelle cossairo e grande tyranno. Neste tempo appareceo a Galé em que o Arcebispo vinha de Cochim que ya de largo com determinação de passar a diante. Disto teve o Samorim logo aviso, e com muita pressa des-

pedio hũa Manchua ligeira em q̄ ya o padre Francisco Roz, e hum sobrinho do Samorim chamado Vniaré Cheraré, e pedialhe que se visse coelle que importava assi ao serviço d'El Rey. Era este sobrinho do Samorim christão que o bautizou secretamente o padre Francisco Roz depois de o ter catequisado: e assi favorecia muito a parte dos Portugueses. E na Galé o chrisinou o Arcebispo na sua camara: e a esse fim quis ir com o padre Francisco Roz.

Com este recado voltou o Arcebispo pera a terra e foi surgir na barra de Cunhale, onde dom Fernando de Noronha lhe fez suas fainas, e abateo sua bandeira: e ali concertarão verense na praya de Coriché pera onde o Arcebispo foi, e desembarcou em terra acópanhado de muita gente da armada. E ao pôr os pes em terra, desparou toda a armada sua artelharía, e os soldados derão sua salva de arcabuzaria. E antes de chegar a hũa tenda de brocado q̄ o Samorim tinha no lugar em que se avião de ver, sayo elle fora e na porta o esperou muy cheo de joyas riquissimas, e o recebeo com muita honra e levou pera dentro onde estavam duas cadeiras de veludo em que se assentarão: e fez assentar o padre Francisco Roz nas alcatifas, e mandou ao principe herdeiro q̄ fosse fazer sua reverencia ao Arcebispo

cebispo, que elle fez ao nosso modo por saber muy bem a lingua Portugueza. Depois disto o mandou o Samorim com todos os regedores que fosse vigiar os Naires e soldados Portugueses pera que não ouvesse antre elles algũas destemperas, ficando elles sós com o padre Francisco Roz q̃ avia de ser o interprete.

E ali depois de passados seus cumprimentos lhe disse o Samorim que elle estava apostado e resoluto em ser muito grande amigo dos Portugueses, esquecido de todos os danos que elle e seus antecessores tinham delles recebido. E q̃ pera lhe mostrar aquella verdade sustentava aquella cerco cõtra aquella alevantado com muito grandes despezas de sua fazenda. E que não no abalava pera o deixar de fazer terenhe dito algũas pessoas que depois d'aquella fortaleza ganhada, se avião os Portugueses de ficar nella, e dali lhe fazerem toda a guerra que podessem: por que bem sabia elle que a verdade e fé dos Portugueses se não avia de quebrar por trezentas fortalezas. Posto que o Rey de Cochim lhe tinha sobre isso escrito algũas vezes, fazendolhe muitas carrassas e lembranças q̃ se não fiasse dos Portugueses. Bem entendia que lhe nacia tudo aquillo de inveja de o ver amigo delles. E que algũa cousa o podera mover a crer

algũas d'aquellas cousas, aquelle dia que os Portugueses cometerão a fortaleza antes do final que lhe tinham dado: querendolhe persuadir muitos q̃ pretenderão tomar aquella fortaleza sem sua ajuda pera a pretensão q̃ ja lhe tinham dito de se fortificarem nella. E que o roim successo que elles tiverão naquelle negocio, lhe dizião alguns, fora querellos Deos castigar por aquella tẽção com que cometerão aquella fortaleza, tão longe da sua verdade e obrigação. Mas que sempre elle estivera firme na verdade dos Portugueses em que não podia aver engano. E que posto q̃ não foi sua a victoria, toda via bem virão todos o animo com que os mais delles pelejarão, tomando tanta satisfação dos Mouros, que bem mostrarão o seu antigo valor e esforço.

Espantouse muito o Arcebispo d'aquelles termos com q̃ El Rey de Cochim queria divertir e estorvar aquella negocio. E disse á aquella Rey: Que os Portugueses costumavão fazer guerra a seus inimigos, quando lho merecião, com armas e não com enganos, por que os não sabião vsar. Que aquellas invençoens d'El Rey de Cochim erão muito conhecidas de todos pello muito que sentia veremno antigo com o estado: e que do mesmo arteficio vsará coelle Arcebispo, quando falando ambos

ambos nestas materias lhe disse-
ra: Que nos não fiassemos do Sa-
morim. Por que fora avizado de
pessoas do seu conselho, que esta-
va elle Samorim determinado de
dár nos Portuguezes como os
vissem desembarcados em terra,
e vingar-se desta maneira das in-
jurias que delles tinha recebido.
E q̄ como elle entendera aquel-
las meadas e arteficios, dissimu-
lara com elle por entender a cau-
sa donde nacião.

Mas que por que elle Samo-
rim entendesse o bom animo e
lealdade dos Portuguezes, e que
nunca tal (como lhe tinha dito)
lhe entrara no pensamento, lhe
jurava por aquelle livro em que
estava toda a lei dos christãos
(pondo a mão sobre o breviario)
que nunca entrara no pensamen-
to aos Portuguezes tal cousa co-
mo a que lhe tinham dito. Este ju-
ramento fez diante do Principe e

regedores, que pera isso se cha-
marão. E acabando o Arcebispo
de jurar, lhe disse o Samorim, que
com aquillo lhe tirara hum gran-
de pezo e nuvem que trazia no
coração. E que por amor d'elle ya
com aquella guerra tanto a me-
do. Mas que dali por diante con-
fiado naquelle juramento aper-
taria mais o cerco: E então trata-
rão do modo que se avia de ter
nelle, e do poder que esperava
de Goa pera se concluir com a-
quelle negocio. E assi profeguiu
dali por diante na guerra com
diferente calor, e animo. E des-
pidido d'elle fez o Arcebispo vela
pera Goa ficando o Samorim
muito quieto e satisfeito em seu
animo: no que o padre Francisco
Roz, que foi o interprete, foi
muita parte pera se ordenarem
aquellas cousas, como a diante
veremos. E com isto damos fim
a este terceiro livro.



DECADA DOZE

DA HISTORIA DA INDIA.

LIVRO COARTO.

CAPITULO I.

De como Andre Furtado de Mendouça chegou á barra de Cunhale, e se vio com o Samorim: e das cousas em que assentarão.

DEixamos partido de Goa Andre Furtado de Mendouça com a sua armada, que chegando a Mangalor, se vio com o Rey de Bangel grande amigo do estado, e jangada d'aquella fortaleza, a quem o capitão mór fez grandes gafalhados. E depois de brevemente tratarem algúas cousas do serviço d'El Rey e bem do estado, se despidio d'elle dandolhe algúas peças que pera isso levava. E a Rainha de Olala o mandou visitar por hum embaixador, por quem lhe mandou dar conta d'algúas differenças que tinha com o Rey de Bangel seu visinho dandolhe dellas satisfaçoens por ser amigo do estado. Ao que lhe o capitão mór mandou responder com offerecimentos, e q̄ da torna viagem os comporia, e tambem

lhe mandou peças, que he o com q̄ se negocia com todos os Reys do Oriente, E dando á vela chegou á barra de Cunhale, a onde dom Fernando de Noronha lhe fez hum grande recebimento e entregou aquella armada, e deu relação do estado em que aquellas cousas estavam.

No mesmo dia fez Andre Furtado de Mendouça hũa junta dos capitaens, e tratou com elles sobre o modo que teria naquella guerra. E antre todos se assentou que ate virem os soccorros, fossem continuando na guarda d'aquelle rio, por que lhe não entrassem provimentos alguns, que era a mais crua guerra que por então se lhe podia fazer. E logo repartio toda a armada, e fez tres escoadras que pós ao longo d'aquella ribeira com que a cingio toda: e quasi no rolo do már furgirão as fustas, e as Galés hum pouco afastadas: e a Pero Luis, que estava na banda do Ariole, mandou mais Lascarins Malavares dos que andavão nos Periches, e elle em pessoa na Manchua, que levava pera seu serviço,

ço, roldava todas as noites a armada pera ver a vigia q̄ tinham. E assi em Cananor, onde deixou muitos festeiros, como nas terras do Samorim mandou fazer muitos festoens fortes de bambús pera as estancias que determinava plantar em terra: e que se cortassem muitas palmeiras pera se ferrarem e fazerem escadas. E tambem mandou ferrar todo o taboado que lhe pareceo necessario pera tilhas sobre que a artilharia avia de jugar.

O Samorim mandou logo visitar o capitão mór pello padre Francisco Roz, da companhia de Iesu e seus regedores: em cuja companhia foi tambem Antonio Matoso casado em Cananor, que o Conde tinha mandado em forma de embaixador ao Samorim, em cuja companhia andava pera o fazer proseguir na guerra por ser muito seu amigo e conhecido, e pratico nas cousas do Malavar. A estes embaixadores recebeu Andre Furtado de Mendoça honradamente, e respondeo á visita com palavras de muita satisfação, e os despedio com lhe dar peças ricas e coriosas. E nesta visita tratarão sobre as vistas que o capitão mór avia de ter com o Samorim: e ficou assentado o dia e o lugar em q̄ avia de ser. E em sua companhia mandou Sebastião Tibao (cuido que Framengo de nação) grande engenheiro pera

da parte do Samorim reconhecer a disposição da fortaleza, do sitio, e tranqueiras, com quem tambem foi Bernardo Soares soldado destre, de experiencia, e que sabia bem notar as cousas, o que elles fizerão muito de vagar e á sua vontade, e de tudo derão distinta relação ao capitão mór, como o que se ouve por satisfeito da que ja tinha. E por que se receou que pello rio de Tremapatão em alguãs almadias pequenas, como ja algũas vezes cometerão, se proveesse: mandou a Belchior Rodriguez casado em Chaul bom cavalleiro, e de muita experiencia, pera q̄ com coatro navios se fosse pór sobre aquella barra pera que por ella não saisse cousa algũa: o que elle fez com muito cuidado. De maneira que proveo em tudo com muita ordem sem lhe ficar cousa por fazer, e todas enderençadas e encaminhadas ao fim que determinava e pretendia levar naquelle cerco.

Chegado o dia das vistas, que foi aos dezasseis de Dezembro, abalouse o capitão mór com toda a armada muy fermosamente embandeirada, e tocando muitos estromentos alegres e belicosos, e foi demandar a praya de Coriché, aonde ja estava o Samorim, e chegando ao posto com toda a armada, ordenou que em quanto estivesse em terra, ficasse

Y estendida

estendida de longo d'aquella praya com as proas em terra, e a artelharia muito lestes pera poder laborar se fosse necessario. Elle se meteo em hũa Manchua e saltou na praya muito galante mente vestido ao modo militar, em corpo com seu bastão na mão, rodeado de cincoenta espingardeiros, soldados velhos, e escolhidos entre todos, de que tinha mór confiança muito bem trajados, e por baixo mûy bem armados de boas armas. E ao pôr os pés em terra, desparou toda a armada sua artelharia, e os soldados todos estendidos pollas perchas dos navios, derão tambem sua salva d'arcabuzaria estando todos postos em armas. E causou isto hum mûy grande terror e espanto não só nos imigos, mas ainda nos amigos.

Tanto que o Samorim teve recado que o capitão mór partia da Galé, abalouse donde estava e foi tomar o capitão mór quasi á borda d'agoa, onde se abraçaram com grandes mostras de cortezia. Era este Rey homem grande de corpo, bem desposto de pouco mais de trinta annos, e bem parecia Rey entre os mais. Trazia sobre si muitas riquezas: nos braços tanta copia de manilhas de pedraria, que lhos enchia desde cima dos cotovellos ate os pulsos: com o que lhe ficavãotão pezados, que era forçado virem

dous pagens sustentando cada hum o seu. Do pescoço pendia hum colar de inestimavel valor. E nas orelhas orilheiras do mesmo toque de fermosos Rubis e Diamantes, cujo pezo lhas estendia ate os ombros. De maneira que trazia sobre si hũa grande riqueza. Vinha nú da cinta pera cima, e derredor della cingido com hum panno d'Ouro e seda que lhe dava algúas voltas por derredor que chegava ate meaperna: e por cima hũa cinta de pedraria de largura de coatro dedos, riquissima e de grande valor. Detrás d'elle vinha o príncipe herdeiro, moço géttilhomem, e bem arrayado, que lhe levava a sua espada alevantada coa ponta pera cima. E detrás d'elle todos os seus regedores principaes, e Punicais: e quasi pegado á elle ya o padre Francisco Roz, e Antonio Matoso.

Ao assomar do Samorim desparou outra vez toda a armada a sua artelharia, e os soldados a arcabuzaria, e a pós isso começaram atocar os estromentos de alegria. E os Naires do Samorim tão bem fizeram suas fainas e derão sua salva a seu modo. El Rey tomou o capitão mór polla mão, e levou o a hũa tenda que ali tinha armada, a cuja vista estava toda a sua gente estendida em forma de Lúa, que cingia todo aquelle campo. Ali se assentarão em

em cadeiras, e depois das palavras formais da visitação e cumprimentos de parte a parte, praticarão sobre o modo que se teria naquella guerra, em q̃ o Samorim prometeo de proseguir com dobrado animo e calor. E disse ao capitão mór que tanto que o Cunhale vira sobre seu rio a potencia d'aquella armada, e que foubeser elle o capitão mór della e general tão conhecido e temido dos Mouros, logo lhe mandara cometer que se queria entregar, com condição que lhe desse a vida a elle e a todos os Mouros que tinha consigo: e q̃ fosse elle Samorim a porta da fortaleza a tomar entrega d'elle pera o segurar dos seus Naires, o que lhe elle tinha concedido, com tenção de o matar como o colhece á mão: por que com traidores este he o primor de que se ha de vsar, principal mente quando são tais, q̃ se não pode esperar delles deixarem de o ser todas as vezes q̃ tiverem occasião pera o ser. E q̃ ao tempo em que se avia de entregar, mandara hum seu mestre d'elgrima com alguns Naires pera o receberem, e q̃ vendo o Cunhale que elle Samorim não ya em pessoa tendo o a maõ final, mandara sair os Mouros aos Naires, e antre todos se ateara húa grande briga e travara húa aspera batalha em que ouve feridos d'ambas as partes, e que ja se não

avião de fiar hum do outro. Pello que era necessario continuar na guerra contra aquelle tyranno: e que pera ella offerecia todas as cousas necessarias q̃ ouvesse em seu reino. E que em penhor desta vontade e sua fé, daria os refens que elle capitão mór quizesse, por q̃ tudo avia de fazer a seu gosto e vontade. André Furtado de Mendoga lhe agardeceo aquelles offercimentos, e lhe fez outros conforme ao tempo, e com isto se despidirão dizendolhe o Samorim que elle mandaria á sua Galé o padre Francisco Roz, e seus regedores pera com elles fazerem as capitulaçoens que elle mais quizesse: e ao apartarem se hum do outro, lançou o capitão mór ao pescoço do Samorim hũ muito fermoso colar d'ouro, e ao principe e regedores deu peças que pera isso ja levava, que o Conde Visorrey lhe mandou dar da fazenda real em muita abundancia, por que em nenhúa parte do mundo, e muito mais no Oriente, se negocea sem os presentes irem diante.

Ao outro dia que isto passou se veyo hum Mouro veador da fazenda do Cunhale entregar ao capitão mór por ordem de Bras Coelho capitao de hum Sanguiçer que estava na parte do Ariole, que lhe pedio seguro pera levar sua molher, familia, e alguns amigos, que lhe elle não concedeo

172 DECADA DOZE DA HISTORIA DA INDIA,
polla pouca fé e verdade q̃ estes Mouros tem , antes o mandou pôr na Galé a bom recado : affirmadolhe que como se acabasse a guerra elle o poria em sua liberdade. Deste Mouro soube Andre Furtado de Mendoça das cousas de Cunnhale muito particularmente, e de como estava fortificado, da gente que tinha, e dos poucos provimentos que avia, o que tudo achou depois ser verdade. Os Mouros vendo fogido este que era o principal diante do Cunnhale, forão se tambem saindo da fortaleza os q̃ poderão com suas molheres e familias: è sempre se fairão todos se o Cunnhale não trouxera sobre elles tantas vigias.

Isto foi sabido do Samorim e do capitão mór : pello que mandarão, por via dos Arioles, lançar na fortaleza seguros reaes pera os que se podêsem sair pera qual quer delles, o podêsem fazer livre mente. E por que era tempo de pôr em execusão o cerco da fortaleza, mandou o capitão mór pello engenheiro Tibao alevantar alguns castellos de madeira levadiços em rodas da parte do Samorim capazes de jugarem a artelharia pera se igualarem ás tranqueiras pera por elles as entrarem os nossos : que depois de feitos, não forão necessarios, como logo diremos. Edando recado ao capitão mór que o Cunnhale esperava por húa Galeota que

tinha mandado ás ilhas de Maldiva arrecadar certas pareas que os Mouros lhe pagavão e q̃ apparecera ao már, despedio loão de Seixas com coatro navios pera a irem buscar. Mas sintindo ella o negocio, logo se fez na volta das mesmas ilhas, e desapareceo.

CAPITULO II.

Das capitulaçoens que o capitão mór fez com o Samorim: e dos refens que lhe entregou. E dos soccorros que lhe chegarão de Goa.



Epois de passadas as vistas que o Samorim e capitão mór tiverão, da hi a tres dias forão á Galé do capitão mór o principe de Tanor general do exercito do Samorim, e Carneves seu regedor mór com outros principes e regedores, que Andre Furtado de Mendoça recebeu com muitas honras, e com elles ya tambem o padre Francisco Roz, que era o interprete, e por quem todas aquellas cousas correrão: e mostrarão provizoens ou Olas dos poderes que trazião pera assentarem as pazes e fazer os contratos que lhe parecessem bem pera effeito d'aquella guerra, e pera os refens que d'ambas as partes se avião de dar pera segurança della. Pera o que Andre Furtado de

de Mendoça chamou os capitães velhos e de experiencia, e assi todos juntos fizeram as capitulaçoens seguintes.

Capitulaçoens do q̃o Samorim prometeo.



Obrigouse a dar em refens da gente q̃ se pozesse coelle da sua banda pera assaltar a fortaleza do Cunhale os principes de Tanor, e Chale, e Carneves seu regedor mór, Varer e Coilo principes e senhores das terras alem de Panane, Pudure, e Talape Naires seus regedores, Menas, e Mena Cherare, irmão de Vniare Cherare ambos Sobrinhos do Samorim, e Vnire Gase, Irhe Arachea, e Com Gaachem, Ite Proferare e Nambandrẽ todos principes e senhores de terras. Estes refens em quanto o cerco durasse e o nosso arrayal estivesse nas terras do Samorim e Arioles, estarião na cidade de Cochim donde não sairião a te de todo se recolher o nosso arrayal e armada.

Obrigouse mais pellos ditos refens, q̃ segurava toda a gente, artelharia e mais cousas que se pozessem em suas terras, e dos Arioles pera o effeito d'aquella guerra.

Que daria a todo o tempo que se ouvessem mister, mil trabalha-

dores pagos á sua custa pera trabalharem no serviço do campo e cerco.

Que traria á sua custa quinze Alifantes no dito serviço em quanto o cerco durasse.

Que daria á sua custa toda a sorte de madeira que fosse necessaria pera o effeito da guerra, pagando o capitão mór os carpinteiros e ferradores.

Que daria todos os carpinteiros, ferradores, e ferreiros que fossem necessarios, pagandolhe o capitão mór seu jornal.

Que teria de assistencia no nosso arrayal e cerco do inimigo cinco mil Naires d'armas. E deste numero estarião dous mil sogeitos ao que lhe o capitão mór mandasse, e pera assistirem na parte que lhe ordenasse: e que obedecerião aos capitães a que fossem entregues.

Que daria coatro Manchuas esquipadas de marinheiros e Lascarins pera andarem no rio vigiando e inquietando os inimigos, ou onde parecesse melhor ao capitão mór. E q̃ assi daria mais trinta jangadas de Almadias esquipadas de marinheiros pera o mesmo effeito.

Que daria duzentas enxadas, e mil cestos pera o serviço do cerco.

Que se se não desse fim ao inimigo ate vinte de Janeiro que era o tempo em que elle Samorim avia
de

de ir á sua festa da Mamanga, lhe mandaria vir de Cochim o principe de Tanor, e Carneves seu regedor mór pera os deixar com todo o poder em seu lugar assistindo no governo do seu exercito: e que em lugar dos sobre ditos mandaria seus sobrinhos Vniare Cherare, e outro herdeiro de Talapuchem senhor de cinco mil Naires.

Ao que se obrigou Andre Furtado de Mendoga ao Samorim, he o seguinte.



Ve lhe daria por refens estes tres capitaens. Dom Pedro de Noronha, Ieronimo Botelho, e outro capitão, Antonio Matoso embaixador, e dous padres da companhia de Iesu que assistirião sempre có o Samorim.

Que daria em Cochim apouentos aos refens delle Samorim, e todo o necessario a seus proprios gastos e de seus servidores em quanto residissem naquella cidade. E que estes serião capazes de poderem fazer nelles suas cerimoniaes, que farião diante dos guardas que lhe pozessem. E q̃ do dito apozento e sitio não sairião sem a mesma guarda. E que as cerimoniaes se entenderia no comer e lavar o corpo, e outras não.

Que tomandosse a fortaleza

de Cunkale se derribaria logo, e não querer nada d'aquelle sitio. E de dar ao Samorim ametade de todo o dinheito, peças, fazendas, artelharia, e navios que se achassem: e que as mais armas serião de quem as tomasse.

Que avendo algũa briga ou desconcerto antre os soldados e Naires, cada hum castigaria os seus subditos conforme ás culpas que tivessem: e q̃ os do numero dos dous mil, que não obedecessem aos mandados do capitão mór, e capitaens que lhe propozessem, serião pella mesma maneira castigados.

Prometeo o capitão mór de se fazer igreja em Calecut, e de se assentar ali feitoria, e de ter coelle o estado o comércio que tem os mais Reys amigos: e que inteiramente se compririão os capitulos das pazes, que dom Luis da Gama tinha feitos com elle, e que estavam confirmados pello Conde Almirante.

Estes apontamentos jurarão assi o Samorim, como o capitão mór com os capitaens e regedores que se acharão presentes, e todos se assinarão nelle. E logo se fizerão de parte a parte a entrega dos refens prometidos: e os da nossa se passarão á parte do Samorim, e os seus se embarcarão na Galé muito a seu gozto e se levarão a Cochim. E o Carnaves ao despedirse do capitão mór, lhe

lhe deu alguns avisos e ardis de como avia de proseguir naquella guerra. O que fez por cobrar credito com o capitão mór : sendo certo ser elle o que mais favorecia o Cunhale que todos. No recolhimento destes refens vsou a cidade de Cochim de muitos primores e liberalidades : por q̄ em pouco mais de dous mezes despendeo e gastou com elles mil e quinhentos pardaos, conforme a húa lembrança e lista que tenho em meu poder.

Os navios que forão acompanhados estes refens voltarão de Cochim com húa barcaça que o capitão mór tinha la mandado concertar e reformar d'artelharia e monçoens: e entregou a Luis Fragoço, e Pero Rodriguez Botelho : e deulhe soldados e servidores pera seu meneo. Nesta companhia mandou a cidade de Cochim cinco navios de soccorro com duzentos soldados armados e pagos á sua custa: e delles elegeo por capitão mór Antonio de Brito fogaça, cidadão d'aquella cidade, soldado muito velho e pratico nas cousas da guerra. E assi levou em sua cópanhia dous navios cheos de soldados christãos de são Thome tambem pagos á sua custa, que deixou ordenado o Arcebispo pera isso primeiro que se partisse d'aquella cidade.

CAPITVLO III.

Do conselho que o Conde tomou sobre ir a Cunhale em que foi contrariado: e do soccorro que mandou: e mais cousas que passarão.



Epois que o Conde Almirante despachou as vias pera Cochim, despachou Lourenço de Brito pera ir entrar na fortaleza de Sofala por ser ja livre com muita honra das culpas que lhe poserão sobre a jornada da Sunda. Passado isto, em principio de Nôvembro deste anno de noventa e nove em que estamos chamou o Conde Visorrey a conselho as pessoas que nelle costumavão acharse, e lhes propôs q̄ lembrados estarião do soccesso que o anno passado tiverão no assalto do Cunhale, e a continuação do cerco pello Samorim e pellos nossos capitaens : e o muito que convinha á reputação e quietação do estado não se levatar mão daquella empreza sem se concluir a destruição daquelle inimigo em que os mais do estado tinham postos os olhos. Pera o q̄ estava prestes oom muito dinheiro, e as mais prevençoens necessarias : e por não lhe ficar nada por fazer, estava resolutto em ir visitar as fortalezas do Canará e Malavar,

Malavar, e provellas como convinha. Por que ya no cabo do seu governo em que tinha obrigação de visitar todas as do estado. E por se livrar das murmurações, que padecerão os Visorreys que forão ao Norte, determinava fazer a jornada pera o Sul, e pararia em Cananora te ver o estado das cousas. E que tinha nomeado Andre Furtado de Mendoça por capitão mór da costa do Malavar, q̄ partiria brevemente com a armada de coatro Galés, e corenta fustas bem providas das cousas necessarias. E que o mór gosto q̄ teria, era acharse presente pessoalmente na guerra que queria fazer a aquelle cossairo, que tanto trabalho tinha dado ao estado, mas que não queria fazer nada sem conselho e parecer dos q̄ estavam naquelle conselho: que livre mente votassem o que fosse mais serviço de Deos e d'El Rey, e bem do estado por que isso era o que elle avia de fazer ainda que fosse contra seu gosto. Sobre isto votarão todos e debaterão e se derão muitas rezoens por hũa e outra parte, e praticados todos os inconvenientes que se lhe offererão, vierão os mais a concluir que não era licito nem convinha ao Conde Almirante abalarse nem sairse de Goa assi pella necessidade que avia de sua presença pellas cousas que estavam movidas no grão Mogor sobre a

conquista dos reinos do Decan que pretendia fazer, no que tinha nelle o Visorrey grande inconveniente, por que bem sabia que tudo o que podesse estorvar seus desenhos, e favorecer aos Reys visinhos, avia de fazer: Como por que não era licito que a pessoa do Visorrey se movesse e abalasse pera aver d'ir cótra hum Mouro cossairo que não era Rey nem senhor de terras. Que bastava pera concluir aquelle negocio Andre Furtado de Mendoça que estava nomeado pera capitão mór do Malavar, que o proveessem de tudo o que o estado podesse dar. Por que conforme aos termos em que a guerra estava, e o imigo desbaratado coa perda passada, e com a falta de tudo, sem falta nem duvida se acabaria tudo com bem.

Não faltarão pessoas das que estavam fora do conselho a q̄ parecesse o contrario, entendendo que a ninguem convinha mais acharse naquella guerra em pessoa, que ao Visorrey, assi pera remediar o dano passado tomando delle satisfação, como por q̄ com sua presença daria mais calor á guerra: e teria mão no Samorim que não fizesse de si algũa mudança: por que tudo se podia temer d'este Rey Gentio que tantas vezes tinha faltado com sua fé. E que posto que este tyranno não era Rey, dava mór trabalho e

e opressão ao estado, que todos os Reys vizinhos: por que todos os annos recolhia de roubos, que fazia nos vassallos Portuguezes, mais de coatrocentos mil crusados. E assi nenhum Rey tinha mais afrontado aos Portugueses que este tyranno, por que andava quasi senhor do már e do commercio da India com suas armadas, e se intitulava Rey dos Mouros: e ficava desta maneira vsurpando hum dos ritulos da coroa de Portugal, que era senhor do már e do commercio da India. E ja algúas vezes disse pello discurso das minhas Decadas, que sempre ou as mais das vezes que os Visorreys pozessem em conselho averse de embarcar, avia de achar nos mais dos votantes contradicção pella obrigação que lhe ficava de os acompanhar com risco de suas pessoas; e despeza das fazendas. Não digo isto por q̄ neste conselho ouvesse estes respeitos: antes cuido verdadeiramente que entenderão que não convinha ao Conde embarcar-se: mas digo, pellas rezoens q̄ aponte, q̄ foi muito acertado o conselho q̄ El Rey nosso senhor tomou do tempo de Aires de Saldanha por diante de mandar: que por cima do que se votasse no conselho da India, fizessem os Visorreys o que lhe parecesse mais serviço d'El Rey e bem do estado.

E deixando isto tornemos ao

Conde que se mostrou muito fin-tido de não poder effectuar o que tanto desejava, e a cidade de Goa e o Arcebispo dom frei Aleixo de Menezes lhe falarão nesta conformidade. Assentado isto mandou logo o Visorrey ordenar hũ Galeão em que mandou embarcar muitos provimentos, monçoens, pilouros, e peças d'artellharia de bater, de que fez capitão Francisco de Barros de Sousa hum cavalleiro velho ja despachado q̄ logo despedio com muita brevidade. E após elle mandou Diogo Moniz Barreto na Galé em que o Arcebispo tinha vindo de Cochim, e onze navios mais em q̄ embarcou trezentos e corenta soldados. E assi mais outros vinte e hum navios em q̄ vinhão coatrocentos e cincoenta que as cidades do Norte mandavão de socorro, de que vinha por capitão mór Antonio Colaço Lobo, capitão velho e antigo. E nos navios vierão muitos fidalgos e cavalleiros armados á sua custa. Este socorro do Norte chegou a Cunnale a seis de Fevereiro. E Diogo Moniz Barreto com sua armada a doze: e aos catorze o Galeão dos provimentos: com o que aquelle már ficou coalhado de armadas, e o imigo tão assombrado, que se ouve por perdido. A estes capitaens recebeu Andre Furtado de Mendoça com muita honra: e os repartio pellos

Z lugares

lugares que logo diremos.

Pretendia o capitão mór cercar aquella fortaleza, e continuar naquella guerra por termos militares e de prudencia: por que esta muitas vezes, ou as mais dellas, vence mais de pressa q̃ as armas. E por isso dizia Anibal q̃ mais se temia de Scipião quãdo não pelejava, q̃ de Marco Varro seu companheiro quando o fazia. Por q̃ as cousas acceleradas, as mais das vezes danão, e as que se fazem de vagar e com conselho maduro sempre vos dão a vitoria. Foi Andre Furtado compondo as cousas, e ajuntando o que lhe era necessario pera sítar e bater aquella fortaleza por que desejava de a ganhar e levar com pouco custo dos homens, por que as vitorias de pouco sangue, são as q̃ fazem o seu capitão mais glorioso. Em Tito Livio lemos que o Consul Marco Fabio não quis aceitar o triunfo que o Senado lhe offerencia, por que naquella guerra lhe matarão seus companheiros o Consul Manlio, e Quincio Fabio.

O Cunhale posto que estava apertado e desconfiado, como disse, não deixou de vsar de seus estratagemas, e mandou hum d'aquelles seus capitaens que se fosse lançar em Cilada com hũa companhia de Mouros em hũa ponta de area da banda do Ario-le, pera ver se podia fazer algum bom feito. Depois de emboscar

sua gente, chegou o capitão com outro Mouro á borda d'agoa e capeou a hum Periche de que era capitão Bras Coelho pera que chegasse ao rolo do már, onde este Mouro costumava chegar algúas vezes a falar com o veador da fazenda do Cunhale q̃ estava na Galé pera o que Andre Furtado lhe dava licença. E desta vez quiz ver se podia fazer chegar bem á terra o Bras Coelho pera ver se o podia colher ás mãos, pera que a troco delle lhe dessem o veador da fazenda do Cunhale. Bem entendeo o Bras Coelho o animo e intenção do Mouro e mādou armar os seus soldados, e polos encubertos com as arrombadas que trazia feitas: e na proa pôs dous muito certos espingardeiros, e pôs se a si no meyo delles e foi remando pera a praya ate se pôr no rolo d'agoa donde se pôs as praticas cos Mouros, que trabalharão bem com elle pera que chegasse mais por q̃ tinham cousas de segredo que praticar e tratar. O Bras Coelho fez que se ya chegando e dando sinal aos dous que tinha a par de si, dispararão logo suas espingardas que forão tambem empregadas e encaminhadas, que o capitão ficou estirado, e o companheiro se recolheu mal ferido. A isto se descobrirão os da Cilada, e começarão a servir os do Periche com muitos tiros, q̃ tambem lhe responderão

*Fabio e
Emilio*

derão com outros de que alguns se recolherão bem escalavrados.

Entendendo o capitão mór q̃ a vitoria estava mais segura em lhe tirar alguns Mouros da fortaleza, la teve maneira com que por via dos Naires do Samorim mandava visitar alguns mais principaes, e a voltas disso peças ricas e coriosas (que estas são as chaves mestras com que se abrem todas as portas) e estes sempre lhe respondião, mas não aos presentes. E com isto foi moderando algũs, e fazendo o negocio que pretendia. Andava o capitão mór acabando de ajuntar as cousas pera o cerco que avia de pôr á fortaleza. E por que desejou de ver por si o sitio e disposiçãõ della á sua vontade, tomou por achaque ir ver o Samorim, e visitalo ao seu arrayal, pera o que lhe mandou pedir licença: e elle lhe mandou seus regedores pera o acompanharem, e partio com elles a parde si: levando por derredor coatrocentos espingardeiros Portugueses escolhidos entre todos, e estes muito bem armados e bem trajados. E passou todo aquelle caminho, que era de tres legoas, a pé em corpo com hum bastão na mão assi a ida, como á vinda sem mostrar cançasso algum. Nas vistas com o Samorim ouve muitos cumprimentos, e praticarão sobre as cousas d'aquella guerra: e depois reconheceo o

capitão mór o sitio da fortaleza e tranqueiras muito a seu gosto: Com o que se tornou muito satisfeito de ter visto o que tanto desejava.

E sendo informado que as mais das noites passavão d'aquella ponta da area algũas embarcaçoens pequenas de Mouros a inquietar a nossa armada, mandou a Pero Luis coa gente dos Periches e alguns soldados pera que se fosseni embrenhar naquella parte, que era da do Ariole pera ver se podia tomar ás mãos alguns delles. E estando ali, chegarão da outra parte algũas embarcaçoens dos Mouros, com o que os nossos Lascarins Malavares se inquietarão, e ouve antre elles tam grande reboliço, que forão sintidos, e os Mouros se recolherão, sem mais tornarem ali: E as mais das noites continuarão os nossos coa mesma vigia. E por q̃ não acontecesse naquella parte mais algũa alteração, mandou o capitão mór fazer na ponta de area d'aquella parte sobre a barra do imigo hũa tranqueira, que encomendou a Andre Rodriguez Palhota com coatro centos soldados levando consigo o engenheiro mór, que a traçou e acabou muito de pressa que ficava quinhentos passos do baluarte do imigo que ficava da outra parte, e nella se pós a artilharia que pareceo necessaria, ficando nella

o mesmo Andre Rodriguez com trezentos homens: e de húa parte e da outra se ficarão varejando mñy arrezoadamente. Tanto q̄ esta tranqueira se acabou, mandou o capitão mór passar oito navios ligeiros ao rio por cima da ponta da area, com o que ficou senhor do rio. O que os imigos sentirão muito, por q̄ ate o peixe e marisco d'elle, deque se sustentavão, lhe tolhião: e entendeu que aquillo era o caminho de sua perdição.

CAPITULO IV.

De como o Samorim tratou de ir a hũa festa chamada Mamanga: E donde esta festa teve origem.



Quando o capitão mór preparando as cousas pera pôr cerco á fortaleza, ainda antes de chegarem os socorros, que dissemos, chegou o tempo em que o Samorim lhe era necessario ir á sua festa de Mamanga, de que nos apontamentos atraz se fez menção, a q̄ por nenhum caso podia faltar: pera o que mandou recado ao capitão mór, e a desculparse de ser forçado faltar ali com sua pessoa os dias que durasse. Mas que ali ficava todo o seu poder pera continuar naquella guerra como

estava contratado: e q̄ em quanto durasse a festa elle se não descuidaria de mandar dar calor ao cerco: e com isto lhe mandou pedir o principe de Tanor, e o seu regedor mór Carnaves, que estavam em Cochim postos em refens, como lhe estavam prometidos nos contrátos, pera os deixar no exercito: e que em seu lugar daria outras duas pessoas principaes de seu reino. O capitão mór se lhe mandou escusar com palavras de muita cortezia e brandura, assi por que o Samorim lhe ya faltando coa palaura em muitas cousas concedidas nas capitulaçoens, como por que soube q̄ o regedor mór era o q̄ mais sustentava as cousas de Cunhale que todos, por serem grandes amigos, e que quanto mais alongado o tivesse, tanto lhe era melhor pera concluir aquelle negocio. O Samorim não ficou satisfeito de se lhe negarem aquelles homens: mas dissimulou como o capitão mór o fazia tambem ás suas cousas. E querendo vltimaméte partirse, foise despedir do capitão mór em catorze de Janeiro deste anno de seiscentos em que com o divino favor entramos: e entre elles não ouve mais que palavras de cumprimentos e cortezia: e só lhe disse o Samorim q̄ em quanto estivesse auzente lhe entregava o seu exercito, e que nelle podia dispor e mandar como sua propria

pria pessoa : por q̄ assi o deixava por ordem a seus capitaens. E que esperava de em sua boa fortuna achar tudo concluido quando tornasse, e com isto se despidio. E por que nenhum escritor nosso tratou desta festa, que he tão antiga q̄ passa de quinhentos annos que se celebra, pareceonos bem fazer hũa breve relação de seu principio e origem pera mayor gosto da historia, e passa tempo dos que alerem.

Esta festa de Mamanga, que quer dizer festa de desafio, cae no Malavar de doze em doze annos: e cayo nesta entrada do anno de seis centos, sua origem foi esta. Morava nos confins do reino de Tanor hũ Bramene a quem alevantarão hum falso testemunho q̄ redundava em detrimento de sua honra, e descredito de sua religião de que se ouve por tão afrontado, que se partio pera o rio Ganges, que elles tem por santas suas agoas, pera nelle se purificar. Ali jejuou e fez outras asperissimas penitencias alguns annos: encomendandosse a seus idolos pera que mostrassem por algũa via a pureza de sua innocencia. E assi lhe appareceo hum delles e lhe disse que se não entristecesse q̄ elle teria cuidado de sua honra, que se fosse pera sua terra, e q̄ por fim do mês de Fevereiro ajuntasse todas as gentes d'aquelles reinos derredor do rio

de Tanor pera diante de todos se mostrar sem culpa. E que pera final disso em tal dia quando a maré vazasse deitasse elle na força da corrente o seu livro, e o seu escabello, e que logo entraria o rio Ganges por aquelle rio de Tanor dentro, e contra o curso da maré faria tornar o livro e o escabello por elle a cima á vista de todos como fingé que o fez. E que foi aquelle espectáculo visto de todos com grande admiração, e o Bramene foi julgado por sem culpa, e foi dali por diante tido em grande veneração. E este he o dia que se chama de Mamanga, e que se festeja de então pera ca de doze em doze annos, como dissemos, com o mór concurso de gente, e despezas d'El Rey, que todas as mais que Malavares tem. Por que pera ella se ajuntáo todos os reys, senhores, Caimais, e infinitos povos. E duráo estas festas vinte e oito dias, em que o Samorim tem sempre muita gente dar-mas com seus capitaens que de continuo andáo roldando pera q̄ não aja algum desarranjo, nem brigas, q̄ he cousa ordinaria em grandes ajuntamentos de gente, entre tão grande multidáo de povos tão diferentes como ali se ajuntáo. E tambem por que todos estes dias costumáo entrar alguns Amoucos por meyo deste cardume e matáo os que podem alcançar. O que acontece em satisfacão

182 DECADA DOZE DA HISTORIA DA INDIA,
tificação d'hum Rey visinho do Samorim, que o que então governava (que avera noventa annos) mandou matar. Pello que todos os da obrigação d'aquelle Rey morto, e de seu pay e avós se offerecem a morrer por tomarem aquella satisfação matando algús vassallos do Samorim contra quem tem o odio que os obriga a vsarem desta brutalidade. E pera atalhar a isto tem o Samorim sempre em quanto esta festa dura ali gente de guarnição, que acode a estes Amoucos como fazem. E todos os annos, que ha esta festa, ficão espedaçados todos aquelles que cometem esta brutalidade. E este anno, de que agora escrevemos, entrarão trinta Amoucos q̄ logo forão mortos.

Tres dias destes vinte e oito, q̄ estas festas durão, se poem o Samorim em hum lugar alto á vista de todo o povo có muitos alampadairos d'ouro e prata acezos ao redor de si: e todos os da sua corte acodem ali vestidos o mais ricamente que podem, e em El Rey aparecendo diante do povo, desparão muita artelharia, e dão grandes salvas, a que elles em sua lingua chamão Cuquiadas, e a ellas la em cima donde El Rey está se prostra pello chão diante do povo, e depois se alevanta e em pé faz tres vezes reverencia ao povo, e todos elles lha fazem. E depois d'elle, todos os Reys

que se ali achão, fazem a mesma cerimonia ao povo. E acabada ella, entrão os Panicacs esgrimidores d'El Rey e jogão das armas com muita destreza. E a pós isto vem todos os vassallos de todas as terras do Samorim, e de dous em dous vão passando e fazendo sua cortezia a seu Rey: e os mayores e grandes do reino se debruçãõ todos diante d'elle. E depois passãõ os Alifantes ensinados dos seus Cornacas, que são os Naires que tem cuidado d'elles, e fazem tambem reverencia a El Rey có o goelho no chão. Gasta o Samorim nesta festa duzentos mil fanoens em dadas, que são vinte mil cruzados.

E ys aqui esta brutalidade sem nenhum fundamento q̄ lhe seus Bramenes meterão em cabeça fazendo lhe crer hũa cousa tanto contra a natureza, como he vir o rio Ganges dos reinos de Bengala mais de trezentas legoas de Tanor, e atrayessar todo aquelle Oceano Oriental e vir entrar por hum rio tanto mais pequeno que elle, que pode sumirse diante d'elle: e que saya do már coa pureza de suas agoas sem lhas elle mudar sendo certo que todos os rios do mundo perdem sua natureza em chegando ao már. E d'estas e d'outras abuzoens semelhantes esta cheo todo este Oriente: e assi cre toda esta Gentilidade nellas, como se as virão passar.

passar. Por que pera isso não ha outra nenhũa rezão e experien-
cia mais que dizeremlho os seus
Bramenes.

CAPITULO V.

*Das cousas em que o capitão mór pro-
veo pera dar principio ao siti-
ar aquella fortaleza.*

PArtido o Samorim pera a sua festa de Maman-
ga tratou o capi-
tão mór de de-
sempidir a barra polla ter o imi-
go de novo atravessada com gros-
sos mastos furtos com cadeas de
ferro, e grandes Ancoras e algũs
pregados sobre estacas mũy
grossas metidas com vayvens no
fundo da vaza ou area, e nas ca-
beças assentados aquelles mastos
grossos, e pregados com grandes
pregos, que tudo ficava mais
d'hum covado escódido debaixo
d'agoa. Este negocio encomen-
dou a Luis Fragofo, e a Luis d'Al-
meida: e com elles Pero Luis, e
Bras Coelho com seus Lascarins
e marinheiros, que levarão fer-
radores e officiaes que metidos
na agoa ferrarão os mastos com
grande trabalho e risco de todos
pellas muitas bombardadas que
sobrelles choverão, e os levarão
a nossa tranqueira que estava da
outra parte na póta da area. Com

isto ficou a barra desempedida, e
por ella entrou ao outro dia de
noite hũa Manchua ligeira de q̃
era capitão hum João Rodriguez
fialho natural de Cananor, que
ao passar de longo do báluarte
do imigo por onde era o canal,
falou com os Mouros d'elle em
lingoa Malavar dizendo que lhe
levava alguns provimentos, com
o que passou seguro sem lhe tira-
rem bombardadas. E por se re-
cear o capitão mór que polla par-
te do Samorim lhe entrassem al-
guns provimentos ao imigo por
via dos Naires, que por dinheiro
venderão suas molheres e filhos,
mandou a Belchior Ferreira com
Cem soldados pera que d'aquella
parte de q̃ se temia assistisse em
guarda e vigia bem junto ás tran-
queiras do imigo, pera que lhe
não entrasse nem saísse cousa al-
gũa. E juntamente mandou An-
tonio de Brito Fogaça capitão
mór do socorro de Cochim com
trezentos homens em segredo, e
o engenheiro mor fossem pello
rio dentro nas Manchuas a fazer
hũa tranqueira na banda do Ario-
le, que em breves dias acabou
mũy bem traçada, q̃ ficou a tiro
de Falcão fronteira á fortaleza
do imigo, em que o mesmo An-
tonio de Brito Fogaça ficou por
capitão com duzentos homens: e
lhe prantou algũas peças de ar-
telharia com q̃ fez notavel dano
aos imigos por lhe descobrir dali
as

as suas praças, e bazares, e as mais das ruas, e muita parte da povoação. Esta tranqueira foi o capitão mór ver de longo do rio: e della esteve de novo reconhecendo todas as fortificaçoens d'aquella parte: e ao voltar visitou o Ario-le de Bargare pollo ter propicio. O que elle estimou muito: por q̃ destas visitas que fazia a estes, sempre lhe ficavão em casa algũas peças, no em que elles só trazem os olhos. Vindo de la, mandou a dom Francisco de Sousa com trezentos soldados, e ao engenheiro mór com todos os pe-trechos necessarios pera fazer outra tranqueira junto á de Antonio de Brito Fogaça mais á borda d'agoa, polla outra estar sobre hum tezo, que se fez muito bem ordenada a tiro d'espingarda do imigo: e nella ficou assistindo por capitão: e dali fazia grande dano aos Mouros, por que cada dia lhe matava e feria alguns.

Vendo o Cunhale entrado o rio, e as nossas tranqueiras tão senhores das suas, mandou fazer outra muito forte na ponta da area sobre a barra da sua parte por que algũas Almadias que tinha despidadas a buscar mantimentos, vindo coelles esperavão alguns Noroestes rijos com que os nossos navios se afastassem da terra, e ellas tivessem lugar pera na escoridão da noite passando por meyo da armada,

e irem encalhar naquella parte como algũas fizerão. E como os Mouros esperavão por ellas, logo os mantimentos erão levados nos ares, e recolhidos: e as mesmas Almadias varadas ao pé do baluarte. E alem disto varejavão dali a nossa tranqueira que estava da outra parte, e lhe fazião bé de dano. O que visto pello capitão mór, determinou de lha ganhar, e fortificar nella: e encarregou este negocio a André Rodriguez o Palhota com seis centos homens divididos em duas partes e escoadras. Hũa pera cometer a tranqueira: e a outra pera ter o soccorro que lhe viesse: mandando ordem a Belchior Ferreira que assistia da banda do Samorim, pera que com os seus soldados, e os Naires do Samorim cometesse por la as tranqueiras do imigo ao mesmo tempo q̃ por ca dessem, que avia de ser a meyo coarto da modorra: noite que era de lúar muito claro. Por q̃ aquella hora enchia a maré, e os passos por onde os imigos avião de acudir, e soccorrer o seu baluarte, estavam cheos d'agoa, e não se podião vadear. E as horas determinadas mandou o capitão mór fazer o final aos navios que estavam de fora, que remeterão cõa terra onde poserão as proas e desembarcarão todos: e nos dianteiros forão dom Fernando de Noronha, e seu irmão dom Christovão

stovão de Noronha, e com furor espantoso cometerão as guaritas, e com muita facilidade as ganharão sendo o primeiro que nellas entrou Luis d'Almeida: e com muito valor forão levando os inimigos de vencida ate a tranqueira de madeira onde ja estava Belchior Ferreira coa gente do Samorim e coa sua a que tinha posto o fogo. E sobre ella pelejarão os nossos muito esforçadamente.

Ouvindo o Cunhale a revolta, sabendo que era de todo entrado dos nossos, acodio em pessoa e fez voltar os Mouros que yão fogindo, e ajuntando outros doutras estancias, os fez passar os alagadiços assi em Almadias, como a nado. E ajuntandosse mais de quinhentos tornarão a remeter com as garitas onde os nossos estavam: e com tanta determinação os cometerão, que ouvera da nossa parte grandes desarranjos se dom Fernando e dom Christovão de Noronha seu irmão com alguns mais não tiverão o pezo. Aqui esteve o negocio suspenso: e muitos dos nossos mostrarão bẽ todos os quilates de seu valor obrando grandes cavallarias. E quando os Mouros cometerão da primeira vez os nossos que os fizerão recolher às guaritas, Luis d'Almeida se atravessou na porta com hũa chuça nas mãos e teve o encôtro aos inimigos q̃ cometerão

a porta, ficando descuberto e por barreira às espingardadas e frechadas que os inimigos lhe tiravão de q̃ o Deos nosso senhor guardou. Em fim desta feita ficarão os nossos senhores d'aquellas guaritas, que custarão a vida a João de Sexas Cabreira valente capitão, e a Pero de Gois capitães de navios, e a nove soldados, afora corenta, que ficarão feridos. E dos Mouros morrerão mais de seis centos, alem dos feridos, que forão muitos, conforme a hũa lembrança que achei d'hum corioso q̃ foi pondo em lembrança todos os socessos deste cerco.

Nestas guaritas ou tranqueiras, que se ganharão, ficou por capitão dom Fernando de Noronha com trezentos soldados. Belchior Rodriguez coa sua gente e a do Samorim cometerão (como ja dissemos) a tranqueira de madeira que cortava aquella ponta de area da costa brava ate ir em cima a fechar no rio, que tinha tres guaritas em que de ordinario estavam perto de trezentos Mouros, que Belchior Rodriguez logo achou despejadas: por que a gente dellas acodio ao socorro da tranqueira, que lhe os nossos ganharão. Pello que tiveram tempo de pôr o fogo a hũa parte della a que os Mouros acodirão e a tornarão a renovar, sobre o que tiverão hũa grande batalha, como ja disse. E com este

A a feito

feito se recolheo o Belchior Rodriguez a suas estancias, cheo de venturosos socellos. Com isto, e com a falta que avia na fortaleza de mantimentos, se abalarão alguns Mouros principaes a se fazerem della com suas familias: o q̄ fizeram a seu salvo da nossa parte, pello seguro que o capitão mór lhes tinha dado a todos os que se quizessem sair della.

CAPITULO VI.

Do que mais socedeo nas tranqueiras: e dos fortes que o capitão mór mandou fazer. E de como ganhou as tranqueiras, e po voação.



Abendo o capitão mór que o imigo tornara a renovar a tranqueira de madeira, determinou de lha ganhar de todo: por q̄ determinava de entrar naquelle sitio pella tranqueira grande de pedra. E este negocio encomendou a Belchior Rodriguez, e a Andre Rodriguez Palhota com todos os Lascarins e gente do Samorim, que cometerão a tranqueira có muita determinação, mas acharão tal resistencia nos Mouros, que a não poderão entrar, e foilhe forçado recolherem-se com alguns feridos em que entrou Andre Rodriguez Palhota d'hũa espingardada pella boca, q̄

lhe levou todo hum queixo com nove dentes. E nas mais das coufas em q̄ este cavalleiro se achou sempre sayo escalavrado, por q̄ em todas foi dos primeiros, e dos que mais se arriscarão e melhor pelejarão. E se ouvera de gastar o tempo em seus louvores, podera gastar muito, por que sempre mereceo muitos. Deste passo em que Belchior Rodriguez estava, o mandou o capitão mór passar pera outro entre o arrayal do Samorim, e tranqueira dos imigos onde ja da primeira vez esteve. E no passo que deixou, mandou q̄ ficasse Antonio Pereira Coutinho que tinha vindo do Norte de socorro elle e seu irmão Andre Pereira cada hum delles em seu navio as suas custas. E por que determinava de passar a artilharia á parte do Ariole pera de lá bater a fortaleza, mandou fazer duas tranqueiras. Hũa bem de frente do baluarte q̄ estava em guarda da barra: e outra no direito desta mais a borda d'agoa na costa brava pera reparo e abrigo dos que avião de desembarcar a artilharia naquella parte onde logo desembarcou tres peças grossas com que em cinco dias continos bateo o baluarte do imigo, e lhe derão com toda a frótaria no chão, deixando caminho largo e capaz de entrarem por ali os nossos. E nesta tranqueira e bataria assistio Antonio Collaço.

Estando

Estando as cousas nestes termos derão ao capitão mór cartas do Conde Almirante em que o advertia que visse o como ya com aquella guerra: e que não arriscasse os homens por assaltos, e q̄ fosse estreitando o cerco ate o inimigo se lhe entregar, por que assi ficaria a victoria mais fermosa: e com isso outros avisos necessarios e de capitão prudẽte. Com esta carta cõvocou o capitão mór conselho e lha mostrou e pedio lhe dessem todos seus pareceres sobre o que faria tendo consideração ao tempo que se ya acabando o verão, e chegando o inverno, e ao estado em que o inimigo estava: e que se d'aquella feita se não concluísse aquelle negocio, temia q̄ ficasse depois o Cunhale com a gloria de se defender dous annos dos nossos. E que passando dali quem seguraria que tornasse o Samorim a ella, e q̄ o Cunhale a poder de muito dinheiro o não trastornasse: e assi ficaria o estado tendo os inimigos dobrados, e que por muito cabedal que depois metesse sem ter de sua parte o Samorim não poderia effectuar cousa algũa. Sobre estas proposições votarão todos, e depois de muitas altercaçoens, forão os mais de parecer que convinha ao estado concluirse aquella guerra o mais de pressa que podesse ser: e que se cometesse o inimigo por assalto. Por que a guerra não se fazia sem

risco: E que menos mal era morrerem cem homens, que ficar aquelle tyranno em pé: que custaria despois as vidas e as fazendas a muitos. Que se cometesse o inimigo com todo o poder q̄ ali avia, repartido em tres esquadroens, e por tres partes, por que na fortaleza não avia poder pera acodir a tanto, e q̄ assi facilmente se levaria nas mãos. Este assento assinarão todos, e se mandou ao Conde Almirante que o não aprovou, e mandou q̄ se guardasse o que elle tinha mandado, e pellos mosteiros dos religiosos que encomendassem aquelle negocio muito a Deos, por que as cousas q̄ se não registão primeiro coelle, nunca tem bom fim.

Assentado este conselho determinou o capitão mór Andre Furtado de Mendoça de o pôr em effecto, e pera isso foi visitar todas ás tranqueiras da banda do Ario-le, e deu ordem a todos os capitães dellas do como se avião de aver no dia do assalto. E assi repartio toda a gente, q̄ serião dous mil Portugueles, em tres batalhas. Hũa tomou pera si: e as duas deu hũa a dõ Francisco de Sousa, e outra a Antonio de Brito Fogaça: e encomendou a todos q̄ se confessassem e commungassem, como o fizerão: occupandosse naquelle ministerio os padres Francisco Roz, e Manoel Gaspar da companhia de Iesu: e outros padres

de são Fráncisco e são Domingos, q̄ todos differão missa, a q̄ todos os foldados e capitaens commungarão. Andádosse o capitão mór preparando pera dar o assalto, chegou o Samorim da sua festa de Mamanga na entrada de Março, e logo o capitão mór o foi visitar e lhe deu conta do estado em que as cousas estavam: e a voltas disso lhe fez muitas queixas de seus regedores e Naires de quem em quanto elle Samorim esteve auzente não recebeu ajuda nem favor, nem algúas das cousas das que se capitularão, e que elle Samorim lhe deixou a todos tão encomendadas: de que o Samorim mostrou no exterior grande sentimento, que pode ser que o não tivesse no interior, por que era e sempre fora falso e fementido: e ate então não tinha profeguido naquella guerra senão pello que lhe aelle relevava, e assi disse muitas cousas ao capitão mór, que o entendia muito bem: e assi se despidirão hum do outro com muitos cóprimentos.

Tanto que o Samorim veyo da sua festa, logo ao outro dia o mandou o Cunhale visitar com muito dinheiro e peças ricas, e a voltas disso lhe mandou pedir seguro por que se lhe queria ir entregar, mas com condição que lhe avia de dár a vida a elle, e a todos os que com elle estavam. E isto tratarão coelle os Mouros q̄

a isso mandou de feição, que lho concedeo o Samorim, e lhe mandou o seguro que lhe pedio: e com elle se sairão logo da fortaleza duzentos e cincoenta Mouros, que os Naires do Samorim, e Belchior Rodriguez forão receber pollo mandar assi El Rey: O que fizerão junto a tranqueira de madeira. E vendo Belchior Rodriguez tão boa occasião, entrou a ea queimou toda. E ainda passarão os nossos tanto a diante, que poserão fogo a todos os navios e casas que avia antre hũa tranqueira e outra: e chegando á tranqueira de pedra, acodirão os Mouros a cuja conta estava a guarda della, e travarão com os nossos hũa muito aspera batalha.

Destá revolta se deu recado ao capitão mór, que logo com muita pressa acodio a recolher os seus por que lhe não acontecesse algum defastre: e nesta revolta foi ferido em hum pé de hum estrepe dos muitos q̄ avia ao longo do muro polla banda de fora. O Samorim não ficou muito gostoso d'aquelle caso por ver quanto os nossos querião levar a cousa pello rigor das armas, desejando elle concluillo pello modo que tinha concertado com o mesmo Cunhale pello muito que lhe tinha dado, e pello que ainda esperava lhe desse. Vendo o Cunhale aquelle negocio, e a quei-
ma

ma da sua tranqueira, navios, e casas, ouve que o Samorim o enganava: Pello que tratou de se defender a te perder a vida. E pera isso se recolheo na fortaleza com os Mouros que lhe pareceo bastavão pellos poucos mantimentos que tinha.

Aquella noite, que isto aconteeceo, entrarão pella barra dentro dous navios de q̄ d'hum delles vinha por capitão dom Manoel de Lacerda: e do outro dom Pedro Coutinho, que se quiz achar naquella guerra por virtude d'hua provisão que o Conde Almirante passou, com parecer da Relação, por que perdoava ate certos annos de degredo que lhe derão por hūas brigas que teve em mancebo, por cuja causa ficava inhabilitado pera ir entrar na fortaleza de Ormuz com q̄ estava despachado. Quisse remir delle com se achar presente naquella guerra, pera q̄ negociou aquelle navio á sua custa, com muitos soldados com que gastou muito. E logo a poselle comessarão a entrar os nāvios que quiserão, como forão os de Gaspar de Mello, Gonçalo Mendes de Macedo, e Francisco de Macedo, que receberão muitas bombardadas do baluarte da barra, de que matarão hum soldado ao Gonçalo Mendes.

O capitão mór nas dilatoens do Samorim foi entendendo que

ya naquella guerra tão lentamente pellas muitas dadivas que lhe o Cunhale dava assi a elle, como aos seus regedores. Pello que se determinou de concluir aquelle negocio, por que se ya gastando o tempo: E desta sua determinação avisou a todos os capitaens e lhe disse, que avia de cometer o muro de pedra pera por elle entrar no sitio, e plantar suas estancias sobre a fortaleza, e deulhe a ordem que todos avião de ter. E repartio suas gentes por esta maneira. A dianteira deu a dom Francisco de Sousa com coatrocentos soldados escolhidos pera cometer o muro polla parte do levante. Andre Rodriguez o Pahlota, q̄ não estava bem são com seis centos homens pera entrar pella barra, e cometer o baluarte que estava sobrella, a que chamão o Branco. E o capitão mór com mil e duzentos homens em que avia a flor da fidalguia e soldadesca da armada, pera cometer o muro pella parte do Samorim. E logo repartio monçoens, e fez todas as preparaçoens necessarias.

E aos sete de Março se passou o capitão mór a parte do Samorim, com quem se vio e lhe deu conta de como estava resolute em cometer as tranqueiras do Cunhale: e lhe pedio q̄ elle com os seus Naires o seguissem conforme as capitulaçoens q̄ estavam feitas

feitas e elle por obrigação tinha. O Samorim vendo aquella determinação do capitão mór, respondeolhe com muita frieza que deixasse aquelle negocio pera outro dia, que então faria tudo. Andre Furtado, sem lhe responder cousa algũa, foi marchando pera as tranqueiras, e chegou á de madeira q̄ estava queimada. Vendo o Samorim a sua determinação foi o seguindo com seis mil Naires, e chegádo a elle lhe disse: Que elle estava ali muito prestes pera cumprir tudo o q̄ lhe tinha prometido: Do q̄ o capitão mór lhe deu os agardcimentos, e despedio a Pero de Bendanha com algũs soldados, e o Engenheiro mór a reconhecer a tranqueira de pedra polla parte por onde a elle queria cometer. O q̄ elle fez com muito cuidado, e lhe deu particular relação de como estava.

Com isto mandou fazer o sinal que tinha dado aos mais capitães dos outros terços: e a elle arremeterão todos com aquella parede, que não teria mais de oito palmos de altura, mas muito larga, Poserãolhe os peitos com muita determinação. E o primeiro que sobio a cima ajudado dos seus, foi o capitão mór: e com alguns se pós no releixo: por que hum pouco antes que o muro sobisse, se foi estreitando e fazendo hum parapeito com seteiras pera dellas jugar a sua arcabuzaria.

Tanto que o capitão mór se vio em cima, logo o muro se encheo de soldados, e forão demandar os baluartes e guaritas, que os Mouros despejarão de pressa, e se forão recolhendo pera a fortaleza com tanta revolta e desatenção, q̄ ao entrar toinou fogo hũa pouca de polvora, que ali tinhão, que abrazou hum grande numero de Mouros. Dom Francisco de Sousa, e Andre Rodriguez Pallota cometerão os baluartes q̄ lhe forão encomendados: e coa mesma facilidade os entrarão e ganharão. Com o que os nossos forão senhores de tudo o q̄ avia da fortaleza pera fora, e logo derão fogo á povoação e bazares donde ja os Mouros tinhão recolhido tudo o que avia.

Tanto que o Samorim viu tudo ganhado, deixouse ficar em hum dos baluartes do muro: e com muita pressa mandou derribar todó o muro pello chão, o q̄ se fez em brevissimo espaço, por ter mais de corenta mil Naires. E quando Andre Furtado se foi recolhendo do baluarte de sobre a barra, achou feita aquella roina ate os alicesses: e bem entendeu que se fizera por se elle não fortificar ali, com o que ficaria tendo pouca necessidade delle e de sua gente: e elle queria que sempre o capitão mór dependesse de sua ajuda e favor. Os nossos soldados ordinarios, e os Naires cometerão

rão a cavar as casas, em que acharão coufas de pouco momento: e sobre ellas começou a aver algũas defordens entre hunos e outros. A o que mandou acodir o capitão mór com grãdes pennas, que nenhum Portuguez cavasse as casas, e que deixassem aos Naires rabiscar essa pouquidade que avia.

CAPITULO VII.

De modo de como o capitão mór prantou sua artelharia sobre a fortaleza. E das desconfanças que ouve da parte do Samorim.



Endosse o capitão mór senhor da povoação, tomou pera sua estancia o baluarte da barra: e a Andre Rodriguez Palhota mandou q̃ assistisse com quinhentos homens na Mesquita junto da fortaleza, que o anno passado se tinha queimado, onde fez hũa tranqueira pera sua segurança: e de dia e de noite estavam coas armas nas mãos. Por que foi o capitão mór avisado que os mouros desesperados determinavão fair da fortaleza e darem nos nossos e morrerem como Amoucos. Aqui nesta tranqueira ouve sempre trabalho por ser muito perseguida da artelharia, e arcabuzaria da fortaleza de

q̃ lhe ferirão alguns soldados. A dom Frãcisco de Sousa com o seu terço encomendou q̃ fizesse sua estancia no baluarte que estava na guarda da porta da fortaleza de pedra, que só ficou em pé. E em todos os mais lugares necessários pós presidios, do que o Samorim se tomou muito, por que lhe disserão os Naires que Senhorearse o capitão mór de tudo, era final que se queria apofsar da fortaleza, e não cumprir o que estava capitulado antre elles. E tantas coufas lhe disserão sobre isto, que foi logo ao capitão mór ao baluarte de sobre a barra, que tinha ja rodeado de hum valo forte por lhe ficar mais capaz. E nas praticas que tiverão lhe disse o Samorim, que lhe não parecia bem ver a diligencia com q̃ se fortificava em todas as partes: por que dava a entender ser aquella prevenção mais a respeito d'elle Samorim, q̃ não do Cunnhale que ja estava encurrulado na fortaleza donde não podia fair. Que lhe affirmava que não avia de consintir tal. E logo os Naires começaram a derrubar os vallos, e quereremno fazer ao mesmo baluarte.

Andre Furtado ficou hum pouco suspenso naquella materia: mas logo tomou as armas com a soldadesca q̃ tinha, e acodio a afastar os Naires da obra em que estavam, como fez. E acodindo

dindo tambem o Samorim lhe disse o capitão mór pello padre Francisco Roz: Que fortificar-se elle era obrigação de todo o capitão, que o não fazia senão por ter os seus soldados recolhidos em seus presidios. Assi por que os inimigos se lhe não podessem sair por algũa parte vazia: como por se não desmandarem, e terem algũas differenças com os seus Naires, que elle sintiria muito, por que sua tenção era servilo em tudo, e não enojalo. O Samorim ja mais brando lhe disse que lhe parecia bem: mas que lhe desse hum d'aquelles baluartes pera se elle fortificar nelle. Do que se o capitão mór escusou com lhe dizer: Que sem licença do Conde da Vidigueira Visorrey, lho não podia consentir. Por que tanto q̃ ganhara aquelles fortes, ja ficava obrigado aelles como por menagem, que se fiasse elle Samorim delle, que em tudo o que nas capitulaçoens lhe tinha prometido lhe avia de cumprir muito a seu gosto.

O Samorim ficou d'aquillo muito apaixonado, e sem replicar voltou e se foi meter no baluarte em q̃ estava dom Francisco de Sousa, e dixelhe que queria estar ali como seu soldado: do q̃ dom Francisco avisou o capitão mór, que o mandou recolher, e que deixasse nelle o Samorim, q̃ mandou dizer a Andre Furtado:

Que os Naires do seu reino tinham mais de coatrocentos Mouros pera fazerem outro Cunhale, e lançar de suas terras quem lhe parecesse que avia d'estar em algũa parte dellas contra sua vontade, e gosto. Vendo o capitão mór aquelle desproposito d'El Rey, lhe mandou responder: Que elle em vinte e coatro horas conquistara e senhoreara com menos gente da que então tinha, reinos e Reys. E que disposera huns, e alevantara outros: e que lhe seria muito facil fazerlhe outro tanto a elle, pois se queria alterar e mostrar desarrezoado sem causa. O padre Francisco Roz, que era o interprete destas cousas, me disserão os padres da companhia, que não quisera dizellas ao Samorim tão cruas e secas como lho elle mandava dizer. E assim com sua prudencia foi temperando o Samorim e tendo mão nas cousas: por que via que se se desconcertassem, se perderia aquella jornada. E toda via o Samorim mandou chamar os Mouros que tinha em Panane, e toda a mais gente que trazia em campo contra El Rey de Cochim em favor do Caimal da Curugeira, a quem aquelle Rey fazia crua guerra só a fim de divertir o Samorim das cousas do Cunhale contra o que tinha prometido ao Arcebispo dom frei Aleixo de Meneses.

Destá

Deſta tenção do Samorim foi Andre Furtado avisado: e deſpedio hum catur ligeiro com cartas a El Rey de Cochim em que o avisava da determinação do Samorim. Pedindolhe q̄ ſe a gente q̄ la trazia fizeſſe mudança de ſi, lhe mandaffe dar nas coſtas e os desbarataſſe, e ſenhoreaffe a Curugeira como deſejava. Por q̄ elle iria tambem dando no Samorim e o desbarataria.

Parecia certo neſtes deſconcertos que andava o demonio deſenfreadamente metido neſtas couſas pera eſtrovar hum negocio de tanta importancia ao eſtado da India. Por que o Samorim, que foi ſabedor da carta de Andre Furtado, eſteve pera romper de todo com elle. Mas o padre Francisco Roz o foi ſempre moderando, e tendo mão em ſua paixão, e divertindo della fazendo niſſo todos os officios q̄ lhe parecerão neceſſarios pera q̄ ſe não levaffe mão d'aquelle negocio q̄ eſtaya em muito bom eſtado.

O capitão mór como conhecia a variedade deſte Rey, e ſabia que o Cunhale avia de trabalhar por ſe remir com todo o dinheiro que tivesse, não quis ficar nas mãos da mudança d'aquelles homens, mandou logo fabricar hũa forte tranqueira ao redor d'aquelle baluarte em que eſtava: onde não deixou entrar Naire algum. E o meſmo mandou fazer

nas mais eſtancias que tinha na meſquita pera ſegurar aquella jornada: por que mais ſe ficou receando do Samorim, que do Cunhale. E todos os mais preſidios recolheo a ſi: dandolhe ordem q̄ em ſintindo algũa alteração, deſſem nos Naires como em inimigos. O Samorim tanto que vio recolher o capitão mór a ſi toda a ſoldadeſca q̄ eſtava no baluarte da tranqueira de pedra, o mandou logo derrubar, por que os noſſos ſe não tornaffeſſem a fortalecer nelle.

Neſte meſmo dia que iſto ſocedeo, que foi aos dez de Março, entrou pella barra a barcaſſa, e foi ſorgir cento e cincoenta paſſos da fortaleza, que começou a bater com dous Baſylifcos q̄ lhe derribarão hum lanço do muro. E delle lhe reſponderão tambem com tiros tão certos, que pellos eſcotilhoens lhe entrarão pilouros, que com as rachas que fizeram na barcaſſa, ferirão o capitão della Luis Fragoſo, e matarão dous ſoldados.

E tornando ao padre Francisco Roz lá moderou o Samorim de feição, q̄ mandou dizer a Andre Furtado de Mendoça que o queria ir ver. O que elle eſtimou muito: e tendo vigia em quando ſe abalava, ſe ſayo do forte com toda a ſoldadeſca poſta em armas em forma de Lúa ficando elle em pé na porta. O Samorim

chegou a elle có hũa alegria fingida, e se derão as mãos em final de amizade: e mandou lhe dizer q̄ fizesse o que quizesse, e o que lhe melhor parecesse pera se dar fim a aquella impreza, que delle fiava tudo, e que cessassem as paixões. André Furtado lhe respondeu com palayras mûy brandas e cortezes: que elle não avia de fazer mais que o que sua alteza lhe mandasse, e que seguiria sua ordem, por que assi lho tinha mandado o Conde Visorrey. Com isto se despidio o Samorim mais leve e desassombrado. E ao apartarse, lhe derão os nossos a mais fermosa salva de arcabuzaria que ali se vio: de que elle e os Naires se forão bem atemorizados.

Esta noite seguinte se foi dando bataria á fortaleza assi da barcassa, como das estancias q̄ estavam em terra com muito terror, e na forção della se fora offerecer ao capitão mór, Luis d'Almeida, Ioão Añanha, Andre Coelho, Andre Simocns, Salvador Mendez, Pero laquez, hum foão Teixeira de Vasconcellos, e outros pera irem queimar hũa vela de Cotonia com que forão tapando hum pedaço do muro que lhe foi caindo, que lhe elle deu. E indosse chegando ao muro com lanças de fogo, começou de cima a chover sobrélles cardumes de pedradas, frechadas, e espinguardadas, a pezar do que chegarão estes

valerosos soldados ás velas por quem o Luis d'Almeida meteo hũa lança de fogo q̄ toda se desfez dentro, e acendeo hũa grande labareda que meteo a todos os da fortaleza em revolta: e com muitos gritos e alaridos acodirão a aquella parte cuidando q̄ crão entrados, ficando alguns Mouros abrazados. E os nossos se recolherão a seu salvo, tirando somente Luis d'Almeida que ficou queimado na mão esquerda.

CAPITULO VIII.

De como o Cunhale se entregou ao Samorim. E de outras cousas que secederão.



Bataria se foi continuando sem sefar hum momento de modo, que não dava lugar aos inimigos reformarem as ruinas. E o Cunhale estava em tal estado, que por de todo lhe faltarem mantimentos, se veo a valer de grande mótaria de ratos mûy grandes q̄ salgou em jarras com que se ya entretendo. E apertou a necessidade tanto com todos, que se afirma que chegarão a estado de comerem os mortos. Em fim chegarão a tão extrema necessidade de mantimentos, q̄ mandarão os principaes pedir seguro ao Samorim pera se passarem

rem a elle ; que lhe mandou. E apresentados diante delle lhe differão da parte do Cunhale que lhe pedia muito ouvesse delle misericordia, que se lhe queria entregar prometendolhe a vida a elle e aos que com elle estavam. O q̄ lhe elle concedeo, e lhe passou pera isso suas Ollas. Este negocio mandou o Samorim comunicar com o capitão mór pedindolhe que o ouvesse assi por bem, que elle lhe prometia de lhe entregar Cunhale vivo, e alguns de seus capitaens. E elle lhe mandou dizer, que fizesse sua alteza o que quizesse q̄ elle era de tudo muito contente. Com esta resposta do capitão mór concedeo o Samorim tregoa ao Cunhale por dous dias pera nelles tratar de sua entrega. E temendo o capitão mór q̄ nos dias das tregoa se sumisse o Cunhale e seus capitaens por ordem do Samorim, mandou Diogo Monis Barreto com trezentos soldados pera que fosse fazer hũa tranqueira da banda do Norte perto da fortaleza, e á borda do rio: e ficasse nella com grandes vigias pera q̄ por aquella parte não saisse alguém da fortaleza. Os dias das tregoa yã se acabando, e o Cunhale não se entregava, do que o capitão mór teve má sospêita: por que receava q̄ o Samorim a poder de dinheiro desse desvio a todos os que estavam na fortaleza pera não vi-

rem a mãos do capitão mór. Pelo que mandou dizer ao Samorim que concluísse com aquelle negocio, que era ja tempo: se não q̄ cometeria a fortaleza e a escalaria, e passaria todos os q̄ nella achasse a espada. A isto lhe mandou o Samorim responder: Que não tinha concluido aquelle negocio por que via os seus soldados tão inquietos, que temia que ouvesse na entrega algũa desordem com os seus Naires.

Mas logo assentou o Samorim com o Cunhale que ao outro dia se entregasse, que erão dezasseis de Março: e mandou pera isso recado ao capitão mór, que se foi chegando com toda a sua soldadesca pera a tranqueira em q̄ estava Antonio Pereira Coutinho junto da fortaleza na mesquita onde primeiro esteve dom Francisco de Sousa, onde o Samorim tambem se foi com todo o seu poder. E o capitão mór deitou os seus soldados muy bem ordenados da parte do Ponente: e o Samorim ficou da do Levante, deixando antre hum e outro exercito hum caminho largo pera o que se derribou hum pedaço d'aquella tranqueira. E ao tempo que o Cunhale avia de sair da fortaleza, mandou o capitão mór a Antonio Pereira Coutinho com corenta soldados, e o Samorim hum regedor com outros tantos Naires pera irem re-

cebero Cunhale á porta da fortaleza. O Samorim estava de todo desconfiado, por que temia que ao sair o Cunhale entrassem os nossos na fortaleza (que era o em que elle tinha o olho) e a saqueassem, que era o por que dilatou algũa cousa aquelle negocio. Andre Furtado de Mendouça, que o entendeu bem, lhe mandou dizer q̄ acabasse ja com suas dilaçoens, se não que entraria a fortaleza por força e tomaria o Cunhale. Vendo o Samorim esta resolução, mandoulhe dizer que se não apaixonasse que logo se faria tudo.

Dali a pouco comessarão a sair da fortaleza os Mouros, que ferião coatrocentos, muitos delles feridos e queimados. E logo as molheres e mininos tão debilitados todos, q̄ parecião defuntos: a quem o Samorim disse que se fossem pera onde quisessem. Por derradeiro sayo o Cunhale com hũa touca preta e a espada na mão coa ponta pera baixo. Seria a este tempo homem de cincoenta annos, meão de corpo, refeito e espadaudo. Vinha no meyo de tres Mouros principaes. Hum delles era Chinale casta China q̄ fora criado em Malaca, e dizem que cativo d'hum Portuguez, q̄ em moço foi cativo em hũa Fusta e levado a Cunhale, que se affeçoou tanto á elle, que se lhe entregou todo. Foi o mór professor

da feita dos Mouros, e imigo dos christãos que todos os do Malavar: por que pera os que cativavam no mar, que logo erão levados ali, inventava os mais exquisitos generos de tormentos que se virão, com que os martyrizava.

O Cunhale foise direito ao Samorim, e lhe entregou a espada em final de rendido, e se lhe debruçou aos pés com muita humildade. Dizem alguns que pello que lhe tinha prometido de lhe dar a vida, tinha mandado dizer em segredo ao capitão mór, que ao tempo que o Cunhale se lhe entregasse, lançasse mão d'elle como que lhe fazia força pera sua satisfação: o que o capitão mór fez. Por que tendo o Samorim comsigo se chegou Andre Furtado de Mendouça, e o tomou por hum braço e puxou por elle pera fora: e a este ferrar d'elle deu hum solavanco mūy grande por se soltar e como isto era a borda d'hũa cava, esteve o capitão mór arriscado a cair nella se o não tivera por hum braço o padre frei Diogo homem religioso da ordem do glorioso padre são Francisco, que estava junto d'elle de hũa parte, e da outra Diogo Monis Barreto q̄ foi caindo na cava e esfolou toda hũa perna. A isto se alevantou hum reboliço antre os Naires com que muitos dos nossos se desordenarão, ficando o capitão mór com poucos que se

se poserão diante dos Naires e lhe tiverão o encontro. Mas logo o Samorim mandou que cessasse o reboliço, e não bolissem comfigo. E nesta revolta ya ja o Chinale fogindo, e coelle Cotiale sobrinho do Cunhale se os nossos soldados os não virão, q̄ lançarão mão delles e os levarão ao capitão mór, q̄ estava afferrado no Cunhale: que entregou a Antonio Pereira Coutinho pera com os outros os levar a sua estancia, que era o baluarte de sobre a barra, que o levou por hum braço, e Luis d'Almeida por outro, e com hũa boa companhia de soldados de guarda.

Feito isto tomou o capitão mór o Samorim polla mão e entrou coelle na fortaleza e lhe disse: Que elle em nome d'El Rey de Portugal, e do Conde Almirante Visorrey lhe concedia tudo o que avia d'ali pera dentro, tirando a artelharia que se avia de partir pello meyo como estava assentado: Que elle o deixava de posse de tudo. E chamando os capitães com seus soldados sayo se pera fora. E no terreiro vio estar hum padre com hum crucifixo alevantado: e em no vendo se prostou pello chão diante delle cos olhos arrasados e banhados em lagrimas, e lhe deu muitas graças por aquella merce q̄ lhe fizera, com palavras de muito bom e catolico christão, e reconhecido de tamanhos beneficios

como tinha recebido d'aquelle senhor. E por q̄ os soldados estavam alterados por lhe não darem quinhão no sacco da fortaleza, os foi o capitão mór quietando com muitas promessas que lhe fez. E deixando o Samorim no seu sacco e despojo, se foi recolhendo pera o baluarte onde achou o Cunhale tão triste como homem q̄ desesperanças de Rey, o posera a fortuna na miseria e desventura de cativo. Elle em vendo o capitão mór se lhe humilhou, e elle o alevantou e consolou com palavras muito honradas, e lhe mandou ali lançar duas pontas de cadea em hum pé: e ao sobrinho, e Chinale outras duas, e os mandou pera a Galé, mandando a seus criados que o servissem como a sua propria pessoa.

Aquelle dia gastou o capitão mór em armar muitos cavalleiros, e o Samorim em despejar a fortaleza de tudo o q̄ nella achou que ainda montou hũa muito arrezoadada cantidade de fazenda, posto q̄ não ouve dinheiro nem pedraria. E presumiosse que passara seu tisouro, que era grande, ao rio de Tremapatão a mãos, de parentes que ali tinha em que todo se sumio. A artelharia se tirou da fortaleza, e se partio pello meyo: e a que coube ao estado mandou o capitão mór embarcar nas Galés.

Vendo o Samorim a liberalidade

dade de que o capitão mór vsou coelle em lhe dar todo o recheo da fortaleza, por se lhe mostrar agardecido, mandoulhe entregar quarenta Mouros, dos mais honrados de Cunhale, que depois morrerão todos em Goano tronco por ordem do Conde Visorrey. E por que se fazia tempo de se partir pera Goa mandou o capitão mór derribar toda a fortaleza sem lhe ficar pedra sobre pedra: e á povoação, bazares, e mesquitas mandou pór fogo deixando tudo o que ali foi, escondido debaixo das cinzas. Tudo isto aconteceu aos vinte e dous de Março.

Certo que não sei qual foi a rezão por que estando concedido, no contrato das pazes que daria o Samorim lugar pera se fazer fortaleza no porto de Cálecute, se não pedio antes neste rio do Cunhale, e esta que estava ja feita e muy bem acabada, pera onde, segundo o parecer d'alguns, se avia de mudar a fabrica da de Cananor. Por que não sei que fundamento se teve em se fazer onde não ha porto nem recolhimento, mais que húa bahia semente, e esta desabrigada e sem cousa onde se possam recolher nossas armadas em húa tormenta, nem lugar pera poderem invernar varadas sem risco de as queimarem como fizerão algúas vezes a alguns navios. E neste rio de Cu-

nhale ha tudo isto por ser capaz de entrarem nelle vinte Galés: e onde pode invernar toda húa armada do Malavar muy bem accommodada, e aqui o ficarião melhor os casados por terem lugar mais estendido que em Cananor pera fazerem seus palmares e suas ortas. E o Visorrey Rui Lourenço de Tavora me disse ha poucos dias que El Rey mandava que se fizesse húa fortaleza no Malavar pedindome que lhe dissesse onde seria melhor, lhe disse isto mesmo que neste rio: Mas que se avia de desfazer a de Cananor. O respeito por que se fez, foi polla carga que se dava ás primeiras armadas de Gengivre, e d'algúa Pimenta. Isto cessou: por que ha ja tanto disto pellos portos do Canará, que podem carregar nelles todas as Naos que vem do reino. Mas pera estarem tão mal providas como as do Canará e Cananor, melhor e mais honrado estado sera não nas aver, que terem nas a risco de as tomarem os vizinhos cada ves que quizerem, q̄ será húa afronta muito grande. Toquei isto assi de passagem por me cair proposito: e bem he praticar de tudo pera se lançar mão do que melhor parecer, e pera se advertir no que tanto convem como he a reformação das fortalezas da India.

CAPITULO IX.

Do que mais passou o capitão mór Andre Furtado de Mendoça com o Samorim: e se partio pera Goa. E do que lhe socedeo com o Conde Almirante Visorrey.



Concluido aquelle negocio do Cunhale, os capitães das armadas que ali forão de socorro, pedirão licença a Andre Furtado pera se irem pois não avia ja que fazer, e elles estarem faltos de tudo, q̄ lhe elle deu tendo có todos grandes comprimentos e palavras de agradecimentos. E ás cidades e capitães dellas escreveo cartas do mesmo, e assi se partirão huns pera o Norte, e outros pera o Sul. E despedio dom Fernando de Noronha com hũa Galé e seis navios pera ir dar guarda a tudo o que ya ate Cochim: E ás barcas que ja não podião ir pera Goa: e de lá passar ao cabo do Comorim a recolher as naos da China, Malaca, Maluco, e Bengala, e as casilas da costa de Choromandel: o que tudo fez com muito cuidado e diligencia de modo que tudo pós em Cochim a seu tempo seguramente. E pera a costa do Canará despedio por capitão mór a dom Francisco de

Sousa coa sua Galé e outros cinco ou seis navios pera recolher aquellas casilas de mantimentos e levalos a Goa, o que tudo fez muito bem. E querendo vltimamente partirse pera Goa foise ver com o Samorim, e a despedirse delle: e antre ambos elles se passarão grandes comprimentos e offerecimentos. E o Samorim lhe mandou passar em hũa lamina d'ouro algúas cousas q̄ lhe prometeo, que erão as seguintes.

Obrigouse por si e seus socesores: que em quanto o Sol e a Lúa alumiassem o mundo terião sempre paz e amizade firme com o estado da Índia.

Obrigouse mais, que por espaço de vinte annos se não tornaria a povoar aquelle sítio de nação algúa: e de Mouros nunca e que nunca mais se tornaria a levantar fortaleza.

Obrigouse mais, que a todo o tempo que naquelle rio entrassem navios de cossairos seria o Ariole obrigado aos entregar a qual quer capitão d'El Rey de Portugal que andasse por aquella costa. Com isto se despedirão, E o Samorim mandou embarcar em sua companhia seus embaixadores com os capitulos das pazes pera o Conde Visorrey as jurar. E aos vinte e cinco de Março a hum Sabado se fez o capitão mór á vela, e ao outro dia chegou a Cananor determinado em não passar

passar dali, por ser somana de Endoenças. E ao desembarcar foi recebido do capitão e povo, e lhe fizeram as festas que a fortaleza podia dar de si: e ali se confessou elle, e todos os mais da armada.

Aqui lhe dtrão cartas do Conde Almirante em que lhe mandava os agardcimentos da vitoria: que o Conde festejou muito em Goa. E tambem lhe pedia q̄ com toda a armada que tinha voltasse a Coulão, e desfizesse hũa fortaleza q̄ o Rey de Travancor ya fazendo vizinha á nossa, por ser afronta do estado dissimular com ella. Andre Furtado de Mendoça ajuntou os capitaens logo a conselho, e nelle leu a carta do Visorrey, e sobriisso propós o que convinha ao serviço d'El Rey naquella negocio: e votando todos differão, que estavão quebrantados da guerra e despezos de tudo, e que ao presente não estavão pera novos gastos e trabalhos. Quanto mais que o tempo era gastado, e que não podia aquella armada tornar a invernar a Goa: e q̄ se tornasse seria ja tão tarde que virião arriscados a se perderem. E vendo elle que todos tinhão rezão e justiça, deu á vela pera Goa, e de caminho foi visitando e provendo as fortalezas do Canará, e arrecadando d'aquelles vassallos as pareas que devião, e recolheo as casilas que ali achou carregando de arroz. E

aos onze de Abril deste anno de seis centos chegou á barra de Goa, donde escreveu ao Conde Almirante de sua chegada, e lhe mandou o assento do conselho q̄ se tomou sobre tornar a Coulão como lhe escrevera. Mas que por cima de tudo estava prestes pera voltar á aquelle negocio provendolhe a armada que trazia desbaratada, e falta de tudo, e se offerencia a ir invernar naquella fortaleza de Coulão, e desfazer a que o Rey de Travancor fazia, como fez á de Cunhale, tudo pol-la boa ventura d'elle Visorrey. A isto lhe respondeo o Conde Almirante q̄ entrasse em bora: por que ja não avia tempo pera nada, que la lhe ficaria outro pera fazer tudo, e que descansasse em Pangim ate se lhe aparelharem as festas que tinha mandado á cidade lhe fizessem.

Parecendo á cidade que tinha obrigação fazer a este capitão algũas honras pollas boas venturas que lhe Deos dera na vitoria que alcançou contra aquelle cofairo, de que resultou tanta honra e proveito ao estado da India, derão de tudo isto conta ao Conde Almirante, que lhe disse que era bem fazer se lhe festas. Com isto mandarão os Vereadores visitar a André Furtado, e darlhe os pera bens de sua vinda, e pedirlhe juntamente q̄ se detivesse em Pangim, onde estava, tres ou quatro

coatro dias em quanto se preparavão as festas pera o receberem por lhe ser tudo o que se lhe podesse fazer, muito menos do que merecia: por que todos confessavão que libertara o estado, q̄ tão opremido e derribado o trazia aquelle coffairo com suas armadas. André Furtado lhe agradeceo aquella vontade, e que por lha fazer esperaria os dias que lhe pedião. E assi tanto que tiverão tudo preparado o mandarão avisar.

Sabendo o Conde Visorrey q̄ ya o Arcebispo dom frei Aleixo de Meneses a Pangim visitar André Furtado. E por que soube q̄ determinava trazer diante de si Cunhale, encárregou ao Arcebispo lhe dissesse que não convinha: e que todos os capitaens antigos que naquelle estado cativarão grandes capitaens, os mandarão sempre da barra antes de entrarem. E avia poucos dias fizera o mesmo Thome de Sousa Coutinho a Miralibeque Turco de nação de coatro Galés que lhe tomou em Mombaça. E André Furtado respondeo que o traria ate o caez, e dali o levassem pera o tronco. E por isto estar concertado desta maneira, veyo á armada entrando toda embandeirada, acompanhada de outras muitas embarçoens que acodirão da cidade e de Bardés muy enramadas, com o q̄ o rio ficou quasi

entulhado. E por elle dentro se vierão desfazendo com bombardadas, e grandes estrondos de instrumentos belicos e alegres, de tambores, pifaros, charamellas, e trombetas. E antes de surgirem no caez de fronte dos apousetos do Visorrey (donde ate a Sé onde avião de ir em procissão dar graças a nosso senhor polla merce que lhe fizera da vitoria que alcançou do Cunhale, tinha a cidade tudo cuberto de arvores e ramos verdes: e á porta da cidade estavão os vereadores, e o Arcebispo esperádo por elle) se adiantou hum dos navios da armada em que vinha hum criado de André Furtado, que por sua ordem lançou no caez coatro ou cinco Mouros, q̄ os rapazes logo matarão ás pedradas sem toda a justiça que ali estava lhe poder valer. E ficou o povo com isto tão alterado, que temeo o Conde Visorrey que ouvesse hũa grande desordem: e por isso mandou pello licenciado Lisuarte Caeiro da Grám, que servia de Ouvidor geral do crime, dizer a Andre Furtado que coa desordem que fizera o seu criado em lançar os Mouros na praya se alterara tanto o povo, que temia ouvesse algũa grande desordem com a vista do Cunhale. Pello que lhe pedia ouvesse por bem deixalo na Galé entregue ao Ouvidor geral pera como elle passasse pera a Sé o le-

Cc var



var ao tronco. Ao que Andre Furtado replicou. E ou Ovidor geral foi tão pouco cortezão, que sem tornar ao Visorrey coa reposta q̄ lhe André Furtado deu, insistio em cumprir a ordem que lhe dera, de q̄ resultou irse André Furtado pera a madre de Deos. Sabendo o Conde a occasião da sua ida, mādou logo chamar o Ouvidor geral e per ante muitos fidalgos velhos e graves lhe perguntou o q̄ passara com André Furtado, e contandolhe o que fica dito o reprendeo o Visorrey mūy asperamente por q̄ lhe não viera co recado: e pois sabia tão pouco que arriscava hum homem de tantos merecimentos, e que sua magestade estimava muito, que pozesse a vara e se fosse sospenso pera sua casa donde o reve dous mezes. E se lhe tornou a vara foi por André Furtado perseverar em seu arrufo, e não se querer reduzir, tendo o Visorrey com elle muitas satisfaçoens pello Arcebispo, e por João Rodriguez de Torres veador da fazenda, e outras pessoas de autoridade.

E considerando o Conde Visorrey os merecimentos deste fidalgo dissimulou a pouca ponderação com que cometeo a ida q̄ fez pera a madre de Deos sem lhe falar nem dar conta do sucedido na jornada: Entendeose, imaginara, inda que com pouca rezão, que o Visorrey pollo des-

gostar não quizera que levasse Cunhale diante de si na procissão com que o estavam esperando; Mormente fazendo o Visorrey tantas demonstraçoens como foi sospendido o Ouvidor geral, e mandarlhe dizer por vezes q̄ lhe daria todas as satisfaçoens que delle quizesse. E nem este seo termo foi parte pera o Conde deixar de escrever muitos louvores delle a sua magestade sem lhe falar no q̄ vsou neste arrufo sem bastante fundamento.

E ys aqui hum expectaculo do mundo, e hum espelho em que se avião de ver todos os que a fortuna alevantasse a grandes honras perã se temerem e recearem de seus revezes: e trazerem aquella sentença da Sabiduria escrita n'alma que diz: que o pezar occupa os extremos da alegria. E assi vereis q̄ nunca o mundo dá hum gosto, que logo junto delle não dé outro desgosto que ainda que seja pequeno da mór pena, do que dá de gosto o contentamento por grande que seja. E por que Felipo pay de Alexandre intendia isto como prudente que era, dandolhe hum dia tres novas boas juntas, pós os olhos no ceo e falando com seus deoses disse: Peçovos deoses que permitais que o revés destas novas não seja igual a ellas, se não tão moderado, que possa eu com elle. E deixando isto, amim me affirmarão

rão q̄ estiverão os soldados quasi determinados a deitar o Ouvidor geral ao már: a esta alteração dos soldados acodio Andre Furtado que os entendeu, e os quietou e apazigou, deixando-lhe a paixão pera isto lugar. O povo todo finto isto muito pello grande alvorosso com que esperavão este capitão. E o Arcebispo e Cidade se recolherão enfadados e com grande desgosto de desarmar em vão o gosto com que o vinhão esperar: E logo os rapazes desfizerão tudo e derão cos ramos pello chão. O ouvidor geral levou o Cunhale ao tronco e os mais mouros que vinhão coelle. E os embaixadores do Samorim forão desembarcados e muito bem agasalhados: e depois os ouviu o Conde e lhe fez muitas honras, e jurou as pazes, e logo os despedio pera suas terras nos Periches que mandou invernar a Cananor, e lhe deu muitas peças, e ao Samorim mandou muitos agardecimentos de sua perseverança e trabalho q̄ teve naquella jornada.

CAPITULO X.

Da procissão q̄ o Conde fez em fazimento de graças a Deos nosso senhor pella vitoria q̄ alcançou do Cunhale.



Anto q̄ o Conde Visorrey convaleceo da grande enfermidade q̄ teve em todo o inverno, quan-

do Andre Furtado chegou a Goa, ordenou hũa procissão pera dar graças a nosso senhor pella vitoria. q̄ alcançara por seus capitaens de Cunhale Marcá, que se fez da Sé a são Domingos com toda a solennidade possível: e antes de sair da Sé offereceo o Conde hũa peça de borcado e quinhentos Xerafins pera os feitos e guarniçoens d'hum ornamento que della mandava fazer. E passando a procissão pella misericordia entrou dentro o Conde e offereceo mil Xerafins em dinheiro pera casamento de orfans que logo se casarão, e em são Domingos offereceo duzentos Xerafins pera hũa peça da samchristia: e todas estas offertas fez o Conde de sua propria fazenda, imitando nellas os famosos e valerosos capitaens Afonso d'Albuquerque, e dom Ioão de Castro que assi o costumarão fazer quando lhes Deos. nosso senhor concedia algũa vitoria. E passou hũa provisão ao cabido da Sé de Goa de cento e cincoenta Xerafins em cada hum anno com obrigação de festejarem com vespersas e missa cantada dos Anjos, de que o Códice era devoto, todos os annos o dia em que se alcançou esta vitoria, e que irião em procissão a são Domingos. E no anno de 610. alcançou o dito Códice sendo presidente do cóselho da India confirmação desta merce de sua Magestade.

gestade. E o mesmo ordenou o Visorrey dom Ioão de Castro pela vitoria que alcançou em Diu, como fica dito em seu lugar. E tambem o Visorrey Matias d'Albuquerque ordenou outra procição no dia em que alcançou vitoria no morro de Chaul: mas não assentou por isso porção ao cabido como tem estoutras.

CAPITULO XI.

De como forão sentenceados por justiça o Cunhale Marca, e Chinale.

DEIXAMOS o Cunhale no tronco de Goa, e com elle o Chinale, e os mais Mouros que dissemos, sobre quem se teve sempre muita vigia ate ser tempo de se fazer delles justiça que suas culpas merecião, que se se não fez mais apressadamente, foi por que a infirmitade do Conde se ya agravando mais e não lhe dava lugar pera entender nisto: mas tanto que se foi achando melhor mandou aos Desembargadores que verbalmente sentenceassem á morte Cunhale por levantado a seu Rey e senhor natural, e por Pirata inimigo de christãos. Responderão os Desembargadores que avia de correr ordinariamente, de que infirio o Conde Visorrey que ti-

nhão algum intento particular, e mādou ao Ouvidor geral preparasse os autos, e nelles lhe mandou como assessor de capitão geral escrevesse sentença de morte, que foi executada, como logo abaixo se vera, e o Conde assinou conforme ao seu regimento. Pello que se formarão autos contra elles, e o promotor da justiça veyo com seu libello que provou bastante mente. E pellos merecimentos dos autos, e da verdade sabida e notoria, foi sentenceado que morresse degolado, e que seu corpo fosse feito em quartos, e postos pollas prayas de Bardes e Pangim, e que a cabeça fosse salgada e levada a Cananor donde a arvorarião na praya sobre húa astea pera terror e espanto dos Mouros, e vissem em que veyo parar hum tyranno que trazia sopeados e tyrannizados a todos. O dia dantes em que se esta sentença avia de executar, mandou o Conde fazer hum cadafalso de madeira no terreiro do passo, e sobre elle foi posto o Cunhale que naquelle auto mostrou muito animo. Mas primeiro que chegasse a este estado foi muitas vezes convidado e amestado, que se quizesse meter no rebanho de Iesu Christo nosso senhor, por muitos religiosos de todas as ordens que trabalharão bem nisso por ganharem aquella alma e a trazerem á manada do senhor.

senhor. O que elle não quis aceitar: por que esta nação de Mouros Arabios desta casta Naiteas, que cuidou este era, de maravilha aceitão rezoens contra a falsidade sua lei e crença. Posto o Cunhale em cima do cada falso estado o terreiro do passo todo cheio de gente que concorreo a ver aquelle espectáculo, alevantou hum porteiro a voz dando hum pregão em que dizia a causa por que morria o Cunhale Marcá: q̄ era por tredo a seu Rey e senhor natural, e por pirata e cossairo, e grande perseguidor de christãos que martyrizava com exquisitos generos de tormentos, e outras culpas diabolicas. E logo foi posto no cepo ate onde chegou com muito acordo, e cortarão lhe a cabeça fora dos ombros como traidor.

Depois da hi a alguns dias se tirou Chinale, pera se fazer delle a mesma excusação: mas a este coubelhe melhor sorte, por que como em moço se criou entre os Portugueses, foi mais facil a se render e pedir que o bautizassem declarandolhe os padres q̄ nem por se fazer christão avia de deixar de padecer, por que as leis do reino se avião de executar: mas ja que perdia a vida do corpo, não quisesse perder a da alma. Ao que respondeo que muito bem sabia aquelle negocio, que o bautizassem que elle só por amor de Deos

queria ser christão, e não por temor da morte, nem por que cuidasse que lhe avião por isso de dar a vida: e assi foi bautizado e se chamou Bertolameu, mostrando no exterior vontade e gosto, e depois foi tirado a justificar e levado ao pilourinho acompanhado da santa misericordia e dos mininos orfãos, que forão rogando a Deos por elle: e seu corpo foi enterrado em sagrado. Todas estas cousas deixou o Conde Almirante aos ministros da justiça pera q̄ fossem executores dellas. O sobrinho do Cunhale e os outros Mouros que vierão prezosa Goa no tronco d'elle se consumirão todos poucos e poucos por q̄ os ajudarão. E passarão de trinta antre christãos e Mouros os da casta de Cunhale que o Conde Visorrey tirou do mundo, e nenhum, q̄ ouve á mão, lhe escapou.

CAPITULO XII.

Do que socedeo em todo este verão a armada do Norte. E das cousas em que o Conde Visorrey proveo: e armadas q̄ forão pera fora. E das pazes q̄ concedeo ao Rey de Travancor.



Altanos só deste verão continuar com a armada do Norte q̄ andava por capitão mór Goterre de Monroy de Beja que deixamos

deixamos pera este lugar por que as coufas do Cunhale nos occuparão todo o tempo, e tambem por que não socedeo cousa notavel. Partido este capitão de Goa foi correndo a costa do Norte ate a barra de Surrate onde ficou esperando pellas Naos que avião de vir de Meca: e passada a monção dellas atreveffou á fortaleza de Dyu a recolher o rendimento d'aquella alfandega pera o mandar pera as necessidades do estado que erão grandes pollas muitas despezas que o Conde Almirante tinha feito na jornada de Cunhale e nas mais armadas. Esta jornada fez com cinco navios, e os mais despidio pera outras partes em busca d'alguns ladroens de que este verão ouve poucos por estarem todos occupados na defensão e guerra de Cunhale. E indo elle na volta do mar com grandes mares e vento, como de ordinario ha naquelle golfo, no meyo d'elle encontrou hũa Nao de Meca que cometeo e a rodeou com os navios, e a foi batendo com a artelharia portodas as partes por não ser possível abordala polla grossidão dos mares por que se desfarião nella os navios: e dous dias continos a foi perseguindo e a pôs em tanto aperto, que lhe fez alijar ao mar muitas fazendas. Em fim por ser o vento muito rijo, e ter grande velame e ombros se foi acolhen-

do e çafando dos nossos navios com muita gēte morta das bombardas e arcabuzaria. E chegando a Dyu arrecadou o dinheiro, e recolheo os navios com que voltou pera Baçaim onde lhe derão cartas do Conde Almirante em que o mandava chamar pera ir coelle na jornada que cuidava fazer a Cunhale que foi contrariada do conselho, como temos dito, com o que se partio pera Goa. E chegando á barra achou recado que se tornasse, por que jaceffara sua pretenção: pello que se tornou pera a costa do Norte, e por ella andou dandolhe guarda e segurando os mercadores pera livremente poderem navegar: e neste exercicio andou todo o verão, e no fim d'elle se recolheo a Goa com as cafillas de todas aquellas fortalezas.

Neste tempo se recolheo tambem dom Fernando de Noronha que Andre Furtado despidio de Cunhale pera o cabo do Samorim, e trouxe hũa grande cafilla de Naos e navios, e nella mandou El Rey de Travancor hum embaixador pessoa principal de sua casa chamado Irimiacha Pula, a tratar de pazes com o Conde Almirante, que elle recebeo muy honradamente, e logo o ouviu pera o tornar a inviar nos navios que avião de ir pera Cochim. E da parte do seu Rey deu muitas satisfaçoens ás fortalezas que
tinha

tinha feitas, affirmando que as não alevantara com tenção de prejudicar á nossa de Coulaõ. Que elle se mandava offerecer pera fazer muitas demonstraçoens de amigo, e estar por todos os capitulos e cõdiçoens de pazes que se lhe possessem, e que elle trazia poderes do seu Rey pera aceitar tudo e pera as jurar conforme a seu costume. A este requerimento satisfez o Conde ao embaixador com lhe dar huns apontamentos affinados por elle das cousas a que aquelle Rey se avia de obrigar pera demonstração da amizade que pedia com o estado que são os seguintes.

Se El Rey de Travancor quer ser irmão em armas d'El Rey de Portugal ha de fazer as cousas seguintes.

Primeiramente ha de dar licença pera se pregar o sagrado Evangelho em suas terras livremente a toda sorte de pessoa sem a isso aver contradição algũa. E todos os que se fizerem christãos não perderão os officios, honras, dignidades, ou cargos alguns q̄ antes disso tivessem: nem por isso perderão cousa algũa de suas fazendas, q̄ poderão deixar a quem quizerem: ou erdarão seus erdeiros sem se nisso entremeter El Rey em cousa algũa, nem seus regedores e officiaes.

Que se poderão edificar as igrejas q̄ forem necessarias pera

a christandade em todas suas terras nos lugares que parecerem bem aos padres que andarem na conversão. E estas serão couto aos que a ellas se acolherem, como são antre os christãos. E os padres que nellas estiverem poderão fazer justiça dos christãos nas cousas tocantes a lei dos christãos sem se lhe a isso pór duvida, ou impedimento algum. E as igrejas se farão como nas terras d'El Rey de Cochim.

Que os padres que servirem nas igrejas e andarem entre os christãos poderão livremente andar por todas suas terras com a guarda q̄ lhe parecer em tempo de guerras: e dellas passar a outras terras, e descorrer como lhe parecer sem contradição algũa.

Que as igrejas dos christãos de são Thome que estiverem em todas suas terras que forem sogeitas, e Cassanares q̄ nellas estiverem terão os mesmos privilegios, e izençoens que as outras igrejas mais tiverem: e os padres q̄ nellas estiverem nem El Rey, nem cousa sua se entremetarão em cousa algũa dos ditos christãos de são Thome tocante á lei dos christãos. Nem lhe porão tributo ou pena algũa de novo, antes os favorecerão em tudo guardandolhe seus privilegios antigos.

Que não consintira em tempo algum ser recebido entre os christãos

christãos de S. Thome q̄ morão nas terras sogeitas a elle, bispo ou perlado algum senão o que vier por ordem do Papa, e d'El Rey de Portugal, e deste estado: e a todo outro sera obrigado prendello entrando em suas terras, e entregalo na fortaleza de Coulão, ou onde os Portugueses lhe requererem.

Que os Portugueses poderão andar livremente por todas suas terras com todas as mercaderias que quizerem sem lhe ser feito algum agravo, nem lhe porem juncoens, ou outras obrigaçoens algúas. E seja amigo de nossos amigos: e imigo de nossos inimigos. E sera obrigado a defender a fortaleza de Coulão sendo necessario, e mandar vir todos os mantimentos necessarios pellos preços ordinarios.

Que nas duas fortalezas de Coulão e Mamuge não farão obra algúia mais do que esta feito: e o modo de como se ão de aver com a fortaleza de Coulão: e o que sobre ellas se deve fazer, se concertara El Rey com o Visorrey do estado fazendo sobre isso particulares capitulos, e El Rey ficara obrigado a estar pello que o estado nisso determinar.

Não consintira nem sofrera que a Rainha de Chágarnate faça agravo algum aos Portugueses, ou a cousa da fortaleza: Nem porá novos juncoens, nem impi-

dira em algúia coufa aos tones ou embarçaçoens q̄ vierem ao porto do Caidaval: e fazendo a Rainha alguns destes agravos, sera obrigado a satisfazellos.

Que sera obrigado a dar o principe grande, e hum dos regedores por jangadas da fortaleza de Coulão:

E o treslado destes capitulos se deu ao embaixador pera sua guarda: e em Setembro ficou o Conde de mandar pessoa de confiança assentar estas pazes com El Rey e vellas jurar. Estes capitulos se fizeram aos vinte e cinco de Abril deste anno de seis centos: e logo mandou embarcar os embaixadores muito satisfeitos das honras que lhe fez o Conde Almirante, e dadivas q̄ lhe deu.

CAPITULO XIII.

Dos capitaens e soccorros que o Conde Almirante mandou pera fora. E do que socedeo a dom Ieronimo Coutinho, e as naos de sua companhia com algúas naos Ingresas na ilha de Santa Ellena.



Este mesmo tempo em que o Conde Almirante despachou estes embaixadores do Rey de Travancor, o fez tambem a alguns capitaens pera fora com quem iremos continuando.

tinuando. E o primeiro seja o Galeão com os soccorros e provimentos pera a fortaleza de Colombo, em que foi por capitão mór da gēte de guerra dom Francisco de Noronha que levou cento e cincoenta soldados repartidos por estes dous capitaes, Luis Fernandez de Taide, e Manoel de Taide, e neste mesmo Galeão se embarcou Nuno Fernãdez de Taide provido da capitania d'aquella fortaleza por se ter vindo della dom Pedro Manoel. E este Galeão deu á vella a tres de Mayo. E no mesmo tempo partio tambem o Galeão que ya com os provimentos pera as fortalezas de Amboino e Maluco, de que ya por capitão Fernão Pereira de Sande. E antes disto tinha mandado duas Galeotas de soccorro a Malaca pollas novas que avia de Naos Olandezas: e dellas forão por capitaens Estevão d'Albuquerque, filho natural de Fernão d'Albuquerque: e Trajano Rodriguez de Castelbranco. Despachou tambem o Conde Almirante neste Abril a Fernão d'Albuquerque pera ir entrar na capitania de Malaca, q̄ foi em hũa Nao sua: e em sua companhia forão as Naos de Malaca, China, e outras partes, e todos chegarão a salvamento se não só o Galeão de Maluco que se perdeu como a diante diremos. Mandou tambem o Cōde Almirante Visorrey

invernar capitaens e soldados a Damão e a Dyu. A Damão dom Fernando de Noronha capitão mór e Fernão de Sousa. E jurou as pazes com Vniaré Chararé Sobrinho do Samorim q̄ lhe mandou pera as ver jurar, e q̄ trouxe Cunhale de presente, o que tudo se fez antes de entrar o inverno.

Parece que nos yamos descuidando da armada de dom Ieronimo Coutinho que deixamos tomando a carga pera se partir pera o reino: pello que daremos rezão della, e do que lhe socdeo na viagem. E por que o capitão mór dom Ieronimo Coutinho partia de Goa, e as outras cinco Naos da sua armada, partião de Cochim, mandou o Conde Visorrey passar provisão a dom Vasco da Gama, que vinha por capitão da Nao sao Mateus, que fizesse o officio de capitão mór das cinco Naos, e os mais capitaens lhe obedecessem ate se encontrar com dom Ieronimo Coutinho que era o capitão mór. Este fidalgo, que ficou carregando em Goa, deu á vella dia de Natal pello grande aviamento que o Conde lhe deu, e foi seguindo sua derrota a que logo tornaremos. As outras cinco Naos, q̄ carregarão em Cochim, fizerão vella ate quinze de Janeiro do anno de seiscentos em que andamos, hũas primeiro que as outras. De maneira q̄ assi como cada hũa estava

D d carregada

carregada logo se partia sem esperar polla outra, e assi ya seguindo sua viagem com tão bom tempo, que aos vinte e cinco d'Abril foi a Nao de Diogo de Sousa tomar a ilha de Santa Ellena, levando em sua companhia hum Caravelão q̄ encontrou em dezasseis graos que ya do rio da prata pera Angola. E indo buscar o sorgidouro, que he defronte da irimida, virão furtas duas Naos Olandezas, que avia cinco ou seis dias que ali esperavão por outras duas de sua companhia. Diogo de Sousa que era hum fidalgo, a que chamavão o Galego por ser de Viana, tanto que as vio, preparou a sua Nao e fez lestes a sua artilharia, e foi sorgir hum pouco afastado dellas por ir muito falta d'agoa. E por que entendia muy bem que se se fizessem na volta do mar, os avião os coffairos de ir seguindo, e poderlhe yão dar trabalho: e assi preparado foi deitar ferro com muita confiança, e sua gente posta em armas, e repartida pellos lugares mais necessarios pera tudo o que se lhe offerecesse.

Tanto que sorgio chegou húa lancha, que se despedio logo das Naos, e hum pouco afastado da nossa, bradou hum homem pollos da Nao e disse em Espanhol q̄ o capitão mór daquellas Naos mandava dizer ao capitão q̄ logo se fosse a elle no seu batel e lhe

entregasse a Nao que vsaria bem coelle, senão que o mandaria buscar. O Diogo de Sousa tanto que ouvio o recado fez bornear hum falcão pera a lancha, e lhe mandou bradar q̄ chegasse mais perto que o não entendião. Mas os da lancha entenderão a tenção dos nossos, e não se querendo pôr á sua cortezia, voltarão com muita pressa, e derão ao seu capitão conta do que passarão, e do que sospeitarão.

Tanto que o capitão Olandez vio que a nossa Nao se não queria entregar, mādou a bater com a sua artilharia com muita furia e lhe matarão dous homens, e cortarão o masto de proa, e quasi a dezenfearão; e passarão o masto grande por húa ilharga com hum pilouro de ferro coado, de que erão todos os com q̄ tiravão á nossa Nao. Vendo a gente da nossa Nao aquelle destroço que em tão pouco tempo era feito, ficarão os mais delles tão atemorizados, q̄ se poserão pello bordo por onde o Caravelão estava pera se lançarem a elle e acolheremse por ser muito ligeiro. A isto acodio Diogo de Sousa e fellos recolher outra vez á Nao, dizendo algúas vezes palavras afrontosas: outras vezes persuadindoos a se defenderem como valerosos Portugueses, afirmandoos que pera contra aquellas duas Naos a sua bastava: e que esperava

esperava em Deos de as render e levar comfigo. E assi mandou laborar logo a sua artelharia com que tambem lhe matou muita gente e fez tal destrosso, que se forão os Olandezes alando por Rageiras ate ficarẽ atravessados polla proa da nossa Nao, onde não tinha mais que duas peffas d'artelharia pera dali com menos risco a baterem.

O mestre da nossa Nao, q̃ era homem muito experto e grande official, meteo no batel hũa ancora e a mandou lançar ao mar por hum dos bordos de feição q̃ ficou metida por junto da cana do leme, e ponda ao cabrestante foi a Nao virando, e ficando atravessada com toda a artelharia pera as outras Naos, que forão batendo por espaço de vinte horas com tão grande furia e terror, que não podendo os rebeldes aturar os danos que recebião da nossa artelharia, largarão as ancoras por mão, soltarão as velas e forão fогindo bem fostigados.

Os nossos, posto que destrosados e desbaratados, ficarão com a vitoria, e desembarcarão em terra onde acharão as pipas dos Olandezes que nella tinhamo pera encherem d'agoa, que lhe forão boas. E na irmidã acharão hum letreiro que elles tinhamo ali pera outras duas Naos de sua companhia q̃ ficavão no Achem

carregando. Por que estas vierão da Sunda, de que logo daremos rezão. E no letreiro lhe fazião a saber que os Iaos os tiverão seis mezes cativos ate chegarem outras duas Naos de sua companhia que os fizerão soltar. E a causa de sua prisão foi esta: Estas duas Naos, que os nossos aqui acharão, forão carregar a Sunda; e todas as patacas, que levarão, erão falsificadas e com muito pouca prata, e tendo comprado muitas drogas com ellas, vierão os Iaos a conhecer, a falsidade da moeda, pello que prenderão todos os que acharão em terra, e tiverão nos prezos quatro ou cinco meses ate chegarem outras duas Naos de sua companhia que soberão o caso e os resgatarão com darem aos Iaos outra moeda boa e de ley.

Partidas as Naos Olandezas da ilha de Santa Ellena, poserão os nossos logo as mãos ao concerto da Nao, dos mastos, e a enxarcearem de novo. E aos trinta d'Abri!l, cinco dias depois da batalha chegou a aquelle porto a Nao nossa senhora da paz, e aos tres de Mayo a Conceição, e a dozas seis a Nao do capitão mór que com partir de Goa, e mais cedo, chegou tanto depois. E de Diogo de Sousa souberão todo o soccesso, e ajudarão no a reformar do dano que os imigos lhe tinhamo feito. E no mesmo dia que o ca-

pitão mór forgio apparecerão as outras duas Naos Olandezas q̄ dissemos q̄ as outras esperavão q̄ vinhão carregadas de drogas: e indo demandar o furgidouro q̄ virão as nossas Naos, forão forgir na ponta da ilha, onde lhe os nossos não podião fazer nojo por lhe ficar o vento por proa pera as irem demandar. Dom Ieronimo Coutinho deulhe pouco dellas, e com tudo preparouse pera se o tempo lhe desse lugar, os ir comer. E no mesmo dia ja a boca da noite foi a Nao são Martinho de que era capitão Ioão Soares Anriquez demadar aquellá ilha, e descobrindo as Naos Olandezas cuidando serem as nossas, se fez na volta do már, e foi seu caminho na derrota do Brasil onde fez agoa e tomou mantimentos na baya de todos os Santos.

O capitão Olandez vendo q̄ não avia agoa naquella parte onde estava, despido hũa lancha com hũa carta a dom Ieronimo Coutinho em que lhe dizia: Que elles erão christãos e vassallos de hum Rey amigo do seu, que erão mercadores que andavão pello mundo buscando sua vida, q̄ estavam em necessidade d'agoa q̄ lhe pedia lhe dessem licença pera dali com suas lanchas a mandarem fazer ao posto onde ella estava.

Dom Ieronimo Coutinho lhe respondeo, q̄ pois erão christãos, e amigos dos Portugueses que fossen forgir junto d'elle, e que ali farião agoa muito a sua vontade: O que lhe mādou dizer por ver se os podia tirar d'aquella paragem, onde os elle não podia ir buscar. Os Olandezes entendendo o lanço do capitão mór não se quizerão por á sua cortezia, e deixarãose ali ficar mais cinco dias: e no cabo delles, que foi a vinte e hum de Mayo, chegou áquella ilha a Nao são Mateus em que yadom Vasco da Gama, q̄ ás bombardadas fez desamarrar as duas Olandezas, e nũa noite se fizeram á vela, e devião de ir demandar a costa de Guiné pera fazerem agoada de que estavam faltos. E logo o capitão mór dom Ieronimo Coutinho fez tomar agoa a dom Vasco da Gama: e com todas as Naos de sua conserva se fez á vela por ver se podia alcançar as duas Naos dos rebeldes: mas não nas pode alcançar por irem muy desviadas da sua derrota. E as nossas chegarão juntas ao reino que foi hũa grande felicidade. E sempre este fidalgo foi tão venturoso e bem afortunado nas viagens que fez, que chegou á India e tornou a Portugal com todas as suas Naos a salvamento.

DECADA DOZE

DA HISTORIA DA INDIA.

LIVRO QVINTO.

CAPITVLO I.

Das cousas que este anno socederão em Ceilão: e das vitorias que os nossos alcançarão: e tranqueries que fizerão contra os inimigos.

DEpois de alcançadas as vitorias que dissemos do tyranno dom João na ilha de Ceilão, e depois de chegar a dó Ieronimo d'Azevedo o socorro que dissemos que o Conde Visorrey lhe mandou em Setembro de noventa e nove, ajuntou seu exercito e passouse ao lugar de Mutapali mealegoa do reino de Candea, onde alevantou hum arrezoado forte de madeira com seus entulhos e cavas, capaz de recolher todo o arrayal. Este forte fez por ser no meyo d'antre as sete Corlas e o reino de Candea com que ficava fechando as portas ao inimigo, e deixalo dentro como encurralado. Disto se recintio tanto o tyranno, que se quis antes arriscar a se perder, que a consintir aquelle grillhão que lhe

ficava sendo bem pezado. Pello que ajuntou suas gentes e se foi alojar perto daquelle lugar em hũas serras asperas e fortes com tenção de com correrias e assaltos estrovar aquella obra aos nossos em q se dava muita pressa. Dom Ieronimo d'Azevedo foi logo avisado de sua tenção, e parececolhe necessario trabalhar polo desalojar e lançar d'elle: por que se se fortificasse naquelle lugar, alem do impedimento que seria pera a conquista do reino de Cãdea, ficaria o inimigo com reputação entre os Chingalas, e elles cobrando animo: vendo q a despeito dos nossos tanto em brassos com elles alevantavão tráqueiras e se fortificavão. Pello que mandou logo Salvador Pereira com duzētos e trinta soldados, e dous mil e quinhentos Lascarins da terra pera ir dar no inimigo nua madrugada ficando o geral no lugar da tranqueira; que fabricava, com cento e cincoenta soldados, e quinhentos Lascarins prestes e muy negociados pera acodir aos seus sendo necessario. E partidos os nossos na entrada do

do coarto d'alva forão pello caminho ganhando e arrazando algũas tranqueiras ate chegarem a cima onde o imigo estava alojado: E cometendo o arrayal o entrarão e queimarão com grande determinação, e depois em campo aberto tornando os imigos sobre si tiverão com os nossos hũa muito aspera batalha: por que da parte dos imigos se affirma aver tres mil espingardas sendo antre todos oito mil. Mas os nossos se sustentarão com grande valor ate perto das onze horas do dia q̃ o capitão geral lhe mandou que se recolhessem a elle como fizeram, vindo os do tyranno carregando sobre elles tão tezamente, q̃ foi necessario ao geral soccorrellos com o poder que tinha e com novas monçoens com q̃ todos cobrarão tanto animo, que voltarão sobre os imigos com tal impeto, que os poserão em desbarato, ficando nesta jornada mais de trezêtos mortos, e antre estes muitos modeliares, sem da nossa parte aver mais perda que dous Portugueses mortos, e perto de vinte dos Lascarins, afora muitos feridos. O geral com esta victoria se recolheo ao forte com q̃ foi continuando: e tanta pressa lhe deu, q̃ em hum mez se acabou de todo com suas cavas e contra cavas e o proveo de capitão com coatro companhias de soldados: e com mantimentos e monçoões

pera muito tempo, por que se receou que o imigo o cometesse com mór poder por esperar soccorro de Badagas da outra costa: e com isso mandou reformar todos os fortes q̃ tinha por aquellas partes pera estarem todos providos pera o que lhe socedesse, o que socedeo ate lhe chegar o soccorro que lhe o Conde Almirante mandou por dom Francisco de Noronha e Nuno Fernandez de Taide pera capitão daquela fortaleza de Columbo de que logo foi metido de posse depois de reformar os presidios como dissemos e os prover de novo, e fazer nova paga aos soldados. E mandou que todos se passassem às terras de Catrem Cambala Corla, fronteira as sete Corlas pera acabar de apagar algũas labaredas dos alevantados que ainda avia por aquellas partes, e tudo o que por ellas acharão desfizerão e desbaratarão os nossos: com o que se meterão os imigos pello intimo das Corlas sem tornarem a parecer.

Afugentados todos mandou o geral que se fizesse naquelle lugar de Catu Cambala hum fermoso forte de madeira de duas faces com seus entulhos e cavas como se fez com o que os imigos ficarão encolhidos, e os nossos poderem entrar mais livremente por suas terras e assaltalos. E por q̃ andando nesta obra foi o geral ávisado

avifado que os imigos se tornavão a reformar nas sete Corlas com pertençaõ de tornarem inquietar os nossos, mandou o geral dar nelles duas legoas pellas suas terras dentro ate o lugar onde estavão, tendo os caminhos cortados e feitos nelles seus valos e trincheiras tão fortes que estavão nellas com muita confiança: e sabendo q̄ os nossos lhe deixavão muitas aldeas abrafadas, e q̄ lhe levavão muita gente cativa, fairão a dar nos nossos indosse ja recolhendo, e cometerão a retaguarda com grande furia: mas acharão tal resistencia, que com mortes de muitos se recolherão fogindo: com o que todas as terras d'aquella parte, que estavão abaladas a se rebelarem, se quietarão. E forão tantos os danos q̄ receberão os moradores das sete Corlas, q̄ os seus principes mandarão pedir pazes ao geral, que lhe elle não concedeo: mas concedeo lhe tregoas com suspensão das armas, e restituição dos cativos que tinham em suas terras. Neste estado ficarão as cousas desta ilha neste inverno de seiscentos em que andamos.

CAPITVLO II.

De hũa Nao Olandeza que foi ter as ilhas de Iapão, e da derrota q̄ le vou: e do que lhe socedeo. E de huns cofsaivos Iapoens que forão ter as Felipinas.



Este anno de seiscentos em que andamos quasi neste mesmo tempo aportou hũa Nao Olandeza ás ilhas de Iapão ao porto de Xativai do reino de Bungo: e como naquelle tempo não era monção de virem Naos da China, nem das Felipinas, pareceo aos padres da companhia, que ali residem, que poderia ser algũa que ya da nova Espanha pera os Lusoens q̄ com algum temporal iria delgarrada. Mandarão recado a El Rey de Bungo pera que lhe mandasse acodir por lhe não acontecer algum defastre: ao que logo mandou prover. E no mesmo tempo dous padres da companhia, que residião junto de Xativai vendo a Nao acodirão com algũas embarcaçoens pera lhe socorrer: e chegando perto della que conhecerão ser de Olandezes, tornarão a voltar. Alguns Portugueses q̄ estavão em Naganzaque, tanto que souberão da Nao, avisarão por cartas a Tirazava Governador geral d'aquelles reinos da parte do Ponente, de como aquella Nao era de Luteranos cofsaivos imigos dos Portugueses e de todos os christãos. Com este recado, e com ja ter cartas d'El Rey acodio o Tirazava no reino de Bungo, e mandou meter a Nao

Não no porto, e lançou mão dos Olandezes e fazenda de que se fez inventário, e as que se lhe acharão são as seguintes.

Onze caixões de panos de lã grossos. Hum cofre com quatrocentos ramais de corais: e outros tantos de Alambres. Hum caixão de contas de vidro de cores: alguns espelhos, e oculos: muitas gaitas de mininos. Dous mil cruzados em reales. Dezanove peças d'artelheria de bronze grossas, e outras miudas. Quinhentas espingardas: e cinco mil pilouros de ferro coado: trezentos de cada. Cincoenta quintaes de polvora. Tres caixões de sayas de malha. Tres coartos de corpose peitos de aço. Trezentas e cincoenta lanças de fogo. Muita pregadura: muito ferro: muitos machados, fouses, e enxadas: e outros diversos generos de instrumentos, como aquelles que parece q̄ vinhão conquistar e povoar. Confessarão q̄ os annos passados de 98. 99. partirão dos estados de Olanda quinze Naos pera passarem a Sunda e Maluco de que não davão rezão nenhũa. E pera que se saiba dellas, daremos relação das que foubemos, e do que lhe aconteeo.

O anno que dissemos partirão do porto de Rotterdam estas quinze Naos q̄ forão juntas ate a costa de Guiné onde se apartarão em tres escoadras. Hũa dellas

passou logo o cabo de boa esperança e foi na derrota da Sunda onde se apartarão tres Naos, e as duas forão tomar o porto do Achem, com quem logo continuaremos. Da outra escoadra não foubemos o que passou. A terceira de que era capitão hum Baltezar da Corda andou polla costa do Brasil ás prezas algum tempo: e dali se passou a Angola onde fez alguns danos, e depois se tornarão a fazer na volta do estreito de Magalhães que embocarão, e dentro nelle se detiverão dez meses com muitos trabalhos e fomes. E em algũas saídas que fizerão a buscar agoa e mantimentos lhe matarão alguns homens: e tanto que tiverão tempo passarão o estreito a outra banda, e voltarão sobre a costa do Peru onde lhe deu hũa tormenta tamanha, que as apartou. E hũa foi correndo sua ventura em demanda das ilhas de Maluco onde chegou. E logo a diante daremos relação della. Outra parece que desapareceo por que não achei novas della. A outra de que era capitão hum foão da Corda, sobrinho de Baltezar da Corda capitão mór, foi correndo a tormenta polla costa, e acalmado foi tomar a fortaleza de Chile no Peru. E sabendo que estava quasi sem gente, derão de supito nella, e a entrarão com morte d'algũs dos que estavam dentro, e roubarão,

rão, e profanarão os templos, e tudo o que avia na fortaleza deixando-se ficar nella alguns dias rão descansados como se estivessem em Frandes.

Sabidas estas novas pellos espanhóes que estavam pello sertão, ajuntarão-se algúas companhias e cometendo a fortaleza entrarão na por não serem mais q̄ vinte framengos os que estavam nella: e destes matarão quinze, e os cinco que ficavão se lançarão pellos muros a baixo: e à nado forão buscar a Nao, e os della lhe acodirão co batel e os salvarão, e entre estes cinco foi o capitão Corda. E fazendo-se á vela forão na demanda de Maluco onde chegarão e forjirão no lugar de Soli da ilha de Tidore mea legoa de nossa fortaleza, estando ja em Ternate outra Nao desta companhia: a que falta he esta Nao q̄ temos em Iapão que foi correndo coa tormenta por onde pode, e teve tempos tão desvairados q̄ pos a te chegar ao tropico de Capricornio coatro meses, onde lhe deu húa infirmitade de mal tão contagioso, que em breves dias morrerão ceto e cincoenta e cinco pessoas em que entrou o capitão Corda, ficando vivos sos vinte e cinco que não bastavão pera marear a Nao. Pello que se deixarão ir a ventura dos ventos, ate elles e as agoas os levarem a Iapão como dissemos, onde desem-

barcarão todos tão debilitados, que parecião homens mortos.

Aquelle Rey tanto que mandou despejar a Nao, mandou á aos reinos do Canto a carregar de madeira, e os Olandezes q̄ estavam mais sãos, os mandou servir de bombardeiros em húa guerra q̄ mandava fazer a hum senhor alevantado que se chamava Cangeatica. O piloto desta Nao era Ingres bom Cosmografo, e com algum conhecimento da Astrologia: confessou em Meaco aos padres da companhia que o principe de Orange se servira ja delle algúas vezes em jornadas de muita importancia: principalmente nos annos de noventa e tres, noventa e coatro, e noventa e cinco que o mādou a descobrir caminho por cima da Biarmia e Fimmarchia pera as suas Naos passarem a Iapão, China, e Maluco pera lhe levarem as riquezas de todas aquellas ilhas: por aver que por la lhe ficavao caminho mais perto e mais desviado da nossa armada. E q̄ da derradeira vez, que foi o anno de noventa e cinco chegara a oitenta e dous graos do Norte: e que com ser a força do verão, e os dias quasi cōtinuos por não aver noite senão se era de duas horas, achou os frios tão excessivos, e tantos os caramellos e neves que se desfazião por aquelle estreito a baixo que dando de rosto na sua Nao,

E c a

a fizerão voltar. E affirmava que se se encostara á costa da Tartaria da parte da mão direita, e se de longo della fora correndo a Leste ate o boqueirão de Anião que entra por antre as terras da Asia e da America podera sair com o seu intento. E affirmou mais este piloto q̄ os Olandezes não desistirão de seu intento ate levarem esta impresa ao cabo pellos grandes desejos q̄ tinham de descobrir este caminho. E ja os Ingreses tratarão de descobrir esta viagem polla via do Ponente por antre as ilhas de Groelandia e a terra do Lavrador: mas que pollas mesmas difficuldades se tornarão do caminho, como o fez aquelle grande piloto Gavotto ha mais de corenta annos. E em hum globo que este piloto trazia, de que na China se tirou outro que eu tenho em meu poder, se vem claramente estas duas partes por onde tentarão passar a estas. E postas em graduação esta ilha Iapão com todos os seus reinos ate sobre a terra de Chincungu onde affirmão aver aquellas ricas minas da prata. Disse mais este piloto q̄ quando o principe de Orange vira que por aquellas partes não podera sair com seu intento, que armara estes quinze navios em cuja conserva elle viera pera irem á Sunda e Maluco carregar de drogas.

Neste mesmo tempo que esta

Não chegou a Iapão sairão daquella ilha dezasseis navios de coffairos a roubar, estes chegarão ate as ilhas Felipinas: e no caminho tomarão hũa Nao de Chins que yão pera aquellas partes com fazendás que montavão sessenta mil pezos. E assi tomarão mais outra embarcação das Manilhas e matarão e cativarão alguns naturaes dellas; e tres soldados espanhoes: do que o Governador da Manilha se mandou queixar a Daifuxama Rey do Canthem que logo mandou armar alguns navios contra estes coffairos, e encontrandosse se invistirão e tomarão hum dos seus navios em q̄ acharão alguns dos Olandezes que forão na Nao. E depois por tempos o Daifuxama ouve as mãos muitos daquelles coffairos, e a todos mandou enforcar: e fez lei que não podessem ir as Manilhas mais que coatro navios cada anno, e que todos os mais fossem perdidos, e seus donos crucificados.

CAPITULO III.

Do principio do reino Pegu, e dos Reys que teve. E dos reveses que a fortuna lhe deu.



Omo he costume do mundo, ou pera melhor dizer escarneo e zombaria delle não sobir apressadamente hum estado a grande

grande Monarchia que coa mesma pressão não torne a derribar e pór por terra: por que as coufas muito grandes com seu proprio pezo caem. Assi aconteceu a este riquissimo e opulentissimo reino de Pegu. Por q̄ sendo conquistado por El Rey de Ova e Brama, chamado Pranginoco os' annos de mil, quinhentos, corenta e coatro, como largamente o tenho dito no capitulo oitavo do setimo livro da minha sexta Decada, foi sobindo com tanta pressão nelle e em seus herdeiros, que de então ate este anno de noventa e nove, que são corenta e cinco annos chegarão a ser Monarchas de quasi Cem reinos, e das mores riquezas e poder que o mundo vio. E desfandando a fortuna a roda em menos de hum anno se acabou toda esta potencia sem ficar de tudo mais q̄ húa sombra e ainda menos: por que não ha oje daquelles Monarchas húa herdeiro q̄ possua húa muito pequena aldea, digo neste reino Pegu, onde elles assentarão a cadeira de seu imperio. E pera mostrarmos melhor este escarneo do mundo, contaremos primeiro seu principio, poder, e riqueza (posto que ja na sexta Decada temos mostrado parte disso) e depois sua roina e destruição.

Quanto ao principio deste reino Pegu, achasse em seus livros que ha perto de mil annos que se

descobrio por esta maneira. Tudo quanto ha oje do már de Pegu ate o reino do Brama, que são mais de sessenta legoas, estava cuberto d'agoa por que chegava o már ate o reino Brama, como dissemos: e q̄ andando hum peccador em hum barco com outros companheiros os levava a corrente das agoas que comessarão a decer com grande força por onde andarão cinco ou seis dias como perdidos e descoraçoados, e ja sem alento forão aportar a húa ferra alta q̄ se chama Diaca onde oje esta a cidade Pegu, e ferrando nella se amarrarão e descançarão, que yão como mortos. E de infinitas Marrecas, que avia naquella parte, se proverão pera a torna viagem. E antes que se partissem virão que se ya descobrindo húa grande terra q̄ o már deixava como alagada. Assi como aconteceu no tempo do diluvio geral. E tornando pello rio acima forão a Tangu onde o seu Rey residia e lhe derão conta do caso, e da grande terra que se ya descobrindo. Admirado o Rey do caso, tornou o a mandar com mais embarçoens e algũas pessoas de credito pera verem o que passava, e o informarem da verdade do caso. E achando ser tudo assi que o barqueiro dizia, voltarão pera o Tangu a darlhe conta do que virão. O barqueiro com muitos companheiros dei-

xarão se ficar naquella parte que ja estava toda descuberta : e no modo da terra virão que avia de ser fertilissima. Pello que determinarão de fazer ali seu assento, e mandarão trazer suas molheres e filhos. E á fama da terra ser prospera, foi decendo do sertão pera aquella parte muita gente pobre com que se começou a fazer hũa boa povoação. E por que não podião viver sem cabessa, fizeram ao barqueiro seu capitão e Governador, q̄ como era homem prudente e esforçado, começou logo de pór a todos em policia humana: repartindo os campos, ordenando povoações, e dando ordem a cultivarem e semear as terras, que comessarão a dar fruto abundantissimo, e descobrir a riqueza de suas minas da fermosa pedraria de Robis, de q̄ aquelle reino he o mais abundante de todo o mundo, e de finissimo ouro. De maneira que em poucos annos se descobrio e povoou aquelle reino que tinha cento e sessenta legoas por costa de Norte a Sul. E pera o sertão cento, cento e vinte, e cento e trinta legoas em partes. E a toda esta terra pós o barqueiro nome, Poigou, que em sua lingua quer dizer Eu o achei primeiro: e seus naturaes se chamarão, Poigous, e corrompendosse o vocabulo tomárão o que oje tem de Pegus.

Vendosse o pescador tão prof-

pero e obedecido tomou o titulo de Banha, que quer dizer Governador. E assi em suas escrituras comessarão estes Pegus neste barqueiro o catalogo dos seus Reys com quem logo continuaremos. E como todos estes gentios costumão a dar honrosos principios a seus Reys, dizem elles em suas historias que este pescador nacera de hũa flor, que elles la chamão Chades Chaoestu, que são os ramos de hũas certas cardeiras q̄ quando espigão deitão hũa maçaroca como a do Milho Zaburro, que vem saindo dantre algũas folhas finas e amarelas: e a semente de dentro he miuda e almeicegada e tem algum cheiro: por que as Genticas da India as estimão muito, e as metem antre os cabellos pera lhe cheirarem, e destas ha muitas nesta ilha de Goa a que os Canarins chamão Chedaga. E por que este barqueiro só não leve esta honra, dizem tambem que sua molher naceo de hũa Combalenga que he hum pomo muy ordinario na India de que fazem algũas feçoens de conserva tão fria, que se da em lugar d'asucar rosado, e são do tamanho e feição dos meloens grandes, e ha algũas tamanhas que assas fara hum moço em alevantar hũa só. A este pomo chamão os Pegus Sapua.

Ora posto este barqueiro ja em

em estado de Rey pondo sua cadeira na cidade de Pegu, que elle começou a edificar, quis tambem alevantar alguns templos a seus idolos, a que elles chamão Varellas, e assi começou a abrir os alicesses pera hum que determinava fazer de grãde sumptuosidade, e em baixo no fundamento acharão hum Sino de metal da feição dos nossos de sete brassas em roda, e a borda de palmo e meyo de grossura, e tres brassas d'altura, e á roda por baixo tinha hum letreiro de letras de relevo mūy bem feitas, cujos caracteres não são conhecidos, nem se entendem de todos aquelles Genticos. Este Sino mandou pór sobre esta Varella, q̄ foi hũa das grandes obras do mundo: e foi sempre tido de todos os Genticos em grande veneração.

E fazendo nós sobre isto nossas conjeituras, me parece q̄ este Sino foi obra do Apostolo são Thome que andou por ali pregando a lei da graça sendo aquella terra então povoada de Chins: por que elles tem em suas escrituras que ja forão senhores de todos aquelles reinos, e assi tem muitas cousas ainda suas: por q̄ a obra de seus templos, que são Varellas, sem duvida foi dos Chins. E este modo de Sinos não nos vfarão nunca neste Oriente senão entre os christãos q̄ o santo Apostolo mandaria fundir pellos

Chins que são os mores officiaes que o mundo tem de todas as obras. E prova mais esta minha opinião dos Chins serem senhores destes reinos isto: q̄ abrindo este primeiro Rey os alicesses pera fabricar seus passos, acharão em baixo hũa antora de ferro coado, que so na China o fazem, com quatro vnhas como os das nossas Galés, tão grande que em nossos tempos andou em hũa Nao d'hum mercador Portugues chamada a Lagra, morador na povoação de são Thome. Esta antora se tornou a perder ha poucos annos no mesmo már de Pegu, onde se perdeu a nao em que andava. Ou poderemos tambem cuidar que esta antora fosse de algũa das Naos q̄ Salamão mandou áquellas partes buscar coufas pera o templo de Ierusalem. Por onde parece q̄ ja o már chegou ate aquella cidade de Pegu, e q̄ ali forgião as Naos que he a distancia que dissemos, o q̄ tudo cobrio aquelle diluvio q̄ dizem que ouve ha mais de mil annos que alagou e cobrio mais de cem legoas de terra: e segundo minha presunção era tudo então povoado de Chins.

Agora continuemos com o catalogo destes Reys Pegus, começando deste barqueiro q̄ foi o primeiro Banha. Socedeolhe seu filho chamado Dom Chetim que viveo oitenta annos. E a elle
seu

seu filho Banha Tam: e a este Banha Cael: e logo Banha Vca Malanco. A este socedeo Banha Talanha: e a elle Banha Indá. E assi socessivamente socederão outros sete Banhas deste nome Indá. E ao derradeiro socedeo Banha Darar. E a este Banha Mampla. E logo outro Banha Indá. E assi tornarão a soceder outros sete Banhas do mesmo nome. E ao ultimo socedeo Banha Xemidó que foi o derradeiro Rey casta Pegu. E todos estes reinarão conforme á sua computação 540. annos: por que estes acabarão perto dos annos de 1540. em que hum Rey do Brama chamado Pranginoco, ou Práo Mandara (como lhe eu chamo na minha sexta Decada) deceo dos reinos do sertão com poder grocissimo, e conquistou e ganhou aquelle reino, e outros vizinhos e por fim veo a morrer a mãos d'hum pobre carreteiro Pegu a quem o mesmo Rey Brama tinha feito grande, e dado o titulo de Xemim que corresponde ao de Duque: e assi lhe chamavão Xemim de Satão por ser senhor desta cidade, como dizermos o Duque de Bargaça. E o caso desta morte se vera no quinto e sexto capitulo do segundo livro da minha setima Decada. E por morte deste se levantou por Rey o Xemim de Satão q' o matou, que não durou hum anno no reino, que estessão os escarcnos

do mundo: por que se alevantou contra elle hum Talapoi, que era seu religioso chamado Xemindoo; e o matou e se intitidou Rey: e assi esteve naquella potencia tres annos: por q' veo sobre elle Talanha Ginoco genro do Rey Pranginoco a cima. E vindo ambos a batalha encótrarão-se os pretencores cada hũ em seu Alifante, o de Talanha Ginoco genro do Rey Pranginoco levou no dente o Alifante do outro e o derribou: E o intitulado Rey sumiráono os Pegus, e o Ginoco se apelidou logo Rey, ou fez apellidar hum filho seu que era neto do Brama Pranginoco, ou Práo Mandará. Por que este Brama q' venceu o Xemindoo sendo de casta mediana casou a furto coa filha d'aquelle Rey pello modo e maneira que se vera na minha setima Decada a cima citada: e depois de vencer a batalha, mandou lançar muitos pregoens, e prometer grãdes dadivas a quem lhe trouxesse o Xemindoo e pós nisso tantas diligencias, que lho trouxerão prezo. E o dia que lho avião de apresentar, o esperou em hum teatro e trono alto muito ricamente ornado, cercado de muitos principes e senhores: e posto diante d'elle em pé nunca lhe quis fazer cortezia como a Rey, nem mostrar abatimento de sua pessoa. Disto foi tamanha a paixão que o novo Rey tomou, que

que o mandou lançar a hum Alifante bravo que fora do mesmo prezo, e em que elle costumava a cavalgar. E posto no terreiro donde todos estavão vêdo aquelle espectáculo, querendoo arremessar a elle o Cornaca que o governava, nunca o pode fazer ir por diante por que o conheceo: antes tornou a recuar a tras com grandes vrrros de sentimento de o ver naquelle estado, Caso semelhante ao de Androdo, que sendo em Roma leyado pera o lançarem a hum Lião faminto, elle se lhe foi prostrar a seus pes e lhos beijou e afagou: e sabido o caso, foi por aquelle beneficio que lhe tinha feito de lhe tirar d'hum pé hum estrepe que lho tinha encravado, pello que em quanto viveo o servio e acompanhou, gratidão que não sei se se achara em muitas pessoas.

Estando o pobre paciente no campo esperando que o Alifante o espedaçasse, se deceo do trono em que El Rey estava hum capitão Pegu a quem aquelle, que foi Rey, tinha feito muitas mercês, e chegandosse a elle naquelle triste e miseravel estado em que o via, se lhe prostou aos pes com muitas lagrimas e consolou o o melhor que pode. E ys aqui dous espectáculos em hū mesmo caso que podião confundir o mundo. O Rey que estava em seu trono vendo aquillo mandou chamar

aquelle capitão Pegu, e perguntoulhe se era aquelle o Talapoi q̄ foi Rey? ao que elle com muita liberdade respódeo que aquelle erao q̄ fora ja seu Rey e senhor, e o fizera grande, e o posera naquelle estado e lugar em q̄ estava, sendo dantes hum pobre e humilde Pegu: E que pois não tinha com que lhe pagar tantas mercês, nem valerlhe em outra cousa, o fazia com se compadecer de sua miseria e desventura. E q̄ se era possível fazerlhe merce da vida a troco da sua, q̄ seria a mór honra que podia receber na vida, nem merce de mór estima. Vendo El Rey tamanha fidelidade, consolou o com palavras muito honradas, e lhe disse que por amor delle dava a vida áquelle homem, e que o recolhessem em hum castello onde esteve alguns annos, e ali morreo ajudado. E não parando aqui, fez ao Pegu, Banha d'húa cidade, e lhe deu muitas rendas.

CAPITULO IV.

Da grande riqueza e potencia deste reino, e deste Rey Brama Talanha Ginoco que conquistou este reino Pegu.



Azendosse este barbaro Talanha Ginoco senhor dos reinos de Pegu pello modo q̄ dissemos, como era homem tão valeroso.

valeroso, que se podia meter no numero dos barbaros da fama, determinou de sobir a toda a monarchia de aquelles reinos vizinhos, que crão muitos, Pera o q̄ ajuntou dous milhoens d'homens e húa innumeravel fabrica como convinha a hum tão grande exercito. E passou a conquistar o grande e famoso reino Sião pelo modo que temos contado na nossa sexta Decada: donde tirou grandes tífouros, e pós de sua mão regedor que governasse aquelle reino. E depois conquistou os dos Iaos, Camboja, Chãpa, e os mais ate Cauchim China, e todos os que estavam ao sertão destes em que gastou tres annos. E assi chegou a tantã grandeza por seu braço e valor, q̄ veyo a ser Emperador de perto de cem reinos: cada qual delles de tanto poder e riqueza, que podera por si fazer hum grande imperio. E vendosse monarca de tudo o que avia de mais de duas mil legoas em roda (e não sei se satisfeito por que a cobiça humana de nada se satisfaz) tornou a voltar pera Pegu com o mór triunfo que se pode imaginar. Por que entrou em hum carro triunfante muito alto e grande todo forrado d'ouro de martello, e guarnecido de inestimavel pedraria, com coroa Imperial na cabeça de muitas pedras de grande preço, e riquissimas perolas. E as Rai-

nhas e princezas que cativou em todos aquelles reinos, que crão muitas e muy fermosas, assentadas no mesmo carro abaixo dos seus pés por elleir em húa cadeira muy alevantada, e todas ricamente vestidas a seu modo: e ainda que o não fossem de tellas sobre tellas, nem das outras louçainhas das damas da Europa, yão porem cubertas d'ouro, diamantes, robis, e perolas que não tinhamo estimação.

Por este carro, que era húa machina muito grande, puxavão muitos principes, Reys, Banhas, e senhores principaes assi cativos, como os seus proprios naturaes. Diante deste soberbo carro yão outros muitos de espantosa grãdeza e invenção, cheos todos de despojos e riquezas d'ouro, pedraria, estatuas d'ouro, prata, e metaes, cousa q̄ causava muito grande espanto e admiração ver aquella machina. E diante de tudo isto yão quasi dous mil Alifantes que ganhou naquelles reinos muy ajaezados e cubertos de panos de Seda e ouro. Na retaguarda yão aquelles innumeraveis exercitos em póto de guerra, q̄ era a mais fermosa que se podia ver. E com este aparato e soberbo triumpho entrou na cidade Pegu onde foi recebido com espantosas festas e aparatos não perdoando aos gastos, por que se fizerão excessivos.

Vendosse

Vendosse este barbaro na mór alteza que podia imaginar determinou de fazer hum templo, ou Varela em agardecimento das merces que seus idolos lhe fizerão pera nelle ordenar muitos suffragios, e tambem pera se enterrar nelle. E pera esta obra convocou á sua corte todos os Reys, principes, e senhores seus vassallos, que erão muitos, tendo-lhe mandado declarar o pera que os chamava, pera q̄ viessem apercebidos pera offerecerem naquelle templo seus doens. E como os teve juntos, foisse com toda a sua magestade ao lugar de Mahicon que era fora da cidade Pegu, como Belem de Lisboa, e ali armou húa rica tenda branca, e ao redor as de todos aquelles Reys, e o dia ordenado mandou abrir os alicesses pera o que estavam juntas grandes machinas de instrumentos, e muitos officiaes no q̄ se gastarão alguns dias: Por que o alicesse era profundissimo e muito largo. O dia em que se avia de lançar a primeira pedra nos fundamentos, foi El Rey o primeiro que lançou sua figura, e a de sua molher, e filhos todas d'ouro, e muitas baixellas do mesmo pera se servirem lá na outra vida: e assi lançou mais hum templo ou Varela todo d'ouro com seus corucheos, e hum lagarto d'ouro, e húa panella grande do mesmo com húa guedelha

dos cabelos d'El Rey: e todas estas peças de boa grandeza com muita e muito rica pedraria, por todas ellas: E a pós elle forão os mais Reys conforme a suas preferencias lançando nos mesmos fundamētos outras peças riquissimas d'ouro e pedraria. E forão as cousas que lançarão taes e tantas, que affirmão os Talapois antigos d'aquelle reino que se lançarão naquelles alicesses seis centos candis d'ouro, que pola nossa conta são duzentos moyos d'ouro: por que cada candil tem vinte alqueires, a fora a pedraria que affirmavão valer mayor contia pola riqueza e fineza della. A obra da Varella depois q̄ se acabou foi húa das grandezas que se pode contar por húa das maravilhas do mundo. E os idolos q̄ se poserão dentro, he cousa muito pera espantar a riqueza delles.

Os paços que este Rey fez na cidade nova de Pegu erão tamanhos q̄ elles so por si podião fazer húa fermosa villa das grandes do nosso reino de obra excelente e verdadeira mente imperial. Todos por fora e por dentro erão dourados e pintados de varias e diversas tintas de oleo. As camaras, varandas, corredores, salas, e o mais interior do serviço da Rainha, e de suas damas, era tudo forrado e cozido em ouro. A casa em que El Rey sempre estava, tinha todo o pavimento de ouro de

martello : e do mesmo era hum corredor, e húa varanda em q se El Rey costumava a assomar a ouvir parres. Na entrada dos paços e em toda a roda delles tem grandes e fermosas varandas e corredores como claustros, de mosteiros com seus alpendres todos dourados e maravilhosamente lavrados. Huns servião pera julgadores, escriptaens, tabaliaens, e todos os mais officios a seu modo. Outros d'outros officiaes, e de capitaens, gente de guarda, de veadores da fazenda, contadores. Em fim não se pode dizer nem escrever as grandezas e maravilhas destes passos.

A entrada delles á mão esquerda estava húa casa do risouro, onde se não recolhia ouro amocadado, se não estatuas de homens e molheres de espantosa grandeza todas d'ouro. E tem mais húa fermosa caza muy dourada, e ricamente guarnecida, em que estão por ordem as figuras dos Reys q reinarão, todas d'ouro e pedraria do tamanho que erão. E cada anno mete nesta casa o Rey q reina húa estatua sua : e por ellas se sabe os annos que cada hum reinou, por q tantas estatuas tem. E pera a mesma parte avia hús fermosas terecenas em que estavam seis Alifantes : huns ruivos, e outros mais claros, a que chamavão Alifantes brancos, de baixo de ricos doceis : estes comião e be-

bião em fermosissimas bacias de ouro, em que tambem lhe lavavão os peis : a fora dez ou doze mil Alifantes que este Rey tinha repartidos por differétes partes.

A entrada dos paços á mão direita estava húa fermosa torre de madeira, onde estava hum Sino grande da feição d'os da China q era de metal redondo com hum escudo, e tinha mais de vinte palmos de roda. E delle estava dependurado hum maço grande forrado de couro, e o pateo em q o Sino estava, tinhão de continuo aberto : chamavasse o Sino da justiça : por que quando algũa pessoa se sentia agravada d'alguem, chegavasse ao Sino, e dava com o maço húa grande pancada que logo se ouvia de todas as partes dos passos o estrondo q fazia : El Rey mandava logo saber que pessoa era agravada, e de quem por que a mesma hora ali era desagravada, de que ja falei nas outras minhas Decadas. E se agora o trago aqui he pera contar hum caso q ha poucos annos aconteceu. Estava ali hum capitão fazendo aquellas viagens de q era provido, tinha este fidalgo hum fermoso Cafre q o principe cobigou, e desejando muito mandou cometer ao senhor com muito dinheiro, que lhe elle não quis dar pollo principe ser Gêntio. Chegandosse o tempo da embarcação, mandoulho o principe tomar,

tomar, e dandolhe rebate desta força que lhe fazião, foise ao passo, e deu no Sino húa ou duas pancadas, e logo se meteo em húa embarcação que tinha muito ligeira, e foise pello rio abaixo embarcar na sua Nao, que estava dali a algúas legoas no porto de Cosmim. El Rey tanto que ouviu o Sino mandou logo saber quem era o queixoso: e como os seus lhe não podião mintir sobpena de morte, contarãolhe tudo o que passava. Pello que mandou com muita pressa os ministros a tomar o Cafre a casa do principe, e que logo com muita brevidade se entregasse a seu dono: e sabendo ser ja embarcado, tomarão húa Manchua muito ligeira e forão seguindo o capitão a te a Nao, e entregarãolhe o seu Cafre: e da parte d'El Rey lhe pedirão grandes perdoens, e indo o principe ao passo, o reprendeo o pay com muita colera e lhe disse: Que aprendesse a ser Rey: por q se elle fazia forças, que esperava fizessem os seus? Palavras erão estas não de principe Gentio e sem lume de fé, se não d'hum grande catholico e temente a Deos. O quem vira nos pateos das casas dos Reys christãos outros Sinos como estes por q então serião elles sabedores das forças, agravos, injustiças, e tyrantias que se fazem a seus vassallos, de q se não queixão se não a Deos.

E bem certo he que se souberão muitas cousas destas, que as emendarão e castigarão ate nos principes seus filhos.

Tinha El Rey em seus passos húa fermosissima varanda toda cosida em ouro com riquissimas grades toda em roda a que se assomava duas vezes no dia, e assentavasse em hum soberbissimo trono: e em baixo estava outra varanda muy grande descuberta a elle onde estavam os seus officiaes da justiça e fazenda. E capitães e governadores de provincias, e dali lhe davão relação de suas cousas, e elle lhe dava seus despachos. E todas as vezes que El Rey se assomava a esta varanda, se tangião sete trombetas de prata. E quando este Rey queria ir fora, ya em húa charola forrada d'ouro com muita pedraria: e era levada aos ombros de trinta e seis homens principaes diante de quem se yão tangendo as sete trombetas de prata, e outras que o não erão. E ao redor da charola yão sete sombreiros de tomar o Sol forrados d'ouro. E pellas ruas por onde ya, todas as pessoas que por ellas andavão se recolhião ás casas, e assentados no chão em quãto passava estavam coas mãos alevantadas. Eis aqui parte da potencia e riqueza deste barbaro, e muitas outras cousas se acharão na minha sexta Decada, onde se podem ver.

CAPITULO V.

Do cruel e miseravel fim que teve este reino de Pegu no anno de mil e seis centos em que andamos.



Emos mostrado o poder e grandeza deste imperio : agora mostraremos quão de pressa e miseravelmête tudo isto acabou, que parecera que foi hum sonho o que temos dito, e hum rayo que passou sem deixar rasto de cousa algũa. O caso foi como direi. Socedeo virem a este Monarca, de que temos falado, novas que o reino de Sião se lhe tinha rebelado : pello que mandou com muita brevidade ajuntar seus exercitos, e despidio com elles seu filho Mampa Raja, que chegando áquelle reino lhe começou a fazer guerra em que acontecerão casos muito notaveis, e ouve grandes feitos em armas que se veráo na nossa onze-na Decada, e por fim foi morto o principe Mampa Raja, e seu exercito desbaratado, e as reliquias d'elle chegarão ao reino de Pegu. E sabendo aquelle Rey o caso, foi tanta a sua dor e paixão, q̄ fez extremos exorbitâtes pella morte do filho. E hum d'elles foi mandar lançar pregoens por todo o reino de Pegu com penas de

morte contra toda a pessoa, de qual quer calidade que fosse, que senão mostrasse triste, e não possesse dó por seu filho, e que dentro em tanto tempo não ouvesse festas, nem se fizessem casamentos, nem outra cousa que tivesse semelhança de alegria assi no exterior como no interior.

Estando as cousas neste triste e miseravel estado socedeo fazer hum Pegu hum casamento dúa sua filha em muito segredo e escondido : e como em todos os estados da vida não faltem males, foi isto logo dito a El Rey, q̄ sintio tanto aquelle negocio como a propria morte do filho por cuidar que os Pegus folgarão coella, e que era aquillo modo de alevantamento pois começavão de desobedecer a seus mandados, e imaginou tanto nisto, que veyo a dar em outros extremos fora de toda a rezão: e o primeiro actô que fez d'elles, foi mandar lançar pregoens, que todo o seu vassallo casta Pegu fosse á corte escreverse e assinalarse por cativos d'El Rey: e o ferrete que lhe punhão pera serem conhecidos por esses, era huns ferros quentes nos braços com os nomes de todos, e dizião mais, cativos d'El Rey, como nós vimos em Goa hum portuguez bem honrado que foi cativo deste Rey quando tomou a cidade de Sião, que se chamava Antonio Toscano que
em

em outra Decada ja referi, logo q̄ isto socedeo q̄ foi em Março: e aos coatro do Mayo seguinte padecceo a Lúa hũ eclypse estando chea, que se encobrirão as tres partes ficando de cor parda sobre escuro muito malenconizada. E ainda que isto aconteceo o anno de 94. que cabia no tempo de Mathias d'Alboquerque, foi necessario guardalo pera aqui pera contarmos os males deste reino todos juntos, e não por pedaçõs.

Este negocio de se assinalarem os Pegus por cativos, tomarão todos muito mal: E logo começou a aver por todas as cidades do reino grandes alevantamentos contra os homens que governavão e ajuntandosse todos com poderosos exercitos forão á cidade de Pegu em busca do Rey, e lhe derão muitas vezes batalhas cruas, em que os Pegus forão de todas desbaratados pera suas cidades.

Vendo aquelle Rey o alevantamento dos Pegus, tratou de os extinguir e acabar de todo: e não achou outro meyo melhor q̄ defenderlhe os mantimentos. E pera isso mandou lançar muitos pregoens com pena de morte e das molheres e filhos que senão feneassem os campos, nem se trouxessem mantimentos de fora, o q̄ se comprio á risca por tempo de dous annos continos: com

o que chegarão os pegus ao vltimo da desesperação. Por q̄ chegou a valer o candil de Arrõs, que são vinte alqueires, quinhentos, seiscentos, e ainda mil pardaos: e como os pobres não tinhão com que o comprar, morrião de fome milhares delles pellos campos, e pellas villas, e aldeas. E foi a causa de feição, que muitas ficarão desertas e desabitadas. E quando mandou lançar estes pregoens, despedio tambem grandes e poderosos exercitos de Bramas que entrassem por todas as cidades populosas, e mataassem homens, molheres, mininos, caens, gatos, e tudo mais que tivesse vida pozessem a fogo e a ferro sem perdoarem a nada: E assi o fizerão. E vsouse nisto de tanta deshumanidade e crueldade com os grandes e pessoas principaes, que tomados ás mãos dous e tres mil coas mãos atadas, pera senão podem ajudar huns a outros, os metião nuns curraes de madeira com muita palha dentro, e punhãolhe fogo em que todos se abrazavão e consumião. E ate os Talapoens, que são os seus religiosos, lhe não escaparão: por que dos templos donde estavão abraçados com os idolos os tiravão pera aquelle incendio. De feição que parecia que mandara Deos nosso senhor dos ceos hũa inquisição geral pera castigar suas idolatrias. E a muitos atados de pés

de pés e mãos de cento em cento derão fundo no mar onde erão comidos dos peixes, que parece q̄ quiz Deos que destes nem as cinzas ficassem. E por que não ha penas nem mãos que possão escrever, nem linguas contar as grandes cruezas que neste reino se vsarão, basta dizer q̄ foi tão grande o numero dos mortos pellas ruas e pellos rios, que erão grandissimos, que todas as suas agoas erão vivo sangue de ribeiros que corrião perá elles, fomento dos q̄ morrerão á espada, não sendo estes a decima parte, por que os mais morrerão de pura fome. Passou o divino castigo a tanto, que alguns vivos que avia chegarão a comer os corpos dos mortos, e ainda de outros que ainda estavão palpitando. E aconteceu muitas vezes estar hum deitado no chão morrendo, e outros mais esforçados, que tambem andavão as voltas com a morte, cortarem-lhe as polpas das pernas, e ali mal assadas, comeremnas logo: e o q̄ he mais pera admirar, he q̄ o mesmo a quem as cortavão, comer tambem de sua propria carne: que he cousa que nunca ja mais aconteceu, nem na destruição de Ierusalem, nem em outra algũa cidade ganhada e entrada d'alguns barbaros.

E he certo que avia pellas cidades açougues publicos em q̄ se vendia carne humana. E se se

conta que ouve húa molher em Ierusalem q̄ comeo o filho, aqui ouve mais de mil que os espedaçarão e comerão. E ainda ouve molheres que não escaparão aos maridos, nem elles a ellas. E muitas vezes aconteceu viverem muitas pessoas em húa casa, e o primeiro que de noite adormecia ser logo escoartejado e repartido pellos outros: e assi poucos e poucos se forão comendo huns a outros. Alguns andavão como lobos famintos pellas ruas a buscar esta carniffa: e cortarem as cabeças aos que estavão acabando e fenderem-lhas e chuparem-lhe os miolos assi crus. E por que esta terra de Pegu hé muito falta de lenha e pedra, fazião das caveiras tres e coatro juntas, fogoões e com os ossos dos mortos cobzião a mesma carne q̄ tiravão delles. E chegou a ira de Deos a tanto contra estes idolatras, que he certo q̄ todos os que comião desta carne, logo se lhe incarniffarão os olhos, e ficarão como abrafados, e com isso duravão pouco.

A esta carniffa acodirão as feras dos matos e entrarão pollas cidades cheas de corpos mortos, e nelles se encarniffavão cruelmente: e as Galhas, Milhanos, Corvos, e outras Aves andavão pollas ruas com os intestinos dos corpos nos bicos correndo por ellas. Que mais se pode contar, nem quem ouvio outro tal castigo

go como este? Por que cuidô que foi mayor que o do diluviô geral: que aquelle afogou logo todos os viventes que se sumirão de baixo da agoa, e não poder cada hum mais que ter tento em si, e duraria seu trabalho hũa ou duas horas que nellas se consumio tudo: Mas isto he outra ira de Deos que só de a ouvir trêmem as carnes. Os rios, fontes, e tanques tudo era sangue; e não avia donde poderem beber: e amim me disserão alguns Portugueses que se acharão na cidade de Pegu q̄ o rio que passava de longo della era sangue; e que estiverão arriscados a morrerem de sede. Mas a necessidade os obrigou a beberem antes do rio que era corrente, que não das fontes: por que tomavão a agoa e coavão na em jarras, e assi a bebião por não poderem mais. E não parando nisto a ira do ceo socederão todos os dias que estas cruexas durarão, q̄ forão muitos, grandes terremotos, relampados, e coriscos espantosos, e logo a pós isto sobreveyo peste nestes reinos tão cruel, que acabou de arrasar tudo. De maneira que se affirma passarem os que morrerão de tres milhoens de homens. Os vassallos Bramás deste Rey vendo tantos e tão grandes males, fogirão pera os reinos do sertão. E chegou este barbaro a estado que se vio desemparrado de todos: e vendosse

sem remedio, mandou chamar o Rey de Tangu, q̄ era seu primo, cunhado, e vassallo e lhe entregou o reino, e foise coelle pera o outro quasi como cativo com sua molher, filhos, e parentes da casa real, que todos aquel'outro tyranno matou com peçonha, e mandou levár os tisouros de Pegu pera seu reino. E affirmão os Portugueses que ali se acharão q̄ escaparão, q̄ foi o ouro, a pedraria, a prata, e as riquezas tantas, q̄ se gastarão tres mezes em se acarretarem com mais de duzentos Alifantes, deixando outras cousas que poderão fazer muitos reinos ricos: por q̄ só a artelharia q̄ ficou naquella cidade em almazens fermosissimos, forão quinze mil peças todas de bronze: e dous almazens mûy grâdes cheos de Salitre, enxofre, polvora, pilouros: e tisouros entulhados de veludos, roupas, bejoim, e marfim, e outras cousas de q̄ depois o Rey de Arracão se aproveitou, como em seu lugar diremos, e assi ficou todo este reino de Pegu deserto sem quem o povoasse: o que socedeo este verão passado de noventa e nove, cousa que pode fazer tremer as carnes aos Emperadores do mundo verem ontem a potencia que contei deste Rey Brama, e os carros tão potentes em que entrou triunfando quando veyo de Sião: e oje deixar seu reino, e entregar se a hum seu vassallo

vassallo como cativo, que logo o mandou matar, e a toda sua geração sem d'elle ficar memoria algũa, pera se virem a temer destes escarneos do mundo, que assi lhe podemos chamar.

Tem estes Pegus em seus livros hũa profecia que affirmava que naquelle tempo se acabaria a Monarchia dos Bramas, como acabou, e q̄ virião gentes estrangeiras Galas e Franquis senhorear aquelle reino. E que o már pariria pellos rios, e costas do már molheres brancas e fermosas, e q̄ avião de ser filhas do vento, e que hum Rey que os avia de senhorear teria estas feiçoens. Homem de grandes olhos, orelhas grandes, brassos compridos, cabeça ornada de muitas pedras preciosas: os peitos e ombros cheos de Rubis e diamantes: os pés de Cagado: e na boca da parte direita sobre o dente da preza outro cavalgado.

Isto interpretão alguns desta maneira. Galas e Franquis serem os Portugueses, por que em toda a India nos chamão Franquis, q̄ quer dizer christãos, por que em todas as provincias da christandade chamão Franquia, ou Franquistan. As molheres alvas e fermosas filhas do már e do vento, são as armadas portuguezas que ão de aportar áquellas partes. O Rey grande entendesse na Monarchia e poder. Pollos olhos

grandes, vigilante q̄ veja tudo, e q̄ tenha muitos do seu conselho, pera que coelle o ajudem a ver e governar seus reinos. Orelhas grandes, que ouvirá bem, e fará justiça. Cabeça ornada de pedras preciosas, que sera senhor de muitas coroas e reinos. Peitos e ombros cheos de Rubis, e diamantes, que sera ornado de muitas virtudes e prudencia. Braços compridos, que sera grande conquistador, e q̄ por seus capitaens conquistarão longe muitos reinos. Pés de cagado que sera grande senhor no már e na terra. O dente da preza cavalgado outro sobrélle, que ajuntaria outro imperio ao seu. Tudo isto podemos interpretar dos Reys de Portugal. E ja neste tempo começarão a apparecer por aquellas partes aquellas filhas brancas e fermosas do már e do vento, q̄ são suas armadas que por aquellas partes tem alcançado vitorias. E com a fortaleza de Syrião que tem naquelle reino, parece q̄ ja tomou posse d'elle. E querera Deos nosso senhor q̄ o possuia ainda todo, e que traga tantos povos idolatras, á manada dos seus fieis.

CAPITULO VI.

De quem era o principe de Abadaxã, que este anno de seiscentos se fez christão, e veyte ter a esta cidade de Goa.

Por

POr que não he pequeno negocio, nem de pouca importancia em tempo deste Conde Vilorrey fazerse christão hum príncipe coarto neto do grão Tamorlão filho d'El Rey de Badaxá, não quise mos passar por isto pera darmos graças a Deos nosso senhor de vermos hum príncipe filho de Rey nacido e criado la nos escondidos montes da Scitia Asiatica vir de tão longe e por tantos rodeos, como logo diremos buscar a agoa do Santo baptismo movido só do toque de Deos nosso senhor, que o tinha escolhido e predestinado pera este tamanho, e tão soberano bê. E pera darmos a conhecer este príncipe, e o tronco de que procede, he necessario tomarmos isto des de seu principio pera melhor entendimento de tudo.

No primeiro e segundo capitulo do decimo livro da nossa coarta Decada demos ja relação daquelle grande Chinguisca senhor do Catayo, e como sayo de seu imperio a conquistar as provincias da India mayor, e toda a Sogdiana e Bactriana, Bale, Bóchata, Camarcant, Persia, e outros muitos reinos, que repattio com seus filhos por esta maneira. A provincia Turquestan, que jaz a baixo dos montes Imaos, deu a

seu filho Turch, de quem ella tomou o nome, e de Estan, q quer dizer, provincia, se veyo a chamar a provincia de Turchestan como lhe os Geógrafos chamáo, principalméte os Parseos. E assi affirmáo alguns escritores que daqui sairáo os Turcos a conquistar a Persia. E a Natholia chamandosse assi da provincia donde sairáo, e não pello que affirmáo alguns escritores da Europa como temos ja bem mostrado.

Ao outro filho chamado Chachata deu a provincia Camarcant com tudo o que jaz antre os famosos rios Oxo, e Lazartes, de quem ella tambem tomou o nome chamandosse Chachata, e não Zagatai como os Geógrafos modernos lhe chamáo.

A outro filho chamado, Balolo, deu o reino do Coraçone e Persia. A outro filho chamado Husbeque deu aquella provincia q jaz sobre os montes Imaos em que entráo os reinos de Candux, Caxcar, e este de. Badaxá de que avemos de tratar, e outros q tomaráo d'elle o nome, e todas se chamaráo Vsbequia, que depois conquistou a provincia de Camarcant dá mão de seu irmão Chachata.

Todas estas provincias deixarão o nome de Chachatai, e oje se chamáo Husbequia, por serem todas d'hum senhor, e por tempo se dividiráo todas em os netos,
G g bisnetos,

bisnetos, e tresnetos deste Chachata. E sempre aquelles reinos tiverão este nome que ainda oje conservão ate vir tudo ao poder do grão Tamorlão que os conquistou: e por sua morte se repartirão estes reinos por seus filhos e netos.

E deixando estes, de que ja demos relação nas outras Decadas, tratemos do filho Mirzaholoc Baxa, que erdou o reino de Badaxan, e por sua morte ficou a seu filho Otenxa, e a elle succedeo seu filho Mutula Xa. E aelle seu filho Soleimãoxa que reinou mais de sessenta annos: e sendo ja de noventa muito decrepito, entregarão os grandes o reino a seu filho Abracmõ Xa, que teve grandes guerras com Phir Mahamede Matacan Rey de Bahale e Camarcan: e nellas foi este Abrahamo morto: e succedeo lhe no reino seu filho Xaroc Xa. E avendo sete annos q̄ reinava se mostrou mui deshumano, e deu em fazer grandes cruexas nos vassallos, e em matar os grandes. Pello que chamarão em seu favor a Abdulacan Rey de Camarcan que naquelle tempo residia na cidade de Balche, que veyo com hum grosso exercito e achou o Rey Xaroc Xa muito fortificado dentro na cidade de Badachan de que todo o reino tinha o nome. E posto que alguns dos seus se passarão ao Abdulaxan, os mais

acodirão a defender sua patria. E toda via apertou elle tanto com aquella guerra, que pôs aquelle em estado de desesperação: e assi deixou o reino nas mãos do inimigo, e elle se acolheo pera a corte do grão Mogor onde então reinava Hecbar Paxa, q̄ era tão parente, que cayão ambos em quintos netos do grão Tamorlão, que o agasalhou com o mandar prender. E antes que elle deixasse o seu reino, mandou sua molher, e hum filho mais moço, q̄ he este de q̄ falamos, pera hũa fortaleza inexpugnavel chamada Culabo, aonde Abdulacan os foi cercar: e depois de os combater sete mezes, não podendo os de dentro soffrer os trabalhos do cerco, abrirão as portas ao inimigo, que se apoderou de tudo e ouve ás mãos a Raynha e o Infante seu filho, e os levou consigo á cidade de Bochará, e os entregou a hum Cassis que era antre elles como bispo, chamado Cojagilan, onde estiverão dous annos e meyo passandosse o Abdulacan pera a cidade de Camarcan que era oito dias de caminho da de Bochara ao Norte. E depois de estar la, mandou hum capitão com cartas ao Cassis pera que lhe entregasse o Infante q̄ tinha prezado: e deulhe por regimento que como o ouvesse as mãos o matasse, e a cem pessoas mais que com elle estavão prezas. E sabendo

do o Cassis o que o Abdulacan mandava; entregoulhe as pessoas que pedia, e ao principe escondeo: e em seu lugar deu hum moço que se parecia muito com elle. Por que fora este Cassis de seu pay, e lhe estava muy affeioado.

Depois disto mandou o Abdulacan a seu filho Abedul Momenchan a cõquistar as terras do Coraçone; que erão do imperio Persio: e nellas estava por Governador seu filho Xaabas que oje reina nelle que lhe ganhou as cidades de Heri Maxet, e outras. E profeguindosse esta guerra, mandou o Turco Amurates hum embaixador ao Abdulacan a tratar de pazes e amizades entre elle e o Persa. E os respeitos por que se quis meter de por meyo dizem alguns que foi temerse que o Abdulacan conquistasse os reinos da Persia, e se fizesse com isso tamanho senhor que tentasse conquistarlhe seus estados. Por que esta nação dos Husbeques, era muy receada entre Turcos por serem grandes cavaleiros e muito crueis, e não lhe vinha bem tellos por vizinhos. E algũa composição fez este embaixador entre estes Reys ficandolhe as cidades que o Husbeque tinha ganhadas na provincia Coraçone, como eu conto tudo isto na minha onzena Decada muito largamente no tempo do Governador

Manoel de Sousa Coutinho, e Matias d'Albuquerque. E ao partirse este embaixador pera Costantinopla lhe entregou o Cassis em grande segredo o Infante de Badaxan pera o deixar passar á casa de Meca, o que elle fez: e depois de feita a romaria se tornou pera Badaxan disfarçado pera ver sua mãy, que achou em hũa aldeia junto da cidade Culab que o Abdulacan lhe tinha dado pera sua vivenda e despeza. Tanto q̄ ella vio o filho ja homemzinho, e que mostrava grande animo, negocioulhe quinhentos homens de cavallo com que foi assaltar a cidade Culab, e a entrou e tomou, e nella se fortificou com sua mãy. E logo lhe acodio gente daquelle reino com q̄ em poucos dias pôs em campo doze mil de cavallo com q̄ foi citiar a cidade Calais Gafar, que logo se lhe entregou: e o mesmo fez a cidade Queixume: e assi foi engrossando mais seu campo e voltou sobre a provincia Talacan que governava hum Vsbeque vassallo e parente de Abdulachan chamado Mahamed Soltan Divan, e ganhou esta provincia, e ao que a governava mandou cortar a cabeça.

As novas destas cousas chegarão a Abdulachan, e sabendo o q̄ passava, e como o Infante filho d'El Rey Xároch q̄ elle mandara matar, que estava em poder do Cassis a quem o elle tinha entre-

gue , era o que lhe fazia toda a guerra, mandou levar diante de si o Cassis e perguntoulhe por q̄ não entregara aquelle Infante pera o matarem como elle mandava? Ao que o Cassis lhe respondeo com muita liberdade: Que elle fora de seu pay, e lhe comera o seu pão , e que não era licito nem lhe seria bem contado vsar de tamanha ingratição com o filho do Rey q̄ o criara e de quem tinha recebido tantas merces: e que se lhe parecia que errara em seu serviço, que ali estava a sua cabessa que lha mandasse cortar em lugar da do Infante. O q̄ visto pello Abdulachan có ser barba-ro lhe perdoou: e por seu respeito passou a aquelle Infante hum alvara de perdão em que lhe concedia tambem a cidade Talachan pera viver nella com sua mãy.

O q̄ seu filho Abedul Monencham não quiz consentir, nem guardar o seguro q̄ seu pay dava a este principe: antes formou hũ poderoso exercito com q̄ foi contra este Infante, e o cercou na cidade Culab, onde o pôs em tanto aperto de fome, que lhe foi forçado sair se escondido com sua mãy, molher, e filhos, e trinta pessoas com que se passou a hum seu cunhado, irmão de sua molher, senhor d'hũa cidade q̄ lhe o Abdulachan tinha dado: e como lhe entregou tudo aquillo, passou se á cidade Cabul que era do grão

Mogor em tempo que entre seus moradores avia grãdes guerras: E temendosse que o matassem, se acolheo outra vez pera a Persia. E estando na cidade Casbim encontrou com hunos homens, que se criarão em casa d'El Rey seu pay, q̄ servião ao Rey da Persia, a quem fizerão a saber delle: e mandando El Rey buscar, fez-lhe muitas honras, e deulhe peças mûy ricas, e mandou dar casás e serviços. E desejando elle de ir á corte do Mogor onde seu pay estava, o fez a saber áquelle Rey, e partio se pera Ormuz pera dali passar ao Cinde, e dai a Laor onde seu pay estava.

E andando na ilha de Ormuz desconhecido esperando tempo pera se partir por már pera o Cinde, visitava algũas vezes a igreja dos padres da ordem do glorioso padre Santo Agostinho, e vendo aquelle templo, a limpeza, e ornamento de seus altares, ficou muito edificado. E em algũas praticas que teve com aquelles religiosos, veyo a entender a verdade e pureza de nossa lei, e a mintira e falsidade da de Mafamede: e tocando Deos interiormente, pedio com muita instancia o Santo bautismo, que lhe derão na entrada d'este anno em q̄ andamos. E dali foi trazido pelos religiosos de Santo Agostinho a esta cidade de Goa com boa companhia de criados, e o agasalharão

agafalharão no seu mosteiro, onde o eu fui visitar muitas vezes, e me deu de sua vida e peregrinação hũa larga relação. E depois casou nesta cidade com hũa mulher nobre. E este anno querera Deos chegasse a salvamento ao reino, por que se embarcou pera lá na armada de Luis Mendez de Vasconcellos.

CAPITULO VII.

Que trata da parte a que jaz este reino Abadaxã: e da descripção desta provincia de Laor ate esta cidade: e della a te o Cathayo. E de como esta provincia não he a China como alguns cuidarão: e a que parte jaz.



LA que acabamos agora de falar neste reino Abadaxã cujo principe se fez christão, pareceonos bem mostrar a que parte de Asia jaz, e fazemos hũa descripção désde Laor corte do Mogor ate elle, e dahiate o Cathayo: posto que na nossa coarta Decada temos dado boa relação desta provincia, e mostrado a que parte jaz: agora o faremos de novo muito particular e distintamente a modo de roteiro sem mostrar graduação das provincias e cidades principaes, por que ategora não ouve quem tomasse por aquellas par-

tes a elevação do polo Arctico: e isto servira pera os vistos na Geografia, que lhe não sera de pouco gosto: por que sobre esta provincia Cathayo ouve antre os antigos muitas opinioens, e andarão as apalpadellas como cegos buscando este imperio sem acabar de dar coelle pera o situarem em seus mapas e globos na verdadeira altura em que está. E ainda os modernos não acabarão de atinar neste negocio, em que seguirei alguns roteiros que tenho de pessoas q̄ penetrarão todas estas terras ate ensecarem toda a Asia. E começaremos esta descripção, como dissemos, de Laor ate a cidade Cambalec, pondo as cidades e lugares por distancias de jornadas de Cafilas que andão por dia coatro ou cinco legoas, e muitas vezes menos.

Partindo de Laor, que esta em trinta e dous graos e meyo, vão caminhando por aldeas fertis ate a cidade Taec, e por junto della passa hum fermoso rio. Dali vão ter a provinciá Pasaver, neste caminho pollo vagar das cafillas se poem hum mês, e as vezes ha dia que não fazem jornada. E em outro mês vão ter a cidade Guidali, e della em quinze dias á fermosa cidade Cabul que he do Mogor, e está em trinta e nove graos. e os que caminhão por aqui, affirmão q̄ são de Laor ate esta cidade Cabul, coatro cétas legoas, o q̄ cuido
não

não pode ser senão se caminharé por rodeos muy grandes, e sempre ate qui caminhão ao Norte: e desta cidade ao mesmo reino carregado sobre o Nordeste vão em quinze dias ter a cidade Caracar grande e muy bem murada. E della a dez dias a te a villa Paravan que he a derradeira dos reinos do Mogor pera a parte do Norte. Daqui por cima d'hús montes que são parte dos Caucafos em vinte dias chegarão a húa villa chamada Angarão. E em outrostantos á cidade Calcha, onde todos os seus naturaes são alvos e framengados, e tem esta cidade muitas aldeas ao redor muito prosperas. Destas em dez dias vão á cidade Ialalabão: e dali em quinze a outra chamada Talhan: e dali vão a Icxim terra do Abdulancan senhor de Camarcant. E dali em oito dias vão ter á cidade Abadaxan q̄ he a de que tratamos neste capitulo a tras: q̄ quanto a mim está em perto de corenta e dous graos. E por aqui se verá de quão aparradas terras, e por que rodeos tão compridos veyo este seruo ferido deste Infante de Abadaxan a buscar as agoas da fonte viva do santo bautismo pera nellas se lavar da torpe e fedorenta lepra de seus peccados.

Ja temos mostrado o Sitio em que esta cidade está, mostremos agora o caminho della ate o Cathayo, e a que parte jaz este im-

perio e onde o situão os Geografos antigos e modernos. E a verdade do que disto podemos alcançar seguindo o roteiro do padre Bento de Gois dá companhia de Iesu que foi por mandado dos prelados da dita companhia de Goa descobrir esta provincia da cidade Abadaxan. Foi este padre caminhando ao nacente, e ao primeiro dia de caminho chegou a Charchunar, e dali e dez dias a Saipanel donde sobirão huns altissimos montes chamados Setrimat: e em vinte dias forão ás terras de Sarcol, e outras grandes ferras chamadas Chechale, onde avia muita neve, e por ellas andarão seis dias ate chegarem a cidade de Tangetar, tudo terras do reino Caxcar, e a derradeira dellas he a cidade Siarcan grande e muito rica. Nestas terras ha húa pedra alva e fermosa muito estimada dos Chins pola terem por preciosa, e antre elles val muito, e chamão lhe luxe: e he tão forte, que abaixo do diamante, não ha outra que se lhe iguale na dureza. Por q̄ pera a quebrarem, he necessario amolentarem-na no fogo: pescasse nos rios como Aljofre, e tirão della grandes pedaços q̄ pezão dous e tres arrates, fazem della joyas assi pera homens, como pera molheres: e são muy louçans e resplandecentes: e as mais finas são as que tirão em hum monte chamado

mado Cansanguicax, que quer dizer monte de pedras, que deve de ser, o mons lapideus dos antigos cosmografos. Daqui forão caminhando por estes lugares, q̄ todos são de Hiarcan: e não dis o roteiro quanto ha d'hũa a outro, nem quantos dias gastarão neste caminho. Iolchim, Hencalix, Alacguir, Bagadec, Gruir, Mofelilec, Talec, Hermam, Ioanthac, Mungidá, Capitacol, Chilan, Sare, Quebedal, Combaxi, Aconterub, Chacor, Aefu, Ougrel, Gaso, Caxen, Dilavai, Singabedal, Vgancucha. Tudo isto são cidades e villas grandes. De Cucha a vinte e cinco dias de caminho está a cidade Chalis, forte e murada: e della á de Aramat, poserão quinze dias. E dali á cidade Camul sem dizerem quantos dias de caminho. E desta cidade em nove dias chegarão áquelles admiraveis muros da China, e vão as casillas parar a hũa cidade que fica fora chamada Kyaicum, que he de Mouros, onde o padre Bento de Gois falleceo de puro trabalho do caminho: por que gastou nelle tres annos, por se de ter em muitas partes muitos meses, e d'hũa vez hum anno inteiro esperando monção.

Este caminho, que dissemos, por onde o padre Bento de Gois foi por corenta e seis, e corenta e sete graos, he o de casillas por

onde costumão a ir por se afastarem dos desertos de Lopi que lhe ficão abaixo em corenta e hũ, ou corenta e dous graos por onde antiga mente era o caminho ordinario. Este deserto dura o caminho por elle quasi hum mez, e todo elle he areaes e sem agoa, senão a que tem de alguns charcos em que se recolhem das invernadas. E por isso forão estas casillas em que este padre ya sobindo tanto ao Norte a buscar os montes de Abedaxan e Caxcar por onde ha sempre neves, e muitos rios e fontes, posto que este caminho he muito mais comprido: e quem quer atalhar e ir escoteiro, vai de Laor ao Nordeste a buscar o reino Quiximir q̄ está em quasi trinta e quatro graos, em que gastão sete ou oito dias: por que delle vai a fruta a Laor ainda fresca por ter abundantemente todas as de Europa. E de Quiximir se passa por muitas cidades e villas a Tiber de Mouros, e a outro Tiber de Christãos em que ha mais de trezentas legoas de caminho: e da qui vão á cidade de Lop, onde se reformão e provem, e entrão por aquelles desertos, que durão hum mez, ate darem nos campos da provincia Cathayo por onde vão passando por muitos lugares ate a cidade Coran, que hé ja do Cathayo, e fica fora dos muros da China em altura de corenta e sete

fete graos , e dali yão á cidade Cambalu: por que naquelle tempo não avia os Mouros que oje ha naquella provincia.

E tornando ao roteiro do padre Bento de Gois , nelle não achamos que nos desse noticia deste imperio, nem a que parte jazia, não indo elle a outra cousa mais q̄ a saber daquella christandade. É o padre Mateus Resio da companhia, que neste tempo residia na cidade Pachim corte do Rey da China, na carra que escreveo aos padres de Goa diz: que o Cathayo verdadeiramente era na China, e q̄ fora della não avia outro Cathayo: e q̄ a cidade Cambalu, era a mesma de Pachim em que elle estava: No que parece q̄ se confunde em parte como logo veremos. Todos os Cosmografos, e ainda os Chins repartem todo o imperio da China em duas partes, como ja disse em outra Decada, Cim e Mancim, e os Geografos corruptamente lhe chamão China e Mangi. China Austral, e China Meridional: como Alemanha se reparte em outras duas partes, Alemanha alta, e Alemanha baixa. E assi nesta parte da China chamada Mangi, podemos affirmar q̄ he toda esta provincia de Pachim. Quisai, e aquellas que mais caem pera a parte do Norte, e que esta parte fosse o Cathayo ou parte d'elle, tão bem a não tenho por duvida:

o q̄ podia ser por húa destas duas rezoens. Ou que fosse a propria provincia Cathayo: ou que fosse conquistada d'aquelle Emperador Cathayo. Por que temos em Marco Polo, livro 2. folhas corenta e húa. Que estando elle com seu pay os annos de 1269. no Cathayo fora Cublaican quinto Emperador d'elle a conquistar a provincia da China: pois logo onde era este Cathayo donde elle sayo: e onde esta China q̄ conquistou? Senão se quizermos dizer q̄ sayo d'aquella parte de corenta e sete ate cincoenta graos, e foi conquistar a provincia Mangi, e que possesse sua cadeira na cidade Quisai, q̄ por ser fermosissima e fresquissima lhe terião os Chins posto aquelle nome de Quisai, q̄ em lingoa China quer dizer cidade do ceo, a quem o Cathayo mudava o nome, e lhe daria o de Cambalu, q̄ he o mesmo na sua lingoa. Mas he contra esta opiniao o q̄ esta tão sabido, e o que tantos escrevem, que na cidade Cambalu ouve sempre grande christandade e fermosissimos templos, e oje no Pachim não ha disto reliquia algũa. Somente diz o padre Bento de Gois que estando na cidade Chincheo metropoli da provincia Xensi foubra que ja ali ouvera muitos christãos: e hum irmão chamado Ioão Fernandez que o padre Resio mandou em busca do padre Bento

Bento de Gois por saber ser entrado naquella provincia, diz que estando na provincia, Honão, soubera que nas cidades de Sanchu, e Sochcheu avia perto de cincoenta annos naquellê tempo, que foi em seiscentos e tres, erão povoadas de christãos Cathayos, que por temor dos Chins deixarão a lei de Christo. O que se pode ter por certeza he que os Chins tornarão a conquistar tudo o que os Cathayos tinham ganhado naquella provincia. E ainda muita parte de seus estados ate os lançarem fora d'aquelles admiraveis montes, que elles em algúas quebradas q̄ avia, taparão com fortissimos muros pera lhe não tornarem a entrar delles pera dentro: por onde o Cathayo ficou delles pera fora: por q̄ todos os cosmografos lanção em seus mapas estes muros em cincoenta e sete graos, estando elles na verdade em corenta e seis, ou corenta e sete, vierão a situar o Cathayo em cincoenta e nove graos. E quando se entende a situação do Cathayo, he da cidade Cambalu sua metropoli: q̄ se he certo ser o Paquim, q̄ está em corenta graos, estes muros da China, começam de sobre o már na provincia Quinsi, que esta em altura de corenta e cinco, ou corenta e seis graos e vão fencer na provincia Sansi em corenta e hum, corenta e dous graos. Fazem todos estes

muros de coatrocentas legoas de roda, e todos continentes, como os fez agora novamente hum Henrique Alangerem em hum seu mapa sem fazer differença dos altos montes, que são os verdadeiros muros d'aquella provincia.

Ora ainda não estou satisfeito destas duas opinioens, por que muitas pessoas graves e doutas nos dizem que ahi ha Cathayo, e christandade naquelle imperio. Aiton Armenio frade do mosteiro da Episcopia da ordem de Premostratense, que sendo secular esteve no Cathayo em tempo de Marco Polo, que depois de frade foi mandado pello Papa Clemente nos annos de 1305. vinte seis annos depois que la esteve, ao Emperador do Cathayo, como o refere Ioão baptista Ramnusio no seu livro de varias viagens, q̄ então era Tamarchan 6. do numero, a lhe pedir soccorro pera tornar a cobrar a Terra Santa que era perdida os annos atras de 1291. por ser aquelle Rey christão e senhor de toda a Asia; q̄ mandou a aquella impreza seu irmão Halationo, ou Halachu, que fez grandes guerras ao Soldão. Pello que se vé muito claramente que esteve no Cathayo: e que este soccorro foi de Cathainos: E não sayo da China, nem o soccorro foi de Chins, que nunca forão christãos, nem sairão de suas ter-

ras com seus exercitos. Daquelle grão Chinguischan primeiro Emperador do Cathayo dizem todas as escrituras Persas e Tartaras, que sayo de Cambalu, e fora conquistar toda a Asia, a Baetiana, Sugdiana, Persia, e todas as mais provincias que repartio com seus filhos Husbeque, Chaquitai, e outros. E nestes reinos reinarão elle e seus descendentes a te o grão Tamorlão, de quem descende o grão Mogor que oje he. E posto que o Tamorlão não socedeo por linha direita por não vir de linha real, era Chatatai descendente daquelles Chathatais q vierão com o Chinguischan. Donde se ve claramente que este barbaro Emperador sayo do Cathayo e não da China, e que as gentes que trouxe, erão Cathaynos e não Chins.

Primeiro que este Aiton armenio frade da Episcopia fosse ao Cathayo, tinha ja la ido os annos de 1253. outro Aiton Rey da Armenia a pedir a áquelle Emperador, que era o Cothachan, filho do grande Chinguischan, q não mandasse conquistar seus reinos, e que o deixasse ficar nelles, por saber que mandava grossos exercitos a conquistar todos os q avia por aquellas partes. E chegando áquella corre de Cambalu, ja achou aquelle Emperador morto, e em seu lugar seu filho Gui-

nachan, que lhe fez muitas honras, e teveo comfigo alguns tempos, e concedeo lhe tudo o q lhe pedio, ate fazerse christão. Este foi o segundo Rey christão: por q o primeiro foi Chinguischan que se fez christão por casar com hũa filha do Hunchão, ou Preste Ioão, que então era senhor de todas aquellas provincias, como tenho mostrado na minha coarta Decada e o Catachan seu filho não só não quis ser christão, mas foi grande perseguidor de christãos. E ys aqui não temos cousa que pareça China, nem que saisse della, contra aopenião do padre Resio que affirma que fora da China não avia Cathayo.

Aiton Armenio frade de q a cima falamos fez hum compendio de todos os Reys do Cathayo, em que poem por primeiro o Chinguischan, que dissemos ser o primeiro christão. O segundo seu filho o Cotacham que o não foi. O terceiro seu filho Ginochan. O coarto hum parente chamado Tamarchan, todos christãos. E estes só alcançou e por isso escreveo delles, e não fala em Rey da China, nem nella.

E pera concluirmos com esta materia, e provar nossa opinião, trarei aqui algũas praticas que o padre Ieronimo Xavier da companhia de Iesus sobrinho do santo padre Francisco Xavier da mesma companhia q ha muitos annos

annos residio em Lahor teve o anno passado de 98. com hum Mouro que era ali chegado de Meca, que passarão assi, que ainda isto socedeo em tempo do Conde da Vidigueira : indo este anno passado ter a Lahor hum mercador que vinha da casa de Meca tão rico, que se affirmava deixar naquella casa mais de cem mil cruzados de offertas; que tinha residido no Xethai, ou Chathai doze ou treze annos com quem se vio o padre Xavier pera inquirir daquella provincia do Cathayo, e lhe affirmou que estivera naquelle imperio os annos a tras o tempo que disse, e que a gente della era toda christá, e se chamão por nome commum Iesuítas: e que o Rey era christão, e que avia em todo aquelle imperio muitas igreijas, e que os sacerdotes trazião Lobas, manteos, e barretes como os nossos: e que avia mosteiros d'homens e molheres. E que era este imperio tamanho, que tinha 1500. cidades, e muitas mûy bem povoadas. E que tambem avia muitos Iudeus a que chamavão Musavis. Tudo isto escreveo o padre Xavier de Agarâ este Agosto de 99. em que andamos. Por onde se verá minha opinião, e não ser o Cathayoa China, como affirma o padre Resio, senão tudo o que fica dos muros da China ao Norte, onde ainda oje se conserva

aquella grande christandade naquellas provincias chamadas, Georxa, Bagu, Sucur, Campion, e outras: e onde os governa no spiritual aquelle Emperador a q̄ chamamos Preste Ioão, mas o Emperador do Cathayo he o senhor de tudo.

CAPITULO VIII.

Da armada que o Conde Almirante mandou a Malaca : e socorro a Ceilão : e das naos do reino que chegarão a Goa da companhia de Aires de Saldanha, que era partido por Visorrey da India : E de como dom Pedro Manoel foi por capitão mór ao Malavar, e do que lhe socedeo.



EM Abril passado teve o Conde Almirate recado das partes de Malaca de como erão passadas á costa da Iaoa aquellas naos de Olanda de que a tras demos relação no segundo capitulo : e temendosse dos danos que poderião fazer assi ao comercio da India e trato de Portugal se carregassem de drogas, como nas prezas das naos q̄ por aquellas partes navegassem dos nossos mercadores, e sobre tudo na alteração que poderia aver nos Reys vizinhos á nossa fortaleza de Malaca: por que como são Mouros nossos imigos, e

H h ij cada

cada vés q̄ o merecerão lhe quebrarão os Portugueses os focinhos, estava certo tentarem novidade: e os Olandezes como rebeldes solicitarem isso por serem estes os primeiros que áquellas partes passarão. Pello que assentou de mandar hũa armada de dous Galeoens, e tres Galeotas pera lá se lhe ajuntarẽ as duas q̄ tinha mandado em Mayo passado: e nomeou por capitão mór desta armada Goterre de Monroy de Beja. E com esta armada mandou o Conde correr com muita pressa, por que lhe era necessario fazella á vela em Setembro. E andando occupado nesta obra e nas armadas do Malavar e Norte, lhe chegarão cartas de Cananor em Agosto em q̄ o avisavão que nos rios de Cota Coullão, e Canharoto se fazião prestes muitos Paraos pera sairem a roubar, e que o Samorim movia alteraçõens, e tratava de fazer hũa nova guerra ao estado contra o contrato das pazes que avia pouco tinha mandado jurar com o mesmo Conde por seus embaixadores, e elle jurara em pessoa: e que pretendião os Mouros tornar a levantar nova fortaleza sobre as mesmas roinas da q̄ se lhe arrasou no sitio de Cunhale, cousa muito ordinaria no Samorim: por que sua vontade he sua lei, e seu appetite seu prelado que o absolve logo de quebrar todos os

juramentos q̄ tiver feitos. E bem he que seja assi, por que q̄ obrigação lhe pode pór hum juramento feito sobre hum candieiro d'azeyte muito fujo e fedorento pera o não quebrar todas as vezes que se lhe offerecer qual quer pequena occasião de interece. E ja sobre esta materia disse muitas vezes algũas cousas sem aproveitarem: por que não sei que fundamento tem os Visorreys em lhe concederem pazes, pois sabem, e o tem por cousa infalivel, quebrarem nas logo, e não guardar fé nem palavra por obrigação de sua gentildade. Por que se me differão que poupavão nisso muito, ainda me calara: mas nada se atalha em se gastar a fazenda real. Prova disto seja que tanta armada e tantos gastos se fazem nos annos da paz, como nos da guerra. Pois se isto assi he parece que o bom fora enfiar estes imigos, e não se fiarem delles nem se deixarem enganar, antes fazerlhe hũa guerra tão continua, que os ponha em extrema necessidade. O que se fara com se lhe deffenderem os mantimentos, e Anfião, e a navegação de suas naos. Por que então depois de muito cansados, quebratados, e desbaratados, os Naires se levantarão contra os Mouros, q̄ sempre são a occasião desta guerra, e a comprão ao Samorim a dinheiro pellos muitos provei-

tos que tem em suas navegaçoens : ou elles se fogueitarão de maneira, que nunca mais podem levantar cabeça.

E ainda está muy entendido que se lhe souberem guardar as costas do Norte e Sul de maneira que não fação roubos e prezas, em coatro annos não terão com que armar hum navio. Por que a terra nada lhe dá, e as armadas q̄ deitão fora se fazem das muitas presas que tomão. Mas todos os annos pazes novas, e primeiro q̄ se acabem, logo se quebrão, e outra vez guerra, parece jogo de mininos. E elles fazem muito bem de fazerem seu negocio quando lhe relevar, pois sabem q̄ na sua mão está a paz e a guerra : ora deixemos isto e tornemos a nosso fio.

Tanto que o Conde Almirante Visorrey teve estas cartas, quis atalhar os malles que se ordenarão primeiro que os Mouros fizessem com seu intento. E sem embargo de esperar por socessor, não se quis forrar deste trabalho e despezas como alguns Visorreys fazem, por que querem estar com o dinheiro em punho pera se pagarem d'algũas dividas, ainda que sejam velhas e compradas tres partes menos, por que este dinheiro d'El Rey não sei q̄ tem que tão mau he d'arrancar das mãos : e tanto o tem por proprio quando lhe vai a ellas, que antes

querem ser sangrados nos braços, que nas bolsas. Em fim o Conde como desejava de fazer o serviço d'El Rey, e não lhe poupar sua fazenda em caso de tanta necessidade, pagou logo gente pera o Malavar, e despido dom Pedro Manoel com doze navios ligeiros, que achou mais prestes com que se fez á vela a coatro de Setembro tempo ainda verde e chuvoso; e foi correndo a costa Canará com tormentas e muito risco, e recolhendo por aquellas fortalezas cinco navios que o Conde tinha mandado invernar com companhia de soldados pera sua segurança : e com todos juntos se foi por sobre os rios de Cotacoulão e Canharoto onde os Paraos se armarão pera lhe impedir a saída pera fora. E sobre estes rios esteve com tanta vigia no mar e na terra, que se não atreverão os Ladroens a arriscar, e ali se deixou estar ate lhe darem recado que era chegado a Cochim Aires de Saldanha, que vinha por Visorrey como logo diremos.

O Conde ficou dando pressa a mais armada que avia de mandar ao Malavar : e á do Norte, e Malaca, e nos provimentos e socorros pera Ceilão, que pera tudo isto avia mister mais de duzentos mil pardaos que lhe não faltarão nem tomou aos vassallos, por que teve duas cousas este

Visorrey

Visorrey que ja na minha quinta Decada louvei ao Governador Martim Afonso de Sousa na sua historia, que erão saber bem despende a fazenda real, e sabella muito bem poupar: nõ que só consiste todo o governo deste estado: E quem isto fas; nõ na toma pera si. E como ouver isto sempre sobeja tudo. E tendo estas armadas prestes quando forão aos tres dias d'Outubro sorgio na barra de Goa a Nao são Francisco da companhia de Aires de Saldanha que tinha partido de Portugal por Visorrey, a coatro d'Abril com coatro Naos como logo diremos. E algũs dias antes da chegada desta Nao tinha dito hũ religioso da ordem de são Domingos homem de muita virtude e religiãõ a dona Britis mulher de Cosmo de Lafetá que na primeira Nao que chegasse á barra de Goa viria seu marido. E assi foi, por que nesta veyo por capitão por q̃ nella tinha partido do reino Fernão Rodriguez de Sá, filho de Francisco de Sá o dos óculos por capitão mór das naos da carreira que faleceo no már em cujo lugar foi eleito Cosmo de Lafetá, que vinha despachado com a fortaleza de Sofala, e hũa comenda, e viagem da China, e outras mercês que por seus serviços merecia bem, nõ fez no Conde abalo que se lhe enxergasse virlhe socessor; antes com muito fervor,

fez a armada de Malaca á vela dia de são Ieronimo, que he o derradeiro de Setembro, que era de dous Galeoens, hum em que ya o capitão mor, e no outro dom Alvaro da Costa filho de dom Francisco da Costa, e tres Galeotas de que erão capitaens Pero Fernandez de Carvalho, Felipe d'Oliveira, e Maximiliano de Mendoga. E no mesmo dia se fez á vela o Galeão dos provimentos de Ceilão, de que foi por capitão Manoel Rodriguez Genoves, q̃ era provido na viagem: e nelle forão cento e cincoenta soldados. E por capitão mór delles Pero de Mendanha, e Martim Cota Falcão ya por capitão d'hũa companhia de soldados: e Diogo de Souza de Meneses d'outra. E mandou o Conde muito dinheiro, moniçoens, e outros provimentos: por q̃ sempre em principio e cabo dos veroens foi cevando aquella conquista o melhor q̃ pode. Logo a 27. de Outubro sorgio o Galeão são João da companhia de Aires de Saldanha, de que vinha por capitão Gonçalo Rodriguez Caldeira q̃ tomou o caminho por fora da ilha de são Lourenço, e por achar nelle bons tempos veyo ferrar Goa. Os socessos destas armadas, que o Conde despachou pera fora, ficão pera o tempo de Aires de Saldanha em que socederão. Mas primeiro q̃ acabemos com

o Conde Almirante, daremos conta do que socdeco aos tres Galeocens q̄ em seu tempo mandou pera Maluco: por que ainda he jornada sua.

CAPITVLO IX.

Do que socdeco na viagem ao Galeão de Luis Boto Machado. E de como os embaixadores do Achem forão pera sua terra: E de como aquelle Rey mandou matar os Olandezes que andavão em terra de duas Naos que ali esta vão. E do que socdeco a estas Naos.



A que deixamos Luis Boto Machado partido pera Amboino, he necessario cõtinuarmos com sua viagem, pois cabe ainda no tempo e governo do Conde Almirante como a cima dissemos. Este Galeão foi com bom tempo tomar a fortaleza de Malaca, onde forão desembarcados os embaixadores do Achem, e muito festejados pello bom aviamento que lhe o Conde deu: por que ficava tudo redundando em paz e quietação d'aquella fortaleza com aquelle vizinho, que foi sempre o de que se mais reccou que todos. Por q̄ o capitão que então era Fernão d'Albuquerque os mandou logo embarcar em hũa Galeota muito fermosa, e entregou os embaixadores a Afonso Vicente casa-

do de Malaca que elegeo por embaixador pera mandar a aquelle Rey a lhe fazer entrega dos seus e tratar negocios de importancia: Era este Afonso Vicente conhecido d'aquelle Rey, e com elle foi frei Amaro religioso da ordem do padre Santo Agostinho, por ser pratico na lingoa, e de boas partes e suficiencia pera tratar negocios de tanta importancia. Esta Galeota achou sobre a barra de Achem duas Naos Olandezes da companhia das que ja dissemos que pelejarão com as Naos de dom Ieronimo Coutinho na ilha de Santa Elena, que estavão ali tomando carga que se lhe dava com muito gosto pella liberalidade com que compravão tudo. A Galeota foi entrar a barra, e o nosso embaixador desembarcou com os embaixadores do Achem pollas mãos, e acompanhado dos Portuguezes, e de muita gente q̄ El Rey mandou aos receber, e tratarão com elle, que agasalhou os nossos hospedes com muitas honras, e aos seus conforme a seu costume. E dandolhe os seus embaixadores relação de sua embaixada, e do bom aviamento que o Conde Visorrey lhe dera e das honras q̄ lhe fizera, e o presente q̄ lhe mandava ficou tão obrigado, que não sabia que honras e gasalhados fizesse a os nossos. O nosso embaixador, que era homem esperto, vendo as obrigaçoens q̄ aquelle Rey

Rey mostrava aos Portugueses, e finto nelle sitio e inclinação pera lhe conceder tudo o que lhe pedisse, estando hum dia só com El Rey e com o lingoa lhe disse: Que pois mostrava ter tãtas obrigaçoens aos Portugueses, e sabia muito bem quanto elles desejavão de conservar sua amisade, q̃ sempre lhe avia de ser de mais proveito, como visinhos, q̃ não ados estranhos, que era tempo de o mostrar por obras. Que lhe fazia a saber q̃ aquelles cossairos q̃ estavão na barra, q̃ erã piratas e traidores alevantados contra o seu proprio Rey e senhor: Que pois se dava por tamanho servidor e amigo d'El Rey de Portugal, q̃ nas mãos tinha hũa occasião em que o poderia bem mostrar. Esta era que pois aquelles homens corrião tão familiarmente com elle e em sua terra q̃ fosse coelles com o mesmo termo, e que convidasse hum dia o capitão mór das Naos com os principaes dellas e q̃ no banquete os mataassem. E que mandasse ter prestes a armada que determinava de mandar contra o Rey de Ior, q̃ era de mais de Cem embarcaçoens, e que cometesse ao mesmo tempo as Naos e as tomassem com todo o recheo e cabedal que tivessem, que era muito. E tantas cousas lhe disse este Afonso Vicente a El Rey, e tanto lhe facilitou o negocio, q̃ o rendeo, e veyo a concedero q̃ quiz.

F I M.

E pera isto mandou logo negociar a armada coa mór dissimulação que pode com lançar fama de a mandar contra o Rey de Ior, pera contra quem os mesmos Olandezes se lhe tinhão offercido polla carga d'hũa Nao de pimenta que prometera por isso. E como teve tudo prestes, convidou o capitão mór Olandez pera o dia aprazado, do que se elle escusou por indisposto, mas mandou hum sobrinho seu com os mais honrados da sua Nao. E estãdo embebidos no banquete, derão os Achens nelles e matarãonos: e no mesmo tempo sayo a armada toda e cometeo as Naos com grande furia. Vendo os Olandezes aquelle sobre salto, não tiverão outro nenhum remedio melhor, que largar as velas e irem fogindo, e a armada a pós elles ate lhe desaparecerem, deixando a fazenda que tinhão em terra, e dous Pataxos que estavão em diferentes portos, que logo El Rey mandou tomar. Os Olandezes forão sua derrota ate o rio de Quedá onde se recolherão e reformarão. E por que lhe ficava pouca gente nas Naos, por que perderão em terra mais de cincoenta pessoas, foilhe necessario despejar a Nao mais pequena e passarem tudo á outra em q̃ se forão na derrota de Maçule Patão, e forão se perder no macareo de Tanaçarim. E assi destas duas Naos não escapou cousa algũa.

T A B O A D A DOS CINCO LIVROS DA DECADA DOZE

D A

HISTORIA DA INDIA.

LIVRO PRIMEIRO.

Cap. I. **D**E como o Conde Almirante dom Francisco da Gama foi eleito pera Visorrey da India. E da armada com que partio a dez d' Abril do anno de 1596. E do q̄ lhe aconteceo ate chegar a Mombaça. fol. 1.

Cap. II. Do que o Conde fez na fortaleza de Mombaça. E das cousas que ordenou a te se partir pera a India. fol. 5.

Cap. III. Das cousas em que o Conde Almirante proveo depois de tomar posse da governança da India. fol. 8.

Cap. IV. De como hum capitão do grão Mogor chamado Manacinga Gêtio foi contra os Patanes e os desbaratou: e ganhou o reino de Orixá e Bengala. E da descripção da jornada que fez. fol. 12.

Cap. V. De como o Manacinga se apoderou dos reinos de Patane, e Orixá. E dos principaes braços com q̄ o rio Gange se espalhou por todos aquelles reinos. E das Gangas que nelle ha. fol. 16.

Cap. VI. Do que socedeo na conquista

da ilha Ceilão este verão. E das grandes vitorias que os nossos alcançarão do tyranno dom Ioão que se intitulava Rey de Candea. E da morte d' El Rey da Cota dom Ioão Perea Pandar: e de como deixou nomeado por herdeiro do seu reino a El Rey de Portugal, que logo foi jurado por esse. fol. 19.

Cap. VII. Das cleiçoens que o Conde Almirante fez de capitaens. E das armadas q̄ ordenou. E das novas q̄ lhe vierão de Mossambique, de como erão passadas pera a India duas Naos Olandezas. E do que sobre isso fez. E da armada que veyo do reino de que era capitão mór dom Afonso de Noronha. Tocasse a causa das differenças que ouve entre o Conde e Mathias d' Albuquerque. fol. 23.

Cap. VIII. Como Gonçallo de Tavares capitão de Dyu mandou Simão d' Abreu com dous navios á costa de Cache. E do encontro que teve com oito Paraos de Malavares: onde os nossos forão mortos e desbaratados. E das mais cousas em que o Conde Almirante proveo. fol. 29.

T A B O A D A.

- Cap. IX. Do que socedeo a armada do Malavar. E do que o capitão geral tratou com El Rey de Cananor, e Samorim: de que avisou ao Conde. E do que sobre isso assentou em conselho. E de como a Nao, em que Matias d'Albuquerque a via de ir, se queimou na barra de Cochim, fol. 32.
- Cap. X. Do que socedeo a armada de Norte. E do encontro que teve com alguns Paraos de Malavares que tomou e desbaratou. E do que mais socedeo a armada do Malavar a te recolher. fol. 37.
- Cap. XI. De como o Conde Visorrey recebeu hum embaixador que o Xâ lhe mandou, e do apparato com que foi recebido. fol. 42.
- Cap. XII. Do que aconteceu as Naos Olandezas na derrota ate Bengala. E assi do que socedeo a Lourenço de Brito: e a armada em que o Conde Visorrey o mandou a Malaca. fol. 43.
- Cap. XIII. Das cousas q̄ neste verão socederão na ilha de Ceilão. E da grande vitoria que os nossos alcançaram d'El Rey de Vvã, e dos capitães do tyranno de Candea dom João. fol. 46.
- Cap. XIV. De outra grande vitoria que os nossos alcançaram em Ceilão. fol. 49.
- Cap. XV. De como os Vereadores de Goa poseram na camara della o retrato do Conde Almirante dom Vasco da Gama que descobrio a India. E da oração que fiz aquelle dia em seu louvor a rogo da cidade. fol. 54.
- Cap. XVI. De como as Naos Olandezas que andavão pella costa de Malaca pelejarão coas Naos que yão d'aquella fortaleza pera a India. E do fim que estas Naos tiverão: e de outras cousas. fol. 59.
- Cap. XVII. Do que fez dom Luis da Gama no Malavar o resto do verão. E de como dom Diogo Coutinho capitão mór do cabo Comorim recolheo as Naos da China e levou a Goa. E dos capitaens que o Conde despachou pera fora. E do que proveo sobre a feira de Cantão na China. fol. 61.
- Cap. XVIII. Das rezoens que o Samorim teve pera fazer guerra ao Cunhale: e das preparaçoens que pera isso fez. E das armadas que o Conde ordenou. E do que socedeo a dom Fernando de Noronha estando em Cananor. E das intelligencias que teve com o Samorim sobre o que queria fazer ao Cunhale. E da descripção da costa do Malavar, de Cananor ate Cochim: E do sitio da fortaleza de Cunhale. fol. 64.
- Cap. XIX. De como o Bispo da China dom Luis de Sirqueira da companhia de Iesu, e o padre Alexandre de Valignano forão a Iapão. E de como aquelle Emperador faleceo. E do que lhe socedeo por sua morte. fol. 70.

T A B O A D A:

LIVRO SEGVNDO.

Cap. I. **D**E como este anno de noventa e oito não partirão Naos do reino. E do forte que o Conde Almirante ordenou sobre a barra de Goa. E do que proveo sobre o Governo do reino de Ormuz. fol. 76.

Cap. II. Das armadas que o Conde Almirante despachou pera fora. E do que socedeo a dom Fernando de Noronha na barra de Cunhale; e a Sebastião Botelho, capitão dos Sanguicéis, na costa do Norte. E de como dom Alvaro d' Abranches foi entrar nas fortalezas de Sofalla, e Mossambique. fol. 79.

Cap. III. De como o Arcebispo dom frei Aleixo de Meneses partio de Goa pera ir visitar os christãos das serras do Malavar: e do que fez na barra de Cunhale. E do assento que tomou com o capitão mór, e mais capitães sobre o modo de como se cometeria aquella fortaleza. fol. 83.

Cap. IV. Do que o Arcebispo fez em Cochim com aquella Rey. E do socorro que aquella cidade mandou a dom Luis da Gama. fol. 87.

Cap. V. Do conselho que o capitão mór tomou sobre o modo de como se cometeria a fortaleza: e das preparações que pera isso fez. E de como alguns fidalgos seus amigos lhe fizeram mudar o parecer. fol. 90.

Cap. VI. De hum maravilhoso sinal que appareceu no Ceo. E de como os

nossos cometerão a desembarcação. E de como Luis da Sylva foi morto ao chegar da terra. fol. 94.

Cap. VII. Do que socedeo aos que desembarcarão em Cunhale. E d'alguns casos notaveis que ali passarão ate se desbaratarem por si mesmos. fol. 99.

Cap. VIII. Da gente que d'ambas as partes morreo nesta desembarcação. E de como o capitão mór se foi pera Cochim: e deixou dom Francisco de Sousa sobre a barra de Cunhale. fol. 106.

Cap. IX. Do que aconteceu a dom Francisco de Sousa sobre Cunhale. E de como chegarão a Goa as novas d'esta perdição. E do que fez o Conde Almirante. fol. 110.

Cap. X. Do contrato das pazes que se fizeram com o Samorim. E do que socedeo a dom Fernando de Noronha sobre Cunhale. E dom Luis da Gama chegou a Goa. E dos provimentos que o Conde mandou a Maluco: e embaixadores do Achem que despachou. fol. 114.

Cap. XI. De hũa Fragata de Espanhaes da Manilla que foi ter á China pera assentar pazes com os Chins: e fazer feitoria em hum de seus portos. E do que dom Paulo de Portugal sobre isso fez. fol. 117.

LIVRO TERCEIRO.

Cap. I. **D**O que neste verão aconteceu na conquista da
Ii ij ilba

T A B O A D A.

- ilha Ceilão : e das vitorias que os
nossos alcançãõ do tyranno de
Candea : e da fermosa tranqueira
que dom Ieronimo mandou fazer no
lugar de Manicravare. fol. 121.
- Cap. II. D'hũa alteraçãõ que ouve
entre os soldados da conquista sobre
suas pagas. E do soccorro que o
Conde lhe mandou por dom Fran-
cisco de Noronha. E do que lhe
socdeo na viagem. fol. 124.
- Cap. III. De outras vitorias que os
nossos alcançãõ em Ceilão em
diferentes partes. fol. 127.
- Cap. IV. Das rezoens que moverãõ
ao Arcebispo dõ frei Aleixo de Me-
neses a ir visitar os christãos de são
Thome. E de hũa breve relação das
cousas deste Santo Apostolo. fol. 130.
- Cap. V. Das cousas que mais aconte-
cerãõ a estes christãos : e dos prelados
que tiverãõ ate este tempo. E dos rei-
nos em que oje morãõ. fol. 136.
- Cap. VI. Dos erros em que viãõ
estes christãos. E de como o Arcebis-
po dom frei Aleixo de Meneses os
reduzio á obediencia da Santa
igreja Romana. E do Synodo dioce-
sano que celebrou, em que tirou mui-
tos erros e abusoens. fol. 144.
- Cap. VII. De como El Rey de Portu-
gal mandou passar carta de irmão
em armas a El Rey da Gundra, que
lhe o Arcebispo dom frei Aleixo de
Meneses passou, conforme á ordem
que lhe deu o Conde Almirante Vi-
sorrey e das obrigaçoens que lhe pós.
E de como renunciou seus reinos nas
mãos do Arcebispo que lhos aceitou
em nome do Cõde Visorrey. fol. 147.
- Cap. VIII. Da fortaleza que o Rey
de Travancor foi alvantiando com
dissimulaçãõ. E do que passou em
hũas vistas que teve com o Arcebis-
po dom frei Aleixo de Meneses.
fol. 153.
- Cap. IX. De como o Arcebispo dom
frei Aleixo de Meneses se passou a
Cochim, e entregou o governo do rei-
no da Gundra a El Rey de Porcá :
e dos contratos que com elle fez.
fol. 156.
- Cap. X. Das armadas que partirãõ do
reino este anno de 1599. Dos capi-
taens que o Conde despachou pera fo-
ra: E de outras cousas em que proveo.
fol. 159.
- Cap. XI. Do que aconteceu a dom Fer-
nando de Noronha sobre Cunhale.
E de como o Arcebispo se vio com o
Samorim: e das cousas que passarãõ.
fol. 163.

LIVRO COARTO.

- Cap. I. **D**E como Andre Furta-
do de Mendoga che-
gou a barra de Cunhale, e se vio com
o Samorim: e das cousas em que as-
sentarãõ. fol. 168.
- Cap. II. Das capitulaçoens que o ca-
pitão mór fez com o Samorim : e
dos refens que lhe entregou. E dos
soccorros que lhe chegarãõ de Coa.
fol. 172.
- Cap. III. Do conselho que o Conde
tomou sobre ir a Cunhale em que foi
contrariado. E do soccorro que man-
dou :

T A B O A D A.

- dou : e mais cousas que passarão,
fol. 175.
- Cap. IV. De como o Samorim traçou
de ir a hũa festa chamada Maman-
ga : E donde esta festa teve origem.
fol. 180.
- Cap. V. Das cousas em que o capitão
mór proveo pera dar principio ao si-
tiar aquella fortaleza. fol. 183.
- Cap. VI. Do que mais socedeo nas
tranqueiras. E dos fortes que o ca-
pitão mór mandou fazer. E de co-
mo ganhou as tranqueiras e povoa-
ção. fol. 186.
- Cap. VII. Do modo de como que o ca-
pitão mór prantou sua artelharía so-
bre a fortaleza. E das desconfian-
ças que ouve da parte do Samorim.
fol. 191.
- Cap. VIII. De como o Cunhale se en-
tregou ao Samorim. E de outras
cousas que socederão. fol. 194.
- Cap. IX. Do que mais passou o capi-
tão mór Andre Furtado de Men-
doça com o Samorim e se partio pera
Coa. E do que lhe socedeo com o Con-
de Almirante Visorrey. fol. 199.
- Cap. X. Da procissão que o Conde fez
em fazimento de graças a Deos nos-
so senhor pola vitoria que alcançou
do Cunhale. fol. 203.
- Cap. XI. De como forão sentenceados
por justiça o Cunhale Marca, e Chi-
nale. fol. 204.
- Cap. XII. Do que socedeo em todo este
verão a armada de Norte. E das
cousas em que o Conde Almirante
proveo : e armadas que forão pera
fora. E das pazes que concedeo ao
Rey de Travancor. fol. 205.
- Cap. XIII. Dos capitaens e socorros
que o Conde e Almirante mandou
pera fora. E do que socedeo a dom le-
ronimo Coutinho, e as Naos de sua
companhia com algũas Naos Olan-
dezas na ilha de Santa Elena.
fol. 208.

LIVRO QUINTO.

- Cap. I. **D**As cousas que este anno
socederão em Ceilão :
e das vitorias que os nossos alcança-
rão : e tranqueiras que fizerão con-
tra os inimigos. fol. 213.
- Cap. II. De hũa Nao Olandeza que
foi ter às ilhas de Iapão, e da derro-
ta que levou : e do que lhe socedeo. E
de huns cossairos Iapeens que forão
ter às Felipinas. fol. 215.
- Cap. III. Do principio do reino Pe-
gu, e dos Reys que teve. E dos reve-
zes que a fortuna lhe deu. fol. 218.
- Cap. IV. Da grande riqueza e poten-
cia deste reino, e deste Rey Brama
Talanha Cinoco que conquistou este
reino Pegu. fol. 223.
- Cap. V. Do cruel, e miseravel fim que
teve este reino de Pegu no anno de
mil e seis centos em que andamos.
fol. 228.
- Cap. VI. De quem era o principe de
Abedaxan, que este anno de 1600.
se fez christão, e veyo ter a esta ci-
dade de Coa. fol. 232.
- Cap. VII. Que trata da parte aque
já

T A B O A D A.

jaꝛ este reino *Abadaxan*, e da descripção desta Provincia de *Lahor* ate esta cidade: e della ate o *Cathayo*.

E de como esta Provincia não he a *China*, como alguns cuidavão: e aque parte jaꝛ. fol. 237.

Cap. VIII. Da Armada que o Conde Almirante mandou a *Malaca* e soccorro a *Ceilão*: e das Naos do Reyno que chegarão a *Coa* da companhia de *Aires de Saldanha*, que

era partido por *Visorrey da India*, e de como *Dom Pedro Manoel* foi por capitão mór ao *Malavar*, e do que lhe socedeo. fol. 243.

Cap. IX. Do que socedeo na viagem ao *Caleão* de *Luis Boto Machado*.

E de como os embaixadores do *Achem* forão pera sua terra: E de como aquelle Rey mandou matar os *Olandezes* que andavão em terra, de duas Naos que ali estavão. fol. 247.

F I M.







